



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Turismo Histórico-Cultural

Volume Único

Vera Lúcia Bogéa Borges



**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000
Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Turismo

UFRRJ - Maria Lúcia Almeida Martins

UNIRIO - Maria Amália Oliveira

CEFET - Claudia Fragelli

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Vera Lúcia Bogéa Borges

Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional

Anna Maria Osborne

Cíntia Barreto

José Meyohas

Renata Vittoretti

Solange Nascimento da Silva

Biblioteca

Raquel Cristina da Silva Tiellet

Simone da Cruz Correa de Souza

Vera Vani Alves de Pinho

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Revisão Linguística e Tipográfica

Elayne Bayma

Capa

Vinicius Mitchell

Programação Visual

Camille Moraes

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2015, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

B732

Borges, Vera Lúcia Bogéa.

Turismo Histórico-Cultural: volume único / Vera Lúcia Bogéa
Borges – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

334 p.; il. 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0014-9

1. Turismo. 2. Patrimônio cultural. 3. Espaço urbano.

CDD: 338.4791

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gustavo Tutuca

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Sumário

Aula 1 • Turismo histórico-cultural: o debate conceitual e as culturas turísticas	7
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 2 • Turismo histórico-cultural e construção dos centros históricos: algumas vivências	27
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 3 • Turismo e patrimônio histórico-cultural	51
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 4 • Turismo histórico-cultural e museus: um diálogo em construção	77
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 5 • Turismo histórico-cultural e as políticas públicas: aproximações e desafios	111
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 6 • Turismo histórico-cultural e a sustentabilidade no limiar do século XXI	137
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 7 • Atratividade turística cultural na história: Paraty em debate	159
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 8 • Turismo, cultura e autenticidade: interfaces do saber	183
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 9 • Turismo, cultura e espaço urbano: a metrópole do Rio de Janeiro como realidade histórica construída	205
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 10 • Turismo, cultura e sociabilidade no Brasil: a festa do Carnaval e os espaços carnavalescos	233
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 11 • Turismo, cultura e sociabilidade brasileira: as representações do humor	267
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Aula 12 • Turismo histórico-cultural, sociedade e poder público: diálogo em construção	291
<i>Vera Lúcia Bogéa Borges</i>	
Referências	313

Aula 1

Turismo histórico-cultural: o debate conceitual e as culturas turísticas

Meta

Apresentar a conceituação do turismo histórico-cultural, a identificação das principais atividades praticadas no âmbito do turismo histórico-cultural e a formação das culturas turísticas a partir do dinamismo dos grupos locais.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conceituar o turismo histórico-cultural a partir do debate entre os principais autores desse segmento turístico;
2. caracterizar o turismo histórico-cultural a partir das atividades existentes nas orientações básicas apresentadas pelo Ministério do Turismo;
3. compreender a formação das culturas turísticas a partir do dinamismo dos grupos locais no intuito de se adaptarem às demandas do turismo histórico-cultural.

Introdução

Nos últimos anos, muitas reflexões acerca do turismo histórico-cultural têm sido produzidas, dando origem a extensa lista de artigos e livros sobre esse segmento turístico. Mas, afinal, o que é o turismo histórico-cultural? De que forma os diferentes autores definem esse campo específico do turismo? Como ele é percebido nos documentos oficiais, especialmente no material produzido pelo Ministério do Turismo? De que maneira a formação das culturas turísticas contribuem para a compreensão do dinamismo dos grupos locais, garantindo sua adaptação às exigências da demanda do turismo histórico-cultural?

Essas questões, somadas a muitas outras, contribuem para a discussão do turismo moderno, uma vez que é necessário refletir sobre as construções históricas e culturais que envolvem a criação dos destinos e das atrações turísticas. Vamos conversar sobre tudo isso ao longo desta aula.

O turista moderno



Figura 1.1: Turista

Fonte: <http://www.sxc.hu/assets/5/42042/the-tourist-109591-m.jpg>

No senso comum, é frequente encontrarmos a noção equivocada de que um local tem vocação “natural” para o turismo. Para rebatermos essa visão tão divulgada pelas pessoas nos diferentes grupos sociais, temos um caminho bem interessante a trilhar. Precisamos perceber o contexto histórico-cultural mais amplo que contribuiu para formação de um novo tipo social: o turista moderno. Esse novo sujeito social desenvolveu-se num mundo marcado pela mudança.

Os séculos XIX e XX caracterizaram-se pelas grandes transformações sociais e, com a expansão da Revolução Industrial, a organização do espaço nas sociedades capitalistas adquiriu novos contornos. A vida urbana consolidava-se em definitivo, e as cidades cresceram em ritmo alucinante. Esse contexto histórico e cultural foi também marcado pelas mudanças nas condições de trabalho e pela transformação nos meios de transporte, com o advento do trem e dos navios a vapor.

Todos esses elementos inovadores influenciaram a maneira como o homem se percebia no mundo. No imaginário ocidental, a ideia de viajar por prazer se fortaleceu e ganhou o reforço de outras noções como, por exemplo, a valorização da natureza, das paisagens, das novas formas de se lidar com o corpo e do próprio conceito de lazer. Nesse cenário interligado, verificou-se o primeiro impulso para o desenvolvimento do turismo, bem como das primeiras estruturas organizadas para receber estes “novos viajantes”. Certamente, as cidades foram importantes vitrines desse universo em ebulição.



Figura 1.2: Rio de Janeiro no início do século XX.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/67/O_Paiz_1905.jpg

Turismo histórico-cultural em debate

A partir da década de 70 do século XX, os estudos sistemáticos acerca do turismo produziram a conceituação do turismo cultural. Assim, temos:

Valene Smith conceitua o turismo cultural como: aquele tipo de turismo que inclui o pitoresco ou o colorido local, um vestígio do estilo de vida tradicional camponês (tecidos, olaria, construções etc.) que, talvez, pudesse coincidir como o passado da própria cultura. Mais adiante, o **Icomos** define o turismo cultural como aquele que tinha por objeto a descoberta de lugares e monumentos, exercendo sobre eles um considerado efeito positivo à medida que, para seus próprios objetivos, visa a manter viva sua proteção. Esta forma de turismo justificaria os esforços que esta manutenção e esta proteção exigem da comunidade humana, em razão dos benefícios socioculturais e econômicos, que garantiriam para o conjunto das populações afetadas (CAMARGO; DA CRUZ, 2009, p. 15).



Icomos e Icomos/Brasil

Icomos é a sigla do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Sua criação tem uma ligação direta com o nascimento do conceito de Patrimônio Mundial. Até o final do século XIX, o patrimônio arquitetônico era da responsabilidade de cada nação. A partir desse momento, foram criadas, na Europa, inúmeras leis que regulamentavam os monumentos. Muitas associações de proteção dos monumentos foram fundadas em nível nacional, mas nunca para além das suas fronteiras. Em linhas gerais, podemos considerar que o internacionalismo cultural, tal como o entendemos atualmente, nasceu durante a Primeira Guerra Mundial, com a criação da Liga das Nações, e consolidou-se a partir da Segunda Guerra Mundial, com a criação da Organização das Nações Unidas e da Unesco.

Por sua vez, o Icomos/Brasil tem como objetivos o estudo, a análise e a divulgação dos métodos, das técnicas da política de proteção, conservação, restauração e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios naturais ou de valor cultural e seu entorno.

Saiba mais sobre eles, acessando os seguintes *links*:

- <http://www.icomos.org/fr/>
 - http://www.icomos.org.br/000_003.html
-

Na década de 1980, Vânia Florentino Moletta classificou o turismo cultural como aquele que garantia o acesso ao patrimônio cultural, isto é, o acesso à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade e de um povo, a partir do contato com suas tradições e manifestações culturais, históricas e religiosas (MOLETTA, 1998, p. 9-10).

A turismóloga Patrícia Camargo definiu o turismo cultural como o deslocamento de pessoas interessadas por destinos de vocação cultural ou atraídas por certos aspectos da oferta que possam se considerar culturais.

Por sua vez, Greg Richards realça que as nossas concepções de cultura estão mudando e que a própria definição de turismo cultural deve ser percebida como algo dinâmico que ganha novas cores com o tempo.

No passado, era comum o turismo cultural centrar-se na apreciação da “alta” cultura de um dado destino, a partir de atividades como visitas a museus, monumentos e festivais de arte. Com o passar dos anos, outros elementos culturais conquistaram espaço nessa modalidade de turismo, tais como a gastronomia, o cinema, os esportes e a televisão, para mencionarmos apenas alguns exemplos (RICHARDS, 2009, p. 26-27). Greg Richards acrescenta à discussão a importância da compreensão de alguns traços que permitem identificar o turista cultural.

Em linhas gerais, é possível afirmar que as pessoas com formação superior realizam mais facilmente atividades relacionadas ao turismo cultural e valorizam, inclusive, a cultura popular. Além disso, o público jovem é responsável por uma parcela expressiva do turismo cultural (a curiosidade por outras culturas pode ser a explicação para essa motivação).



David Resseguie

Figura 1.3: Jovens turistas

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/85029>

Já o historiador José Newton Coelho Meneses considera que reconhecer um espaço como “turístico” é elaborar uma construção cultural. Dessa forma, é dado sentido e significado a coisas e costumes de tempos diversos e de pessoas diferentes da realidade do viajante ou, se preferirmos, dos turistas (MENESES, 2004, p. 104). Observe, aqui, o acréscimo de outro elemento importante na discussão relativa ao turismo cultural: os tempos diversos ou, melhor dizendo, a história. Assim, temos a aproximação de dois campos do conhecimento: turismo e história. Ambos têm a questão temporal no cerne das suas discussões. José Newton considera que:

O historiador, a partir de seu lugar social, sensibiliza-se por um objeto do passado e, através de fontes documentais de variada espécie busca apreender esse objeto e construir, a partir de sua apreensão, uma interpretação desveladora de acontecimentos, de ações humanas, enfim, de culturas passadas. [...] Parte, portanto, do tempo presente e apresenta hipóteses sobre o passado, enunciando possíveis soluções para um problema dado. Dessa forma, contribui para a construção de saberes sobre uma imensa gama de questões sociais que interessam de forma bastante prática ao mundo presente. (MENESES, 2004, p. 104).

Observe que o historiador aborda o passado motivado pelas questões do presente e, assim, analisa o processo histórico. Por sua vez, no turismo, a relação de interação entre passado e presente também existe. Ao escolher um destino turístico no tempo atual, o turista opta por

conhecer uma determinada cultura, entender certa identidade cultural e, para tanto, visita monumentos, museus, igrejas, e participa de celebrações locais, dentre outros exemplos.

Portanto, a partir do presente, o turista tem contato com outra cultura através das marcas do passado que permaneceram no espaço da comunidade visitada.

Observe como o turismo e a história têm aproximações. Certamente, isso contribui para que o turismo histórico-cultural ganhe cada vez mais espaço no conjunto da atividade turística.

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Margarita Barreto e Mirian Rejowski afirmam:

O papel da academia [universidade] tem sido tentar sistematizar estas novas modalidades de turismo e seus respectivos usuários a partir de diferentes disciplinas – muitas vezes sem o diálogo necessário – o que justifica a grande quantidade de classificações existentes. [...] Poucos turistas dedicam-se somente e exclusivamente a ver cultura, ou a contemplar o mar, ou a andar de caiaque. Todos dedicam um pouco de tempo, ou grande parte dele, para desfrutar do principal atrativo, mas praticam também outros tipos de turismo ao mesmo tempo (uma exceção poderiam ser os jogadores compulsivos que dedicam o tempo inteiro aos cassinos). (BARRRETO; REJOWSKI, 2009, p. 15)

Após a leitura da citação, estabeleça a sua definição de turismo histórico-cultural a partir de alguns dos autores apresentados.

Resposta comentada

A partir da década de 1970, muitos estudiosos refletiram sobre o turismo cultural e produziram suas próprias definições para esse segmento turístico.

Nesse sentido, destacamos dois autores. De acordo com Greg Richards, o conceito de cultura é dinâmico, o que reflete na noção de turismo cultural e, com o passar do tempo, permitiu o acréscimo de novos elementos à modalidade como, por exemplo, a culinária e o esporte. Por sua vez, José Newton Coelho Meneses destaca que o turista que, ao viajar para um local diferente, vai buscar o sentido e o significado de coisas e costumes de tempos diversos (históricos) e de pessoas diferentes da sua realidade.

A perspectiva do Ministério do Turismo acerca do turismo histórico-cultural

Após tecermos breve painel de definições a partir dos principais autores que refletem sobre o turismo histórico-cultural, é importante conhecermos como o **Ministério do Turismo**, que administra os negócios do Estado no setor, compreende esse segmento turístico. De acordo com ele, o turismo cultural abrange as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do **patrimônio** histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os **bens materiais e imateriais da cultura**.

Para sistematizar as questões, na publicação *Turismo Cultural: orientações básicas*, o Ministério do Turismo reuniu diversos aspectos ligados ao segmento, dentre os quais destacamos o perfil do turista e a identificação de agentes e parceiros. Nesse sentido, apresentamos o quadro dos exemplos de atividades que podem ser realizadas no âmbito do Turismo Cultural (**Quadro 1.1**).

Quadro 1.1: Atividades do Turismo Cultural

Atividade	Descrição
Visitas a comunidades tradicionais e/ou étnicas	Visitas a comunidades tradicionais ou grupos étnicos (comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres) que permite a interação ou acompanhamento de atividades cotidianas ou eventos tradicionais de comunidades locais.
Visitas a sítios históricos	Visitas a lugares de interesse histórico-cultural que representam testemunhas do cultural nacional, regional ou local.

Atividade	Descrição
Visitas a sítios arqueológicos e/ou paleontológicos	Visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos com relevância histórico-cultural.
Visita a espaços e eventos religiosos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionadas às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileira, espírita, protestante, católica. Exemplo: peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação a espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso.
Visita a lugares místicos e esotéricos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Exemplo: Caminhadas de cunho espiritual e místico, práticas de energização.
Visitas a monumentos e celebrações cívicas	Visitas motivadas pelo conhecimento de monumentos, acompanhar ou recordar fatos, observar ou participar em eventos cívicos, que representem a situação presente ou da memória política e histórica de determinados locais.
Visita a museus e casas de cultura	Visitas a locais destinados à apresentação, guarda e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Exemplo: Museu da Cachaça, Museu do Folclore, etc.
Visitas gastronômicas	Realização de passeios cujas essências sejam a visitação de roteiros, rotas e circuitos gastronômicos, a participação em eventos gastronômicos, a visitação aos bares, restaurantes e similares de um destino que represente as tradições culturais da região.
Passeios para festas, festivais, celebrações locais e manifestações populares	Realização de passeios para festas e festivais locais para apresentações de formas de expressões culturais com fins de informação cultural ou recreação; para formas de expressão ou acontecimentos relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé. Exemplo: rodas de viola, folia de reis, crenças, rezas, novenas.
Passeios para cinemas e teatros	Realização de passeios culturais para teatros e cinemas, conforme programação local.

Fonte: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf.

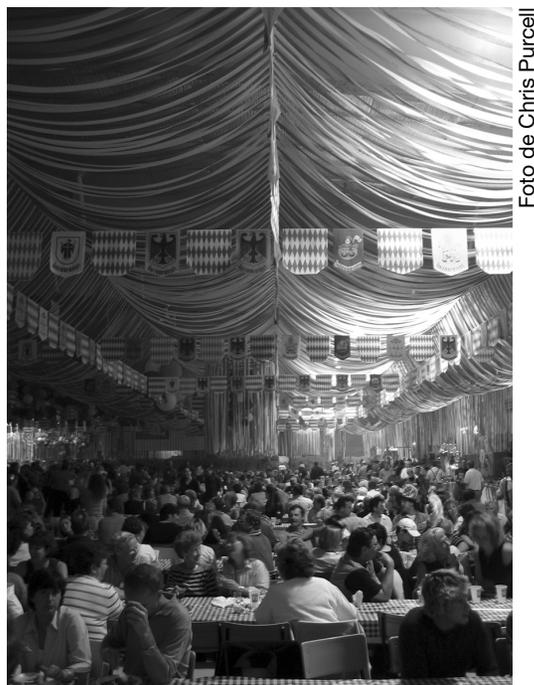


Figura 1.4: Oktoberfest, Alemanha.

Fonte: <http://www.sxc.hu/assets/4/39057/oktoberfest-314562-m.jpg>



Ministério do Turismo – De acordo com o site oficial do governo, o Ministério do Turismo foi criado em janeiro de 2003, tendo como um de seus principais objetivos desenvolver o turismo como uma atividade econômica sustentável. Nesse sentido, a pasta tem papel relevante na geração de empregos e divisas, procurando proporcionar a inclusão social.

Disponível em: http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/misao/. Acesso em: 3 out. 2013.

Patrimônio – As políticas preservacionistas produziram vários documentos como, por exemplo, a Convenção do Patrimônio (1972), que se voltou à identificação, proteção e preservação do Patrimônio Material da Humanidade (arqueológico, artístico, edificado, natural e paisagístico). A partir daí, fundamentaram-se os principais instrumentos das políticas públicas de proteção aos bens patrimoniais. (PELLEGRINI; FUNARI, 2012, p. 45-46).

Bens imateriais da cultura – Em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial debruçou-se sobre a questão do patrimônio cultural imaterial ou intangível, que ficou denominado como: “Práticas, representações e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio”.

Essa sistematização de atividades contribui para o entendimento de conceitos e características que fundamentam o segmento de Turismo Cultural. Dessa forma, podemos considerar que o fortalecimento das culturas contribui para a preservação do patrimônio. Isso auxilia no incremento da atividade turística de forma equilibrada nos diferentes destinos que acolhem os turistas nacionais e internacionais.

=====**Atividade 2**=====

Atende ao objetivo 2

Em relação ao turismo histórico-cultural, escolha uma das atividades apresentada na tabelano quadro referente às orientações básicas do Ministério do Turismo e destaque a sua importância para o segmento.

Resposta comentada

Neste comentário, utilizaremos como exemplo as visitas gastronômicas.

No turismo histórico-cultural, através de visitas gastronômicas, os viajantes (turistas) podem se aproximar e tomar conhecimento de culinárias diferentes das suas. O despertar de novos paladares contribui para a compreensão das tradições culturais da região. Nesse sentido, podemos citar os temperos da Bahia como, por exemplo, o dendê, um elemento característico da culinária afro-brasileira e que ajuda a explicar a contribuição dos africanos na cozinha brasileira.

A formação das culturas turísticas: dinamismo local e demandas do segmento



Foto de Raquel Teixeira

Figura 1.5: Carnaval (Brasil).

Fonte: <http://www.sxc.hu/assets/67/665918/carnaval-2006-492647-m.jpg>

De acordo com o professor de Antropologia do Turismo **Agustín Santana Talavera**, o turismo cultural é uma forma de turismo alternativo que proporciona o contato e o desenvolvimento das atividades

Agustín Santana Talavera

“É doutor em Antropologia Social, professor titular da Universidade de La Laguna (Tenerife) e subdiretor do Instituto de Ciências Políticas e Sociais da mesma instituição. Tem atuado nas linhas de pesquisa da Antropologia do Turismo e do Patrimônio Cultural, o que se evidencia em uma ampla produção de artigos para revistas e colaborações com capítulos para diversos livros científicos. É fundador e editor de Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, revista eletrônica internacional e de caráter multidisciplinar. Atualmente, leciona as disciplinas Patrimônio Cultural e Antropologia do Turismo da Universidade de La Laguna, além de atuar em diversos programas de pós-graduação de várias universidades.” (TALAVERA, 2009, orelha).

Cultura

Pode ser compreendida como o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, dentre outros fatores, que distinguem os grupos sociais. Os valores culturais são incorporados ao longo da vida do indivíduo, apesar de muitas vezes se mostrarem resistentes à mudança. Nesse quadro, a herança histórica é composta tanto pela experiência individual quanto pelo contato entre diferentes gerações. Portanto, a cultura envolve o passado em comum da coletividade, mas também sofre influência dos aspectos históricos das diferentes épocas (BORGES, 2011, p. 69).

turísticas a partir de uma determinada **cultura**. Essa relação entre turismo e cultura permite o surgimento de novas formas de autenticidade, expressão e interpretação dos grupos locais, adequando-se e atendendo às exigências da demanda do segmento.

Para Talavera, o turismo histórico-cultural compreende a construção de uma tipologia que, no caso, abrange tanto o “pitoresco” quanto aquele que tem a “cor local”. Todavia, esse tipo de percepção simplificada pode nos levar a achar, de forma equivocada, que uma determinada cultura é homogênea.

Os diferentes grupos sociais não podem ser considerados elementos passivos da cultura. As experiências compartilhadas, as negociações e as relações estabelecidas demonstram o dinamismo e diversidade nas culturas num encontro que pode provocar vivências riquíssimas. Assim, o grupo local e os turistas/viajantes não apenas compartilham suas experiências próprias, mas também produzem novos contatos culturais.

No mundo globalizado, teoricamente, as realidades geográficas e culturalmente distantes parecem estar mais próximas. Entretanto, no caso do turismo, essa proximidade acontece de maneira diferente. A prática do turismo histórico-cultural produz atrativos nas culturas turísticas que se formam a partir da relação estabelecida entre turistas/viajantes e a população local. Os museus, os monumentos e os prédios históricos são visitados, mas o cotidiano da população também desperta o interesse desse tipo de turista.

Dessa forma, outra questão se apresenta: Como ocorre a comercialização da cultura? Margarita Barreto apresenta uma possibilidade de resposta para essa indagação:

Os negócios turísticos obrigam a que cada lugar desenvolva um “produto cultural” para ter competitividade no mercado, o que leva, como se verá mais adiante, à invenção de tradições e identidades. Ao mesmo tempo, o patrimônio deixa de ter valor como legado cultural em si próprio e passa a ter um significado comercial [...] o turismo que possui como principal atrativo a oferta cultural histórica tem contribuído para manter prédios, bairros e até cidades. A preservação, a conservação e a recuperação do patrimônio histórico em sentido amplo fazem parte de um processo mais abrangente representado pela conservação e pela recuperação da memória. E a memória é o que permite que os povos mantenham sua identidade. (BARRETO, 2007, p. 91, 97).

Um exemplo expressivo dessa situação pode ser observado na Reserva Guarani Inhacapetum, localizada na fronteira do Brasil com a Argentina. Margarita Barreto afirma que, a partir do momento em que aquela realidade indígena despertou a atenção dos turistas, a sociedade local conscientizou-se da importância daquele grupo continuar residindo ali e de permanecer produzindo seu artesanato. Portanto, a experiência turística explicitou a necessidade de garantir o espaço da Reserva Guarani e assegurou o reconhecimento da contribuição daqueles indígenas na história local.



Figura 1.6: Índios.

Fonte: <http://www.sxc.hu/assets/20/197788/brazilian-indian-193027-m.jpg>

Assim, o sistema turístico aproveita situações como a da Reserva Guarani Inhacapetum, permitindo que o turismo cultural garanta o revigoramento das relações, ao levar a interação de mercados geográficos e culturalmente distantes. Frequentemente, os turistas culturais são altamente seletivos no consumo de produtos turísticos, uma vez que a multiplicidade cultural da comunidade visitada desperta sensações diversas no visitante. Portanto, a inovação e a renovação cultural estabelecida a partir do contato entre visitantes e visitados deve levar em consideração as estratégias econômicas dos residentes, garantindo o controle local em relação ao turismo e à comercialização da sua cultura.



Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

www.pasosonline.org

É uma publicação digital gratuita especializada em estudos acadêmicos e empresariais de diferentes processos que se desenvolvem no sistema turístico.

Seu principal foco está na reflexão dos usos da cultura, a natureza do território, as pessoas, os povos, os espaços e o patrimônio de maneira geral. O objetivo da publicação consiste em apresentar e discutir metodologias e teorias, assim como divulgar estudos e experiências.



Figura 1.7: Capa de um número da revista Pasos (julho de 2013).

Conclusão

As transformações ocorridas nos séculos XIX e XX produziram os resultados mais diversos na sociedade. No universo do lazer, o turismo é uma atividade que se destaca no tempo que sobra em relação ao horário do trabalho. Ao ser compreendido como uma manifestação lúdica desses dois séculos, o turismo e, com o passar dos anos, especificamente o turismo histórico-cultural, deve ser percebido como uma criação de determinado tempo histórico. Assim, através desse segmento turístico, podemos perceber de que maneira, no decorrer do tempo, as mudanças ocorreram, os controles institucionais foram criados e as exigências individuais surgiram.

Com a mudança no perfil dos turistas interessados em conhecer novas realidades, gradativamente, esse segmento turístico ganhou novos contornos, mas sem comprometer o equilíbrio da comunidade visitada. A possibilidade da preservação cultural, a expressão da identidade e o retorno às tradições foram marcados pelo novo tipo de turista que se desenvolveu ao longo dos anos. Dessa forma, Margarita Barreto afirma:

Isso demonstra a dificuldade de fazer generalizações e leva a pensar que o foco não deve ser saber se aumentou a proporção da demanda por turismo cultural em relação a outros tipos de turismo ou se esse turismo ocasiona menos interferências no núcleo receptor. O importante parece ser entender que o turismo cultural pode oferecer uma boa experiência aos envolvidos. (BARRETO, 2007, p. 86-87).

Nesse sentido, a escolha pelo estudo de um aspecto da temática turística destaca a reflexão de John Urry (2001), que considera que o turismo merece atenção tanto pelas suas características quanto pelo fato de ser considerado elemento central de diversas mudanças culturais na sociedade contemporânea.

=====**Atividade final**=====

Atende aos objetivos 1 e 3

Vários são os segmentos turísticos e, certamente, um dos que mais se destaca nos últimos tempos é o turismo cultural. Nesse sentido, é importante considerarmos que a cultura tem a história como referência, com destaque para a importante relação entre os tempos históricos, isto é, entre o passado e o presente. Portanto, o turista, ao ter contato com a história de determinado grupo, pode compreender as transformações, as permanências e as rupturas daquela sociedade visitada. Nesse sentido:

a) Apresente um aspecto que explique a importância do turismo histórico-cultural na atualidade.

b) No Brasil, como relacionar o dinamismo dos grupos locais com as exigências do turismo histórico-cultural?

Resposta comentada

a) No mundo globalizado, no qual temos determinados padrões de comportamento e consumo, como afirmou Vânia Moletta, o turismo histórico-cultural traz a possibilidade de termos acesso à história, à cultura e ao modo de viver da comunidade visitada. Assim, o modelo estabelecido e existente no mundo atual ganha novo colorido quando um elemento diferente passa a integrar o universo do turista. O contato com as tradições, as manifestações culturais, históricas e religiosas diferentes da sua realidade, cada vez mais desperta interesse nos viajantes que praticam o turismo histórico-cultural.

b) É cada vez maior o número de cidades e estados brasileiros que investem nas suas especificidades para promover seus produtos culturais no setor turístico como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Lá, o turista tem a oportunidade de compreender as raízes do sul do Brasil e da América Latina, ao ter contato com as populações indígenas locais e realizando, assim, uma verdadeira viagem no tempo.

Resumo

Ao final da nossa primeira aula, é importante sistematizarmos os principais pontos da discussão apresentada. Em primeiro lugar, você deve ter noção do dinamismo do conceito do turismo histórico-cultural. Algumas definições foram apresentadas, mas, em um mundo em constante transformação, cada vez mais a cultura ganha novos aspectos e possibilidades de análise.

Todavia, na busca por alguma sistematização, é fundamental a compreensão de que, no turismo histórico-cultural, é necessário refletir sobre as construções históricas e culturais que envolvem a criação dos destinos e das atrações turísticas. Em segundo lugar, é fundamental identificar as atividades que podem ser compreendidas como integrantes do turismo cultural, ou seja, a visita a sítios históricos, a gastronomia de determinado lugar ou os passeios em festas, celebrações locais e manifestações populares, para destacarmos apenas alguns exemplos. Nesse sentido, o conhecimento das orientações básicas dos documentos oficiais que tratam do turismo histórico-cultural contribui para o estudo desse segmento turístico.

Por fim, a relação estabelecida entre os turistas e as pessoas do lugar visitado pode permitir a identificação de um local em condições de tornar-se atrativo turístico. Vale destacar que esta potencialidade turística necessitará de investimento das autoridades e do envolvimento da população para que a atividade tenha êxito.

Aula 2

Turismo histórico-cultural e construção dos centros históricos: algumas vivências

Meta

Apresentar a análise do conjunto de intervenções realizadas em alguns centros históricos a partir da criação de estratégias que permitam a renovação do espaço e o desenvolvimento da potencialidade turística local.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender como a revitalização dos centros históricos de cidades pode garantir o desenvolvimento do turismo e trazer benefícios para a população local;
2. apresentar alguns exemplos de experiências práticas na gestão urbana que proporcionaram, a partir dos centros históricos, a preservação cultural aliada ao desempenho da atividade turística;
3. analisar a restauração dos centros históricos nas cidades como uma ação de resgate das tradições locais em tempos de globalização.

Introdução

O turismo tem sua ação associada à prática humana de viajar com fins de entretenimento, ou ainda, motivada por outras finalidades (turismo de negócios, turismo industrial, etc.). Nesse sentido, as pessoas que vivenciam realidades diferentes das habituais, ao estarem longe de suas residências, convivem com o diferente, com a novidade e, até mesmo, com o inusitado. Segundo Susana Gastal e Maratschka Martini Moesch, este deslocamento é coberto de subjetividade, o que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 22).

Mas, afinal, como relacionar o turismo histórico-cultural com o espaço urbano? Esta não é uma questão fácil de ser respondida; todavia, vamos realizar algumas conexões a partir da definição de espaço urbano. Segundo Ana Fani Alessandri Carlos, o espaço urbano se caracteriza pela aglomeração de pessoas, atividades e edificações que formam as cidades marcadas pelas transformações históricas que se refletem na sua arquitetura, na sua cultura e na sua composição paisagística que compõem aquela área geográfica. Dessa forma, a cidade não é apenas espaço das construções de concreto, mas, também, o espaço privilegiado em que as relações sociais e cotidianas desenrolam-se e revelam-se (CARLOS, 2004, p. 10).

Na história do continente latino-americano, apesar da predominância do mundo rural, que se manteve muito mais estável, foram nas cidades que se desenvolveram as mudanças, a partir tanto dos impactos externos recebidos quanto das ideologias. Enquanto segmentação, o turismo histórico-cultural se refere justamente à modalidade de turismo na qual a cidade é o destino e a motivação fundamental do deslocamento. Isto acontece, por exemplo, em relação ao Rio de Janeiro. Vamos conversar sobre tudo isso ao longo desta aula.

Centros Históricos

O exemplo da cidade do Rio de Janeiro

Em 1565, a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ocorreu entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, que ficam atualmente no bairro da Urca. Pouco depois, os colonizadores portugueses

deslocaram-se para uma região mais estratégica, o Morro do Castelo, com o objetivo de garantir a defesa da recém-fundada cidade, de ataques estrangeiros. A partir desse local, a cidade se expandiu nos séculos seguintes, passando a ocupar toda a área atualmente chamada de Centro. De acordo com o Guia de Turismo Michelin:

O centro foi a cidade até o século XIX; ainda hoje é chamado de cidade, expressão popular sinônima de Centro. Trata-se do núcleo do Rio: todas as épocas de história, todas as nuances da vida urbana, todas as múltiplas atividades da cidade estão representadas no bairro, apesar dos vestígios históricos mais remotos terem sido suprimidos nas freqüentes remodelações que sofreu. A alma da cidade transparece em suas ruas e avenidas. O contorno geral de hoje foi definido a partir do final de 1950, quando começou o predomínio absoluto dos grandes edifícios e do trânsito intenso de automóveis. (Guia de Turismo Michelin, 1990, p. 156).



Figura 2.1: Gravura que retrata a enseada de Botafogo no século XVI

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d9/Rugendas_-_Botafogo.jpg?uselang=pt-br

Com o passar do tempo, tornava-se visível a presença do Estado na cidade do Rio de Janeiro, onde se abrigava a sede do poder imperial. Esta presença pode ser observada através da edificação ocupada pelo príncipe-Regente D. João e sua Corte, como, por exemplo, o Paço de São Cristóvão e os prédios comerciais da Rua do Ouvidor.

Com a proclamação da República, compreendemos que a capital federal do Rio de Janeiro adquiriu a condição de vitrine, polo irradiador da cultura política através das ações de seus atores sociais.



Figura 2.2: Centro Histórico do Rio de Janeiro, Praça XV: Paço Imperial e Palácio Tiradentes na atualidade.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pca_xv_paco_imperial.JPG?uselang=pt-br.

Observem que o centro refere-se à parte localizada no coração da cidade. Na condição de área central da cidade, frequentemente, o centro de uma cidade conta a história daquele espaço. No turismo histórico-cultural, a visita ao centro histórico de uma cidade é programação praticamente certa para os turistas que visitam a localidade. Assim, ao conhecer os prédios históricos, as igrejas, as ruas, as fortalezas (fortificações) e todas as demais construções que normalmente integram o centro histórico de uma cidade, o viajante tem contato com a história local. De maneira geral, o acesso à cultura e à história de uma cidade, a partir do seu consumo turístico, está associado à oferta de roteiros específicos, à preparação de profissionais de turismo qualificados e às condições de **infraestrutura** local, para destacarmos alguns aspectos.

Aqui vale uma última observação. De acordo com José Newton Coelho Meneses, toda cidade é histórica, uma vez que a partir de determinado processo histórico (a sua fundação por indígenas, a chegada de estrangeiros no local com a formação das primeiras aldeias, etc.), uma cidade foi constituída. Assim, o conjunto de conhecimentos relativos ao passado daquele lugar auxilia na compreensão do espaço urbano que visitamos no presente (MENESES, 2004, p. 27). Dessa forma, a experiência turística permite o diálogo entre o passado, a partir do conhecimen-

Infraestrutura

Pela perspectiva do urbanismo, é o sistema de serviços públicos de uma cidade, como rede de esgotos, abastecimento de água, energia elétrica, coleta de águas pluviais, rede telefônica, gás canalizado, entre outros.
Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss de língua portuguesa.

to do universo histórico-cultural local, e o presente, que é vivenciado pelo turista no tempo atual. Por que algumas cidades são identificadas como “cidades históricas”? Essa é uma questão desafiadora, mas vamos procurar responder a ela. Segundo Flávia Costa:

O objeto do turismo cultural é formado pelos elementos resultantes dos recursos culturais – materiais e imateriais – do local ou grupo visitado. Assim, os objetos que desencadeariam a visita do turismo cultural seriam os bens originários da cultura e formadores do patrimônio cultural do local visitado, em todos os seus múltiplos níveis. (COSTA, 2009, p. 48).

Portanto, algumas cidades com rico patrimônio histórico-cultural são apresentadas tanto pelo setor turístico quanto pelas autoridades como “cidades históricas”. Todavia, essa expressão é muito utilizada e, com certeza, a postura mais proveitosa seria termos clareza da sua limitação. Para Marly Rodrigues:

A construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado do patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento. (RODRIGUES, 2012, p. 16).

No final de década de 70 do século XX, o patrimônio cultural passou a ser valorizado. Com o passar do tempo, a noção de preservação do patrimônio cultural – edificações, traçados urbanos, objetos, imagens, documentos escritos ou paisagens – garantiu que as diferentes sociedades tivessem maiores oportunidades de se perceberem a si próprias. Assim, ao pertencer a um mesmo espaço e ao compartilhar uma mesma cultura, a população local tem condições de desenvolver a noção de coletividade e apresentar-se enquanto grupo múltiplo para os visitantes.

A revitalização de centros históricos de cidades

A preocupação do poder público brasileiro em relação ao patrimônio do país apresentou-se de forma substancial a partir da década de 1970. Nesse sentido, as atenções das autoridades direcionaram-se para

a criação de linhas de crédito especiais para a restauração de imóveis destinados ao segmento turístico, a concessão de incentivos tributários ou ainda para a formação de mão de obra especializada na restauração (RODRIGUES, 2012, p. 22). No Brasil, a Unesco reconheceu como patrimônio cultural da humanidade os centros históricos de Ouro Preto (1980), Olinda (1982), Salvador (1985), São Luís (1997) e Diamantina (1999), para destacarmos apenas alguns exemplos nacionais.



Unesco

Em novembro de 1945, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) foi fundada com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

A Representação da Unesco no Brasil é um escritório nacional na região da América Latina. Seu principal objetivo é auxiliar a formulação e operacionalização de políticas públicas que estejam em sintonia com as estratégias acordadas entre os Estados Membros da Unesco. A atuação da Unesco ocorre prioritariamente por intermédio de projetos governamentais de cooperação técnica, mas ocorre também em parceria com outros setores da sociedade civil, na medida em que seus propósitos venham a contribuir para as políticas públicas de desenvolvimento humano.

Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office>. Acesso em: 29 out. 2013.

Patrimônio cultural da humanidade

O patrimônio cultural da humanidade pode ter a forma de monumentos, conjuntos, e locais (sítios). Entenda-se por monumentos: obras arquitetônicas, de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Os conjuntos são agrupamentos de construções, isoladas ou reunidas, cuja arquitetura, cuja unidade e cuja integração com a paisagem lhes outorguem um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Os lugares são obras

do homem ou obras conjuntas do homem e a natureza, assim como as zonas, incluídos os sítios histórico, estético, etnológico e antropológico. (BARRETO, 2007, p. 116).

Para Margarita Barreto, a última década do século XX apresentou uma demanda sem precedentes por lugares históricos para serem visitados por turistas. Vários aspectos poderiam ser apresentados com motivadores dessa situação e, certamente, com a proximidade da virada do milênio, um clima de nostalgia tomou conta do mundo. Assim, as pessoas pareciam ter a necessidade de sentir uma ligação emocional com os lugares, com a história das localidades visitadas e com o seu próprio passado (BARRETO, 2007, p. 109).

O patrimônio tem uma ligação direta com a manutenção da identidade de um lugar e o estabelecimento de políticas de preservação é algo fundamental para, por exemplo, evitar que a especulação imobiliária acabe com as construções históricas existentes. Entretanto, é fundamental ter clareza de que a escolha por determinadas políticas refletem a ideologia de seus idealizadores, apresentam critérios nem sempre claros, mas que atendem interesses conjunturais, e que não há garantia de continuidade na administração pública de acordo com a sucessão dos governos.

Vamos agora apresentar alguns aspectos que envolvem a questão da revitalização de centros históricos. De acordo com Flávia Roberta Costa:

Em outubro de 1992, por iniciativa do Governo do Estado da Bahia, procedeu-se o Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador, também conhecido metonimicamente como Pelourinho, numa ação que deveria interromper o processo de degradação física do conjunto urbano, inscrito há sete anos, na época, na Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Na etapa inicial do projeto, realizada nos cinco meses subsequentes, o estado investiu U\$ 12 milhões e recuperou os 104 imóveis mais deteriorados do bairro (um décimo do total). Em março de 1993,

após a inauguração dos edifícios recuperados, Salvador recebeu 100 mil turistas a mais que no mesmo período do ano anterior, gerando U\$ 140 milhões, receita 1.167% superior ao montante até então investido nas obras e suficiente para restaurar outros 1.200 imóveis prevendo-se o mesmo padrão de gastos da etapa inicial. (COSTA, 2009, p. 11).



Filme: **Ó pai, ó**

Você pode assistir *on-line* em: <http://www.filmesonlineflv.net/2012/09/assistir-o-pai-o-nacional.html>.

Com 96 minutos de duração, *Ó pai, ó* é um filme brasileiro do gênero comédia musical, lançado em 2007, dirigido por Monique Gardenberg e com roteiro baseado em uma peça de Márcio Meirelles. Tem Caetano Veloso como coordenador de trilha sonora. Em um animado cortiço do centro histórico do Pelourinho, em Salvador, tudo é compartilhado pelos seus moradores, especialmente a paixão pelo Carnaval e a antipatia pela síndica do prédio, Dona Joana (Luciana Souza). Todos tentam encontrar um lugar nos últimos dias do Carnaval, seja trabalhando ou brincando. Incomodada com a farra dos condôminos, dona Joana decide puni-los, cortando o fornecimento de água do prédio. A falta d'água faz com que o aspirante a cantor Roque (Lázaro Ramos); o motorista de táxi Reginaldo (Érico Brás) e sua esposa Maria (Valdinéia Soriano); o travesti Yolanda (Lyu Arisson), amante de Reginaldo; a jogadora de búzios Raimunda (Cássia Vale); o homossexual dono de bar Neuzão (Tânia Tòko) e sua sensual sobrinha Rosa (Emanuelle Araújo); Carmen (Auristela Sá), que realiza abortos clandestinos e ao mesmo tempo mantém um pequeno orfanato em seu apartamento; Psilene (Dira Paes), irmã de Carmen que está fazendo uma visita após um período na Europa; e a Baiana (Rejane Maia), de quem todos são fregueses, se confrontem e se solidarizem perante o problema.

Algumas curiosidades em relação ao filme:

- “Ó paí, ó” é uma gíria usada em algumas regiões da Bahia e também do Nordeste. É, na verdade, a contração de “olhe para isso aí, olhe!”.
- O filme foi baseado numa peça escrita como forma de protesto contra a ação de um político tradicional baiano, Antônio Carlos Magalhães, que expulsou os moradores do Pelourinho com o objetivo de restaurá-lo.
- As cenas que se passam no Carnaval foram as primeiras a serem gravadas, em 2006, sendo ambientadas no desfile de vários blocos.
- Neste filme, pode-se ouvir um legítimo modo de falar baiano (sotaque e vocabulário), muito parecido ao usado na região da periferia de Salvador, na Bahia. Posteriormente, em 2008, o filme ganhou uma série que foi lançada pela Rede Globo.

Após essas mudanças realizadas no Pelourinho a partir de 1992, pesquisas foram realizadas com objetivo de perceber aquilo que era valorizado pelos turistas nessa nova etapa do centro histórico de Salvador. O patrimônio histórico-cultural e a arquitetura urbana eram sempre pontos valorizados nas investigações. Portanto, o Pelourinho vem sendo considerado como um dos modelos de estímulo ao setor turístico nacional. Todavia, essa revitalização dividiu as opiniões. Para os defensores da iniciativa, em função desse processo, as igrejas de São Francisco e das Carmelitas foram salvas do abandono. Por sua vez, os críticos são mais contundentes ao afirmarem que os referenciais da **Carta de Veneza**, certamente, não são respeitados e a inexistência de rigor histórico permite que, inapropriadamente, muitas construções sejam identificadas como “antigas”. Entretanto, a grande crítica está na retirada da população residente para garantir a instalação de estabelecimentos comerciais e demais serviços, criando um ambiente idealizado, ou seja, um cenário turístico (COSTA, 2009, p. 12).

Em Salvador, a experiência do Pelourinho apresentou novos desafios para a revitalização do centro histórico local. Dessa forma, com o passar dos anos, diferentes articulações evidenciam a valorização de novas práti-

Carta de Veneza

Carta Internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios a partir do II Congresso Internacional de Arquitetura e Técnicos dos Monumentos Históricos, ocorrido em maio de 1964.

Fonte: http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Veneza_1964.pdf

cas de gestão pública, com a inserção de novos atores sociais nos processos de planejamento da atividade turística. As novas práticas de gestão pública devem permitir a articulação entre o poder público e os novos atores sociais (a população residente, o setor acadêmico, a iniciativa privada, a sociedade civil organizada e os visitantes) (ÁVILA, 2009, p. 112).

Quando os residentes reconhecem no desenvolvimento da atividade turística a sua condição de atuantes no processo, a possibilidade de sucesso do destino turístico é muito grande. Portanto, o dinamismo da demanda manifestada pelos moradores e visitantes pode permitir a implantação de estratégias de mercado que levem à criação de novos produtos turísticos urbanos. As condições básicas para desenvolver o turismo urbano exigem a construção de um imaginário positivo da cidade, expresso, antes de tudo, na qualidade de vida dos moradores em termos de educação, limpeza pública, saneamento, presença de espaços verdes, de áreas de lazer públicas, marcando um bem viver que encaminhe o bem receber (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 39-44).

Atidade 1

Atende ao objetivo 1

Explique como a revitalização do centro histórico de uma cidade pode tanto garantir o desenvolvimento do turismo quanto trazer benefícios para a população local.

Resposta comentada

O centro histórico pode ser considerado o coração de uma cidade e tem ligação direta com a fundação daquele espaço urbano. Na segmentação do turismo histórico-cultural, a visita ao centro histórico é parte integrante dos

roteiros oferecidos aos turistas. Para o sucesso dessa experiência, os residentes também devem ser considerados nesse processo, afinal, esses são os anfitriões e devem reconhecer na sua cidade as potencialidades do patrimônio histórico-cultural que será visitado. Assim, teremos a possibilidade de mais empregos para os residentes e o desenvolvimento do comércio local para destacarmos dois benefícios diretos para a população local. Afinal, quem vive bem também tem condições de receber bem os turistas.

Exemplos de experiências práticas na gestão urbana: preservação cultural e atividade turística

A questão da recuperação de centros históricos é também uma preocupação em outros países? Como as cidades espalhadas pelo mundo tratam esse assunto? De que maneira as experiências de gestão pública conciliaram a preservação cultural com a atividade turística? Vamos por partes.

Apresentemos, aqui, dois exemplos internacionais: a cidade de Havana, em Cuba, e a cidade de Gênova, na Itália.

O centro histórico de Havana

Em 1982, o centro histórico de Havana foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, a partir da divulgação da Lista do Patrimônio Mundial. Esse foi um importante acontecimento para o revigoramento da região, mas é importante considerarmos também os múltiplos aspectos funcionais, espaciais e sociais das zonas centrais da cidade.

As classificações da Unesco são apenas o início do longo processo de revitalização de muitos centros históricos existentes no mundo, sendo que cada qual tem as suas peculiaridades. Ao longo dos anos, o Estado cubano adotou planos quinquenais e designou o Escritório do Historiador da Cidade de Havana como responsável pelo processo de restauração do Centro Histórico. De acordo com Patrícia Rodriguez Alomá:

O que se convém reconhecer como o Centro Histórico de Havana tem uma área de 2,1 quilômetros quadrados, com um total de

3.744 edificações, das quais a sétima parte é de grande valor, quer dizer que ostenta grau de proteção I ou II, sendo praticamente o restante, imóvel de valor ambiental – esse tipo de arquitetura de acompanhamento que torna possível uma leitura homogênea dentro da diversidade de estilos e épocas.(ALOMÁ, 2003, p. 119)

O grande desafio da região estava na superlotação dos imóveis, o que provocou tanto a descaracterização local quanto o déficit quantitativo dos serviços. Como reverter esse quadro e garantir o desenvolvimento integral da região?

Em primeiro lugar, a agilização na tomada das decisões foi fundamental para o desenvolvimento de uma gestão com fontes próprias de recuperação. Para tanto, houve a cobrança de impostos de empresas produtivas, que foram destinados à reabilitação do local e à possibilidade de importar e exportar materiais e equipamentos necessários ao revigoramento da região.

Em segundo lugar, em novembro de 1995, o centro histórico de Havana foi declarado zona de grande significação para o turismo. Nesse sentido, o Escritório do Historiador passou a tratar dos assuntos ligados à moradia e uma imobiliária. Ele foi criado com objetivo de alugar imóveis da região, garantindo a autonomia econômica, o que deu continuidade à área de recuperação.

Em terceiro lugar, os valores dos habitantes do local passaram a ser prestigiados, contribuindo para os aspectos singulares do centro histórico. Assim, a chamada Velha Havana era muito mais do que apenas prédios e construções históricas, e passava a envolver os residentes cubanos no processo de revitalização. Para que essa dinâmica ação cultural obtivesse sucesso, era fundamental que a população local tivesse condições econômicas satisfatórias que permitissem as manifestações de suas tradições e a recuperação de seus valores.

Em quarto lugar, a aproximação entre os museus e as escolas permitiu que as futuras gerações compreendessem a importância da sua riqueza patrimonial a partir de uma educação formal.

A partir dessas ações direcionadas ao centro histórico de Havana, de que maneira a atividade turística se desenvolveu no local? O turismo foi considerado a única atividade a se beneficiar dessa transformação. No entanto, setores como a educação e a cultura, por exemplo, também foram favorecidos.

É fundamental que um centro histórico expresse a diversidade do lugar e dos residentes e não seja uma criação artificial, um cenário fabricado para satisfazer a expectativa de turistas ansiosos pelo consumo de produtos turísticos massificados.



Figura 2.34: Havana na atualidade: Capitólio (sede administrativa), Museu da Revolução, Malecón (ampla esplanada, estradas e paredão que se estende por 4 km, ao longo da costa que vai do porto central de Havana, Havana Velha, até o bairro de Vedado), Grande Teatro de Havana, Fortaleza (Morro Castelo), Praça de Havana Velha e a Catedral de Havana.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/CollageHavana.jpg?uselang=pt-br>

A cidade de Gênova

Agora vamos deslocar nosso foco para a cidade italiana de Gênova.

Na década de 90 do século XX, essa cidade passou por um conjunto de intervenções com o objetivo de enfrentar os problemas sociais e econômicos que atingiam o local e, de maneira geral, o país. Algumas estratégias de intervenção foram adotadas em relação à área central histórica, provocando uma renovação urbana e permitindo que espaços turísticos se desenvolvessem na cidade.

O Centro Histórico de Gênova é repleto de edifícios que avançam para a área portuária, com um traçado de vias que vem do período medieval. De acordo com os dados estatísticos oficiais, a população da região é de pouco mais de vinte mil pessoas.

Seguindo uma tendência internacional, na virada do século XIX para o século XX, uma nova região genovesa passou a atrair o interesse dos investimentos, a cidade nova. Assim, gradativamente, a antiga cidade foi sendo abandonada, sofrendo enorme degradação e decadência do espaço.

De acordo com Clarissa Gagliardi, o Gueto é um bairro que integra um dos distritos mais desprestigiados do centro histórico de Gênova. É habitado por pessoas de baixa renda e sofre com problemas de iluminação e umidade. Diante desse quadro, em 2004, as autoridades apresentaram um programa de requalificação urbana para o bairro denominado *Contratto di Quartiere*, tendo o financiamento do Ministério de Infraestrutura e da Região Liguria (sudeste da Gália e nordeste da Itália). Gagliardi afirma que:

Este programa contempla projetos de recuperação urbana, promovidos pela prefeitura em bairros marcados pelo degrado das construções e do ambiente urbano, pela carência de serviços e por um contexto de escassa coesão social e problemas habitacionais. O instrumento estimula as intervenções subvencionadas em habitações e obras de urbanização e a busca de outros financiamentos públicos e privados para ações de caráter social. Seu diferencial está na tentativa de envolver os habitantes do bairro nos projetos. (GAGLIARDI, 2012, p. 10).

A estratégia de ação da equipe responsável pelo programa foi realizar reuniões com os representantes de associações atuantes no bairro,

assim como moradores e representantes de etnias que habitavam o Ghetto. Dessa forma, dados foram colhidos, propostas foram encaminhadas para resolver, por exemplo, a questão dos imóveis da região. Nesse sentido, foi idealizado o programa de requalificação de áreas sociais de edifícios e/ou de recuperação de unidades habitacionais, uma parceria entre a iniciativa privada e os investimentos públicos. Em paralelo, houve a criação da Casa do Bairro, um espaço múltiplo que abrigou atividades diversas de caráter social e cultural como, por exemplo, criação de canal de TV comunitário, biblioteca, jornal local, cursos de alfabetização e apoio educacional, dentre outras iniciativas.

Em Gênova, esse processo participativo de revitalização do centro histórico sofreu críticas e foi marcado por algumas resistências à construção de solidariedades. Assim, a pressão do mercado, a especulação imobiliária e a vontade de que os imigrantes pobres sumissem, juntamente com suas atividades comerciais sem tradição, são alguns elementos que se integram nesse delicado cenário genovês.

É importante destacar que os representantes comunitários não queriam apresentar o centro histórico de Gênova como um espaço apenas para atender aos interesses turísticos de mercado. Aquele local faz parte da história genovesa, merecendo ser respeitado e apresentado em sua multiplicidade, e é exatamente isso que o visitante quer ver.

Além disso, o turista, com destaque para aquele ligado ao segmento histórico-cultural, tem condições de perceber a possível artificialidade do local visitado e, certamente, isso não será uma experiência agradável em suas lembranças da viagem. Nesse sentido, Gagliardi conclui:

Considera-se que a experiência de Gênova revela não haver projeto de requalificação urbana bom ou ruim em si, mas que depende, em grande medida, das formas como a sociedade se apropria deles e da sua capacidade em equalizar [igualar] interesses em torno dos centros históricos, sobretudo quando revigorados no bojo das vantagens econômicas atribuídas à cultura na sociedade contemporânea. (GAGLIARDI, 2012, p. 15).



Figura 2.45: Genova nos tempos atuais: Porto Velho é uma parte do porto de Genova e sendo, atualmente, um bairro residencial no centro turístico, cultural e de serviços da cidade.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Genova-DSCF7935.JPG?uselang=pt-br>

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

A partir dos dois exemplos apresentados, Havana e Genova, em relação à recuperação dos centros históricos, podemos considerar que é possível preservar a cultura e simultaneamente desenvolver a atividade turística?

Resposta comentada

No caso de Havana e Genova, é possível afirmar que o envolvimento da população local no processo de recuperação dos centros históricos, associado à concepção de produtos turísticos que apresentem efetivamente as tradições locais sem maquiagens ou criações de cenários artificiais, foram responsáveis pelas experiências exitosas.

Os dois exemplos apresentados são experiências práticas que procuraram tanto preservar a cultura local quanto desenvolver a atividade turística. O ponto de partida dessas duas cidades foi a recuperação de seus centros históricos. O processo atravessou diferentes etapas que envolveram conquistas, resistências e reformulações. Assim, não há um modelo que garanta o sucesso da revitalização de um centro histórico. Os traços históricos e culturais locais, bem como as questões sociais, devem ser levados em consideração para o sucesso da iniciativa.

Os centros históricos nas cidades e as tradições locais em tempos de globalização

Nas últimas décadas, os historiadores refletiram sobre as cidades de várias maneiras, com destaque para as questões do quadro urbano da atividade humana. Isto é, passaram a compreender a cidade como um ambiente capaz de influenciar as forças sociais em jogo.

E como pensar isso em tempos de globalização? Essa pergunta é desafiadora, e vamos procurar alguns elementos para responder a ela.

Em linhas gerais, a globalização parece ser compreendida como destino irremediável do mundo, um processo irreversível, como se todos estivéssemos sendo globalizados.

Normalmente, as palavras da moda tendem a um mesmo destino: quanto mais experiências pretendem explicar, mais opacas se tornam. Portanto, no fenômeno da globalização, há mais coisas do que se pode apreender num primeiro momento. Neste sentido, o foco das discussões sobre a globalização deve estar nas raízes e consequências sociais do processo globalizador.

Os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente. Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores (BAUMAN, 1999). Assim, no mundo atual, por mais que os padrões de comportamentos, as marcas de produtos, dentre outros fatores, pareçam ser os mesmos, em cada cidade, os diferentes grupos sociais existentes irão assimilar e reelaborar esse referencial em comum a partir da sua história, da sua cultura, dos seus valores e da sua tradição.

Portanto, no segmento do turismo histórico-cultural, quando o turista conhece uma cidade, ele procura vivenciar aquela experiência de visitar um lugar diferente, procurando conhecer as tradições locais, isto é, os costumes, os ritos e a herança cultural. Apesar do referencial padrão do mundo globalizado, o viajante procura o específico, o peculiar, ou seja, aquilo que é próprio da cidade visitada e único no mundo. Essa possível experiência diferenciada é que desperta o interesse do turista em se aventurar pelas cidades do mundo.

Ao visitar uma cidade, o turista (re)descobre um novo espaço que parece um labirinto. Assim, esse vasto local emaranhado, com diferentes espaços subterrâneos ou de superfície, se entrecruzam de tal maneira que parece difícil encontrar uma saída. Todavia, a partir da sua própria bagagem intelectual, o turista assimila aos poucos a cidade, e as vias urbanas vão sendo gradativamente conhecidas.

Para enfrentar este desafio, o viajante terá de contar com a sua experiência prévia, com o seu “capital” de vida. Dessa forma, o turista vai cruzar referências, práticas e representações, dados objetivos e percepções subjetivas, vai justapor, contrastar e, sobretudo, manter uma predisposição e uma abertura para ver um pouco mais além, talvez, do que aquilo que lhe é apresentado (CALVINO, 1990).

Nesse sentido, a revitalização dos centros históricos pode funcionar como um espaço de aproximação inicial entre os turistas e a população local. Normalmente, ali estão as referências dos primeiros povoadamentos, alguns prédios históricos que foram preservados, os espaços de manifestações culturais daquele povo e tudo mais relacionado à tradição local.

Ao conhecer o centro histórico de uma cidade, o viajante mergulha naquela realidade e, muitas vezes, esse importante contato pode ser decisivo para que outros produtos turísticos locais despertem o interesse

do turista. Em síntese, a revitalização do centro histórico pode se tornar o cartão de visitas de uma cidade e servir de atrativo para que as manifestações das tradições locais aflorem em intensidade.

Conclusão

Em relação ao mundo globalizado, Milton Santos afirma que devemos considerar a existência de, pelo menos, três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo, a globalização como fábula, ou seja, o mundo ao alcance de todos. O segundo seria o mundo tal como ele é, a globalização da perversidade que gera comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas (predominância, superioridade). Por fim, o terceiro, o mundo como ele pode ser, uma possibilidade aberta ao futuro de uma nova civilização planetária, ou seja, a globalização como possibilidade na construção de um novo universalismo.

O otimismo de Milton Santos clama por uma nova consciência, uma nova filosofia moral, que não seja a dos valores mercantis, mas sim a da solidariedade e da cidadania. Desta forma, a História Universal seria então a da nossa humanidade comum e não mais a dos dominadores (SANTOS, 2000).

Nesse mundo globalizado, marcado pela predominância do capitalismo, o desenvolvimento do turismo é visto como uma importante fonte de renda para a economia de vários países. O desenvolvimento da atividade turística não irá resolver problemas cruciais dos países receptores como, por exemplo, a educação e a saúde local. Todavia, o turismo pode oferecer oportunidades para que a população local possa, através do desenvolvimento de produtos turísticos, inserir-se no processo e obter fonte de renda que complete seu orçamento.

No momento em que as pessoas têm melhores condições de vida, elas se sentem fortalecidas para lutar por seus direitos. Nesse sentido, a revitalização do centro histórico pode garantir o desenvolvimento, por exemplo, de uma casa de cultura como espaço que abrigue o artesanato, a gastronomia e as danças locais. Todo esse conjunto propicia oportunidades muito importantes para os residentes.

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3

Especialmente no território mineiro, por sua riqueza patrimonial, há projetos que integram 25 destinos com vocação turística e relevância cultural, desenvolvido em parcerias federais e estaduais com a Associação de Cidades Históricas de Minas Gerais. Teriam sido investidos mais de R\$ 4 milhões entre 2005 e 2008, com o objetivo de desenvolver, estruturar e dar visibilidade turística às cidades históricas mineiras, com qualidade e sustentabilidade. (GASTAL; SILVEIRA, 2010, p. 58)

No mundo atual, com a marca da globalização, como os centros históricos das cidades podem despertar tanto interesse entre os turistas na segmentação do turismo histórico-cultural?

Resposta comentada

Na atualidade, vivemos um tempo marcado pelo desenvolvimento das telecomunicações e da informática, que acabam por produzir comportamentos padronizados. Assim, ao viajar, o turista busca algo diferente da sua realidade e, frequentemente, nos centros históricos, ele espera vivenciar experiências verdadeiras e legítimas daquele local.

Nos centros históricos das cidades de Minas Gerais, como Tiradentes, Ouro Preto e Diamantina, destacam-se muitas igrejas ligadas ao período do Barroco. Assim, através de visitas a essas construções históricas,

o turista tem contato tanto com elementos arquitetônicos do barroco brasileiro quanto com as manifestações da religiosidade mineira, proporcionando rico contato cultural com os residentes.



Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais

A Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos. Foi criada em 30 de maio de 2003, tendo como seu primeiro presidente Celso Cota Neto, à época prefeito de Mariana. Poderão se filiar à Associação das Cidades Históricas de MG as cidades que possuem patrimônio histórico tombado.

Disponível em: <http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br>. Acesso em: 7 nov. 2013.

Resumo

Vamos organizar os pontos principais que debatemos nesta aula.

Observe que, em diversos momentos, você encontrou palavras como restauração e revitalização. Em linhas gerais, essas palavras (substantivos) expressam a noção de restabelecimento de uma situação, isto é, a noção de reconstrução, de refazer algo.

Na nossa aula, o foco está nos centros históricos de uma cidade que, na prática, significam o começo de uma ocupação, as raízes de um povo. Assim, na segmentação do turismo histórico-cultural, a visita a esses espaços ocupa importante função para o desenvolvimento da atividade turística. Nesse sentido, a população local tem uma dupla oportunidade,

isto é, apresentar os principais traços da sua cultura e, simultaneamente, ter possibilidade de acesso a novas possibilidades de empregos.

Como forma de demonstrarmos essas afirmativas, apresentamos algumas experiências práticas, como a revitalização dos centros históricos de Havana (Cuba) e Gênova (Itália). Observem que os exemplos apresentados demonstram o delicado processo de preservar culturalmente aquela realidade e de garantir o desenvolvimento da atividade turística. Certamente, o envolvimento dos residentes é fundamental para o sucesso dessas iniciativas.

Por fim, apresentamos alguns traços do mundo globalizado, que traz comportamentos, valores e referências que podemos considerar padrões. Todavia, teoricamente, temos a integração econômica e cultural, mas o viajante que pratica o turismo histórico-cultural parece buscar aquilo que é específico e único no local visitado. Dessa forma, com o referencial do presente, o turista procura, nas tradições locais, nos traços culturais e na história daquele povo construir o seu mosaico de viagem.

Aula 3

Turismo e patrimônio histórico-cultural

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Compreender o Turismo Cultural a partir das múltiplas facetas do patrimônio histórico e cultural, discutindo tanto o desenvolvimento da atividade turística quanto as alternativas para a sua preservação.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. discutir as múltiplas facetas do patrimônio histórico-cultural no Brasil a partir da apresentação de alguns exemplos;
2. analisar o desenvolvimento da atividade turística a partir do reconhecimento do patrimônio histórico-cultural brasileiro;
3. apresentar a possibilidade de preservação do patrimônio histórico-cultural do país pela perspectiva do turismo.

Introdução

A expressão patrimônio histórico-cultural é polissêmica, isto é, tem mais de um significado. Certamente, outras disciplinas no curso de Turismo apresentaram suas percepções em relação ao patrimônio histórico-cultural. Assim, nosso desafio é duplo, uma vez que devemos apresentar algo inovador em relação ao patrimônio histórico-cultural e, ainda, trazer essa discussão a partir da análise do desenvolvimento da atividade turística, realçando as alternativas para a preservação desse conjunto de bens.

De acordo com Pedro Paulo Funari e Jaime Pinsky, patrimônio cultural é tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem, com suas características únicas e particulares (FUNARI, PINSKY, 2012, p. 8). Nesse sentido, escolhemos trabalhar com outros elementos que superam aquilo que se considera o patrimônio histórico-arquitetônico (prédios históricos, construções, igrejas, museus, etc.). Portanto, a culinária, os costumes locais e as tradições estarão presentes nas próximas páginas.

Segundo Marly Rodrigues, no século XIX, ocorreu a criação de patrimônios nacionais a partir do estabelecimento, em um mesmo território (nação), dos pretensos interesses e tradições em comum aos seus habitantes. O elo principal para legitimar esse projeto nacional estava na língua nacional, isto é, todos falavam o mesmo idioma, garantindo unidade à fala e permitindo a comunicação entre a população de um mesmo país.

Observe que essa ação originou-se do poder público, um projeto oficial construído para ser uma representação do passado histórico e cultural de uma sociedade. Assim, as especificidades e as memórias particulares e regionais passaram para um segundo plano. Todavia, com o passar do tempo, esse significado atribuído ao patrimônio ganhou novas percepções e novos elementos foram integrados à noção (RODRIGUES, 2012, p. 16).

As múltiplas facetas do patrimônio histórico-cultural no Brasil

Nosso patrimônio histórico-cultural possui múltiplas facetas. Nesta seção, vamos falar sobre esta diversidade utilizando dois exemplos distintos, mas bastante conhecidos pelos brasileiros: o chope carioca e o escritor baiano Jorge Amado.

Patrimônio cultural carioca: os bares da cidade e o chope oficial

Que tal um chope para aliviar o estresse da semana e o calor do verão? Melhor se for em um botequim que manteve as características de seu passado, alguns remetendo ao começo do século XX. Para quem pensa assim, o Rio de Janeiro é um prato cheio. Ou uma tulipa cheia. A prefeitura listou 14 bares da cidade como patrimônio cultural, unindo-os a outros 12 de uma lista anterior, de 2011, utilizando como principal critério a idade dos estabelecimentos. (BIAS, 2013, p. 1).

Essa é uma matéria da *Revista de História da Biblioteca Nacional*, de fevereiro de 2013, e veiculada no site da publicação. Talvez você tenha estranhado a identificação de uma bebida alcoólica como patrimônio cultural carioca. O nosso objetivo era esse mesmo, ou seja, provocar certo desconforto para fazê-lo pensar acerca do patrimônio.

A cidade do Rio de Janeiro tem as suas especificidades. De acordo com Antônio Houaiss, nos séculos XIX e XX, na linguagem formal e literária, estabeleceu-se a diferença entre o fluminense e o carioca. No caso, o fluminense referia-se ao habitante da província ou do estado. Por sua vez, o carioca era o habitante da cidade do Rio de Janeiro. No início da utilização do termo, ser carioca era algo empregado de forma pejorativa; todavia, a cidade passou por várias transformações ao ocupar, inclusive, a condição de capital da República, de Distrito Federal. Assim, gradativamente, essa utilização pejorativa cedeu lugar para uma condição de destaque na perspectiva dos habitantes do país.

Como explicar o fato de as pessoas quererem ser identificadas como cariocas? Por que ser carioca é sinônimo de charme e de glamour? Essas são questões desafiadoras para serem explicadas, mas atentemos para algumas referências históricas que podem nos ajudar na reflexão:

Geograficamente, a capital federal [Rio de Janeiro] apresentava distinções visíveis, os espaços da elite contrastavam com os espaços dos setores populares. Em contrapartida, a metamorfose do Rio de Janeiro permitia intensa circulação de pessoas e de ideias, o que provocava frouxidão na rígida proposta de cidade idealizada pela elite política e econômica carioca. Dito de outra maneira, a ideia dos reformadores urbanos do início do século XX de

civilizar o Rio de Janeiro apenas em parte deu certo. O espaço urbano hierarquizado não impediu o contato e o convívio dos diferentes grupos sociais que foi ao mesmo tempo estreito e conflituoso. (BORGES, 2013, p. 233).

Ao longo de sua existência, a cidade do Rio de Janeiro teve seu traçado modificado a partir das ações impostas pelas suas autoridades. Entretanto, apesar das modificações urbanísticas, de certa forma, a rua tornou-se o espaço dos encontros, sejam afetivos ou de amizade, o local do confronto, das disputas ou o lugar das celebrações e da festa.

Assim, todos os anos, quando as ruas cariocas recebem milhares de turistas, eles apreendem, mesmo que por poucas horas, uma das práticas de lazer preferidas entre os residentes, isto é, tomar um chope com os amigos num bar. Muitas vezes, as mesas dos bares ocupam as calçadas e, frequentemente, invadem as pistas de carros. Não pense que isso é motivo de reclamação; pelo contrário, o carioca ocupa esses espaços de forma singular e, normalmente, convive em harmonia com os visitantes nacionais e estrangeiros que decidem participar dessa atividade prazerosa de apreciar um chope no botequim, estando cercado de pessoas. Acompanhemos mais um pouco daquela matéria da Revista de História:

O projeto visa a valorizar o bar por meio das características tradicionais de seu ambiente e fazer com que fornecedores evitem instalar equipamentos como geladeiras modernas, que destoam do clima de século passado. A vantagem mais objetiva é que os donos terão direito de requerer isenção de IPTU junto à prefeitura. [...] A ideia é atrair mais movimento para os estabelecimentos. A gente não valoriza muito nossos bares como outras cidades fazem. Eles são um patrimônio importante. E também do ponto de vista econômico e turístico. Assim como se vai a um café em Paris ou a um pub em Londres, como ir ao Rio e não ir a um botequim? [...] O que caracteriza o botequim para o carioca, não é o bar em si. Não é o balcão, a geladeira, ou ter um santo abençoando a casa, mas as relações que existem lá dentro. Como você vai tombar esse patrimônio da conversa fiada, do cara que vai lá reclamar do trabalho, olhar a menina na rua? (BIAS, 2013, p. 1).

Observe que reconhecer alguns bares da cidade do Rio de Janeiro como patrimônio cultural carioca envolve várias questões. A possível animação inicial cede espaço para a reflexão, que pode ser sintetizada pelo pensamento do antropólogo Paulo Thiago de Mello. De acordo

com o especialista, essa medida da prefeitura ameaça a atmosfera informal e comunitária existente na cultura dos botequins do Rio de Janeiro. Para fortalecer sua argumentação, ele menciona o antigo Bar Veloso, em Ipanema, local que acolheu Vinícius de Moraes e Tom Jobim por ocasião da música Garota de Ipanema, composta em 1962.

Essa composição tornou-se uma das grandes referências da música popular brasileira e consagrou o bairro de Ipanema, na zona sul carioca, como um atrativo turístico nacional e internacional. Todavia, o bar Veloso passou a se chamar Garota de Ipanema e, depois de 1980, ano da morte de Vinícius de Moraes, a antiga rua Montenegro recebeu o nome do poeta como forma de homenageá-lo.

Todas essas ações transformaram aquele botequim, considerado patrimônio cultural carioca, em um local para turistas, perdendo, assim, a essência do bar. Portanto, atualmente, o carioca quase não frequenta mais o local, e o público do estabelecimento é majoritariamente de turistas (BIAS, 2013, p. 1).

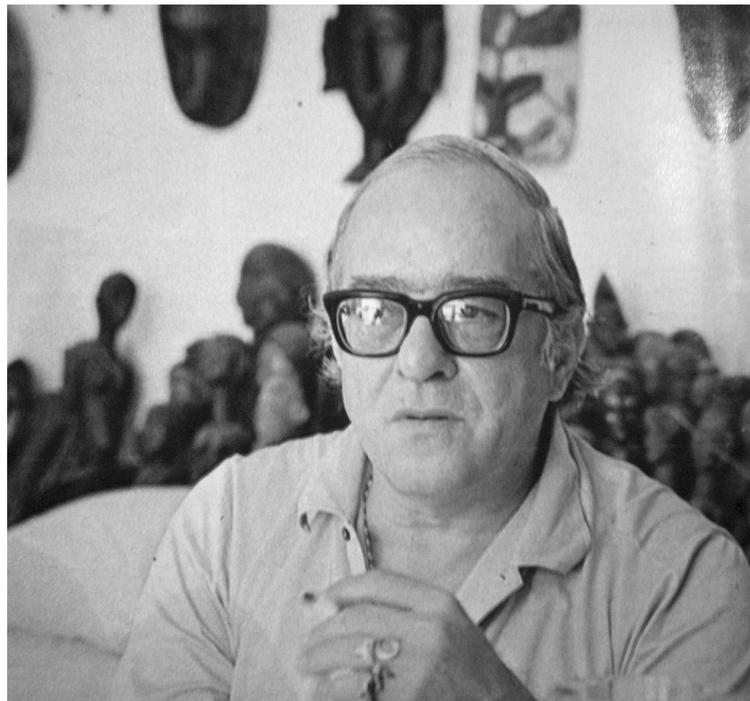


Figura 3.1: Vinicius de Moraes – foto de Ricardo Afferi, publicada na *Revista Gente e Atualidade*, em Buenos Aires, em 5 de março de 1970. Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/19/Vinicius.jpg?uselang=pt-br>.

O que podemos concluir acerca dos bares cariocas na condição de patrimônio cultural? Observe que muito mais do que ações das autoridades, os bens do patrimônio têm uma condição sutil na cultura, e a oficialização pode comprometer a sua própria existência. Os residentes podem produzir sua resistência abandonando o local que passa a integrar alguma lista oficial e buscar novos espaços que efetivamente expressem, no caso do Rio de Janeiro, a boemia local. As tradições e a cultura carioca não são propriedade de nenhuma autoridade e, muito menos, do setor turístico, mas sim da sua população, que flana pelas suas ruas fazendo dali o seu território.



Confira a lista dos **14 bares** que passam a ser **Patrimônio Cultural Carioca**:

- Adega da Velha (década de 1960) – Rua Paulo Barreto, 25 lojas A e B, Botafogo;
- Adega Pérola (1957) – Rua Siqueira Campos, 138 loja A, Copacabana;
- Armazém Cardoso – Rua Cardoso Júnior, 312, Laranjeiras;
- Bar Adônis (1952) – Rua São Luiz Gonzaga, 2156 loja A, Benfca;
- Bar Bip Bip (1968) – Rua Almirante Gonçalves, 50 loja D, Copacabana;
- Bar e Restaurante Cervantes (1955/65) – Rua Prado Junior, 335 loja B, Copacabana;
- Café e Bar Brotinho (Bar da Dona Maria) (década de 1950) – Rua Garibaldi, 13, Tijuca;
- Café e Bar Lisbela (Bar da Amendoeira) (anos 1950) - Rua Conde de Azambuja, 881, Maria da Graça;
- Café e Bar Pavão Azul (1957) – Rua Hilário de Gouveia, 71, loja, Copacabana;
- Casa da Cachaça (1960) – Avenida Mem de Sá, 110, Lapa;
- Casa Villarino (1953) – Avenida Calógeras, 6 loja B, Centro;

Jorge Amado (1912-2001)

Escritor brasileiro nascido na Bahia. Ali, assistiu às lutas entre fazendeiros e exportadores de cacau que inspiraram alguns de seus temas e personagens de seus romances. [...] Em 1932, estreou na literatura com o livro *No país do Carnaval*. [...] Já tendo sofrido prisões políticas, Jorge Amado teve cassado seu mandato de deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), para o qual fora eleito em 1945. Durante cinco anos, viajou pela Europa e Ásia. Voltou ao Brasil em 1952. [...] Foi um dos representantes do regionalismo brasileiro, uma vez que ambientou suas narrativas no quadro rural ou urbano da Bahia. [...] Ao lirismo manifesto desde o início aliou, a partir de *Gabriela, cravo e canela*, uma conotação humorística que também serve à intenção crítica e cujas raízes brasileiras podem encontrar-se em Gregório de Matos. Em 1959, *Gabriela, cravo e canela* recebeu os seguintes prêmios: Machado de Assis (Instituto Nacional do Livro), Paula Brito, Jabuti (Câmara Brasileira do Livro), Luiza Claudio de Souza (PEN Clube).

Fonte: Enciclopédia Mirador Internacional, 1976, p. 422.



Gilberto Gomes

Figura 3.3: Retrato do escritor baiano Jorge Amado (1997).

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/Jorge_Amado_-_1997.jpg?uselang=pt-br

- Restaurante Salete (1957) – Rua Afonso Pena, 189 loja, Tijuca;
- Bar e Restaurante Jobi (1956) – Avenida Ataulfo de Paiva, 1166, Leblon;
- Bar e Restaurante Urca (1939) – Rua Cândido Gaffrée, 205, Urca.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/12/decreto-da-prefeitura-do-rio-gorna-14-bares-patrimonio-cultural-carioca.html>. Acesso em: 15 nov. 2012.



Figura 3.2: Bar Urca, situado na Rua Cândido Gaffrée, na Urca, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bar_Urca.jpg?uselang=pt-br.

Jorge Amado: literatura, cinema e turismo cultural no sul da Bahia

Para Renata Farias Smith Lima, o escritor baiano **Jorge Amado** abriu uma janela local para o global, uma vez que produziu aproximadamente cinquenta livros, que venderam mais de 30 milhões de exemplares pelo mundo, sendo traduzido em mais de cinquenta idiomas e dialetos. Sua produção literária parecia espelhar a experiência pessoal e demonstrava refletir o que viu, ouviu e viveu. Nos títulos referentes à saga do cacau, destacamos *Gabriela, cravo e canela*, *Terras do sem fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Tocaia Grande*. A civilização do cacau estava presente em suas páginas, destacando-se os coronéis, os jagunços, os políticos, as disputas pela terra, a violência e o poder que dominavam a cena política, econômica e social de Ilhéus, na Bahia.

Muitos de seus livros deram origem a filmes nacionais, novelas e minisséries na televisão, que contribuiriam para a divulgação de seu trabalho (LIMA, 2009, p. 9). Nesse sentido, algumas questões podem ser apresentadas:

O que há para ser interpretado, em Ilhéus, quanto ao legado produzido por Jorge Amado? O que os moradores do lugar consideram autêntico em sua herança cultural? Como transmitir a essência da identidade cultural local? Como estimular o olhar e conscientizar a mente dos visitantes e da comunidade local? Que meios podem ser utilizados no ato da interpretação? (LIMA, 2009, p. 84-85).

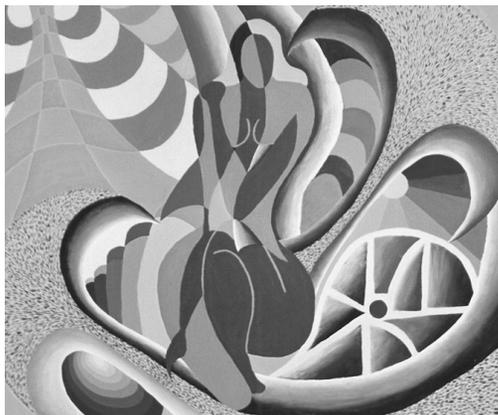


Figura 3.4: Gabriela arrependida II (1980), quadro em tinta acrílica sobre tela, do pintor baiano Juarez Maranhão, nascido em 1930. O quadro foi produzido tendo como inspiração o livro *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Gabriela_arrependida_II.jpg?uselang=pt-br.

Essas são indagações relevantes e procuraremos indicar algumas possibilidades de respostas. Em linhas gerais, a obra de Jorge Amado retratou a Bahia nas primeiras décadas do século XX. Naquele período, o Brasil era um país agrário, com destaque para a exportação do café, e a política tinha como líderes os coronéis, frequentemente os grandes proprietários de terras. As disputas locais, a predominância de uma sociedade patriarcal, o analfabetismo de uma parcela significativa de brasileiros, a difícil herança de país colonizado e escravocrata marcavam a história de Ilhéus.

O esplendor da produção de cacau, considerado filho de ouro da terra, também produziu efeitos nos povoados dos arredores, Rio do Engenho e Rio do Baço. Esse cenário inspirador do trabalho de Jorge Amado

recebeu atenção das autoridades, e muitos locais foram revitalizados. Para tanto, a Casa de Cultura Jorge Amado desempenhou importante papel de divulgação desse patrimônio cultural que marcou a região no período de esplendor da produção do cacau.



Casa de Cultura Jorge Amado

Através de sua obra conhecida no mundo inteiro, o escritor Jorge Amado divulgou e imortalizou as belezas e as histórias de Ilhéus. Para agradecer ao “filho adotivo” (Amado nasceu na vizinha Itabuna), a cidade prestou-lhe uma homenagem à altura de seu talento, transformando sua antiga residência na Casa de Cultura Jorge Amado. Construído pelo pai do escritor em 1928, o palacete em estilo neoclássico ocupa uma área de 600 metros quadrados, com cinco metros de pé direito, piso de jacarandá e azulejos ingleses na varanda. Inaugurada em 1988, a Casa de Cultura abriga em seus grandes salões a Fundação Cultural, a Academia de Letras e o Instituto Histórico de Ilhéus. As visitas guiadas conduzem ao quarto do escritor, onde estão expostas as capas de edições de sua obra, fotos antigas e objetos pessoais.

Disponível em: <http://www.feriasbrasil.com.br/ba/ilheus/casadecultorajorgeamado.cfm>. Acesso em: 16 nov. 2013.

Para saber mais sobre a Casa de Cultura Jorge Amado, acesse o site: <http://www.jorgeamado.org.br/>.



Figura 3.5: Na atualidade, foto panorâmica da cidade de Ilhéus, na Bahia, com destaque para a catedral de São Sebastião e o mar ao fundo.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/Ilh%C3%A9us_-_Bahia.jpg?uselang=pt-br.

Os belos casarões com fachadas neoclássicas do Centro Histórico de Ilhéus, que foram recuperados a partir de investimento público, atualmente são ocupados por espaços culturais, restaurantes e teatros. Além disso, o passeio permite mergulhar na história da cidade e conhecer o bar Vesúvio, com mesinhas na calçada, e de onde surgiram, na imaginação literária de Jorge Amado, as personagens de seu Nacif e de Gabriela, do romance *Gabriela, cravo e canela*, publicado em 1958.

O turista também pode visitar o cabaré Bataclan, que recebia os coronéis que vinham das suas fazendas para acertar negócios e vender cacau em Ilhéus e iam ao local em busca de divertimento com as meninas (prostitutas) de Maria Machado (proprietária do prostíbulo, outra personagem de Jorge Amado). O aspecto cultural é que faz desse espaço um atrativo turístico da cidade, uma vez que, em termos arquitetônicos, o prédio não tem grande valor. Depois da decadência econômica de Ilhéus, em função do declínio na produção do cacau, durante muito tempo o cabaré ficou abandonado. Em 1984, o prédio estava em ruínas, e a prefeitura desapropriou o local para transformá-lo em espaço cultural. A parceria uniu esforços do governo municipal e da empresa Petrobras, e a fachada foi restaurada na década de 1990.

Atualmente, o antigo cabaré Vesúvio abriga espaço cultural com fotos e textos que contam a história de Ilhéus em seu auge, a reconstituição do quarto de Maria Machado, um café e um local para exposições

artísticas, lançamento de livros, shows e performances teatrais. As igrejas têm destaque especial na cidade, como, por exemplo, a catedral de São Sebastião e a antiga matriz de São Jorge dos Ilhéus com o museu de arte sacra.



Figura 3.6: Fachada do bar Bataclan, em tempos atuais.

Fonte: <http://ilheuscomamor.files.wordpress.com/2008/10/mlheine03-batacla.jpg>

Além do valor literário, a obra de Jorge Amado foi responsável pela divulgação da cultura brasileira, com destaque para a Bahia, pelo mundo. De acordo com a professora Renata Lima, a partir de entrevistas realizadas, ao lerem os livros, assistirem aos filmes, às novelas e às minisséries, as pessoas se declaram curiosas em conhecer o lugar que serviu de cenário para o trabalho de Jorge Amado. O patrimônio cultural de Ilhéus está relacionado ao universo retratado pelo autor baiano. Nesse sentido, as múltiplas interpretações acerca desse patrimônio são produzidas, e, ao visitar Ilhéus, o turista tem a história da cidade apresentada por um de seus filhos mais ilustres, o escritor Jorge Amado. Depois, caberá ao visitante (re)encontrar aquilo que leu ou viu na obra de Amado ou, ainda, criar a sua própria perspectiva da cidade.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Na edição impressa e *on-line* de um jornal carioca, no dia 14 de novembro de 2013, encontramos uma matéria com o seguinte título: *Feijoada pode virar patrimônio imaterial do estado*. A seguir, acompanhem os principais trechos que selecionamos para você:

Um prato que é campeão na mistura do feijão com a carne poderá se tornar um patrimônio imaterial do estado. A Assembleia Legislativa do Rio aprovou nesta terça-feira, em primeira discussão, o projeto de lei 1.862/12, que dá o novo status à feijoada carioca. [...] Assim como o samba, que foi considerado patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a feijoada agrada multidões. O prato, que geralmente é servido com um bom torresmo e farofa para acompanhar, também arrasta admiradores para as quadras das escolas de samba da cidade. A iguaria feita pela Tia Vicentina já reunia os amigos para que saboreassem a sua feijoada na décadas de 1960 e 1970. Vicentina também inspirou o samba Pagode do Vavá, de Paulinho da Viola (“Provei o famoso feijão da Vicentina/Só quem é da Portela é que sabe que a coisa é divina”).

Hoje, a tarefa de cozinhar a feijoada da Portela cabe à Tia Surica. Aos primeiros sábados de cada mês, Surica e sua equipe cozinham cerca de 120 quilos de feijão para um público que chega a 3 mil pessoas.

– Esse reconhecimento dos deputados à feijoada me deixa muito feliz. A feijoada é fundamental no mundo do samba. Uma roda de samba só fica completa com uma boa feijoada e uma cervejinha gelada – brinca Surica, que completa dizendo que o segredo é dessalgar a carne na medida certa. [...]

– Na Mangueira, teve um turista francês que invadiu a cozinha. Ele queria levar a panela para o hotel. Os turistas são doidos por uma feijoada – comentou Raul. (chef de cozinha Raul César Novaes, responsável pelas feijoadas da Mangueira e da Grande Rio).

Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), Paulo Vidal, considera proveitosa a discussão na Alerj e informa que o órgão fará estudos para o registro do bem. Quanto aos já registrados, o Inepac tem trabalhado junto ao Iphan em ações nacionais de proteção de bens imateriais, como a capoeira, as baianas do acarajé, as folias de reis e o jongo. Também são considerados patrimônio imaterial do estado a umbanda

e o candomblé.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/feijoada-carioca-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-do-estado-10770664>. Acesso em: 14 nov. 2013.



Figura 3.7: Prato de feijoada servida à mesa na atualidade

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/Feijoada_01.jpg?uselang=pt-br
Acesso em: 14 nov. 2013.

O Brasil é um país múltiplo. Assim, seu patrimônio histórico-cultural é diverso e não se resume a monumentos e objetos históricos, mas inclui também tradições, manifestações artísticas, rituais e festas que fazem do país um lugar único. Na condição de um estudante do curso de Turismo, quais os argumentos que você apresentaria para explicar a possibilidade de a feijoada ser considerada um bem do patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro?

Resposta comentada

A feijoada é um prato da cozinha nacional, preparado com feijão temperado e cozido com carnes salgadas (paio, linguiça, etc.). É difícil pre-

cisar sua origem, mas com certeza podemos afirmar que há uma relação desse prato com a culinária de outros países de língua portuguesa, isto é, Moçambique, Angola, Macau e Portugal. Com o passar dos anos, esse prato tornou-se típico da cozinha brasileira. Assim, a feijoada sintetiza as raízes históricas do Brasil e encanta tanto os brasileiros quanto os turistas. Ao integrar a lista de bens do patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, a feijoada conquista lugar legítimo de reconhecimento da sua potencialidade como quitute nacional. Saborear esse apetitoso prato representa uma importante possibilidade de encontro cultural e referência nos roteiros gastronômicos do segmento do turismo histórico-cultural no Brasil. que voluptur.



A canção No pagode do Vavá, composta por Paulinho da Viola, mostra como a feijoada é uma das receitas culinárias prediletas dos cariocas. Veja, a seguir, a letra da música e ouça o compositor cantá-la acompanhado por Gilberto Gil no *link*: <http://letras.mus.br/paulinho-da-viola/128182/>. Acesso em: 14 nov. 2013).

No Pagode do Vavá

(Paulinho da Viola)

Domingo, lá na casa do Vavá
 Teve um tremendo pagode
 Que você não pode imaginar
 Provei do famoso feijão da Vicentina
 Só quem é da Portela é que sabe
 Que a coisa é divina
 Tinha gente de todo lugar
 No pagode do Vavá
 Nego tirava o sapato, ficava à vontade
 Comia com a mão
 Uma batida gostosa que tinha o nome

De doce ilusão
Vi muita nega bonita
Fazer partideiro ficar esquecido
Mas apesar do ciúme
Nenhuma mulher ficou sem o marido
Um assovio de bala
Cortou o espaço e ninguém machucou
Muito malandro corria
Quando Elton Medeiros chegou
Minha gente não fique apressada
Que não há motivo pra ter correria
Foi um nego que fez 13 pontos
E ficou maluco de tanta alegria

Disponível em: <http://letras.mus.br/paulinho-da-viola/1281820/>. Acesso em: 14 nov. 2013.

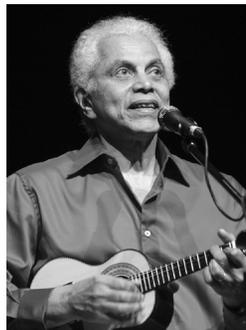


Figura 3.8: Paulinho da Viola nos dias de hoje.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulinho_da_Viola_2012.jpg?uselang=pt-br.

O desenvolvimento da atividade turística e o reconhecimento do patrimônio histórico-cultural brasileiro

De acordo com Marly Rodrigues, inicialmente, a finalidade do patrimônio era a de representar o passado da nação. Todavia, com o passar do tempo, esse sentido ganhou novas conotações. Em relação ao Brasil, essa multiplicação pode ser percebida:

A partir de dois pontos de vista, muitas vezes como antagônicos – o do poder público, que pretende a valorização dos bens como mercadorias culturais, e o de parte da sociedade, que o vê como um fator de qualidade de vida –, o patrimônio no Brasil oscila entre tornar-se um cenário teatral como o Pelourinho, na Bahia, ou mal conservado, situação cujos exemplos são numerosos. (RODRIGUES, 2012, p. 22).

No caso do patrimônio histórico-arquitetônico, os prédios até podem ser restaurados; entretanto, os problemas sociais no entorno desse conjunto, quando não solucionados, fazem com que a iniciativa rapidamente fique comprometida. O exemplo seria a restauração do bairro da Luz na cidade de São Paulo. Em 2006, o Museu da Língua Portuguesa foi inaugurado, após processo de restauração e adaptação da Estação Ferroviária da Luz, que passou a abrigar a instituição. A partir de sua arquitetura inglesa do início do século XX, o prédio da Luz é um importante marco histórico paulistano. No outro lado da rua, há a Pinacoteca do Estado de São Paulo que, em 1994, através do projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, passou por uma reforma geral.

Essa ação fazia parte de um plano estadual de revitalização da zona central da cidade de São Paulo. Ao lado, há o mais antigo parque público da cidade, o Jardim da Luz. Por sua vez, em 1999, esse espaço verde paulistano passou por reforma com o objetivo de integrar-se com a Pinacoteca (museu). Todas essas ações governamentais merecem ser destacadas, mas a questão é que ali perto temos a *cracolândia*, ou seja, a denominação popular para uma região no centro da cidade de São Paulo onde historicamente se desenvolve intenso tráfico de drogas e prostituição. Portanto, as ações de recuperação de prédios e parques são muito bem-vindas, mas devem ser acompanhadas por programas que atendam grupos sociais mais vulneráveis, como os dependentes químicos que moram, trabalham ou transitam pelo bairro. De que adianta

a maquiagem de um espaço, quando ao caminhar poucos metros na vizinhança, o visitante, o turista se depara com os problemas sociais existentes no local e que não recebem a ação de uma política pública eficiente? Essa é uma questão que merece atenção tanto das autoridades locais quanto dos residentes, que devem cobrar de seus governantes o comprometimento social para enfrentar os desafios existentes.



Figura 3.9: Museu da Língua Portuguesa. Estação da Luz, na cidade de São Paulo.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Esta%C3%A7aoLuz.jpg?uselang=pt-br>.

Assim, o desafio está em buscar o equilíbrio entre estratégias que garantam a preservação do patrimônio cultural de um lugar e, ao mesmo tempo, permitir que o turismo se desenvolva sem comprometer os bens visitados. Essa não é uma tarefa fácil, devendo ser enfrentada com coragem por todos aqueles – residentes, autoridades, e do setor turístico – que percebem, na divulgação das riquezas locais, a possibilidade de propagar a cultura a partir do patrimônio existente.

Sandra Pelegrini e Pedro Paulo Funari acrescentam nova perspectiva à discussão:

Convém destacarmos que o mero registro do bem de natureza material ou imaterial não assegura a sua preservação, mas, sim, a adoção de uma série de medidas que viabilizem um plano efetivo de salvaguarda. Se tomarmos alguns exemplos desse processo, talvez possamos exemplificar com maior clareza do que se trata [...] O acarajé, a tapioca, o pato no tucupi, a farinha de mandioca, entre tantos outros pratos, estão sendo alvo de pesquisadores interessados em desvelar os costumes e a culinária regional. Lamentavelmente, os sistemas de alimentação ainda são pouco valorizados, embora os estudiosos do tema, como Claude Lévi-Strauss, desde longa data, tenham indicado que esses sistemas podem evidenciar elementos das identidades nacionais, regionais, étnicas e religiosas. (PELEGRINI; FUNARI, 2012, p. 75, 80).

Pela perspectiva do patrimônio cultural, primeiramente, o alimento deve ser assimilado pelo seu sabor. Além disso, o seu preparo, desde a panela, o tipo de fogo (por exemplo, a utilização do forno a lenha), os ingredientes que são utilizados e os cuidados especiais, como colocar de molho algum ingrediente na véspera, são importantes elementos a serem observados. A simples mistura de alimentos pode significar a demonstração de tradições culturais que foram sendo incorporadas, ao longo da história, na afirmação daquele quitute como um prato típico do local.

Assim como os alimentos, os cantos, as manifestações artísticas, os conhecimentos medicinais populares permitem que visualizemos a riqueza e a pluralidade do patrimônio cultural brasileiro em diferentes dimensões. A partir da criatividade, as expressões culturais – comida, música, dança, manifestações de religiosidade etc. – e as tradições dos diferentes grupos sociais que constituem o país se entrecruzam e formam a nação brasileira. Esse país múltiplo atrai, todos os anos, milhões de turistas que querem conhecê-lo.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

A partir dos exemplos brasileiros apresentados no item *O desenvolvimento da atividade turística [...]*, por que é importante para o desenvolvimento do turismo reconhecer o patrimônio histórico-cultural do país?

Resposta comentada

Na atualidade, o turismo significa importante fonte de recurso para as economias dos países. Todavia, o turismo de massa requer que alguns cuidados sejam adotados. O segmento do turismo cultural efetiva-se quando da apropriação de algo que possa ser caracterizado como bem cultural. Nesse sentido, o turismo tende a considerar o patrimônio cultural como determinadas atividades culturais, tais como visitas aos museus, a realização de roteiros temáticos, como a visita ao circuito de comidas de baianas na cidade de Salvador ou as rotas de vinhos no sul do Brasil.

Portanto, os bens culturais, como os prédios históricos de São Paulo, como a Estação da Luz e a Pinacoteca local, e as comidas, o acarajé e a tapioca, podem constituir-se em importantes elementos de atração turística e, por que não, de conscientização social. Os turistas e os residentes devem reconhecer no conjunto de bens, a riqueza e a pluralidade cultural existente.

A possibilidade de preservação do patrimônio histórico-cultural no Brasil

Na discussão acerca da preservação e do uso do patrimônio histórico-cultural no país, um importante estudo foi produzido recentemente. Flávia Costa questiona a adequação da forma de comunicação presente nas atividades turístico-culturais no Brasil, tendo como especial ênfase os objetivos de conscientização para conservação do patrimônio e de conhecimento pessoal adquirido e desenvolvido pelo turista. Nesse sentido, a turismóloga realça a importância da comunicação interpretativa e sua aplicação prática na área do turismo cultural como solução possível e necessária para o bom funcionamento do sistema turístico do país

A proteção do patrimônio cultural é assunto de discussão pelo mundo. Em 1956, na Conferência Geral da Organização, promovida pela Unesco, o tema foi debatido e, pela primeira vez, a realização da atividade turística foi defendida entre as possíveis ações educativas voltadas a “despertar e desenvolver o respeito e a estima ao passado” (COSTA, 2009, p. 79). Assim, o turismo supera a dimensão econômica e pode ser compreendido pelo enfoque de uma atividade educativa. Diante do enorme crescimento do turismo, é necessário:

procurar outra forma de relacionamento, promovendo o conceito de que uma das principais razões da preservação de sítios patrimoniais se fundamenta em seu caráter educativo, visando a assegurar que seu valor e significado estejam acessíveis e inteligíveis a todos. Assim, todos os esforços para a conservação dos bens do patrimônio cultural devem objetivar o incremento do entendimento daqueles que o visitam ou que vivem em seu espaço físico. O caminho mais efetivo para tornar estes valores conhecidos é a experiência direta de visita que pode ser conseguido por meio do turismo cultural. (COSTA, 2009, p. 81).

Os resultados do turismo jamais podem se reduzir a aumento de cifras no curto prazo. A atividade turística tem que se desenvolver sem comprometer a cultura e os estilos de vida das comunidades anfitriãs. Nesse sentido, a compreensão dos significados do patrimônio que é apresentado aos turistas deve envolver tanto a população receptora quanto os visitantes. A busca pelo modo equilibrado e sensato de exposição do patrimônio talvez seja um dos grandes desafios para o segmento do turismo histórico-cultural. Desse modo:

em todo o mundo, visitas a bens patrimoniais são consideradas uma das melhores soluções disponíveis para a aquisição do capital cultural necessário para que indivíduos reafirmem seu vínculo a determinada classe cultural. (COSTA, 2009, p. 82).

Apesar de que cada vez mais o número de pessoas que desfrutam do turismo tenha aumentado, ainda existe uma parcela substancial, a base da sociedade brasileira, que está excluída da prática turística. Em um país com as dimensões geográficas do Brasil, é fundamental que a população receba uma educação formal com saberes escolares que vão da matemática ao português, passando pela história, geografia, línguas e ciências. Além disso, é fundamental que a educação também aconteça pelo viés cultural. Os diferentes setores sociais brasileiros têm que ter contato com a música, a dança, o teatro, o cinema, a culinária e a religião, dentre outros aspectos da cultura do nosso país. Assim, uma formação que combine o conhecimento formal com a vivência cultural fará com que os brasileiros contribuíssem de forma consciente para apresentar o país aos turistas tão ávidos em conhecê-lo.

Conclusão

O patrimônio histórico-cultural de um lugar é algo vivo, dinâmico e que não pode se limitar a ser compreendido pela perspectiva das autoridades locais, que decidem o que será preservado e o que será condenado ao esquecimento eterno.

Portanto, observe que a população em geral de uma localidade tem papel protagonista naquilo que verdadeiramente deve ser reconhecido como patrimônio histórico-cultural. Para tanto, não são necessárias ações ruidosas. Muitas vezes, de forma silenciosa, a população abandona um espaço por não reconhecer mais ali a sua tradição, isto é, o espaço de manifestação de seus costumes e de sua cultura. Muitas vezes, de forma espontânea, outros locais passam a ser criados como espaços culturais representativos. Aqui está o aspecto sedutor de mergulhar na cultura de um local: o movimento faz com que, no caso, atrativos turísticos se renovem e, cada vez mais, possam atrair os turistas para visitá-los.

Por isso, as modificações impostas pelos governos com o intuito de ordenar o patrimônio – através da reforma de prédios históricos, or-

ganização de celebrações e demais imposições – não serão necessariamente assimiladas pelos residentes. Nesse sentido, lembremos a consideração precisa de Manoel Bandeira: “O povo é caprichoso em suas preferências e nunca se lhe compreendem bem as razões por que aceita ou refuga certas mudanças.” (BANDEIRA, 1965, p. 49).

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3

Acompanhe uma recente matéria jornalística referente a Gilberto Freyre e, a seguir, responda à atividade:

Existia o Gilberto Freyre escritor e antropólogo. E existia o Gilberto Freyre glutão, como ele mesmo brincava. Apesar de bem menos conhecido, este viés influenciou seus textos, suas descrições de culturas e de perfis. Comentou, por exemplo, como os tatuados de Guiné se pareciam com bolos de chocolate decorados, e ainda como as pedras do Mosteiro da Batalha, em Portugal, lembravam pedaços de carne. [...] Quando escreveu, em 1939, o livro de receitas “Assucar” [Açúcar], recebeu críticas dos seus pares intelectuais, como se culinária fosse algo fútil e só para mulheres. Isso não fez com que Freyre balançasse: em 1951, escreveu o artigo “Mapa culinário do Brasil” para a revista *O Cruzeiro*, no qual contou que vinha “há anos tentando organizar um mapa culinário do Brasil em que se exprima a geografia não da fome, mas da velha e autêntica glotoneria [excesso, voracidade] brasileira”. Ele começaria com o sarapatel de tartaruga do Amazonas e iria até o churrasco sangrento à moda do Rio Grande do Sul, acompanhado por mate amargo. **Ele enchia a boca para dizer que a maior glória brasileira era a cozinha.** No “Manifesto Nacionalista”, comentou que ficava mais cheio de confiança no futuro do Brasil quando provava o cozido ou peixe de coco com pirão, ou sentia o cheiro do mungunzá [espécie de mingau feito de milho branco com leite e leite de coco, temperado com açúcar e canela], do que quando ouvia o hino nacional.

Disponível em: <http://ela.oglobo.globo.com/vida/livro-mostra-lado-gourmand-de-gilberto-freyre-que-idolatrava-cozinha-brasileira-8855442#ixzz2XhtywLfD>. Acesso em: 1 jul. 2013.

A partir da perspectiva tanto do desenvolvimento do turismo quanto da preservação do patrimônio histórico-cultural, quais os argumentos que você apresentaria para justificar a frase de Gilberto Freyre destacada no texto? (“Ele enchia a boca para dizer que a maior glória brasileira era a cozinha.”)

Resposta comentada

Na atualidade, no desenvolvimento do turismo, um dos segmentos que mais tem se destacado é o turismo histórico-cultural. A diversidade do patrimônio cultural do Brasil pode ser observada por vários aspectos, na qual destacamos a culinária. Na viagem pelo Brasil, seja, por exemplo, pelo Rio de Janeiro ou pelo sul da Bahia, o turista sente-se atraído pela diversidade de pratos, temperos e bebidas disponíveis no nosso país.

Certamente, provar as iguarias locais significa mergulhar na herança portuguesa, africana ou indígena da história do Brasil. Nesse sentido, Gilberto Freyre procurou sintetizar essa multiplicidade cultural a partir da valorização da cozinha brasileira, podendo significar importante elemento de contribuição para a preservação do patrimônio histórico-cultural, reconhecendo sua importância para o Brasil.

Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Procuramos debater o patrimônio histórico-cultural por outra perspectiva. Reconhecemos a importância das listas e dos documentos de bens do patrimônio histórico-cultural produzidos por instituições como, por exemplo, o Iphan e a Unesco. Todavia, o envolvimento da população anfitriã nesse processo dinâmico do patrimônio de um país traz novas cores ao debate.

Em primeiro lugar, apresentamos dois exemplos dentre as múltiplas facetas do patrimônio histórico-cultural no Brasil, isto é, os bares cariocas e as tradições do sul da Bahia a partir da obra de Jorge Amado. Na vida e no trabalho do escritor baiano, encontramos os elementos que conferem sentido à narrativa cultural e turística da região de Ilhéus, fornecendo símbolos para a configuração da identidade regional. Por sua vez, apesar da oficialização de alguns bares do Rio de Janeiro como patrimônio cultural da cidade, os cariocas podem frequentar novos espaços e transformar outros botequins em legítimos espaços populares de manifestação da cultura local.

Em segundo lugar, o desenvolvimento da atividade turística deve ter ligação direta com o reconhecimento do patrimônio histórico-cultural. A restauração de prédios históricos é um importante passo para o crescimento do turismo cultural. Todavia, existem problemas sociais locais (tráfico de drogas e prostituição) que cercam essas construções arquitetônicas que devem receber atenção, uma vez que podem ameaçar o projeto de revitalização do patrimônio histórico-cultural. Além disso, como garantia, um plano de salvaguarda deve ser estabelecido, como, por exemplo, a valorização dos sistemas de alimentação.

Por fim, a preservação do patrimônio histórico-cultural do Brasil tem uma possibilidade concreta de contribuir para o desenvolvimento do caráter educativo, que visa a assegurar que seu valor e significado estejam acessíveis e inteligíveis tanto às comunidades anfitriãs quanto aos turistas.

Aula 4

Turismo histórico-cultural e museus:
um diálogo em construção

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Analisar os museus, com destaque para o conteúdo de seus acervos e as estratégias de comunicação e de divulgação que contribuem para o desenvolvimento do turismo, realçando as iniciativas existentes no estado do Rio de Janeiro.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender a importância dos museus como atrativos turísticos no segmento do turismo histórico-cultural;
2. analisar os programas educativos desenvolvidos pelos museus do estado do Rio de Janeiro como possibilidade de comunicação e divulgação de seus acervos e serviços, contribuindo para o desenvolvimento da atividade turística;
3. apresentar o exemplo bem-sucedido do Museu do Homem Americano (museu a céu aberto) como possibilidade de referência na valorização do patrimônio arqueológico existente no estado do Rio de Janeiro.

Introdução

Para Patrícia de Camargo e Gustavo da Cruz, no turismo cultural, os museus fazem parte dos recursos de primeira grandeza. Além disso, com o passar do tempo, esses locais passam a estabelecer interfaces importantes com a educação e, também, contribuem para o desenvolvimento da cidadania nas diferentes partes do mundo (CAMARGO; CRUZ, 2009, p. 20). Mas, afinal, como podemos definir os museus? Em linhas gerais, podemos considerá-los como instituições nas quais estão reunidos, a partir de classificação prévia dividida em coleções, os objetos que apresentam interesse histórico, técnico, científico e, sobretudo, artístico, para determinado povo.

Os museus têm dupla finalidade. Em primeiro lugar, zelar pela conservação desses objetos, garantindo condições propícias para sua preservação. Em segundo lugar, oferecer situação propícia para que o público em geral tenha acesso, por exemplo, a horários de funcionamento e condições de acessibilidade, bem como condições de apreciar o **acervo** disponibilizado. Nesse sentido, as exposições têm que ser montadas com caráter explicativo e didático para que o grande público possa compreendê-las.

De acordo com Denise Gomes, com o passar dos anos, a relação entre o turismo e os museus está sendo ricamente construída e, para tanto, destacam-se a existência de acervos consagrados, o trabalho dinâmico desenvolvido pelos museus e as estratégias de marketing direcionadas ao turismo. Portanto, os museus devem ser compreendidos como locais que abrigam objetos importantes para a história de um povo e também como locais nos quais seus visitantes possam apreciar as marcas do patrimônio, destacando as origens culturais e compartilhando a experiência com pessoas das mais diversas procedências. A relação entre museus e turismo pode gerar muitos frutos e, para tanto, é necessário haver investimentos por parte dos museus, das comunidades e dos setores ligados ao turismo (GOMES, 2009, p. 27-34).

Muitos autores consideram os museus como atrativos importantes para o turismo com vocação cultural. É interessante destacar que os especialistas asseguram que essas instituições atraem muitos visitantes e, simultaneamente, geram grandes benefícios. A partir de projetos educativos estabelecidos por parcerias diversas, os museus passam a ser polos atrativos para diferentes públicos. O residente, o turista nacional e o turista estrangeiro, motivados por diferentes questões, percebem nos museus um espaço importante a ser frequentado.

Acervo

“Conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação.”

Fonte: Dicionário Eletrônico
Hoaiuuais de Língua
Portuguesa.



Figura 4.1: O Museu da República, na cidade do Rio de Janeiro, funciona no Palácio do Catete. Esse prédio, que foi sede do poder republicano entre os anos de 1897 e 1960, tem a arquitetura neoclássica com fachada revestida de granito e mármore rosa e portais emoldurados por mármore branco.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pal%C3%A1cio_do_Catete_-_Museu_da_Rep%C3%BAblica.jpg?uselang=pt-br.

Turismo Histórico-Cultural: os museus como atrativos turísticos

No segmento do Turismo Histórico-Cultural, os museus são percebidos como atrativos turísticos. Nesta seção, vamos falar sobre recursos materiais e humanos que incrementam as visitas aos museus, a partir da perspectiva do turismo.

Entre visitas, exposições, livros e panfletos: o museu através do turismo

Segundo afirma Denise Maria Cavalcante Gomes, o Brasil possui museus históricos, de arte, de arqueologia e de ciência que estão de acordo com o perfil mais tradicional desse tipo de instituição. Em termos turísticos, uma visita a um desses locais tanto pode ser motivada pelo valor arquitetônico do prédio que abriga o museu quanto pelo acervo existente ali. Acompanhem o fragmento a seguir:

Nossos museus [brasileiros] possuem acervos preciosos, mas em muitos casos subaproveitados, uma vez que grande número de instituições atua à margem dos princípios museológicos. Por outro lado, a

ausência de incentivo e de divulgação mais agressiva cria um círculo vicioso, que afasta o turista dos museus e ao mesmo tempo impede que o museu se reestruture para atingir um público mais amplo. A nosso ver, aqui reside um potencial para ser explorado (GOMES, 2012, p. 28).



Princípios Básicos da Museologia

Museus são bens culturais de uso público que precisam ser mantidos, organizados e preservados em ação conjunta com a sociedade e o governo. São muitas as necessidades que assolam alguns museus para um desempenho satisfatório. As carências subsistem desde recursos humanos, materiais e financeiros até a falta de conhecimento básico dos responsáveis pela conservação, exposição e elaboração do plano museológico dessas instituições. A partir da criação da Lei 7287/84, que regulamenta a profissão do museólogo, têm-se promovido muitos movimentos em prol da nova Museologia, com a finalidade de tornar mais visível a função dos museus. São encontros, seminários, congressos, fóruns e muitas reuniões onde se congregam entidades museológicas de todo o país, com a finalidade de se discutir e traçar metas para o desenvolvimento das práticas museais e chegar a um denominador comum para a aplicação de políticas museológicas nos estados brasileiros.

Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABojcAK/principios-museologia>. Acesso em: 28 nov. 2013.

Esse potencial pode ser aproveitado pelo turismo. Cada vez mais são utilizados os recursos materiais e humanos, incentivando as visitas nos museus e atendendo tanto aos turistas, quanto aos residentes. Nesse sentido, panfletos impressos bilíngues são disponibilizados na recepção de alguns museus como forma de facilitar a comunicação com aqueles que dominam outro idioma. Os recursos visuais que acompanham os pequenos textos existentes nos panfletos ajudam o visitante local ou estrangeiro a se aproximar do universo a ser visitado.

Outro recurso material disponibilizado ao visitante são os fones com gravações em outras línguas, para visitas auditivas guiadas a partir de um roteiro sugerido. Normalmente, os turistas requisitam esse serviço oferecido em um idioma que dominem, auxiliando na compreensão do acervo e das informações técnicas referentes ao museu visitado.

Os livros de arte que apresentam o acervo permanente do museu, bem como alguns títulos dedicados às exposições temporárias, funcionam como atrativos para os visitantes. Muitas vezes, esses títulos são comercializados em livrarias e/ou lojas localizadas nas dependências do museu. Essa forma de divulgação muitas vezes encontra como obstáculo o preço dos livros, principalmente os de arte, que afastam os possíveis leitores.

A facilidade do acesso ao museu também pode ser decisiva para que cada vez mais pessoas visitem o local. Assim, a existência de bicicletário, a circulação de diferentes linhas de ônibus nas proximidades, a disponibilidade de ponto de táxi e estacionamento colaboram para o deslocamento do visitante. Somado a isso, a existência de restaurante e lanchonete sempre contribui como alternativa de serviço para os visitantes.

Vamos apresentar o exemplo de um museu que marca a história republicana brasileira. De acordo com a Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro), o Palácio do Catete foi transformado em Museu da República após a mudança da Capital Federal para Brasília, ocorrida em 1960. O local, além de uma intensa agenda cultural, conta ainda com livraria, bar, restaurante, loja de variedades e um belo jardim, ideal para passeios no final da tarde ou até mesmo momentos de descanso. Assim, o Museu da República adquiriu a condição de atrativo turístico e também de local de lazer para aqueles que vivem ou estão na cidade do Rio de Janeiro. Os jardins e a área externa verde do museu são espaços agradáveis para passeios com a família e/ou amigos, para caminhadas e prática de atividades físicas voltadas para a terceira idade e as crianças.

Na história da República brasileira, o local serviu de palco de um trágico acontecimento: o suicídio do presidente Getúlio Vargas (saiba mais no boxe de curiosidade), ocorrido em 24 de agosto de 1954.



No círculo próximo a Vargas, crescia a convicção de que [o deputado Carlos] Lacerda incomodava demais e que precisava ser retirado da cena política. Aqui começou a contagem regressiva para, em agosto de 1954, o suicídio de Getúlio. A campanha de oposição ao governo tornou-se mais intensa com a proximidade das eleições legislativas. O golpe de misericórdia para crise política ficou conhecido como o Atentado da Toneleros, direcionado contra Carlos Lacerda, mas que vitimou o major Rubens Florentino Vaz, que integrava um grupo de oficiais da Aeronáutica que realizava a segurança do jornalista. Apenas com um ferimento no pé, Lacerda soube explorar muito bem, através da imprensa, o episódio, ao responsabilizar o governo pelo atentado. Em 9 de agosto, Lacerda assinou um violento editorial exigindo a renúncia de Vargas e tentando obter da Aeronáutica adesão para a causa. A partir de então, os interrogatórios passaram a ser feitos na base aérea do Galeão (Ilha do Governador), o que originou a expressão República do Galeão. A apuração do caso permitiu a confirmação do envolvimento da guarda pessoal do presidente no atentado. A solução da situação parecia apontar três possibilidades: a resistência de Vargas em permanecer no poder, o afastamento temporário até a conclusão dos trabalhos de investigação ou a renúncia definitiva. Entretanto, Vargas surpreendeu a todos realizando sua jogada definitiva, ou seja, isolado politicamente e na iminência de ser deposto, Getúlio suicidou-se em 24 de agosto de 1954, no palácio do Catete, com um tiro no coração. (BORGES; BRITO, 2011, p. 144-145).



Figura 4.2 : Interior do Museu da República (bairro Catete, no Rio de Janeiro).
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_da_Rep%C3%BAblica.jpg?uselang=pt-br.

Para o visitante – o turista nacional ou estrangeiro e o residente –, conhecer o quarto de Getúlio Vargas e observar a preservação dos móveis, a camisa manchada de sangue do pijama e os objetos que estavam na cena é considerado sempre um momento destacado no percurso de visita. Todavia, o Museu da República tem muito mais a oferecer. Em 2011, a instituição lançou a exposição *Res publica* (saiba mais no box explicativo), acompanhada de palestras gratuitas com professores universitários especializados nos diferentes momentos da República no Brasil e abertas ao público. Frequentemente, as pessoas que visitavam o Museu da República apreciavam a exposição e tinham, ainda, a oportunidade de acompanhar as reflexões de especialistas. Assim, era possível uma programação completa e diversificada.



A Res Publica

A Res Publica é uma exposição permanente do Museu que trata do período republicano brasileiro, desde 1889 até os dias de hoje. Seus idealizadores dividiram-na em seis períodos, considerando a cronologia política tradicional: a República Proclamada (1889-1898), a República Oligárquica (1898-1930), a República Nacional-Estatista (1930-1945), a República Liberal-Democrática (1946-1964), a República da Ditadura (1964-1985) e a República Cidadã (1986...).

Na apresentação da exposição, a curadora Maria Helena Versiani preocupa-se em “descortinar as várias paisagens republicanas do Brasil” a fim de uma “melhor compreensão dos nossos desafios passados, presentes e futuros”. Reconhece que, ao longo de pouco mais de um século, a República, a “coisa pública brasileira” serviu a diferentes interesses e práticas, “tanto democráticas quanto autoritárias”.

Em toda a exposição predominam, entre os objetos, quadros, fotografias e cartazes, chegando, em algumas salas, a representar quase a totalidade dos objetos expostos. A exposição concentra-se nos aspectos políticos da(s) República(s) brasileira(s) e, por conseguinte, dá grande destaque à cidade do Rio de Janeiro, a capital da República até 1960. Outra figura de grande relevância é o presidente Getúlio Vargas, que, além de possuir o seu quarto musealizado, tem enorme relevância na exposição da sala da República Nacional-Estatista.

Em termos historiográficos, a exposição não segue apenas uma corrente de pensamento, tramitando entre diferentes perspectivas, desde as mais tradicionais até as que atualmente se discutem na academia [Universidade]. Entretanto, em alguns pontos, entra em contradição por justamente apresentar mais de uma perspectiva historiográfica na mesma sala. Quanto aos textos explicativos espalhados pelos painéis dos ambientes da exposição, pode-se afirmar que priorizam o estilo factual de se escrever história.

Disponível em: <http://museudarepublica.blogspot.com.br/p/a-res-publica.html>. Acesso em: 30 nov. 2013.

Vamos acrescentar mais um item à condição do museu como atrativo turístico: a visita virtual. Os especialistas em turismo têm opiniões diferentes sobre a visita virtual como uma possibilidade turística. Alguns defendem essa opção e outros a rechaçam violentamente.

Nesta aula, não pretendemos debater a questão, mas mencioná-la como forma de não ignorar uma realidade possível. Nesse sentido, há o site Era Virtual Museus (saiba mais no box multimídia), que apresenta, a partir de quatro estados brasileiros (Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e Rio de Janeiro), visitas a diferentes museus. A experiência é muito interessante e em um mundo marcado por questões de mobilidade como voos lotados, insuficiência de ferrovias, estradas mal conservadas e tudo mais, a visita virtual talvez seja uma possibilidade diante desses problemas. A polêmica está colocada.



Era Virtual Museus

No caso do estado do Rio de Janeiro, quatro museus podem ser visitados de forma virtual: Museu da República, Casa da Ciência, Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e Biomas do Brasil – Rio+20.

Para saber mais sobre as visitas virtuais aos museus, acesse o *site*: http://www.eravirtual.org/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=111&Itemid=28.

Museu de Arte do Rio (MAR) e o Turismo

Em 2013, duas importantes ações contribuíram, com certeza, para as aproximações em museu e turismo. Nos primeiros meses do ano, foi inaugurado o Museu de Arte do Rio (MAR) (saiba mais no box multimídia) nas proximidades da Praça Mauá e da região portuária da cidade.



Museu de Arte do Rio (MAR)

O Museu de Arte do Rio promove uma leitura transversal da história da cidade, seu tecido social, sua vida simbólica, conflitos, contradições, desafios e expectativas sociais. Suas exposições unem dimensões históricas e contemporâneas da arte por meio de mostras de longa e curta duração, de âmbito nacional e internacional. O museu surge também com a missão de inscrever a arte no ensino público, por meio da Escola do Olhar.

O MAR está instalado na Praça Mauá, em dois prédios de perfis heterogêneos e interligados: o Palacete Dom João VI, tombado e eclético, e o edifício vizinho, de estilo modernista – originalmente um terminal rodoviário. O antigo palacete abriga as salas de exposição do museu. O prédio vizinho é o espaço da Escola do Olhar, que é um ambiente para produção e provocação de experiências, coletivas e pessoais, com foco principal na formação de educadores da rede pública de ensino.

Como recomenda a Unesco, o MAR tem atividades que envolvem coleta, registro, pesquisa, preservação e devolução à comunidade de bens culturais – sob a forma de exposições, catálogos, programas em multimeios e educacionais. Com sua própria coleção – já em processo de formação por meio de aquisições e doações correspondentes à sua agenda –, o MAR conta também com empréstimos de obras de algumas das melhores coleções públicas e privadas do Brasil para a execução de seu programa.

Disponível em: <http://www.museudeartedorio.org.br/>.

O MAR inova em vários aspectos. Em primeiro lugar, suas instalações apresentam dois prédios interligados que permitem o diálogo arquitetônico entre presente e passado. Em segundo lugar, estabelece visitas guiadas nas redondezas a partir de parcerias que têm o próprio museu como ponto de partida e de chegada. Tanto turistas quanto residentes podem participar da atividade gratuita, guiada por universitários de diversos cursos de graduação que, frequentemente, dominam outro idioma, facilitando a comunicação com estrangeiros.



Figura 4.3: Palacete D. João VI, na Praça Mauá (centro da cidade do Rio de Janeiro), onde hoje funciona o Museu de Arte do Rio (MAR). Foto de 6 de fevereiro de 2010.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/23/Palacete_Dom_Jo%C3%A3o_VI_01.jpg?uselang=pt-br.

A segunda importante ação que contribuiu para a aproximação entre museu e turismo foi o lançamento do livro *Museus RJ: um guia de memórias e afetividades*. A publicação é bilíngue, com textos em português e em inglês lado a lado. Para o turista que não domina o português, esse livro é uma importante ferramenta para divulgação e convite à visita aos museus do estado do Rio de Janeiro. Acompanhemos como esse guia apresenta o MAR:

O museu procura unir as dimensões histórica e contemporânea da arte por meio de exposições de curta e longa duração, de natureza nacional e internacional, ainda tendo uma dimensão educativa, representada pela Escola do Olhar. [...] Ainda conta com o Vizinhos do MAR, que visa estimular a participação e o envolvimento dos moradores do entorno do museu (Saúde, Gamboa e Santo Cristo). Pretende ser um espaço de produção de sentidos, que deve ser apropriado por todos os visitantes. O MAR aborda, assim, não só processos históricos, mas também as próprias transformações do espaço urbano. Essas transformações envolvem não somente os bens imóveis, como também a cultura e as pessoas da região e da cidade. (MUSEUS RJ, 2013, p. 24).



Projeto “Museus do Rio”

A Coordenação do Projeto ‘Museus do Rio’ é do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) ‘Memória, Cultura e Patrimônio’, sob a liderança da antropóloga Regina Abreu, com apoio da Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), no âmbito do Edital Pensa-Rio (Apoio ao Estudo de Temas Relevantes e Estratégicos para o Estado do Rio de Janeiro). Tem como parceiros a Escola de Museologia da Unirio, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a Associação Brasileira de Museologia (ABM), o Sistema Estadual de Museus do Rio de Janeiro e o Sistema Municipal de Museus do Rio de Janeiro.

A sede do Projeto ‘Museus do Rio’ fica no Laboratório de Memória e Imagem do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio, na Av. Pasteur, 458, Urca, Rio de Janeiro.

O Projeto ‘Museus do Rio’ está aberto à participação da comunidade museológica, de entidades da sociedade civil, pesquisadores, professores, instituições governamentais e não governamentais, em suma, pessoas físicas e jurídicas mobilizadas pela enorme potencialidade da memória, dos museus, da cultura e do patrimônio para alavancar política, econômica e socialmente o estado do Rio de Janeiro. Contatos podem ser feitos pelo email museusdorio@gmail.com.

O *site* <http://www.museusdorio.com.br/joomla/> apresenta o estado do Rio de Janeiro a partir de suas principais regiões: Médio Paraíba, Costa Verde, Centro Sul, Metropolitana, Serrana, Litorâneas, Norte Fluminense e da cidade do Rio de Janeiro. Acesse-o e descubra a potencialidade de museus que a sua região oferece.

da região portuária. Construído entre 1913 e 1918 para sediar a Inspetoria de portos, rios e canais, até a década de 1980 foi usado por várias empresas e autarquias. Degradou-se até ser definitivamente abandonado e, após reforma estrutural, transformou-se no MAR. As instalações dos dois edifícios contam com oito salas de exibição, auditório, biblioteca e um mirante. Esse espaço faz parte do patrimônio cultural e histórico do Rio de Janeiro e, através do seu acervo permanente e de suas exposições temporárias, consolida-se como atrativo turístico. Nesse sentido, os residentes passam a (re)conhecê-lo como um espaço de referência da sua cidade, após a revitalização do local, e os turistas nacionais e estrangeiros têm mais uma alternativa de contato com a cultura carioca.

Museus do estado do Rio de Janeiro: exemplos de programas educativos

Muitos museus do estado do Rio de Janeiro desenvolvem programas educativos. Nesta seção, vamos tratar desses locais dedicados a conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro, a partir da perspectiva das tradições e das manifestações artísticas. Assim, vamos apresentar dois exemplos: o Museu Imperial, em Petrópolis, e o Museu Casa da Hera, na cidade de Vassouras.

Museu Imperial

Criado em 29 de março de 1940 e inaugurado três anos depois, o Museu Imperial funciona na antiga residência de verão do imperador do Brasil, D. Pedro II, no Palácio Imperial de Petrópolis. Sua criação está relacionada à primeira política do Estado brasileiro para os museus nacionais, durante o governo Vargas.

O palácio e o museu são importantes referências na cidade de Petrópolis e, segundo estimativas locais, recebem, em média, trezentas mil pessoas por ano. O palácio abriga também acervos bibliográficos (livros, periódicos, recortes de jornais, catálogo etc.) e arquivísticos (documentos diversos). No museu, entre os objetos mais apreciados no circuito da visita estão a coroa, o cetro (bastão de comando da autoridade real) e o traje imperial.



Figura 4.4: Fachada do Museu Imperial, no centro da cidade de Petrópolis.
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_Imperial_01.jpg.

De acordo com o site Museus do Rio:

Hoje, o Museu Imperial preocupa-se em ser referência na área de políticas públicas relacionadas à museologia e à disseminação de suas práticas pelos museus do município e da Região Serrana.

Diversos projetos desenvolvidos pelas equipes do museu visam à capacitação e à sensibilização do visitante para além dos objetos expostos, como é o caso do projeto “Museu que não se vê”, que promove a visita aos “bastidores” do museu: Arquivo Histórico, Biblioteca, Setores de Museologia/Reserva Técnica e Laboratório de Conservação e Restauração. Investe em publicações que contribuem para a pesquisa e a divulgação do conhecimento; assim como na digitalização e disponibilização de seu acervo.

Disponível em: http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=63:museu-imperial&Itemid=218#sobre_o_museu). Acesso em: 28 dez. 2013.

Vamos mencionar aqui duas iniciativas do Museu Imperial de projetos educacionais. Na primeira, a instituição procura estabelecer um canal de comunicação com os professores através do serviço *on-line Janela do professor*. Assim, os educadores são reconhecidos como importantes interlocutores no trabalho educacional desenvolvido por aquela instituição. Neste sentido, algumas possibilidades são apresentadas ao

professor como uma maneira de auxiliá-lo na programação extraclasse. O professor pode apresentar para as suas turmas, por exemplo, a finalidade educativa da visita ao Museu Imperial, o que pode ser feito ali com os alunos ou, ainda, as abordagens temáticas a partir do acervo da instituição. Observe que o professor tem ali elementos que podem contribuir para o planejamento da visita, para o momento da realização da visita e, já no retorno à sala de aula, para a reflexão após a ida ao Museu Imperial.

A segunda iniciativa do Museu Imperial é conhecida como *Sarau Imperial* e é uma possibilidade ofertada ao visitante ao término do percurso, quando ele é convidado a assistir a uma dramatização interativa de uma atividade típica de lazer do século XIX, período da monarquia no Brasil. Durante a encenação, o visitante pode ter contato com poesias da época, declamadas pelos atores, que também apresentam conversas sobre assuntos sociais, econômicos, políticos e culturais daquele período.

Essa iniciativa deve ser valorizada, pois o conteúdo da dramatização foi retirado da correspondência particular da família imperial que integra o acervo da instituição, permitindo que o público tenha contato indireto com os documentos guardados nos arquivos da instituição. Portanto, o material arquivístico ganhou vida e não ficou apenas guardado nas prateleiras e estantes de alguma sala esperando ser consultado por especialistas. Dessa forma, o Museu Imperial criou uma maneira agradável de tornar educativa a visita, que não se limita a conhecer espaços e objetos da monarquia do Brasil como tradicionalmente estamos acostumados, criando uma possibilidade de interação entre público, acervo e arquivo.

Os diferentes personagens históricos do período estão presentes na encenação, tendo destaque a princesa Isabel, filha de D. Pedro II, e a **condessa de Barral**. Vale destacar que há um pianista em cena, acompanhado por cantores, executando composições da época.

Esse concerto musical noturno oferecido ao visitante do museu aproxima o conjunto de bens que integram o patrimônio da instituição do público diverso (professores, estudantes ou pessoas em geral).

Os ensinamentos produzidos nessa experiência são múltiplos e podem servir de referencial para outros museus espalhados pelo estado do Rio de Janeiro. Assim, estamos diante de importante iniciativa, que pode atrair turistas nacionais e estrangeiros em programações dinâmicas nas visitas aos museus estaduais.

Condessa de Barral

Luísa Margarida Portugal e Barros, a condessa de Barral, manteve durante trinta anos um relacionamento lendário com o Imperador do Brasil, D. Pedro II, ocupante do trono brasileiro entre 1840 e 1889. Porém, muito mais do que uma simples amante, esta filha de um senhor de engenhos apaixonado pelas letras foi uma das figuras femininas mais originais e interessantes de seu tempo. Saiba mais em: <http://marydelpriore.com.br/livros>.



No site do Museu Imperial, você tem acesso a obras digitalizadas, tour virtual, dados sobre seu histórico e seus personagens, dentre outras informações relevantes sobre um importante período da história do Brasil. Saiba mais acessando o *link*: <http://www.museuimperial.gov.br/index.php>.

Museu Casa da Hera

O Museu Casa da Hera e a Chácara da Hera fazem parte do patrimônio tombado da cidade de Vassouras (RJ) e desde 2009 estão sob a guarda do Instituto Brasileiro de Museus. Nesse espaço, é possível observar iniciativa que articula a história com as ações educativas. De acordo com o *Guia Cultural do Café*:

O casarão de 1830, com suas paredes externas cobertas de hera, foi transformado em museu há 45 anos. O rico mobiliário, com quadros e objetos de época distribuídos em variados salões, é muito bem sinalizado e pode ser apreciado individualmente ou com a explicação de guias do próprio museu, que *explicam detalhes históricos em até cinco idiomas*. A área externa, conhecida como Chácara da Hera, engloba mais de 30 mil metros quadrados de vegetação exuberante, que inclui uma passagem de bambus conhecida como Túnel do Amor. O atrativo faz parte do circuito de visitação e atrai frequentadores assíduos que adoram fazer caminhadas ecológicas ou usar o espaço para um agradável piquenique. *A instituição realiza excelentes projetos educativos, como o Clube de Leitura Joaquim José Teixeira Leite, Cineclube Casa da Hera, Clube Postal, Contar e Brincar Histórias – com a escritora Gilda Meirelles –, Viva a Cultura Popular – com oficinas, apresentações e troca de culturas – e o Ecoclube Manoel da Silva Rebello, que proporciona vivências para a educação ambiental e um futuro sustentável, que inclui o cultivo e a manutenção de uma horta criativa (GUIA CULTURAL DO VALE DO CAFÉ, 2013, p. 72, grifo do autor).*

Observem os trechos que destacamos na citação anterior. Em primeiro lugar, o local oferece um serviço diferenciado que possa envolver o turista internacional na visitação, com traduções em até cinco línguas estrangeiras. Em segundo lugar, a instituição procura potencializar as suas diferentes áreas ao apresentar diferentes projetos educativos, tais como o *Clube de Leituras*, com incentivo ao hábito da leitura para diferentes pessoas, a projeção de filmes na programação do Cineclube, a valorização da cultura popular local com a realização de atividades diversas e a criação do *Ecoclube*, com ações que valorizam a integração do homem com a natureza. Dessa forma, a ida ao local não se limita a conhecer o interior do Museu da Casa da Hera, mas também todo o espaço ao redor, garantindo dinamismo aos visitantes residentes, turistas nacionais e estrangeiros. Essa rica iniciativa pode servir de referencial para outros museus do estado do Rio de Janeiro.



Figura 4.5: Fachada do Museu Casa da Hera, que está localizado no centro da cidade de Vassouras.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_Casa_da_Hera_01.jpg?uselang=pt-br.

Vale destacar que todas atividades da Casa da Hera são gratuitas e abertas ao público. Como canal de comunicação, a instituição mantém atualizado seu blog oficial.



O *blog* da Casa da Era traz informações importantes sobre o local e sua agenda cultural como, por exemplo, a programação de atividades para as crianças nas férias de verão. Publica também informações que podem auxiliar no planejamento da visita (mapas de localização, transportes e horário de funcionamento), notícias sobre a história de Vassouras (com destaque para o plantio do café na região) e a linha do tempo (com realce para o século XIX e a família Teixeira Lopes).

O *blog* também veicula notícias institucionais (pesquisas acadêmicas, programação cultural, ofertas de estágios etc.), dentre outros assuntos que possam interessar aos visitantes.

Para saber mais sobre a Casa da Hera, acesse o *blog* oficial: www.casadahera.wordpress.com

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Leia atentamente o fragmento a seguir e responda a atividade.

Reforçar o potencial turístico dos museus brasileiros é o objetivo do Programa de Qualificação de Museus para o Turismo, que está sendo lançado pelos ministérios do Turismo e da Cultura nesta segunda-feira [26 de agosto de 2008], no Rio [de Janeiro].

De acordo com informações do Mtur [Ministério do Turismo], o programa inclui ações como capacitação de profissionais, elaboração de guias, inserção dos museus nos circuitos de turismo cultural, renovação/inação de técnicas expositivas e a ampla divulgação dos museus.

Disponível em: <http://www.old.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?materia=20080825115424>. Acesso em: 20 nov. 2013.

A partir desse fragmento de matéria jornalística, responda como programas educativos desenvolvidos por museus do estado do Rio de Janeiro podem aproximar essas instituições do setor turístico?

Resposta comentada

Quando o Ministério do Turismo adota *Programa de Qualificação de Museus para o Turismo*, um importante passo foi dado no sentido de aproximar essas instituições do setor turístico. Vale realçar que esta iniciativa reconhece a necessidade de capacitar os protagonistas envolvidos no processo como, por exemplo, os professores, os guias turísticos e demais profissionais com objetivo de fortalecer e obter sucesso no programa.

A oferta de ferramentas tecnológicas, como os sites atualizados, ajudam na divulgação e na comunicação dos museus, com destaque para o foco direcionado ao turismo. Nesse sentido, os museus são compreendidos na sua multiplicidade (acervo histórico, arquivos existentes, o espaço geográfico circundante etc.) e diferentes serviços podem ser disponibilizados aos turistas, como audições em outros idiomas, visitas específicas e catálogos diferenciados que possam contribuir para a divulgação da multiplicidade cultural brasileira.

Ao oferecer programas educativos que envolvam os residentes bem como possibilidades diferenciadas aos turistas nacionais e estrangeiros, as instituições legitimam-se como espaços no segmento do turismo his-

tórico-cultural. Como exemplo deste modelo, podemos citar os museus Imperial e Casa da Hera.

Reflexões acerca das relações entre museus, sítios e parques arqueológicos através do olhar turístico

A partir do olhar turístico, a relação entre museus e arqueologia pode acrescentar nova perspectiva à discussão. Museu a céu aberto, parque arqueológico, sítio arqueológico. Como relacionar essas expressões ao debate acerca do turismo? Vamos por partes. Observemos o que afirmam Pedro Paulo Funari e Jaime Pinsky:

Em alguns países, a arqueologia constitui importante estimulador de viagens turísticas, como é o caso, talvez mais famoso, do Egito, tão visitado por interessados nos vestígios faraônicos. Também em nosso país [Brasil], a arqueologia pode constituir um atrativo turístico, em especial se considerarmos as raízes indígenas de nossa cultura e de nosso povo. Mais de um terço da população brasileira possui ascendência ameríndia e nossa língua, costumes, alimentos e muito mais estão impregnados de elementos indígenas. (FUNARI; PINSKY, 2012, p. 10).

Segundo José Luiz de Moraes, no universo patrimonial das comunidades, o patrimônio cultural, ambiental e paisagístico é acompanhado, também, pelo patrimônio arqueológico e tudo isso serve de impulso para qualquer iniciativa quando se trata de turismo nas cidades de pequeno e médio porte no Brasil. Neste capítulo, Moraes afirma:

O patrimônio arqueológico aqui tratado se refere, em especial, aos sítios indígenas e ao acervo decorrente das pesquisas feitas por instituições especializadas. Tais sítios são locais que contêm evidências humanas que relembram fatos do cotidiano daquelas populações do passado. O grande número de sítios arqueológicos tem provocado representativa identidade em alguns municípios brasileiros como Piraju – SP, São Raimundo Nonato – PI e Joinville – SC. Nesses casos, chegam a ser a base da vocação turística do município. Conservar o patrimônio é, portanto, do absoluto interesse das respectivas comunidades. (MORAIS, 2012, p. 98).

Museu do Homem Americano

Vamos nos concentrar no exemplo de São Raimundo Nonato, no Piauí, que abriga o Museu do Homem Americano. Em 1973, arqueólogos que trabalhavam numa das regiões mais pobres desse estado nordestino brasileiro encontram os primeiros vestígios do que viria a ser um dos mais importantes patrimônios arqueológicos do Brasil. Ainda na década de 1970, depois de muito trabalho de campo, os pesquisadores enviaram um relatório para Brasília valorizando a importância da região para a arqueologia, tanto para o conhecimento da pré-história brasileira, quanto para a preservação da caatinga e de um meio ambiente diferenciado e bem-conservado.

Vamos nos concentrar no exemplo de São Raimundo Nonato, no Piauí, que abriga o Museu do Homem Americano. Em 1973, arqueólogos que trabalhavam numa das regiões mais pobres desse estado nordestino brasileiro encontram os primeiros vestígios do que viria a ser um dos mais importantes patrimônios arqueológicos do Brasil. Ainda na década de 1970, depois de muito trabalho de campo, os pesquisadores enviaram um relatório para Brasília valorizando a importância da região para a arqueologia, tanto para o conhecimento da pré-história brasileira, quanto para a preservação da caatinga e de um meio ambiente diferenciado e bem-conservado.

Em 1979, o governo federal criou o Parque Nacional Serra da Capivara – localizado nos municípios de Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato – uma unidade de conservação arqueológica com uma riqueza de vestígios que se conservam durante milênios. O local apresenta vários atrativos, com destaque para gigantesco museu a céu aberto com fantásticas formações rochosas, nas quais se encontram sítios arqueológicos espetaculares que testemunham a presença de homens e animais pré-históricos em território brasileiro, em períodos muito anteriores do que se poderia imaginar. A criação do Parque Nacional contou com o importante trabalho da arqueóloga Niéde Guidon (saiba mais no box explicativo), que preside a Fundação Museu do Homem Americano, responsável pela administração do parque.



Para saber mais sobre a Fundação Museu do Homem Americano, acesse o *site*: <http://www.fumdam.org.br/>.



Figura 4.6: Letreiro do Museu do Homem Americano, no Piauí.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/54/Museu_do_Homem_Americano_01.jpg?uselang=pt-br



Niéde Guidon

Nasceu em 12 de março de 1933, na cidade Jaú (São Paulo), sendo descendente de franceses. Formada pela Universidade de São Paulo (USP) em História Natural, posteriormente especializou-se em Arqueologia Pré-Histórica pela Universidade Paris I, na Sorbonne (França). Ainda na década de 1960, tomou conhecimento do sítio arqueológico no Piauí. Desde 1973, Niéde Guidon integra a Missão Arqueológica Franco-Brasileira e seus estudos estão concentrados no Piauí, o que foi decisivo para a criação do Parque Nacional Serra da Capivara. “Niéde Guidon descobriu o esqueleto mais antigo do Brasil pertencente a uma mulher morta há 9.800 anos e encontrou 839 sítios pré-históricos, 426 dos quais em cavernas com pinturas rupestres, no Parque Nacional Serra da Capivara, no nordeste do Brasil, o único parque americano incluído na lista da UNESCO como patrimônio histórico mundial. Niéde Guidon criou várias estruturas de apoio às comunidades

loais que providenciam apoio social e médico assim como educação teórica e prática em Ecologia, pré-história e restauração”.

Disponível em: http://viveraciencia.org/index/index.php?option=com_content&view=article&id=138%3Aniede-guidon-brasil&catid=46%3Avidas-a-descobrir-biografias&Itemid=152&lang=pt. Acesso em: 29 dez. 2013.

Em 1991, a Unesco declarou a Serra da Capivara como Patrimônio Cultural da Humanidade. A responsabilidade de proteger e manter esse patrimônio levou à criação de uma enorme infraestrutura no Parque Nacional, o que permite a conservação dos sítios com arte rupestre, a proteção à fauna local e também o desenvolvimento do turismo.



Figura 4.7: Parte externa do Museu do Homem Americano, no Piauí.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Museu_do_Homem_Americano_02.jpg?uselang=pt-br

De acordo com Cleide Carvalho, em matéria jornalística publicada em 2013, o Parque Nacional da Serra da Capivara deverá integrar a Rede Nacional de Geoparques da Unesco. Para isso acontecer, as ações conjuntas deverão envolver as autoridades, as comunidades, as empresas locais e as entidades que possam contribuir com a conservação e o desenvolvimento sustentável da região.

Em linhas gerais, essa mudança permite uso e ocupação da área destinada ao desenvolvimento sustentável da região com os moradores envolvidos na conservação do patrimônio. A expectativa é de que a renda para a realização desse projeto seja oriunda do turismo. Todavia, os desafios são grandiosos:

Até hoje não ficou pronto o aeroporto do município de São Raimundo Nonato, cujas obras foram iniciadas há mais de 10 anos para facilitar o acesso turístico ao parque, localizado a 300 km de Petrolina (PE) e a 540 km de Teresina, capital do estado. Ou seja, ainda hoje para chegar até o paraíso cravado numa das áreas mais quentes do semiárido – a temperatura chega a 45 °C e a média da umidade relativa do ar é de 20%, muito próxima a de desertos – é preciso horas de estrada. (CARVALHO, 2013, p. 10).

Essa informação é desanimadora para o turismo, uma vez que, sem o aeroporto, o fluxo de turistas é menor que o esperado, tornando-se uma barreira para o desenvolvimento do potencial turístico das rochas esculturais que formam o conjunto das serras Talhada, Vermelha, Branca e Desfiladeiro da Capivara. Todavia, vamos acompanhar e acreditar que a nova etapa da Rede Nacional de Geoparques possa reverter essa situação de dificuldade de acesso ao destino turístico. Entretanto, o exemplo a ser observado na região está no fato de que:

A arqueóloga [Niéde Guidon] fez bem mais do que revelar pinturas e gravuras rupestres no lugar do que pode ter sido o berço do homem nas Américas. Buscou ajuda na Suíça para elaborar um projeto de desenvolvimento capaz de vencer a pobreza da região. Diante da farta presença de argila, a fabricação de cerâmica foi uma das alternativas apresentadas. A arte foi ensinada a alunos em cinco escolas criadas pela Fumdham [Fundação Museu do Homem Americano] nos municípios do entorno. Hoje, 29 artesãos – todos homens – dão forma a utensílios domésticos e peças de decoração que levam as gravuras rupestres presentes no interior do parque. [...] Enquanto homens moldam a argila, as mulheres fazem as camisetas com motivos do parque vendidas a turistas, operam o albergue e o restaurante instalados pela Cerâmica Serra da Capivara no sítio Barreirinho. A Fumdham também escolheu apenas mulheres para ocupar as guaritas do parque.

– Niéde foi dando trabalho às pessoas. Fez coisas que permitiram que elas vivessem sem precisar caçar – diz Raimunda da Silva Paes Landim, que trabalha no parque e mora no sítio do

Mocó, comunidade vizinha aos paredões da Pedra Furada, onde a maioria das pessoas tem sua renda vinculada ao projeto [...].

A presença de turistas inibe a invasão e fortalece a unidade. Temos 214 km de perímetro, nunca poderemos ter vigilantes em todo lugar. Quando vê algo errado, o turista avisa. Sem ele, os parques ficam fragilizados – explica [gestor do parque, Fernando Tizianel] (CARVALHO, 2013, p. 12).

Essa matéria jornalística é repleta de elementos importantes na articulação entre museus e turismo. A primeira preocupação da arqueóloga Niéde Guidon, ao reconhecer a potencialidade daquele sítio arqueológico, foi criar condições de garantir a permanência daquele residente do Piauí na região. Esse estado nordestino é um dos mais pobres do país e, comumente, sua população migra para outras regiões do país buscando novas possibilidades de sobrevivência.

A pesquisadora percebeu a solução da questão na argila existente ali, que levou à produção da cerâmica, posteriormente, comercializada. Além disso, houve a preocupação em passar esse ofício da cerâmica para as novas gerações e, para isso, nada melhor do que buscar a parceria com as escolas locais.

Por sua vez, com a criação do Parque Nacional da Serra da Capivara, as mulheres também passaram a desempenhar funções no projeto coordenado por Niéde Guidon. Por fim, ganhou espaço na imprensa e atraiu a atenção do setor turístico.

Vale ressaltar que a visitação a um museu com características tão diferenciadas, a céu aberto e de enormes dimensões, tornou a presença dos turistas fundamental para a fiscalização do local. A condição do turista como guardião do destino turístico visitado é um elemento que deve ser valorizado e, se possível, multiplicado para outros lugares do Brasil.

Cais do Valongo e Turismo: patrimônio arqueológico em debate

A cidade do Rio de Janeiro é um destino turístico e essa constatação é motivada por vários fatores. Para sediar eventos importantes como, por exemplo, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, várias obras foram realizadas. Em 2009, uma lei municipal criou uma operação de interesse urbanístico na Região Portuária da cidade, que tem como limites quatro

Cais da Imperatriz

Situado próximo a Praça Mauá, no centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo o “local de desembarque da princesa Teresa Cristina, que chegou de Nápoles em 1843 para se casar com D. Pedro II. Toda área foi urbanizada por Grandjean de Montigny, criando uma área monumental para receber a futura imperatriz”.

Fonte: <http://www.semprerio.com/area9>

Cais do Valongo

“O Cais do Valongo foi substituído pelo Cais da Imperatriz no século XIX, uma tentativa de apagar o antigo porto da história nacional. Pelo Cais passaram cerca de um milhão de africanos, segundo historiadores [...]. O Valongo foi encontrado em escavações feitas, com autorização do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), durante as obras de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro. O Valongo possui cerca de 350 metros de comprimento, vai da Rua Coelho e Castro até a Sacadura [Cabral]. A região do Valongo era desabitada na época e o acesso era difícil, com isso, o aumento do tráfego ficava mais escondido do resto da cidade. A área deixa de funcionar como ponto de entrada de escravos por volta de 1831, quando leis contra a escravidão começam a ser assinadas”.

Fonte: <http://educacao.globo.com/artigo/cais-do-valongo-historia-da-escravidao-no-porto-do-rio-de-janeiro.html>

importantes avenidas: Presidente Vargas, Rodrigues Alves, Rio Branco e Francisco Bicalho. Sua finalidade é promover a reestruturação local, por meio da ampliação, da articulação e da requalificação dos espaços públicos da região, visando à melhoria da qualidade de vida de seus atuais e futuros moradores e à sustentabilidade ambiental e socioeconômica da área.

Em 2011, as obras no porto se depararam com o sítio arqueológico do **Cais da Imperatriz**, datado do século XIX, e sessenta centímetros abaixo também foi localizado o **Cais do Valongo**.

Por ocasião das celebrações pelo Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2013, um jornal carioca publicou:

Herança valiosa dos cariocas, o Cais do Valongo pode ganhar também o status de patrimônio de toda a humanidade. A candidatura ao título foi divulgada nesta segunda-feira pelo comitê científico do projeto Rota do Escravo, ligado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O sítio arqueológico foi redescoberto em 2011 a partir das obras de revitalização da Zona Portuária: por lá, no século XIX, passaram cerca de um milhão de escravos africanos. A apresentação tem o apoio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, da prefeitura, mas depende ainda do tombamento da área pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão que também deverá representar a candidatura de Patrimônio da Humanidade junto à Unesco.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/cais-do-valongo-candida-to-patrimonio-da-humanidade-10814371>. Acesso em: 20 nov. 2013.

Essa valiosa descoberta do sítio arqueológico no Valongo já permitiu que roteiros turísticos fossem criados. Assim, visitas educativas, com duração de aproximadamente noventa minutos, realizadas a pé e com a presença de um guia treinado para a atividade, permitem a participação de grupos com até vinte pessoas. Muitos desses guias são graduados em diversos cursos universitários, frequentemente dominam outro idioma e passam por preparação específica para a visita educativa. Essa iniciativa envolve uma parceria do Porto Maravilha com o Museu do Rio (MAR) e acontece em três dias da semana em determinados horários. Os participantes (residentes, turistas nacionais e estrangeiros) fazem o

percurso que passa pela Pedra do Sal (ponto de encontro de sambistas cariocas), Jardim Suspenso do Valongo (ponto de encontro da elite carioca no início do século XX), Cais do Valongo e Cais da Imperatriz. Esse breve passeio proporciona um mergulho na cultura e na história do Rio de Janeiro e, com certeza, é uma ótima dica.

Aqui vale uma observação. Desde o século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se capital e tem lugar destacado na história do Brasil. Segundo Emília Viotti da Costa (1998), os africanos foram trazidos ao Brasil exatamente pelas mesmas razões que os levaram a outras áreas do Novo Mundo (América).

Aqui, desde o começo, não houve dúvidas sobre o status do africano: ele havia sido importado para ser escravo. Também não havia discussão sobre a condição de seus descendentes, que nasciam para ser escravos como seus pais. Ninguém também parecia preocupar-se em pensar a posição dos negros livres na sociedade.

Durante quase quatro séculos, a escravidão teve papel tão fundamental no desenvolvimento histórico do país que era praticamente impossível separar dela qualquer aspecto da vivência humana. A instituição da escravidão proporcionava uma estrutura para as relações sociais e econômicas, um cenário para as decisões, para os atos políticos e contexto específico para o desenvolvimento dos fenômenos culturais. Ninguém que vivesse no Brasil estava distante da sombra que a escravidão lançava ou, então, livre de sua influência.

A cidade do Rio de Janeiro era um porto importante, que recebeu, ao longo dos séculos, milhares de escravos. Portanto, o sítio arqueológico do Valongo é uma importante descoberta das raízes da história da cidade e do país. Em pleno centro agitado de uma grande cidade como o Rio de Janeiro, é possível conciliar o movimento frenético de pessoas e veículos com a contemplação à história. A recuperação do local, a abertura ao público e a divulgação dessas iniciativas pela imprensa ajudam a despertar, no setor turístico, a possibilidade de roteiros e atrativos novos para os visitantes.

Conclusão

O diálogo entre museus e turismo está em constante construção no segmento do turismo histórico-cultural. Para que novos elementos sejam acrescidos à discussão, é fundamental alargar a compreensão acerca dos museus.

Em primeiro lugar, com o passar do tempo, essas instituições deixaram de ser percebidas como simples local de armazenamento de peças antigas e passaram a ser compreendidas como canais de interlocução entre diferentes temporalidades, isto é, passado e presente. Aqui, o passado é percebido como referente ao acervo existente, aos documentos arquivísticos e tudo mais que pertença ao domínio do museu. Por sua vez, o presente está relacionado aos visitantes e às novas noções construídas no campo da museologia.

Em segundo lugar, as noções como museus a céu aberto e a relação intrínseca com a arqueologia, com os sítios arqueológicos e com o patrimônio produziu importante impacto para o setor turístico. A confortável situação de criar roteiros tradicionais para uma visita clássica aos inúmeros museus espalhados pelo Brasil ganhou nova coloração.

A rapidez da circulação da informação com a divulgação das novas descobertas nesse campo e a curiosidade dos turistas pela busca de novos destinos turísticos faz com que os diferentes profissionais do setor turístico tenham que se atualizar para acompanhar as novas tendências do mercado. Vale destacar que essa exigência surge de um setor – formado por museus, descoberta de sítios arqueológicos, valorização do patrimônio arqueológico – que parecia engessado pelo tempo e que demonstra total vigor na atualidade. O turismo acompanha esses novos ventos, podendo dar importantes contribuições.

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3

Camilo de Mello Vasconcellos considera que hoje é quase impossível haver algum turista em destinos turísticos clássicos como, por exemplo, França, Inglaterra, Espanha ou Estados Unidos, que não tenha visitado os principais museus desses países (VASCONCELLOS, 2006).

É inegável que, cada vez mais, a quantidade de visitantes aos museus cresce em números absolutos. Aqueles que passam a frequentar essas instituições têm diferentes motivações. Muitos estão desejosos por conhecer as distintas manifestações culturais e artísticas de povos com os quais não mantêm contato ou os acervos que sugerem algum mergulho pelo imaginário.

No Brasil, cada vez mais, nos momentos de lazer, as opções por roteiros e programas culturais envolvendo os museus fazem parte das possibilidades de atividades, tanto para os residentes, quanto para os turistas.

Considerando estas reflexões, avalie de que maneira os elementos do Museu do Homem Americano e do sítio arqueológico do Valongo podem contribuir na articulação entre museus, patrimônio arqueológico, educação e turismo?

Resposta comentada

O Museu do Homem Americano surpreende por vários motivos. A visitação ao museu a céu aberto formado por sítios arqueológicos requer preparativos muito diferentes de um museu tradicional com quadros, esculturas e objetos diversos. Sua preservação é uma construção constante, que combina a permanência dos residentes lá, a associação de diferentes parceiros econômicos e a visitação de turistas.

As descobertas arqueológicas não são exclusividades de áreas com as dimensões das existentes no Parque Nacional Serra da Capivara. Recentemente, a cidade do Rio de Janeiro foi surpreendida com a revelação do Cais do Valongo, que conta muito da história do país.

Esses dois exemplos demonstram que ações educativas são fundamentais para a consolidação de destinos turísticos. No caso do Piauí, houve a preocupação em passar esse ofício da cerâmica para as novas gerações, e nada melhor do que buscar a parceria com as escolas locais. Já no Rio de Janeiro, o patrimônio arqueológico foi incorporado às visitas educativas criadas.

Certamente, os diversos municípios fluminenses têm tesouros arqueológicos que, quando revelados, podem ser potencializados turisticamente. Para tanto, as iniciativas educativas e o envolvimento do residente podem ser fundamentais para o êxito das investidas.



Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Procuramos debater os museus como importantes possibilidades em roteiros no segmento do turismo histórico-cultural. Nesse sentido, optamos por refletir tanto com instituições mais clássicas, como o Museu da República e o Museu de Arte do Rio (MAR), quanto com museus a céu aberto, como o Museu do Homem Americano. Independentemente das características do museu, nossa discussão concentrou-se na articulação dessas instituições com o turismo. Para tanto, é fundamental conhecermos as estratégias de comunicação e divulgação que permitem a aproximação dos museus com o turismo.

Destacamos dois exemplos de museus no estado do Rio de Janeiro que desenvolvem programas educativos importantes: o Museu Imperial, em Petrópolis, e o Museu Casa da Hera, em Vassouras. Essas duas instituições apresentam soluções criativas que integram seu espaço físico com os acervos ou o conteúdo documental dos seus arquivos. A partir de suas realidades, todas essas ações procuram atrair diferentes públicos como o turista nacional e o estrangeiro.

Por fim, o debate acerca do Museu do Homem Americano acrescentou à discussão as noções de patrimônio e sítio arqueológico e suas possíveis interfaces com o turismo. Essa inovação entre arqueologia e turismo foi transportada para a cidade do Rio de Janeiro a partir da descoberta do Cais do Valongo, que recebeu, por longo período, os escravos vindos da África. A expectativa é que esses dois significativos exemplos despertem as potencialidades arqueológicas de outros municípios fluminenses.

Aula 5

Turismo histórico-cultural e as políticas públicas: aproximações e desafios

Meta

Apresentar as perspectivas do turismo histórico-cultural mediante a análise da existência de políticas públicas para o setor, destacando as noções de desenvolvimento, das possíveis realizações e dos canais de comunicação existentes na contemporaneidade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a discussão conceitual que envolve as políticas públicas, destacando a perspectiva do turismo histórico-cultural;
2. caracterizar as possibilidades de desenvolvimento e das possíveis realizações referentes à noção de políticas públicas para o turismo;
3. apresentar algumas perspectivas para o turismo histórico-cultural, relacionando-o com alguns dos problemas sociais brasileiros da atualidade.

Introdução

O funcionamento e a dinâmica da sociedade são importantes para a compreensão do turismo enquanto fenômeno social. Neste sentido, vários condicionantes como, por exemplo, culturais, geográficos, políticos, econômicos e legais afetam o turismo, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Recentemente, muitos estudos têm discutido essas questões com destaque para Margarita Barreto, Raúl Burgos e David Frenkel (2003), que apresentaram reflexões referentes às políticas públicas ao analisarem as influências que as ações do Estado e os fenômenos políticos e econômicos imprimem ao turismo. No caso brasileiro, a existência do vasto litoral brasileiro, sempre visitado por milhares de turistas nacionais e estrangeiros, contribuiu para a associação imediata da motivação dos visitantes em relação ao sol, à praia e à temperatura agradável de nossas águas. Associado ao cenário de um país tropical, na década de 90 do século XX, a dita estabilidade da moeda brasileira com o **Plano Real** realçou a situação econômica do país no plano internacional. No caso do turismo, a estabilidade do câmbio (operação financeira que envolve venda, compra ou troca da moeda de um país pela de outro) foi fator condicionante relevante para o turismo.



Plano Real



Figura 5.1: Nota de cem reais atual.

Fonte: http://www.bcb.gov.br/htms/mecir/cedulas/nova_familia-100.jpg

“O plano Real, lançado em 28 de fevereiro de 1994, foi um plano influenciado pelas ideias do economista inglês John Maynard Keynes e pelas experiências hiperinflacionárias europeias (da primeira metade do século XX), mas que contou com uma questionável administração de economistas brasileiros e com as (des)orientações do Fundo Monetário Internacional (FMI). [...] Fernando Henrique Cardoso (FHC) era o ministro da Fazenda durante o período de lançamento do Plano. O presidente era Itamar Franco. Um mês após o lançamento do plano, FHC se desincompatibilizou do cargo para se candidatar à Presidência da República pelo PSDB. Rubens Ricupero assumiu o ministério da Fazenda. Ricupero deveria ser o responsável por toda a condução do plano. [...]

Antes do lançamento da nova moeda, o real, a inflação era elevada. Mais do que isso: existia um regime de alta inflação, isto é, havia uma dança de preços. Alguns preços subiam porque outros tinham subido. E estes subiam porque aqueles haviam subido. E assim os preços aumentavam de forma sucessiva. Havia uma corrida de preços, mas de forma dessincronizada: aumentavam em momentos diferenciados e com percentuais diferentes. Além disso, nenhum contrato era assinado com a moeda corrente, o cruzeiro real.

Os contratos usavam moedas fictícias (referências) ou algum índice para indexar o seu valor à inflação e/ou aos desejos dos contratantes. [...] O que manteve os preços estabilizados, após o lançamento da nova moeda em 1º de julho de 1994, foi a concorrência desleal de produtos importados – essa foi a principal “âncora” do plano Real – não existiu qualquer âncora cambial, tal como sugerida por Keynes ou aplicada em diversas experiências. Não houve acomodação de preços, mas sim o deslocamento de produtos nacionais e a introdução de produtos importados no mercado doméstico brasileiro. O valor das importações de bens de consumo era, em 1993, US\$ 3,2 bilhões; em 1998, alcançou US\$ 10,8 bilhões – mais que triplicou! Dessa forma, os preços foram controlados e as pressões foram dissolvidas pela exclusão de produtos domésticos do mercado brasileiro. [...]” – Análise de João Sicsú

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/economia/20-anos-depois-quem-sao-os-donos-do-plano-real-407.html> Acesso em: 4 mai. 2014

Portanto, nas últimas décadas, o processo turístico tem uma dimensão muito maior do que a crença superficial de que a presença dos turistas deva ser motivada apenas pelas belezas naturais do Brasil. Entre os estudiosos, não há dúvida de que o turismo ocasiona diferentes impactos na Natureza e na cultura locais, seja pela presença de turistas, seja pela modificação dos espaços para construção de facilidades turísticas. Contudo, o turismo também deve levar em consideração outros fatores, inclusive as expectativas que se criam em torno do segmento.

Assim, nesta aula vamos debater as ações do Estado através da implantação de programas e de ações voltadas para setores específicos da sociedade, que podem ser compreendidas, em linhas gerais, como políticas públicas. No caso do turismo, o papel das políticas públicas deveria ser o de propiciar o desenvolvimento harmônico dessa atividade. Portanto, é tarefa do Estado, tanto criar as condições de infraestrutura de acesso aos espaços turísticos, quanto preocupar-se com a população local que recebe os turistas.

A existência de uma estrutura jurídica e administrativa através de secretarias e órgãos similares torna-se essencial para a dinâmica turística, bem como o planejamento e o controle dos investimentos realizados pelo Estado. O mesmo podemos dizer da parceria com a iniciativa privada, frequentemente encarregada de construir os equipamentos e prestar os serviços necessários, gerando a expectativa de retorno na forma de benefícios para a sociedade.



Figura 5.2: Praia dos Carneiros, litoral sul de Pernambuco, Brasil. Foto tirada em 2011.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Praia_dos_Carneiros-PE.jpg?uselang=pt-br

Políticas Públicas pela perspectiva do Turismo Histórico-Cultural

As aproximações entre turismo, história e cultura têm produzido importantes contribuições a partir do desenvolvimento das cidades, regiões e países, que têm percebido nessa articulação uma enorme potencialidade. Essa movimentação tem sido observada pelas autoridades em suas diferentes instâncias e ações efetivas do governo têm sido praticadas visando ao turismo histórico-cultural.

Portanto, nesta seção, vamos dividir a reflexão em duas partes: análise geral da noção de políticas públicas e compreensão das interfaces compartilhadas entre turismo, história e cultura.

Políticas públicas: algumas conexões

A discussão acerca de políticas públicas ainda é bastante recente e não há consenso entre os especialistas para uma definição específica sobre a noção. Nas Ciências Políticas, as primeiras abordagens foram realizadas nas décadas de 60 e 70 do século XX, com destaque para alguns protagonistas desse processo. Assim, a partir de uma abordagem estatista (relativo ao Estado), as políticas públicas eram monopólio de atores estatais, com as decisões sancionadas ou autorizadas pelas pessoas do governo. Apesar de as ações e decisões privadas existirem e os atores não estatais terem influência no processo de elaboração de políticas públicas, eles não têm o privilégio de estabelecê-lo ou liderá-lo.

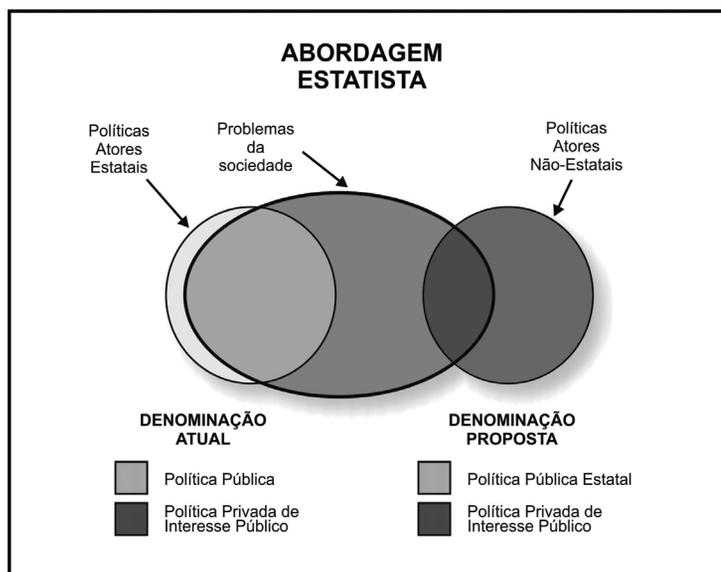


Figura 5.3: Gráfico sugerido pelo autor Lima, Waner G., em seu artigo “Política pública: discussão de conceitos”.

Fonte: <http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/viewFile/370/260>

Por sua vez, a abordagem multicêntrica tem outra perspectiva: o importante não é quem formula a política (que pode ser qualquer um), mas a origem do problema a ser enfrentado, tornando-se fundamental no processo da política. Dito de outra maneira, a política pública existe quando o problema a responder é uma questão pública. Portanto, nessa abordagem, a perspectiva de política pública supera a noção de políticas governamentais e diversas instituições podem servir à comunidade política e estabelecer políticas públicas (HEIDEMANN, 2010).

Observe que a questão conceitual em relação às políticas públicas apresenta argumentos muito importantes, mas nossa perspectiva deve estar direcionada para o turismo. O estabelecimento de políticas públicas impacta no cotidiano da sociedade e, dessa forma, uma questão pode ser apresentada: Quem se beneficia com as políticas públicas que afetam o turismo? Esta é uma questão desafiadora e vamos apresentar algumas possibilidades a fim para de contribuir para a resposta.

No caso do Brasil, comumente os interesses privados orientam a definição do espaço destinado a fins turísticos e aqui talvez esteja o grande desafio do setor, isto é, estabelecer políticas públicas dirigidas ao bem comum e que possam ser conciliadas com interesses privados (MATTHEWS; RICHTER, 1991).

Algumas atribuições do poder público devem ser observadas como, por exemplo: a decisão sobre o tipo de turismo a ser desenvolvido no espaço, o estabelecimento do responsável pelos custos de infraestrutura, a observação no impacto provocado nos serviços públicos locais a partir do desenvolvimento do turismo no espaço e o acompanhamento dos índices de inflação nos preços e dos custos sociais provocados pela atividade turística. Além disso, o desenvolvimento do turismo pode provocar rapidamente a geração de empregos, mas isso não significa, com o passar do tempo, que ocorra a distribuição de renda (rendimento) pela população local de uma forma equilibrada.

Segundo Margarita Barreto, Raúl Burgos e David Frenkel (2003), a criação de políticas públicas para o turismo é muito importante, todavia, vários aspectos precisam ser levados em consideração. Em primeiro lugar, é fundamental o planejamento com a ocupação devida do espaço turístico. Neste sentido, os empreendimentos turísticos não podem provocar a poluição dos rios e mares locais, prejudicando a parte ambiental. Para tanto, a fiscalização dos órgãos do Estado deve assegurar os meios para cumprimento das leis e estabelecimento de multas e sanções para os infratores. Neste sentido, destaca-se a importância de políticas públicas consistentes na área ambiental.

Aqui vale uma observação. Nesta discussão, é importante que existam respostas políticas para muitos dos problemas sociais que se atribuem ou estão associados ao turismo, como prostituição, mercado negro, especulação imobiliária, contrabando, só para citarmos os exemplos mais expressivos.

No planejamento do turismo, a existência de políticas públicas de saneamento, saúde, transporte e de proteção ao consumidor também deve ser observada. A elaboração de planos governamentais para o turismo deve garantir o estabelecimento de objetivos de médio e longo prazos porque o lucro imediato pode representar enormes problemas no futuro e, até mesmo o esgotamento do espaço turístico para os capitais que operam nas áreas de negócios.

Portanto, é impraticável pensar em dobrar o quantitativo de pessoas em determinado local se ali, por exemplo, o saneamento só tiver capacidade para atender cem mil pessoas. Os serviços básicos de água, luz e telefones também devem ser assegurados, para que todos mantenham sua qualidade de vida. Os hospitais e os setores de segurança pública também devem estar preparados e com pessoal suficiente para atender às possíveis demandas turísticas nos períodos de férias e feriados.

Turismo, História e Cultura: interfaces compartilhadas

De acordo com Susana Gastal e Marutschka Moesch (2007), o conceito de políticas públicas se constrói, historicamente, como o conjunto de ações com o objetivo de garantir o controle social sobre bens, serviços e obras públicas, e sendo destinadas para atender à sociedade em sua totalidade.

As políticas públicas devem garantir a democratização e permitir o desenvolvimento de instrumentos para solucionar os problemas de ordem urbana, ambiental, social, econômica e humana. Assim, o Estado deve aprender a conviver com a participação e o possível controle popular. Para tanto, as práticas pedagógicas devem permitir a elevação do nível de consciência e de participação cidadã de parcela considerável e crescente da população. Portanto, as políticas públicas devem vir carregadas, em suas ações, de projetos que, cada vez mais, sejam um conjunto de propostas de intervenções de diversos setores integrados, buscando dar ao cidadão uma atenção global.

O mundo atual é marcado pela lógica da globalização econômica e os norteadores das políticas públicas voltadas para o turismo parecem atreladas às questões do capital internacional. Portanto, a prioridade econômica parece empalidecer as culturas e as pessoas que vivem na localidade são surpreendidas pelos investimentos turísticos que, muitas vezes, parecem ignorá-las. Por isso, segundo Gastal e Moesch (2007), o poder público local pode desempenhar o papel de articulador entre os grandes investimentos turísticos e os setores econômicos locais (trabalhadores, micro, pequenas e médias empresas). Para exemplificar esta consideração, vamos apresentar um exemplo de Turismo Cultural nos municípios de Piçarras e Penha, situados a pouco mais de cem quilômetros de Florianópolis. De acordo com Janete Silveira e Roselys dos Santos:

Turismo e comunicação devem andar juntos, guiados por princípios que vão reger a divulgação das destinações turísticas a partir de mensagens de conteúdo instrutivo e cientificamente embasado, os quais apresentam à demanda potencial uma oferta que seja atraente sem ser fantasiosa, e sintética sem ser reducionista. Interessa, sobretudo, evitar clichês que não encontrem correspondência na realidade, tal como acontece quando se colocam os municípios de Piçarras e Penha entre aqueles de colonização açoriana. [...]

Se, as culturas locais são reconhecidamente fortes atrativos turísticos no mundo globalizado deste novo século, é de se prever que o correto dimensionamento desses bens em Piçarras e Penha e sua difusão por meio de uma política integrada de comunicação voltada a um novo segmento – o turismo cultural – traga efeitos positivos sobre a economia turística. (SILVEIRA; SANTOS, 2006, p. 263-264).



Figura 5.4: Vista aérea da Praia de Piçarras, em Santa Catarina, Brasil.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/16picarrass.jpg?uselang=pt-br>



Piçarras

O nome Balneário Piçarras vem das rochas de argila que se encontram em grande quantidade no subsolo do município. Trata-se do piçarro, ou piçarra.

[...] na segunda metade do século XVIII, pescadores portugueses vindos de São Francisco do Sul desceram a costa em busca de baleias, na época, matéria-prima da principal atividade econômica da região. A fartura de baleias e as condições marítimas e geográficas ideais foram decisivas para que fundassem ali um povoado. Em 1777, nasce Armação do Itapocorói, núcleo inicial dos municípios de Penha e Piçarras, emancipados em 1958 e 1963, respectivamente. [...] Em 2005, a população de Piçarras decidiu, por meio de um plebiscito, acrescentar o termo “balneário” ao

nome da cidade, o que, de acordo com os defensores da proposta, aumentaria a visibilidade turística da cidade.

Disponível em: <http://www.picarras.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/5014#.U2blQVdLtbE>. Acesso em: 4 mai. 2014.

Queremos fazer duas considerações. Observe que a imagem apresentada do balneário de Piçarras sugere que o município tenha surgido em 1963 e, assim, completando cinquenta anos de existência no ano de 2013. Certamente, uma explicação aceitável para essa datação esteja no fato de que até a emancipação político-administrativa do antigo arraial de baleias, a enseada de Piçarras era repleta de barcos de comércio que garantiam os rendimentos da economia local. Portanto, o mar era percebido como possibilidade de trabalho e garantia de sustento para as famílias.

A partir da década de 1960, Piçarras passou a ter outras conexões com seu entorno e, gradativamente, adquiriu a condição de polo receptor de proprietários que estabeleciam ali sua segunda residência. Assim, a condição de uma cidade litorânea passou a ter um sentido lúdico que foi, posteriormente, aproveitado pelo turismo (SILVEIRA; SANTOS, 2006).

A segunda consideração diz respeito à ausência da menção dos açorianos como um dos povoadores da região. Note que os portugueses e os índios são citados, mas nenhuma referência aos açorianos, isto é, aos habitantes originários do arquipélago situado no oceano Atlântico. Para os historiadores, há controvérsias quanto à quantidade de açorianos em terras catarinenses, uma vez que o povoamento da região (movimentos espontâneos de ocupação) não pode ser confundido com a ideia de colonização (ocupação territorial mediante um projeto com planejamento).

Todavia, os estudiosos concordam que no século XVIII, Portugal estava ameaçado em seus domínios ultramarinos por outros países europeus e que ocorreram políticas de incentivo à vinda das demais possessões portuguesas (como, por exemplo, o Arquipélago dos Açores) para o Brasil (principalmente para o Sul).

Também é importante destacar a presença das demais etnias em Santa Catarina, com destaque para as africanas. Segundo Silveira e Santos (2006), na formação das identidades locais, a heterogeneidade de cul-

turas é uma das marcas das identidades catarinenses. Assim, as autoras afirmam:

Ao contrário, a homogeneização da cultura açoriana configura-se como um reducionismo muito distante da realidade do Arquipélago, onde se constatam, em cada uma de suas nove ilhas – Pico, Faial, Terceira, Graciosa, Flores, Corvo, São Jorge, Santa Maria e São Miguel –, manifestações culturais muito diversas [...] A contribuição afro à cultura local é das mais expressivas embora, por muitos anos, tenha ficado praticamente esquecida. Não que a população negra tenha se reduzido, mas porque só recentemente um movimento surgido em Piçarras vem tentando firmar a participação do elemento negro na formação das comunidades [...] A presença negra também é notada entre os foliões, ou cantantes, da Folia do Divino Espírito Santo. A participação negra na cultura local é ampla e expressa-se não só em rituais católicos, mas também em práticas mais ortodoxas. O Candomblé, por exemplo, tem muitos adeptos na região. (SILVEIRA; SANTOS, 2006, p. 258-259).

Neste sentido, a participação da população local, conhecedora da sua história e reconhecendo nela a riqueza cultural, em associação com iniciativas do poder público municipal podem trazer importantes resultados turísticos, no caso, para Piçarras. Portanto, o turismo histórico-cultural consolida-se quando a visitação a destinos turísticos vem acompanhada de uma orientação histórica que indica o que há para se conhecer em termos culturais, levando em consideração aquilo que tanto a população local quanto suas autoridades, percebem como algo verdadeiramente seu.

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Em fevereiro de 2012, o jornal *O Diário do Nordeste* publicou a seguinte matéria:

Polícia apura morte em Canoa Quebrada

A Delegacia Regional de Polícia Civil de Aracati instaurou inquéritos para investigar dois crimes de morte que ocorreram, recentemente, na Praia de Canoa Quebrada, um dos cartões-

postais do Litoral cearense. [...] O primeiro caso aconteceu no dia 24 de janeiro último, por volta do meio-dia, quando um homem [...] foi executado a tiros. Quatro dias depois, no dia 28, um engenheiro paulista [...] que estava de férias no Ceará e escolhera a Praia de Canoa Quebrada para se divertir, acabou sendo também assassinado.

Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/policia-apura-mortes-em-canoa-quebrada-1.121671>. Acesso em: 4 mai. 2014.

Observe que os dois crimes aconteceram em Canoa Quebrada, no Ceará, sendo que uma das vítimas foi um turista. Certamente, o local foi escolhido para ser visitado por suas belezas naturais tão características do Nordeste brasileiro. Todavia, o desfecho da viagem do turista foi trágico. A partir da perspectiva da política pública, como analisar o fragmento da matéria jornalística apresentada?

Resposta comentada

Ao escolher o local turístico para aproveitar seus momentos de lazer, o turista preocupa-se com o deslocamento, a hospedagem, as malas e a programação a ser feita. Entretanto, locais paradisíacos como, por exemplo, Canoa Quebrada no Ceará, também devem oferecer segurança aos visitantes. Para tanto, o estabelecimento de políticas públicas de segurança destinadas a um local tipicamente turístico pode evitar ou, pelo menos, inibir a ação de criminosos na região, mediante a existência de uma polícia preparada e bem-equipada. Dessa forma, a segurança garantirá a tranquilidade tanto dos turistas quanto dos residentes que reconhecem no espaço turístico um local protegido para circular.

Política de Turismo: entre o desenvolvimento e as possíveis realizações

Para Karina Toledo Solha (2006), no Turismo, as preocupações em estabelecer políticas para o setor só aparecem quando este adquire importância econômica, e as políticas têm como protagonistas o Estado em suas diferentes esferas. Além disso, a autora considera que não existe necessariamente uma formalização das políticas, mas elas podem ser percebidas tanto pelas estruturas criadas pelo poder público quanto pelas ações das diversas áreas governamentais no turismo. De acordo com o espaço geográfico e a temporalidade, diferentes características são realçadas. Assim, vamos apresentar um breve histórico sobre a política de turismo no Brasil.

Os primeiros sinais de participação do Estado na atividade turística podem ser percebidos com os decretos-lei editados na década de 1930, no Brasil. As atribuições ficaram concentradas, sobretudo, na criação da Divisão de Turismo, que pode ser considerada o primeiro organismo oficial de turismo da administração pública federal, de acordo com Reinaldo Dias (2008). Em linhas gerais, sua atribuição era organizar e fiscalizar os serviços do turismo interno e externo.

A partir de 1945, com a queda do Estado Novo (regime ditatorial de Getúlio Vargas) e o fim da Segunda Guerra Mundial, temos um intervalo em ações mais efetivas do Estado em relação ao turismo. Em 1958, a Comissão Brasileira de Turismo (Combratur) foi criada com objetivo maior de articular uma política nacional de turismo e duas responsabilidades podem ser destacadas. A primeira seria a criação de serviços e instalações que ampliassem e completassem as zonas turísticas. E a segunda, em colaboração com estados e municípios, seria a realização de um levantamento das áreas de interesse turístico existentes no país cuja preocupação era proteger o patrimônio natural do país.



Figura 5.5: Belezas naturais da cidade de Antônio Olinto, Pará, Brasil.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5a/Caminhodacampinaao.jpg?uselang=pt-br>.

Nos anos 1960, a criação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) tinha o objetivo de estabelecer as diretrizes para a política nacional do setor. Até o final dessa década, a tônica das ações visava ao aumento do fluxo de visitantes, através de políticas de fomento. Nos anos 1970 e início da década seguinte, as políticas começaram a perceber o turismo como agente de desenvolvimento e a existência de infraestrutura passou a ser um dos focos do governo.

Em 1971, foi criado o Fundo Geral do Turismo (Fungetur) para financiar o desenvolvimento turístico no país, sendo importante fomento à expansão da infraestrutura turística nacional. Esta é apenas uma das ações para exemplificar nossa afirmativa.

A partir da década de 1980, as questões ambientais passaram a ganhar destaque e o posicionamento tanto mais responsável quanto mais profissional foi realçado. O Estado assumiu a condição de coordenador e estruturador da atividade, diminuindo sua interferência no turismo. De certa maneira, essa é uma tônica até os dias atuais.

De acordo com Solha (2006), a política de turismo tem uma dupla tarefa: estímulo e controle direto do desenvolvimento do turismo e proteção dos interesses da sociedade. Portanto, o grande desafio está na formulação e aplicação de políticas do turismo, que devem analisar a situação numa dimensão maior para que as decisões possam ter a perspectiva no longo prazo. Acompanhemos a síntese apresentada por Solha:

Assim, na situação em que se pretende obter uma maior eficácia do desenvolvimento turístico, a política deve se caracterizar:

- pelo dinamismo – refere-se à necessidade de essa política estar atenta às mudanças eternas e internas;
- pela flexibilidade – como faz parte de um processo, o monitoramento contínuo e apurado do desenvolvimento oferece informações que podem e devem influenciar e justificar modificações na política e nas estratégias;
- pela participação – oferecendo possibilidades de envolvimento efetivo de todos os segmentos, tanto nas decisões como na sua própria implementação;
- pela integração – tanto entre os diferentes órgãos públicos do turismo como entre as outras políticas setoriais;
- pela harmonia – refere-se ao equilíbrio nas intervenções do poder público. (SOLHA, 2006, p. 98).

Aqui vale uma observação. As políticas devem atender às demandas populares e não servirem apenas aos interesses das elites que, frequentemente, defendem a manutenção da ordem estabelecida. Além disso, o tema das políticas públicas deve ter como foco os negócios turísticos, os turistas e também os residentes do lugar onde se desenvolve a atividade turística. Certamente, no momento em que esses três elementos forem considerados pelas políticas públicas, independentemente da instância ser municipal, estadual ou federal, o sucesso das ações públicas terá mais chance de acontecer.

Em linhas gerais, é possível afirmar que o planejamento e a existência de políticas públicas específicas são fundamentais para o turismo. Na segunda metade do século XX, os organismos oficiais nacionais e estrangeiros ajudavam a disseminar a crença equivocada de que o turismo, enquanto setor, poderia gerar riqueza em meio à pobreza e à exclusão que existiam em países como o Brasil. A tão alardeada riqueza que o turista pode trazer ao viajar não será necessariamente distribuída entre a população receptora. E sem políticas públicas eficazes, o setor poderá ficar nas mãos de poucos empresários.



Figura 5.6: Praça de São Marcos, Veneza, Itália. Foto tirada em 31 de dezembro de 2011.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0c/Venezia_3861.JPG?uselang=pt-br.

Você deve ter ficado intrigado com a presença da imagem da praça de São Marcos, em Veneza (Itália) neste momento da aula. A intenção aqui é provocar o estranhamento e levá-lo a refletir sobre política pública para o turismo a partir de um dos mais importantes cartões- postais do mundo, no momento da celebração do Ano Novo. Com certeza, muitas das pessoas que aparecem circulando naquela praça italiana são turistas que visitam a cidade e celebram a festa da passagem de ano. Todos que têm a oportunidade de visitar o local esperam encontrá-lo assim, com as ruas definidas e apresentando belos prédios em seu entorno. Todavia, este cenário pode estar comprometido pela extração de águas subterrâneas que provoca afundamento de grandes cidades costeiras. E Veneza é uma delas, de acordo com matéria que circulou recentemente por um jornal carioca da grande imprensa. Vamos compreender melhor essa questão a partir da atividade proposta.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Em abril de 2014, uma inusitada matéria jornalística apresentou no seu resumo de notícia a afirmativa de que o rebaixamento do solo é mais grave do que a elevação do nível do mar, aumentando, assim, a intensidade de eventos climáticos extremos. Na edição impressa, a foto que acompanha o texto apresenta turistas, na praça de São Marcos, em Veneza, com água na altura da coxa, sendo fotografados provavelmente por amigos. Além disso, ao fundo da foto, um homem parece caminhar pela água com uma mochila nas costas. Por sua vez, na edição na internet, outra foto exhibe, em primeiro plano, uma pessoa carregando outra nas costas, e as duas vestindo galochas em meio às águas, em um dos canais de Veneza. Caso você tenha oportunidade, visite o site e confira a imagem.

Acompanhemos um fragmento do texto:

A extração de petróleo, gás e águas subterrâneas está provocando o afundamento da zona costeira de diversas regiões do planeta. Em metrópoles como Bangcoc (Tailândia), Jacarta (Indonésia), Xangai (China) e Nova Orleans (EUA), o rebaixamento do terreno é até dez vezes maior do que o aumento do nível do mar – uma consequência das mudanças climáticas. [...]

Autor principal do estudo e pesquisador de Utrecht, Gillen Erkens destaca que Tóquio “desceu” dois metros nas últimas décadas, até interromper a extração de águas subterrâneas para consumo. Veneza adotou a mesma restrição e conseguiu atenuar o seu afundamento.

Metrópoles brasileiras não foram estudadas, mas os pesquisadores estimam que as cidades próximas ao delta do Rio Amazonas, como Belém, possam ser afetadas pelo rebaixamento do solo. Recife também pode ser prejudicada, uma vez que lá, segundo Erkens, também há extração de água na costa. O Rio de Janeiro, por sua vez, não estaria ameaçado.

Segundo Erkens, o afundamento das cidades litorâneas ainda é ignorado pela população. Seu efeito, no entanto, já pesa no bolso do governo. [...]

O combate ao rebaixamento do solo deve ser local, porque em cada cidade ele é determinado por um motivo e está em um está-

gio diferente. No entanto, algumas fórmulas podem ser adequadas para muitas regiões [...].

Fonte: <http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/extracao-de-agua-subterranea-faz-cidades-costeiras-afundarem-12330759>

Em que medida, as políticas públicas para o turismo podem contribuir para reverter essa queda do nível do solo que afeta destinos turísticos clássicos como, no caso, a cidade de Veneza na Itália?

Resposta comentada

Neste exemplo apresentado no enunciado da atividade, as políticas públicas podem articular três áreas, isto é, turismo, educação e meio ambiente. A política pública do turismo precisa aqui estar voltada para o empreendimento econômico, mas também para o turista – que deve ter condições adequadas para usufruir sua viagem sem riscos de doenças pelo contato intenso com a água. Devem voltar-se também para os residentes através de ação educacional, para conscientizar a população da importância da busca por outras fontes de água potável para não comprometer a preservação de cidades costeiras. Essa articulação das três áreas pode apresentar um investimento maior em curto prazo para impedir o rebaixamento do sol, todavia, a população local estará envolvida para solucionar a questão, permitindo, futuramente, a vinda de turistas para conhecerem um destino mais equilibrado e livre das ameaças ambientais.

Turismo Histórico-Cultural diante dos problemas sociais brasileiros

Ao refletirmos sobre políticas públicas pela perspectiva do turismo, é importante reservarmos uma seção para os problemas sociais brasileiros. Acreditamos que uma visão dos desafios que um país como o Brasil apresenta pode contribuir para adoção de políticas públicas mais próximas da realidade do que as propostas idealizadas nos gabinetes das autoridades.

Assim como as demais áreas, a atividade turística acompanha o movimento dos países desenvolvidos. A ideia da nação brasileira, do país que conhecemos como Brasil tem suas raízes históricas no século XIX, isto é, a partir da independência ocorrida em 1822. No século XIX, importantes questões marcaram a história brasileira como, por exemplo, a abolição da escravidão (1888) e a proclamação da República (1889). Neste período, a possibilidade de desenvolvimento da atividade turística no país era algo muito incipiente, afinal a rusticidade dos equipamentos, serviços e transportes dificultavam a realização das viagens e contribuiriam para que só uma ínfima parcela da população pudesse viajar com objetivo de descansar e usufruir do lazer.

Segundo Karina Toledo Solha (2002), já no século XX, outros grupos sociais também começaram a desfrutar das viagens, ainda que com elementos menos sofisticados, a partir da criação de equipamentos de hospedagem e de investimentos em termos de transportes. Entretanto, num país com as dimensões continentais do Brasil e que conta com mais de duzentos milhões de habitantes (dados de 2014), a exploração do turismo de massa tem que acontecer com bases sólidas, pois, em caso de negativa, as consequências podem ser danosas, principalmente relacionadas à qualidade de vida dos residentes.

Em meados da década de 90 do século XX, a Embratur embasou a política nacional de turismo, contando com investimentos nacionais e estrangeiros, e inúmeros hotéis, parques temáticos e projetos ligados ao entretenimento. De acordo como Luiz Gonzaga Godói Trigo (2003) ocorreu, em paralelo, o crescimento da formação profissional em diferentes níveis no turismo (superior e médio) e a criação de novos cursos de hotelaria, gastronomia e lazer. Assim, profissionais mais qualificados estão se formando e isso reflete o crescimento do setor turístico no país. Trigo ainda destaca que, em vários estados e municípios, as ações con-

juntas com empresas privadas e **Organizações Não Governamentais** (ONGs) são demonstrações explícitas da importância do fenômeno turístico como um possível fator de desenvolvimento e inclusão social.

No início do século XXI, o Brasil ocupava lugar de destaque entre as economias mundiais, mas, no ranking internacional, estava em 73º lugar em termos de qualidade de vida, como demonstra o **Índice de Desenvolvimento Humano** (IDH). Além disso, a elevada concentração de renda parece um problema crônico no país. Em paralelo, o fluxo de turistas estrangeiros ainda apresenta índices bastante irregulares e que, com certeza, tem relação com os altos índices de violência que estigmatizaram a imagem do país no exterior.

Todos estes aspectos influenciam o turismo no Brasil, mas, como realça Mário Beni (2003), é necessário superar a cegueira situacional de encarar o turismo apenas pelo lado econômico ou administrativo, quando há fortes correntes internacionais que procuram vê-lo como fenômeno social, político, cultural, ambiental, não o reduzindo, assim, a cifras e fórmulas estereotipadas.

Do ponto de vista conceitual, o turismo apresenta dois enfoques que se relacionam entre si: o planejamento e a comercialização. Do ponto de vista comercial, vários elementos devem ser considerados como, por exemplo, os atrativos turísticos locais ligados aos recursos naturais e culturais existentes, a disponibilidade de transporte que possa garantir a chegada ao destino turístico, os serviços de hospedagem, alimentação e recreação disponíveis. Por sua vez, para que o planejamento possa ter êxito no turismo, é importante que esses elementos da comercialização sejam levados em consideração.

No caso do turismo histórico-cultural, a identidade do local e os traços históricos e culturais dos residentes devem ser preservados através de políticas públicas que incentivem a vinda de turistas e respeitem os moradores e o espaço que é visitado. Neste sentido, a história e a cultura da região passam a ser conhecidas de forma mais harmônica, e enriquecendo o contato entre turistas nacionais e estrangeiros com os residentes. Certamente, aqui temos o grande desafio das políticas públicas para o turismo.

Organizações Não Governamentais

“As Organizações Não Governamentais (ONGs) são entidades do Terceiro Setor, ou seja, são da sociedade civil e de caráter privado, cuja função é desenvolver trabalhos sem fins lucrativos. A área de atuação das ONGs é bem diversificada: social, saúde, ambiental, grupos de proteção à mulher, tratamentos de dependentes químicos etc. Muitas delas surgiram para suprir a ausência do Estado em alguns serviços. Os projetos desenvolvidos pelas ONGs são financiados pelas próprias organizações por meio de doação dos sócios, além de algumas receberem apoio de instituições públicas e privadas.”

Fonte: <http://www.brasilescola.com/geografia/organizacao-nao-governamental-ong.htm>

Índice de Desenvolvimento Humano

“O IDH é a referência mundial para avaliar o desenvolvimento humano ao longo prazo. O índice, que vai de 0 a 1, é feito a partir de três variáveis: vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e um padrão de vida decente.”

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/infograficos/2013/03/14/brasil-fica-na-85-posicao-no-ranking-mundial-de-idh-veja-resultado-de-todos-os-paises.htm>

Conclusão

O turismo histórico-cultural pode ser o grande elo entre políticas públicas para o setor, permitindo o diálogo também com áreas próximas como, por exemplo, a cultura e a educação. Para que as ações do governo e as possíveis parcerias sejam estabelecidas com a iniciativa privada, é fundamental que o foco não esteja apenas no turista.

Sabemos da importância de transportes eficientes para os destinos turísticos, rede hoteleira bem estruturada, complexos gastronômicos estabelecidos, comércio abastecido, infraestrutura que garanta o deslocamento pela localidade, boa sinalização, disponibilização de serviços em outros idiomas para citarmos apenas alguns dos itens turísticos. Todavia, o perfil exigente do viajante que pratica o turismo histórico-cultural faz com que setor turístico tenha que avançar também em direção à história, à cultura e à educação.

O viajante desse segmento comumente tem mais autonomia para realizar seus roteiros e para circular pela localidade visitada. Portanto, os elementos básicos do turismo – hotel, alimentação etc. – são importantes, mas não suficientes para atender às expectativas e curiosidades desses turistas. Neste sentido, a implantação de políticas públicas nas diferentes esferas (federal, estadual e/ou municipal) pode trazer contribuições importantes ao permitir aproximações entre o turismo, a cultura, a educação, o meio ambiente, para destacarmos alguns dos setores.

No Brasil, a diversidade cultural e ambiental funciona como atrativo para o turismo, mas é necessário que a apresentação seja feita de maneira consistente e provavelmente aí está o elo para a educação. Neste sentido, os residentes podem desempenhar o papel de multiplicadores das potencialidades brasileiras a partir de ações que os envolva nas políticas públicas para o turismo. Desse modo, a culinária, a música, a religiosidade, a dança, a arte e tantos outros aspectos dos brasileiros podem ser apresentados de maneira mais sólida e garantir o intercâmbio entre turistas e residentes

Atividade final

Atende aos objetivos 3

Recentemente, o projeto Turista Aprendiz teve ações voltadas para regiões carentes e, no primeiro momento, jovens da Rocinha e Mangueiras (comunidades cariocas) foram selecionados para participar. A inspiração do título da iniciativa veio do livro de Mario de Andrade, *O turista aprendiz*, publicado em 1927. O financiamento é possível a partir de uma parceria liderada pela Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro.

Com duração de quatro meses, os 25 alunos de cada turma recebem, duas vezes por semana, aulas ministradas por escritores. No conteúdo, conceitos básicos de antropologia, por exemplo, são trabalhados, para que temas como estereótipo e bullying, inerentes ao universo dos jovens, também sejam abordados. [...]

Os participantes são convidados a conhecer territórios e universos culturais de escritores da sua cidade, estado e país e, assim, podem compreender e valorizar a diversidade cultural brasileira. Para tanto, eles frequentam aulas e visitam locais de destaque no estado do Rio de Janeiro. Assim, a imprensa noticiou o projeto:

Na segunda edição, prevista para o segundo semestre, o Turista Aprendiz será realizado em outras duas comunidades: Providência e Complexo do Alemão. Ao fim de cada edição, uma revista digital será lançada com trabalhos de todos os alunos. Os 20 alunos que mais se destacarem (cinco de cada turma), farão uma viagem pelo Brasil, visitando estados como Rondônia, Amazonas, Brasília e Goiás. Os trabalhos produzidos a partir dessa viagem vão compor um livro. [...]

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/projeto-turista-aprendiz-estimula-escrita-promove-viagens-culturais-12340268>. Acesso em: 11 mai. 2014.

Com base no fragmento da notícia de jornal, identifique um problema social brasileiro e a importância da sua superação para o turismo histórico-cultural, a partir de iniciativas como o programa Turismo Aprendiz.

Resposta comentada

A concentração de rendas no Brasil é um problema social que faz com que uma parcela expressiva da população não tenha as mesmas oportunidades educacionais e nem acesso às atividades culturais, como a elite econômica do país. Neste sentido, iniciativas como a do programa Turista Aprendiz permitem que pessoas que conheçam autores importantes para a cultura brasileira, aprendam a produzir seus textos e, ainda, conheçam locais frequentemente visitados por turistas nacionais e estrangeiros. A iniciativa é importante porque ensina as novas gerações a apreciarem e valorizarem a história e a cultura nacionais e, assim, de forma consciente podem apresentar o Brasil ao visitante, e superando, em muito, apenas o contato comercial. Essa nova perspectiva é fundamental para o turismo histórico-cultural.



Ficou interessado em conhecer mais do projeto Turista Aprendiz? Aproveite para acessar o *site*: <http://pragaconexoes.com/projetos/turista-aprendiz/>.



Resumo

Vamos organizar os pontos principais que debatemos desta aula.

Em primeiro lugar, procuramos definir a noção de política pública a partir das abordagens estatista e multicêntrica. Para tanto, alguns estudiosos da temática foram apresentados como forma de ilustração sobre o assunto. Realçamos também as atribuições do poder público e valorizamos a importância do planejamento para o sucesso das ações. Em seguida, destacamos a construção histórica das políticas públicas, exemplificando com algumas iniciativas implantadas no Brasil, desde a década de 30 do século XX. Além disso, apresentamos um exemplo do turismo histórico-cultural, a partir da heterogeneidade de culturas na identidade de Santa Catarina.

Por fim, uma breve exposição de alguns dos problemas sociais brasileiros foi feita para que fossem percebidos a partir da importância de sua superação, para que o turismo possa se firmar como um setor consolidado na realidade brasileira.

Aula 6

Turismo histórico-cultural e a sustentabilidade no limiar do século XXI

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Apresentar a relação entre turismo histórico-cultural e sustentabilidade que será estabelecida a partir da noção de planejamento turístico e tendo como referência dois eixos, isto é, a valorização do patrimônio nacional do Brasil e o fomento ao turismo cultural no mercado nacional brasileiro.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer a relação entre um turismo realmente sustentável e seus impactos sociais, culturais e econômicos;
2. relacionar o patrimônio nacional do Brasil e o fomento ao turismo cultural no mercado nacional brasileiro, a partir do exemplo de Fernando de Noronha;
3. caracterizar a política e o planejamento turístico pela perspectiva do imperativo sustentável.

Introdução

Turismo Histórico Cultural e sustentabilidade. Como esses dois assuntos podem estar relacionados? E mais, afinal será que existe um turismo realmente sustentável? Essas questões são desafiadoras e, no limiar do século XXI, merecem a nossa atenção.

A palavra sustentabilidade está na mídia, nos debates acadêmicos e, até mesmo, nos bate papos cotidianos que estabelecemos pelos diferentes lugares que circulamos. Afinal de contas, o que entendemos por sustentabilidade? Várias definições podem ser apresentadas, mas vamos trabalhar a partir da perspectiva do turismo histórico-cultural. Quando falamos de história e de cultura, as noções de tempo, de transformação, de modificação acompanham esses dois conceitos. Nesta aula, nosso foco está na compreensão da sustentabilidade como algo dinâmico e que pressupõe, também, a ideia de adaptação e mudança no turismo a partir de determinado contexto histórico cultural.

É indiscutível que o turismo é uma atividade com enorme potencialidade econômica, mas que deve, da mesma forma, valorizar a cultura visitada ao respeitar o patrimônio e, assim, contribuir para a sua preservação. Além disso, é importante destacar que cada cultura tem a sua dinâmica própria e que o setor turístico tem de estar preparado para adaptar-se a essas transformações. Por isso, é fundamental que existam harmonia e respeito em relação aos turistas, à sociedade local, ao patrimônio cultural e à Natureza. Dessa forma, convido você para refletir sobre a construção de um diálogo rico entre turismo e sustentabilidade.

Sustentabilidade: os impactos socioculturais e econômicos

Na atualidade, a busca pela sustentabilidade é um desafio mundial. Na área do Turismo, esse desafio demanda formas de garantir o crescimento contínuo no fluxo de turismo internacional mundial, a partir da atividade pensada pelo enfoque da sustentabilidade. De acordo com os dados oficiais, Helena Costa (2013, p. 41) considera que as cifras devem atingir o deslocamento de 1 bilhão de pessoas em 2012. Inicialmente essa informação deveria ser motivo para comemoração e é, mas passada a euforia inicial, é importante avaliar criticamente o impacto dessa movimentação colossal para os ambientes naturais e culturais e os efeitos para as relações entre os lugares nos quais o turismo ocorre e o restante da sociedade. Nesse sentido, vários debates foram produzidos nas con-

ferências internacionais voltadas para o ambiente e sociedade, com destaque para a Agenda 21 para o Turismo. Em linhas gerais, a discussão contribuiu para a construção do conceito de turismo sustentável como uma prática que se preocupa com a manutenção, tanto da integridade cultural quanto da plenitude do ambiente.



Agenda 21

Realizada em junho de 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (também conhecida como Cúpula da Terra, Eco 92 ou Rio 92), reuniu 178 chefes de Estado e um de seus principais resultados foi a Agenda 21. Essa é a mais ambiciosa e completa tentativa de especificar quais ações são necessárias, em nível global, para conciliar o desenvolvimento do planeta com as preocupações ambientais e promover a construção de sociedades sustentáveis. [...] Hoje, a premissa adotada é a de que um determinado território que tenha dimensões macro (estados) ou micro (municípios e/ou empresas) possua o direito legítimo de desenvolver as bases para a Agenda 21 Local, buscando o equilíbrio entre os pilares da sociedade a partir de um Plano Local de Desenvolvimento Sustentável (PLDS). A participação e cooperação de representantes de todos os setores é um fator determinante na realização da Agenda 21.

Disponível em: <http://www.agenda21comperj.com.br/o-projeto/agenda-21> Acesso em: 29 mai. 2014.

Dentre as várias esferas que sofrem os impactos produzidos pelo turismo, destacamos a área social e cultural. O primeiro efeito positivo que o turismo pode trazer é a possibilidade de valorização da cultura local com a retomada das tradições locais a partir do artesanato e costumes locais. Já a segunda consequência positiva ocorre com o contato entre culturas diferentes, isto é, a do turista com a da população local o que pode levar às mudanças de crenças, valores, comportamentos e costumes entre as partes envolvidas. Essa troca pode ser algo extremamente enriquecedor.



Leandro Neumann Ciuffo

Figura 6.1: Artesanato em pedra sabão, Ouro Preto, Brasil.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Artesanato_em_pedra_sab%C3%A3o.jpg?uselang=pt-br

Todavia, a prática do turismo também é acompanhada por sérios problemas. Ao exceder o potencial turístico de um lugar, pode provocar a saturação das capacidades de carga psicológica ou social na população local. Além disso, as demandas do turismo não podem provocar danos à cultura local e a perda de suas origens. Os lucros dos negócios do turismo são acompanhados de perto pelas empresas multinacionais que, comumente, produzem nova forma de exploração que vem acompanhada por baixos salários e *status* social declinante para os trabalhadores locais. Por fim, mas não menos importante, estão os incentivos a diversos tipos de contravenção que o turismo indiretamente acaba por produzir, ou seja, a prostituição, a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de drogas (COSTA, 2013, p. 46-47).

Quando estabelecemos as aproximações entre turismo e sustentabilidade é importante termos a clareza de que as possibilidades entre essas partes estão expressas, muitas vezes, em padrões de comportamento e em mudanças de hábitos que parecem cristalizados. Provavelmente, nos pequenos detalhes, podem estar ações de impacto no turismo. Dessa forma, apresentamos um exemplo. Desde 2012, o Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB), em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE-MEC) vem desenvolvendo o Projeto Educando com a Horta Escolar e a Gastronomia. Em linhas gerais, a proposta visa à educação alimentar e nutricional tendo dois pilares que são o prazer de se alimentar garantindo a nutrição e,

também, o cultivo, o preparo e a sustentabilidade da alimentação e do ambiente. A ideia é que os agentes da escola (os coordenadores pedagógicos, os responsáveis pela alimentação escolar, os representantes da área de ambiente, os nutricionistas) possam atuar como multiplicadores do projeto em escolas da rede pública de suas localidades de origem. Deste modo, a prática pedagógica é motivada por valores e comportamentos em relação à alimentação e ao ambiente por intermédio da formação da horta e da prática de conhecimentos relacionados com a arte culinária, isto é, a gastronomia (POMPEU; NUNES; LEITE, 2013, p. 138).

Esse projeto educacional envolve crianças, adolescentes e adultos da comunidade escolar, bem como os grupos do seu entorno, que participam dessa iniciativa a partir da constituição de hortas escolares que permitam a abordagem de temas sobre a alimentação nutritiva, saudável e ambientalmente sustentável. É inegável que há uma relação direta entre saúde, a partir da prática de uma alimentação saudável, e a sua contribuição para rendimento escolar melhor. Somado a isso, temos a possibilidade do respeito e valorização cultural à diversidade cultural e às preferências alimentares locais do município e da região em que se encontram os alunos. Observe que apresentamos o exemplo de uma ação educacional como possibilidade para a transformação. Nesse sentido, no nosso curso de licenciatura, quando estamos no processo de formação de professores, é importante que você tenha noção das potencialidades que a escola e a educação podem oferecer para os diferentes campos do conhecimento. No caso do Turismo, o Núcleo de Referência de Gastronomia e Alimentação Regional da CET/UnB desenvolve projetos com objetivo de valorizar o patrimônio alimentar local, despertando nas novas gerações a compreensão da produção do alimento e a percepção da importância de hábitos de alimentação saudáveis. Com o passar do tempo, essa população local receberá turistas que podem ter o interesse em realizar visitas gastronômicas a partir de roteiros por bares, restaurantes e similares que representem as tradições culturais da região. Portanto, uma população local mais bem formada terá condições de receber bem os turistas e, também, o orgulho por pertencer àquele grupo.



Ficou curioso em relação às ações do Centro em Excelência em Turismo da Universidade de Brasília? Acesse o *link* a seguir e conheça as outras iniciativas do CET/UnB: http://cet.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1909:pesquisa-utilizacao-de-ingredientes-produtos-e-receitas-regionais-nos-cardapios-da-alimentacao-escolar&catid=29:pos-graduacao.

De acordo com Helena Costa (2013), nas premissas pertinentes à sustentabilidade, a participação social, a redução da pobreza e a equidade entre as gerações devem ser norteadores importantes para os diferentes setores como, por exemplo, o Turismo. Acima de tudo, o princípio da precaução deve ser observado para garantir a preservação da biodiversidade e, assim, evitar mudanças ambientais irreversíveis. A experiência turística deve ser de qualidade e, para tanto, as estruturas locais de governo devem ter atuação destacada neste processo. Vale destacar também a manutenção da qualidade e da disponibilidade de recursos naturais, tendo em vista tanto o bem-estar físico e social das pessoas e dos ambientes, quanto o respeito aos aspectos culturais da população local.

Aqui vale uma observação. A bibliografia acerca do turismo sustentável realça a sustentabilidade dos destinos, todavia é importante termos noção da totalidade que conta, por outro lado, com os locais de origem do turista, as rotas de transporte e seus impactos. Como conclui Helena Araújo (2013), a sustentabilidade não é um fato consumado, mas um processo em andamento e, portanto, algo não concluído.

Em relação ao turismo histórico-cultural, frequentemente, os viajantes desse segmento buscam conhecer a diversidade cultural dos povos visitados a partir de sua organização, de seus costumes e tradições que são passados de geração a geração. Deste modo, os povos constituem sua identidade cultural a partir do conjunto vivo de relações sociais e patrimônios que são historicamente compartilhados. No Brasil, a diversidade cultural é um dos pilares da identidade do país e fator de sustentabilidade para seu desenvolvimento. Dito de outra maneira, o crescimento do Brasil não pode, em hipótese nenhuma, comprometer o espaço físico (sítios e patrimônios históricos) e, muito menos, as práticas e os conhecimentos locais.

Atividade 1

Atende ao objetivos 1

Em junho de 2014, o Brasil será o país sede da Copa do Mundo de futebol. As notícias acerca do evento ultrapassam o aspecto esportivo da competição. Assim, acompanhe atentamente o fragmento a seguir e responda à questão apresentada:

Um conjunto de ações que promoverão a sustentabilidade na Copa do Mundo de 2014 foi anunciado, nesta terça-feira (27/05), pelo governo federal. Entre as medidas, estão a compensação total, antes mesmo do início dos jogos, das emissões diretas de gases de efeito estufa geradas pelo evento, a certificação ambiental dos estádios, a inclusão social dos catadores e o incentivo ao ecoturismo. O objetivo é alinhar a agenda ambiental ao torneio de futebol.

As ações foram coordenadas pelos ministérios do Meio Ambiente, do Esporte, do Turismo, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), em parceria com os estados e cidades-sede. “As iniciativas vão gerar uma nova realidade do ponto de vista da inovação e reforçar a visão do Brasil como um país megadiverso”, afirmou a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira.

Disponível em: <http://www.jornaldiadia.com.br/news/noticia.php?Id=28327#.U4YsihLtbE>. Acesso em: 28 mai. 2014.

Apresente um impacto cultural positivo que a prática do turismo sustentável possa provocar a partir da perspectiva da realização da Copa do Mundo no Brasil.

Resposta comentada

O Brasil é um país marcado pela diversidade cultural. A questão da produção de alimentos pelos brasileiros e a comercialização de seus produtos marcam a história do Brasil e ajudam na composição do mosaico cultural pela perspectiva da alimentação e da culinária do país. Na Copa do Mundo de 2014, as cidades-sede brasileiras receberam quiosques de comercialização de **alimentos orgânicos**. Ao comprar aqueles produtos instalados em áreas estratégicas, o turista conhecia produtos que fazem parte da mesa dos brasileiros e, ainda, adquiria alimentos mais saudáveis podendo, através de conscientização, incorporar aqueles hábitos na sua vida cotidiana ao retornar ao seu país de origem.

Fernando de Noronha: turismo e sustentabilidade em debate

O arquipélago de Fernando de Noronha é constituído por vinte e uma ilhas, ilhotas e rochedos de natureza vulcânica e está localizado no Atlântico Sul, estando aproximadamente a trezentos e quarenta e cinco quilômetros do cabo de São Roque, no Estado do Rio Grande do Norte, e a quinhentos e quarenta e cinco quilômetros de Recife, capital de Pernambuco. Ao longo de sua história, o arquipélago foi local de pesquisa para vários cientistas que se dedicaram a estudar sua fauna, flora, geologia entre outros aspectos científicos. Atualmente, Fernando de Noronha vive da atividade do turismo de maneira racional e dentro das limitações pelo seu delicado ecossistema e da atividade pesqueira que tem caráter artesanal, estando voltada para o consumo interno.

Segundo José Rocha e Iara Brasileiro (2013), o arquipélago de Fernando de Noronha se estabeleceu como um dos roteiros turísticos mais procurados devido às suas belezas naturais exuberantes, marcada pela coloração esverdeada de suas águas, e sendo conhecido como a Esmeralda do Atlântico. Desde a década de 80 do século XX, o turismo ganhou grande impulso na região com destaque para a conservação desse patrimônio natural, sendo considerada Área de Proteção Ambiental (APA). De acordo com estes autores, o turismo praticado em Fernando de Noronha pode ser considerado sustentável a partir da adoção de le-

Alimentos orgânicos

“O alimento orgânico não é somente ‘sem agrotóxicos’ como se veicula normalmente. Além de ser isento de insumos artificiais como os adubos químicos e os agrotóxicos [...] ele também deve ser isento de drogas veterinárias, hormônios e antibióticos e de organismos geneticamente modificados. [...] Alimento orgânico vem da Agricultura Orgânica que na Legislação Brasileira de 2007 tem como objetivos a autossustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, [...] isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente, o respeito à integridade cultural dos agricultores e a preservação da saúde ambiental e humana”.

Fonte: http://www.portalorganico.com.br/sub/21/o_que_e_alimento_organico.



Elza Fiuza/ABr

Figura 6.2: Alimentos orgânicos.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plantacaoorganica.jpg?uselang=pt-br>

gislação mais pertinente e eficaz apesar do intenso debate acerca da des-
caracterização do arquipélago. Portanto, a constante vigilância deve ser
tanto das autoridades quanto da sociedade brasileira para que Fernando
de Noronha possa ser um dos principais roteiros turísticos do mundo.



Ficou curioso em relação ao arquipélago de Fernando de Noronha?
Acesse o link a seguir e acompanhe a atualização diária com infor-
mações sobre o local: <http://www.noronha.com.br/site/inicio.php>.



Powerbits

Figura 6.3: Baía de Fernando de Noronha. Foto tirada em fevereiro de 2012.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ba%C3%ADa_de_Fernando_de_Noronha.jpg?uselang=pt-br

Em relação ao arquipélago, a questão dos impactos ambientais do turismo neste destino insular é algo que deve ser destacado. Nesse sentido, Maria José Feitosa e Carla Gómez (2012) apresentam reflexão referente à aplicação de ferramentas como o Método da Pegada Ecológica do Turismo:

que avalia o impacto ambiental do turismo em destinos turísticos, na medida em que determina a quantidade de terras bioprodutivas, terras construídas e terras de energia fóssil necessárias para suportar a atividade turística. Contudo, a referida ferramenta é destinada a avaliação de destinos turísticos com características insulares como é o caso de Fernando de Noronha – PE [...] o estudo justifica-se com base no Plano Estratégico de Turismo de Pernambuco – PETP (2008), na medida em que o referido destino é um dos mais importantes para o estado de Pernambuco, e, além disso, apresenta notável fluxo de turistas.

De acordo com as duas autoras, na verificação do impacto do turismo em determinado destino, são estabelecidas quatro categorias:

- transportes;
- alojamento;
- atividades;
- alimentação e consumo de fibras. É importante realçar que para cada categoria há um tipo de terra associada. Assim,

para a categoria transportes consideram-se terras de energia fóssil (queima de combustíveis fósseis nos transportes) e terras construídas (áreas demandadas para construção de aeroportos). À categoria acomodação estão relacionadas terras construídas (construção de alojamentos para os turistas) e terras de energia fóssil (consumo energético diário dos mecanismos de hospedagem). A categoria atividades está vinculada tanto com terras de energia fóssil (demanda de energia nas atividades de lazer) quanto com terras construídas (construção de parques, áreas de recreação etc.) E a categoria alimentação e consumo de fibras está associada a terras bioprodutivas (florestas, áreas de cultivo, pastagens, pesca).



Figura 6.4: Parque Nacional Marinho. Morro do Pico, ponto mais alto de Fernando de Noronha. Foto tirada em fevereiro de 2012.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hill_Peak.jpg?uselang=pt-br

A partir de uma série de cálculos, em relação a Fernando de Noronha, a oferta de recursos é calculada levando em consideração a demanda local com a biocapacidade do arquipélago. Em relação ao ano de 2011, há impacto negativo, ou seja, a oferta de recursos naturais não é suficiente para suprir o consumo destes para a realização das atividades turísticas em Fernando de Noronha. Assim, esse quadro desfavorável, em sua maioria, decorre da geração de energia elétrica no arquipélago e do transporte aéreo para ter acesso a tal destino. Maria José Feitosa e Carla Gómez (2012) concluem que, apesar da preservação da natureza ser uma preocupação efetiva em Fernando de Noronha, ainda há muito que se fazer em relação a esse destino turístico. Os impactos moderados da atualidade poderão ser tornar algo irreversível, num futuro próximo, caso os dados ambientais não sejam observados e trabalhados de maneira efetiva. As alternativas de energia solar e eólica podem ser soluções possíveis para o arquipélago. As autoras encerram a reflexão destacando a importância da conscientização do turista e do respeito em relação ao habitat natural de plantas e animais como, por exemplo, do golfinho rotador que busca o sossego e o descanso de Fernando de Noronha. Todavia, a intensificação dos passeios de turistas nas embarcações pelo arquipélago afasta o golfinho de lá e, assim, o animal deixa de frequentar o local.

Além da beleza natural, desde 2001, Fernando de Noronha conquistou o título de Patrimônio da Humanidade e esse fato tão importante parece não ter a divulgação necessária de agregar valor à atratividade do arquipélago. E por que será que isso ocorre? Glória Maria Widmer (2007) refletiu sobre a questão e, em linhas gerais, considera que ser dono de uma titulação como essa pode contribuir para limitar ou inviabilizar a atividade turística de um lugar. Para ela, o Governo Federal deveria investir em propagandas externas para chamar o turista estrangeiro acostumado com a educação ambiental e a consciência ecológica, focando em países da Europa que têm temperaturas baixas ou no Japão, cujas populações tiram férias em maio, agosto ou setembro que são meses de baixa temporada no Brasil (<http://www.usp.br/agen/?p=5924>).

Observe que o arquipélago de Fernando de Noronha apresenta enorme potencialidade turística, mas que deve respeitar as limitações do local para garantir a vitalidade deste destino turístico por muito tempo. Em termos de considerações gerais, destacamos importantes construções que fazem parte do patrimônio histórico de Fernando de Noronha como, por exemplo, as construções históricas preservadas na Vila dos Remédios com destaque para a Igreja N. S. dos Remédios que data do século XVIII. Outro destaque do patrimônio histórico são os fortes como o de N. S. dos Remédios.



Augusto Fagner Gomes de Lima

Figura 6.5: Parede do Forte de Nossa Senhora dos Remédios e o morro do Pico ao fundo. Foto tirada em fevereiro de 2014.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parede_do_Forte_de_Nossa_Senhora_dos_Rem%C3%A9dios_com_o_morro_do_pico.JPG?uselang=pt-br

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

No Brasil, a partir de maio de 2014, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) está promovendo o relançamento da Campanha Passaporte Verde de promoção ao consumo e à produção sustentáveis para o turismo. Com o novo slogan global Cuide do seu destino, a campanha ganha fôlego através de uma plataforma on-line de comunicação, com portal interativo e forte presença nas mídias sociais (<http://www.passaporteverde.org.br>). O escritório do Pnuma no Brasil criou uma nova marca que será usada globalmente pelo programa ambiental da Organização das Nações Unidas (ONU). A busca por uma comunicação mais direta a partir do tema do turismo sustentável conta com o reforço de Gisele Bündchen (Embaixadora da Boa Vontade do Pnuma e modelo brasileira com carreira internacional).

A partir da sua cidade, escolha uma opção de passeio sustentável que faça parte de um roteiro turístico que você apresente.

Resposta comentada

A cidade do Rio de Janeiro tem sua história fortemente associada à região central. Na internet, é possível encontrar os serviços de empresas de *tour* gratuito que oferecem passeios a pé pelo centro do Rio de Janeiro, a partir de horários e locais determinados. Portanto, nada de veículos que produzam emissões de gases poluentes. Um dos pontos de partida é o largo da Carioca e dali é possível realizar um roteiro histórico-cultural pelo centro carioca caminhando por suas ruas e visitando igrejas, teatros e palácios no seu entorno. Outra possibilidade é contratar o serviço de um amigo local a partir de determinados sites no

qual a ênfase está nas informações e nos assuntos da história e cultura local. Independentemente da sua escolha, após caminhar, o visitante deve apreciar uma deliciosa feijoada, prato tipicamente brasileiro, em algum restaurante na Lapa.



Rent a Local Friend

Um amigo local é alguém que conhece muito bem a cidade, é comunicativo e especialmente que gosta de conhecer novos amigos estrangeiros. No tempo em que estiverem juntos, o amigo local levará os turistas a lugares que apresentem realmente as características da cidade visitada e sendo alternativas aos roteiros turísticos tradicionais.

<http://www.rentalocalfriend.com/be-a-local-friend>

Free Walkers Tour

Em junho de 2013, um grupo de amigas com experiência em viagens para fora do Brasil resolveu trazer o conceito de tours free para o Rio de Janeiro. A partir de passeios gratuitos, com a possibilidade de gorjetas ao final, o grupo de jovens, de preferência cariocas, leva os turistas aos lugares mais importantes da história do Rio de Janeiro e apresenta as particularidades da cidade pelo olhar de quem vive aqui.

Confira mais informações no *site*: <http://www.freewalkertours.com/#!tour-gratuito-sobre-nos/c17xq>.



Helder Ribeiro

Figura 6.5: Largo da Carioca com destaque para o relógio, no primeiro plano, e o Conjunto Arquitetônico do Morro Santo Antônio ao fundo.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:LargoCarioca-Relogio.jpg?uselang=pt-br>

Política e planejamento turístico: o imperativo sustentável

Para Michael Hall (2001), no planejamento turístico, o poder público deve conduzir esse processo ao ser o agente capaz de amenizar os conflitos de interesses inerentes a um modelo global de livre mercado. Nesse sentido, quatro procedimentos são inerentes ao planejamento turístico:

- 1º. o fomento ou incentivo para o turismo;
- 2º. a abordagem econômica para o setor que leve em consideração a indústria;
- 3º. a realização de planejamento ambiental a partir da abordagem espacial;
- 4º. o enfoque voltado para os residentes que devem exercer o papel de anfitriões na atividade turística.

Assim, o planejamento turístico requer uma abordagem ampla que deve valorizar, sobretudo, a criatividade. Atentemos:

O turismo é hoje uma importante área de interesse acadêmico, governamental, industrial e público. [...] é importante não só por seu tamanho em termos de pessoas que viajam, número de empregados ou quanto dinheiro leva até um certo destino; mas devido ao enorme impacto que exerce na vida das pessoas e nos locais em que elas vivem, e devido à forma pela qual ele é significativamente influenciado pelo mundo que o rodeia. O turismo está intimamente ligado às questões do desenvolvimento sustentável. De fato, desde o final da década de 1980 tem havido uma explosão na quantidade de textos e artigos, além de cursos de consultorias, relacionados à formas sustentáveis de desenvolvimento. Entretanto, apesar do excesso de debates sobre a sustentabilidade no turismo, parece que não conseguimos nos aproximar de soluções para os problemas do desenvolvimento turístico. (HALL, 2001, p. 17).

A noção de planejamento deve vir acompanhada da perspectiva política dentro de um processo global que esteja direcionado para o futuro. Assim, as constantes avaliações permitem que ajustes possam ser realizados a qualquer momento. Em linhas gerais, a política deve ser percebida como uma consequência do ambiente político, dos valores, e das ideologias, da distribuição do poder, das estruturas institucionais e dos processos de tomada de decisão. Portanto, a política deve ser uma área importante para o estudioso do turismo.

Nesse sentido, no Brasil, a Universidade de Brasília (UnB) tem uma unidade permanente de ensino, pesquisa e extensão, o Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que é um espaço acadêmico que promove o diálogo entre saberes, a construção do conhecimento e a formação de competências da área da sustentabilidade. Dentre os vários objetivos estratégicos do CDS, destacam-se o fortalecimento e a criação de espaços para a inovação e para a construção da sustentabilidade. Nesse sentido, a formação de recursos humanos qualificados, capazes de desenvolver conhecimentos teóricos e empíricos, aplica as suas competências na área visando contribuir para o enfrentamento dos desafios do desenvolvimento sustentável. Portanto, esse espaço universitário de excelência visa efetivar a reflexão crítica, a construção de ideias e a intervenção na realidade pela perspectiva da sustentabilidade.



Figura 6.7: Projeto Quartas Sustentáveis. Foto tirada em novembro de 2010.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flickr_-_Minist%C3%A9rio_da_Cultura_-_Projeto_Quartas_Sustent%C3%A1veis_\(3\).jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flickr_-_Minist%C3%A9rio_da_Cultura_-_Projeto_Quartas_Sustent%C3%A1veis_(3).jpg?uselang=pt-br) Autor: Ministério da Cultura



Projeto Quartas Sustentáveis

Promovido pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS-UnB) que tem, em cada semana, convidados de vários setores para discutir as ações ambientais. Na foto de 2010, o tema da mesa era A centralidade da cultura no desenvolvimento que integrava o Módulo Central do Centro de Excelência em Turismo, no Campus Darcy Ribeiro, tendo sido aberta ao público. O CDS foi criado em 1995 tendo ações voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão e mantendo, também, um Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável criado na década de 1990. Ficou curioso? Acesse no Facebook a partir do seguinte endereço: <https://www.facebook.com/centrodesenvolvimentosustentavel/info>.

Conclusão

Certamente, um dos grandes desafios do turismo está focado na questão da sustentabilidade e na possibilidade de atender aos interesses econômicos, sociais e ambientais. Portanto, não é sensato ignorar os negócios que movem o setor turístico. Contudo, também é necessário observar as necessidades sociais e ambientais, principalmente dos destinos turísticos. A responsabilidade pelas questões que atingem o turismo não deve ser exclusiva dos governos, mas também da sociedade organizada como um todo que devem participar e se comprometer com os resultados decorrentes dos projetos turísticos.

Para tanto, é fundamental o acesso à educação de qualidade e à informação para que as pessoas possam discutir as questões relativas ao turismo com maior conhecimento. Nesse sentido, na universidade e mais especificamente nos cursos de licenciatura, o debate com os alunos pode produzir leitura em relação à mídia e aos assuntos badalados como o turismo sustentável no século XXI.

De acordo com Marilena Chauí, em tempos de internet e com a existência de TV a cabo, com emissoras dedicadas exclusivamente a notícias, durante 24 horas, recebemos sem parar informações que acabam tornando-se homogêneas pelo modo de sua transmissão. Todavia, como alerta precisamente a autora, o paradoxo está em que há uma verdadeira saturação da informação, mas, ao fim, nada sabemos, depois de termos tido a ilusão de que fomos informados sobre tudo. Dessa maneira, o acesso à notícia é apenas um primeiro passo para a construção de uma leitura crítica, no caso, do turismo em bases sustentáveis. Nada substitui o debate e a reflexão sobre os projetos pretensamente maravilhosos nas áreas do turismo, hotelaria e entretenimento que, muitas vezes, não trazem benefícios às pessoas do local. Os interesses econômicos devem observar as demandas sociais e culturais ao garantir empregos dignos aos residentes que têm interesse em trabalhar nos negócios turísticos e respeitar suas tradições e seus saberes.

Resposta comentada

Na atualidade, vários sites e fóruns de debates sobre a produção artesanal de cerveja estão em plena atividade como demonstração da potencialidade econômica desse negócio. Alguns estados brasileiros, como Santa Catarina, já saíram na frente e estão, cada vez mais, se firmando no cenário econômico nacional. Quando os turistas visitam estes locais, os estabelecimentos comerciais oferecem as bebidas da produção artesanal, o turista fica impressionado com o sabor e, posteriormente, passa a ser item de procura e cobiça em suas futuras viagens. Portanto, nas diferentes esferas de atuação (municipal, estadual e federal), as autoridades devem incentivar essas possibilidades, através de incentivos fiscais, de auxílio na divulgação, na criação de cursos multiplicadores que possam ensinar outras pessoas a desenvolver, no caso, a produção artesanal de cerveja. A articulação entre poder público e iniciativa privada deve ser valorizada e o planejamento precisa ser estabelecido para o incremento do turismo. Por fim, comumente, dos pequenos projetos nascem as grandes ideias para o setor turístico.

Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Em primeiro lugar, estabelecemos a relação entre um turismo realmente sustentável e seus impactos sociais, culturais e econômicos. Para tanto, destacamos o debate na Agenda 21 que contribuiu para a formação do conceito de turismo sustentável. Além disso, apresentamos o Projeto Educando com a Horta Escolar e a Gastronomia como uma iniciativa do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET-UnB).

Em segundo lugar, apresentamos o patrimônio nacional do Brasil e o fomento ao turismo cultural no mercado nacional brasileiro tendo como referência o exemplo de Fernando de Noronha.

Aula 7

Atratividade turística cultural na história:
Paraty em debate

Metas

Apresentar os vínculos entre atrativo turístico cultural, história e Paraty, realçando os desafios desta cidade colonial, considerada Patrimônio Histórico Nacional.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer alguns dos vínculos entre atrativo turístico cultural, história e a cidade de Paraty;
2. caracterizar o centro histórico de Paraty, com destaque para as construções arquitetônicas do casario e das igrejas locais em suas diferentes temporalidades;
3. distinguir as particularidades do Parque Nacional da Bocaina, com destaque para a importante área ambiental.

Introdução

A simples menção ao nome da cidade Paraty provoca, provavelmente, as impressões mais diversas entre as pessoas. Um dos destinos turísticos mais procurados no estado do Rio de Janeiro, a cidade permite reflexões que passam pela história, pela cultura e, também, pela ecologia. Mas, afinal, o que torna Paraty uma cidade tão singular? Esta resposta está nas próximas páginas e é o principal motivo da nossa reflexão.

Observe uma expressão existente no título desta aula: atratividade turística. Afinal, o que transforma um lugar em atrativo turístico? Em linhas gerais, é um lugar que chama a atenção, que desperta o interesse e que provoca o desejo do viajante e do turista de usufruir das possibilidades locais.

Pela perspectiva do turismo cultural, de acordo com as orientações básicas do Ministério do Turismo:

No caso do Turismo Cultural, são considerados atrativos os bens do patrimônio cultural e suas formas de expressão, criados para sua preservação e interpretação. A identificação do atrativo cultural, de seu contexto histórico e sociocultural, é um exercício de compreensão daquilo que lhe é inerente, sua identidade, essência e elementos característicos, podendo, assim, ser organizados e classificados conforme suas características e aspectos relacionados à sua apreciação, aos grupos de interesse que mobiliza. Um detalhado inventário cultural é a base de conhecimento sobre os atrativos e o fundamento para a estruturação dos produtos de Turismo Cultural, onde se considera os interesses do turista, a quem se espera atrair com propostas claras de atividades e oferta de serviços. (BRASIL, 2010, p. 35-36)

Neste sentido, Paraty é uma cidade colonial considerada como patrimônio histórico nacional e que preserva, na atualidade, suas construções históricas e seus encantos naturais. No século XVIII, destacou-se como importante porto pelo qual passavam o ouro e as pedras preciosas vindas da região das Minas Gerais e direcionadas para a metrópole portuguesa. Além disso, em sua área é possível encontrar a Mata Atlântica por todo lado, tendo como referência o Parque Nacional da Serra da Bocaina e o Parque Nacional da Serra do Mar. Ao longo do século XX, Paraty transformou-se em polo do turismo nacional e internacional, motivado tanto pela sua história quanto pelas suas belezas naturais. Façamos uma

observação. No regionalismo brasileiro, o substantivo masculino “parati” é utilizado de maneira informal para identificar a cachaça, também conhecida como aguardente de cana, produto tão importante na intrínca história colonial do Brasil. Parati também é o nome de um peixe da família das tainhas e que talvez ajude a explicar a familiaridade da cidade com o mar.

Vamos mergulhar juntos nas águas cristalinas de Paraty?

Paraty: entre atrativos turísticos culturais e história

O ouro das Gerais, o café do vale do Paraíba e a cachaça produzida nos milhares de alambiques. Cada um destes produtos nos ajuda a compreender a história do Brasil e, para tanto, podemos eleger a cidade de Paraty como nossa referência. Todavia, não devemos automaticamente considerar a história paratiense marcada apenas pelos dias de esplendor.

O século XIX, com seus impactantes acontecimentos como, por exemplo, a abolição da escravidão, trouxe dias difíceis para Paraty. Mas parece que, ao perder a condição de cidade de destaque na história do país, a localidade continuou com suas tradições. Assim, como nos explica Marina de Mello e Souza (2008), suas histórias, seus costumes, sua religião e suas festas continuaram se desenvolvendo devido à atuação da população local.

Portanto, observe que interessante: o declínio econômico da região produziu duplo efeito. De um lado, permitiu que seus habitantes pudessem passar de geração para geração suas referências culturais e, por outro lado, possibilitou que sua arquitetura, seu patrimônio histórico e suas matas com trilhas, cachoeiras e ilhas ficassem fora do alvo temporário da especulação.

E quando Paraty foi (re)descoberta? Acredita-se que com a construção da rodovia Rio-Santos, a cidade passou a ser alvo de interesse para empresários, comerciantes. E as potencialidades do turismo começaram a ser construídas.

Paraty é uma cidade histórica que tem ainda a oferecer aos seus visitantes uma beleza natural encantadora que, ao longo do tempo, garantiu à localidade um lugar de destaque no turismo cultural do Brasil e do mundo.



Paraty se escreve com “i” ou com “y”?

Na época do descobrimento do Brasil, os índios do Vale do Paraíba desciam a serra em busca de pescado, pois sabiam que o peixe parati (*Mugil curema*), nos meses de inverno, subia os rios para desova, tornando-se presa fácil. Tanta quantidade havia desse peixe, que os índios chamavam este lugar de paratii que significa em tupi “água do parati” (“parati” = espécie de peixe e “i” = rio ou água).

Os jesuítas, catequizadores dos índios, tinham o costume de substituir o duplo “i” pela letra “y” passando assim o nome de Paratii para Paraty. Entretanto, em 1942, uma reforma ortográfica eliminou o W, K e Y do vocabulário. No entanto, essa mesma reforma diz que “Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia se quando já estiver consagrada pelo consenso dos brasileiros.” Portanto a forma correta de escrever o nome da cidade é PARATY.

Disponível em: http://www.paraty.tur.br/como_escreve.php. Acesso em: 20 abr. 2014.

Você tem interesse em conhecer mais sobre a cidade de Paraty? Então acesse o *link* <http://www.paratycultura.org.br/> e boa viagem!



Figura 7.1: Rua Larga na cidade colonial turística de Paraty, no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Brazil_paraty_wide_street.jpg

A cidade de casas brancas com janelas coloniais e valorizadas ruas de pé de moleque definitivamente conquistou seu lugar no circuito internacional de feiras literárias ao sediar, desde 2003, um evento cultural de projeção: a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Desde então, as ruas dessa cidade, no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, recebe autores conhecidos e com carreira literária sólida.

Durante essa festa, mais de duzentos eventos, entre debates, exposições, projeções de filmes, oficinas, shows, dentre outros, agitam a cidade e contam, também, com o entusiasmo do público e a hospitalidade dos residentes.



Figura 7.2: FLIP – Edição de 2007.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/35/FLIP_2007.jpg

Que tal conhecer mais sobre um dos eventos culturais mais aguardados no ano? Acesse: <http://www.flip.org.br/institucional2013.php> e mergulhe na cultura, muito bem acompanhada por livros, autores, debates, tradições e sabores locais.

Na edição da FLIP de 2006, o autor homenageado foi o baiano Jorge Amado que retrata como poucos, os sabores, aromas e cores da boa mesa brasileira presentes em muitas páginas de seus romances que conquistaram o mundo. Neste sentido, os cardápios de Paraty transformaram-se numa oferta gastronômica diversificada dos restaurantes, comandados por muitos chefes de cozinha, de distintos sotaques, que lá se instalaram.

No roteiro cultural da cidade, a Academia de Cozinha e Outros Prazeres é uma parada obrigatória para os apreciadores da boa mesa. Esse espaço é um atrativo turístico que oferece serviço de cozinha profissional para um grupo determinado de pessoas com pratos típicos, no caso da edição de 2006, da Bahia. As explicações são feitas em vários

idiomas, o que facilita a inclusão de turistas na programação. Além das explicações culinárias, são oferecidas explicações culturais da região de origem do prato que está sendo cozinhado e as influências para sua realização. Ao final, os participantes são convidados para sentar à mesa e degustar o prato elaborado que, também vem acompanhado de bebida e de sobremesa devidamente escolhidas.

Aqui vale uma observação. Paraty serviu de cenário para o filme Gabriela, baseado no romance de Jorge Amado, sendo estrelado por Marcelo Mastroianni e Sônia Braga. Dessa forma, muitos visitantes, embalados pelo clima de Paraty, aproveitam para saborear um bobó de camarão como aqueles que os personagens da ficção baiana preparavam para seus convidados. Ou então, vivenciar um pouco do clima que ambientou uma produção cinematográfica brasileira.

Observe que utilizamos a palavra gastronomia no sentido da prática e dos conhecimentos relacionados com a arte culinária e, ainda, com o prazer de apreciar pratos cuidadosamente elaborados. Maria Henriqueta Gimenes acrescenta:

O termo gastronomia é adotado no sentido do conjunto de práticas e conhecimentos relacionados não apenas ao preparo, mas também à degustação de alimentos, tendo como tônica o prazer e as experiências sensoriais e simbólicas envolvidas nesse processo, transcendendo à simples ingestão de calorias. (GIMENES, 2011, p. 20).

Assim, é importante destacar que o atrativo turístico ligado à gastronomia supera, em muito, a simples necessidade humana da ingestão de alimentos para garantir sua sobrevivência. O turista não escapa dessa condição, mas a ela agrega outro elemento fundamental: o desejo em conhecer determinada localidade, a partir dos sabores locais e da oferta de cardápios que os estabelecimentos comerciais – restaurantes, bares, hotéis, pousadas, *hostels* e etc. – oferecem aos visitantes. Todavia, o turismo gastronômico tanto pode propiciar benefícios turísticos como pode envolver outras questões cruciais na condição de atrativo:

Se, por um lado, a oferta comercial de pratos típicos associada ao turismo termina por divulgar a iguaria, tornando-a inclusive acessível a um número maior de comensais, por outro lado, pode incentivar uma série de adaptações, que correm o risco de

roubar justamente a tipicidade que torna cada prato típico único. Cabe, portanto, um olhar atento dos profissionais envolvidos no planejamento turístico das localidades que desejam desenvolver esse tipo de turismo, no sentido de perceber e até mesmo tentar prevenir descaracterizações e banalizações que possam vir a ocorrer. (GIMENES, 2011, p. 29).

Paraty também é conhecida pela produção de uma importante bebida destilada: a cachaça. Nos tempos do Brasil colonial, a cidade do litoral sul do Rio de Janeiro era o maior centro produtor da bebida. De acordo com a documentação histórica, as primeiras indicações da produção datam do século XVII e chegaram a registrar a existência de mais de cento e cinquenta alambiques na localidade.

As condições geográficas da região, com declive acentuado, e a existência de numerosos rios que facilitavam a construção de rodas d'água, foram indispensáveis para a produção dessa bebida alcoólica feita da substância do caldo de cana. Atualmente, mais de quarenta produtores e quinze empresas engarrafadoras estão instaladas no estado do Rio de Janeiro.

De acordo com o Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), vários produtores receberam a certificação de qualidade na produção da cachaça em atendimento às exigências relacionadas à saúde, segurança, meio ambiente e responsabilidade fiscal. A profissionalização do setor de produção e de divulgação do produto fluminense no mercado interno brasileiro são algumas das prioridades na fabricação da cachaça. Neste sentido, foi editada a Carta da Cachaça, que atesta que a pinga de Paraty foi a primeira do país a conquistar o certificado de procedência conferida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

Em linhas gerais, é possível afirmar que a produção artesanal com qualidade soube se adaptar às inovações do século XXI como, por exemplo, a utilização do alambique de cobre, uma vez que o metal garante a qualidade da cachaça. Quem visita Paraty pode conhecer o método de fabricação dos alambiques que funcionam durante todo o ano e degustar o produto, em seu local de produção.



Figura 7.3: Barcos na cidade de Paraty, no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Brazil_paraty_harbour_boats.jpg.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

A cidade de Paraty está localizada no extremo sul do litoral fluminense, na chamada Costa Verde. Ao visitá-la, o turista realiza uma viagem no tempo, com direito a imagens típicas do Brasil colonial e imperial, que podem ser observadas nos sobrados, nas igrejas, nas pedras do calçamento e demais construções arquitetônicas. Apresente detalhadamente uma característica de um atrativo turístico cultural de Paraty.

Resposta comentada

Em função de seu acervo urbanístico e arquitetônico, Paraty pode ser considerada um museu vivo, no qual a população local relaciona-se com o espaço como se estivesse numa exposição em movimento. Assim, o visitante pode sentir a atmosfera do passado do Brasil colonial ou imperial e, ainda, aproveitar eventos que projetam a cidade como, por exemplo, a Feira de Literatura Internacional (FLIP).

A revitalização da cidade ocorrida nas últimas décadas, fez com que Paraty ganhasse reforço na sua programação, isto é, a afirmação do turismo gastronômico com destaque para o preparo e consumo de alimentos, bem como a projeção dos alambiques locais que produzem a cachaça com certificado de procedência (origem).

Centro histórico de Paraty em suas diferentes temporalidades

O centro histórico de Paraty, constituído por menos de vinte ruas, é formado por vias públicas que tiveram seu traçado estabelecido no século XVIII. Patrimônio Nacional tombado pelo Iphan, a Unesco o considera o conjunto arquitetônico colonial mais harmonioso do país.

A arquitetura local é formada por sobrados, casas térreas, praças, prédios públicos, chafariz, fortes, fazendas, igrejas e capelas, sendo que cada um desses locais contribui para se conhecer a história da cidade. Em função da colonização portuguesa, Paraty tem a marca da influência católica e o calendário religioso é um elemento importante para a tradição local, com destaque para a Semana Santa, a Festa do Divino Espírito Santo e a celebração de Corpus Christi.



Figura 7.4: Vista da cidade de Paraty com uma igreja ao fundo, no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/Paraty_Ocean.JPG

As ruas de Paraty têm seu traçado em direção ao mar ou aos rios e já receberam os mais diversos elogios. Certa ocasião, o escritor Carlos Drummond de Andrade afirmou que a cidade era uma das mais belas do Brasil, com ar de uma antiga dama sentada à beira do mar, atraindo a atenção de pintores, poetas e admiradores, pessoas com olhares cansados e ouvidos fatigados pelo caos das metrópoles. E assim, Paraty podia ser considerada a cidade dos sonhos.

Já o urbanista Lúcio Costa considerava que o estilo paratiense, com predominância da arquitetura dos séculos XVIII e XIX, expressava uma vida enquanto colônia, destacando o contato com o mundo português observado em seus casarios.

A igreja de Santa Rita é a mais antiga da cidade. Sua construção data de 1722 e durante algum tempo funcionou como a matriz de Paraty. Em estilo barroco, na fachada frontal destaca-se o trabalho de madeira das portas e figura do galo dos ventos. A riqueza do acervo do Museu de Arte Sacra auxilia na compreensão sobre a localidade ao longo do tempo:

A riqueza desse material e as igrejas de Paraty revelam o aspecto religioso bastante marcante na vida da cidade. A população reunia-se em irmandades, com sede nas igrejas, para organizar

a devoção ao seu santo predileto. Algumas dessas irmandades, como a Nossa Senhora dos Remédios e Santíssimo Sacramento, chegaram a ser muito ricas e poderosas pelo fato de receberem muitas doações: organizavam festas e procissões, os principais acontecimentos sociais de Paraty nos séculos anteriores. Mantendo o elo com o passado, algumas dessas festas, como a do Divino Espírito Santo, São Benedito e as comemorações da Semana Santa permanecem até hoje. (1990, p. 128).

A influência portuguesa também pode ser observada nos caiçaras que habitam o litoral vivendo, de modo rústico, especialmente da pesca ou de atividade próxima. Muito característicos no litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo, os caiçaras descendem do encontro entre portugueses e índios. Alguns de seus integrantes mantiveram sua cultura de construção naval como, por exemplo, na construção de escunas e canoas. As ilhas próximas de Corumbê, Praia Grande e Araújo abrigam vilas de Caiçaras e outros vivem em áreas de preservação ambiental nas comunidades de pescadores do Sono, Cajaíba, Martim de Sá e Cairuçu, para citarmos algumas. Em linhas gerais, os caiçaras procuram manter suas tradições, dentre as quais podemos destacar o conhecimento do uso de plantas para fins medicinais.

Nas proximidades de Paraty, está localizado o Quilombo do Campinho, considerada a maior organização comunitária de descendentes de africanos do estado do Rio de Janeiro. De acordo com a memória coletiva do local, essas terras foram doadas a três escravas libertas, aproximadamente em 1750, por seu antigo senhor. Com o passar do tempo, as terras do Campinho serviram de refúgio para negros e ali se estabeleceu uma comunidade com traço fortemente matriarcal, onde até hoje as mulheres se destacam no trabalho da roça, artesanato (cestos e esteiras) e produção de farinha de mandioca. Na produção agrícola, destacam-se a cana de açúcar e a banana.

Atualmente, na Casa do Artesanato de Paraty, o turista pode encontrar os produtos artesanais do Campinho e conhecer um pouco mais da história do quilombo. Por fim, vale destacar que um dos grandes momentos do ano de socialização dessa comunidade acontece no mês de maio, por ocasião da celebração da Festa de São Benedito.

E o que sabemos dos índios da localidade? Para contribuir para a resposta desta questão:

Levantamentos arqueológicos feitos na década de 1970 demonstram que os índios de Paraty eram nômades ou seminômades, morando em abrigos provisórios, em especial, grutas e tocas formadas por grandes pedras.

Em duas ocasiões distintas (1853 e 1872), respondendo ao governo da província, a Câmara Municipal informou que não havia terras ou aldeias indígenas em Paraty. Na década de 1980, o governo federal deu a oportunidade para índios guarani-mbyá, liderados pelo cacique Vera-Tupã, se estabelecerem em Paraty, criando para eles duas reservas indígenas: Araponga e Paraty-Mirim.[...]

A fabricação de farinha de mandioca e o artesanato são suas principais atividades econômicas. O artesanato indígena tem a preocupação estética de representar a fauna e a flora, seja através das cores dos cocares e cestos ou das esculturas de animais selvagens em madeira.

Os índios podem ser encontrados nas ruas de Paraty vendendo seu artesanato. Também podem ser vistos no caminho da praia de Paraty-Mirim, que passa pela reserva indígena.

Disponível em: <http://www.paraty.tur.br/indios.php> Acesso em: 20 abr. 2014.

O centro histórico de Paraty serve de cenário para uma das maiores celebrações locais: a Festa do Divino Espírito Santo, que, através de sua procissão, percorre a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, a praça da Matriz e diversas ruas das proximidades. No primeiro semestre de 2013, a reafirmação dos rituais de tradição e devoção ao Divino Espírito Santo garantiu o registro da festa como patrimônio cultural brasileiro por parte do Iphan e com anuência da comunidade. Vamos acompanhar a notícia:

De acordo com o parecer do DPI [Divisão do Patrimônio Imaterial] sobre a festividade (em anexo no final da página), trata-se de uma celebração representativa da diversidade e da singularidade, com elementos próprios, fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural do paratiense. A Festa possui, ainda, relevância nacional, na medida em que traz elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, além de ser uma referência cultural dinâmica e de longa continuidade histórica.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=17303&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em: 20 abr. 2014.

O centro histórico de Paraty também pulsa com contribuições atuais para a cultura da cidade. Em 1981, o casal de artistas Marcos Caetano e Rachel Ribas mudou-se para a cidade e trouxe na bagagem a experiência com espetáculos de bonecos para adultos. Seu grupo “Contadores de Estórias” já encenou mais de vinte espetáculos de teatro e de dança e realizou diversas turnês no estrangeiro, ganhando reconhecimento internacional.

Na década de 1990, para compreender melhor a história da cidade e obter material para a montagem do espetáculo Descaminhos, Marcos começou a pesquisar sobre o Caminho do Ouro em Paraty. Com o apoio de uma bolsa de estudos, o material encontrado era tão rico que permitiu, ainda, a publicação de um livro de ficção, o desenvolvimento de um projeto de prospecção arqueológica (“Paraty – Registro do Caminho do Ouro”) e a organização de uma exposição dedicada à história da antiga trilha. Marcos Ribas ainda coordena o Espaço Teatro de Paraty que fica na rua Dona Geralda, considerada uma das mais belas da cidade, próxima à rua da Praia, à rua da Matriz, à rua do Comércio...



Ficou curioso em conhecer mais sobre o trabalho do Grupo Contadores de Estórias, liderados por Marcos Caetano e Rachel Ribas?

Então, acesse o *link*: <http://www.ecparaty.org.br/index.htm>.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Podemos considerar que o turista, ao visitar o centro histórico de Paraty, convive com as diferentes temporalidades? Apresente dois argumentos que possam sustentar sua resposta.

Resposta comentada

Sim. O turista, ao conhecer o centro histórico de Paraty, convive com o passado da cidade, a partir da visita, por exemplo, à igreja de Santa Rita, considerada um exemplar do estilo barroco e uma herança importante para a cidade que viveu intensamente a extração de metais preciosos.

Por sua vez, o presente também se reflete numa das áreas mais antigas da cidade, a partir do acompanhamento de procissões como a do Divino Espírito Santo, que todo ano ocupa as ruas do centro histórico de Paraty.

Além disso, o Espaço Teatro de Paraty, referência da cultura tanto em termos locais quanto internacionais, está localizado numa das principais ruas da cidade, trazendo o público para apreciar espetáculos lúdicos e sendo, assim, um atrativo cultural nos roteiros turísticos dos visitantes.

Paraty entre o Parque Nacional da Serra da Bocaina e a estrada real: algumas conexões

A influência indígena também pode ser percebida na utilização de alguns vocábulos relacionados a Paraty, como no caso de “Bocaina”, nome da serra próxima à cidade e que significa “entrada do mato” ou “caminho para o alto”.

A natureza é um ponto importante para ser destacado na região de Paraty, na qual existem vários ecossistemas associados à Mata Atlântica. Neste sentido, é possível destacar os manguezais que servem como local de criação de aves, peixes, crustáceos e moluscos. Além disso, existem as restingas que possuem vegetação rasteira, as ilhas costeiras com a existência de fontes de água doce e os campos de altitude localizados na serra do mar, com a presença de arbustos.

A serra da Bocaina situa-se entre duas grandes cidades brasileiras: São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com as fontes, o caminho original de ligação entre o litoral fluminense e o Vale do Paraíba foi aberto pelos índios, sendo utilizado pelos antigos bandeirantes, tropeiros e demais

aventureiros. A paisagem da região é múltipla, apresentando montanhas e praias e sua variação de temperatura é um atrativo que atende aos roteiros turísticos mais diversos. Na década de 70 do século XX, as autoridades brasileiras decidiram criar o Parque Nacional da Serra da Bocaina. O local abriga vegetação da Mata Atlântica, com árvores de grande porte e espécies de aves ameaçadas de extinção, como harpia e determinados tipos de gavião.



Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB)



Figura 7.5: Cachoeira Santo Isidro, atração turística no Parque Nacional da Serra da Bocaina em São José do Barreiro, estado de São Paulo.
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Cachoeira_Santo_Isidro_-_Parque_Nacional_da_Serra_da_Bocaina_01.jpg?uselang=pt-br.

Por sua dimensão e grande variação de altitude, apresenta variadas paisagens e diversos atrativos naturais como praias, piscinas naturais, rios, cachoeiras, picos e mirantes, sem contar a riqueza de flora e fauna, típicas da Mata Atlântica.

Também são muitos os atrativos de interesse histórico e cultural, como os caminhos e trilhas do ouro que o atravessam, remanescentes da época dos tropeiros, bem como a cultura caipira e caicara conservada na porção serrana e litorânea, respectivamente. O parque não está consolidado em termos de visitação, por isso ainda não oferece prestação de serviços ao turista.

O parque, do ponto de vista turístico, pode ser dividido em dois roteiros bastante distintos: a serra e o litoral. A serra, também chamada “parte alta”, é onde o visitante encontra várias cachoeiras, picos e mirantes. Ali que se inicia o Caminho de Mambucaba, a mais famosa das trilhas do ouro. Esse roteiro tem acesso por São José do Barreiro, no Vale do Paraíba. O litoral, também chamado “parte baixa”, tem como destaque as praias do Meio e da Caixa D’Aço, além de uma piscina natural, todas emolduradas pelo verde da Mata Atlântica. O acesso ocorre por Paraty”.

Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradabocaina/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 18 abr. 2014.

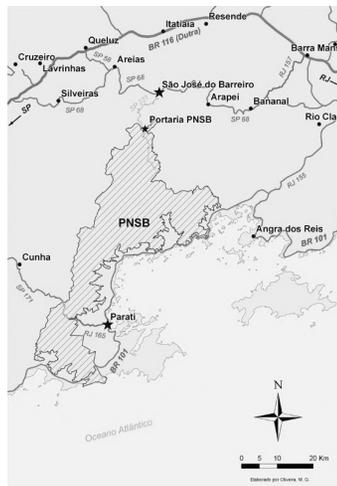


Figura 7.6: Mapa do Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB) e seus limites geográficos.

Fonte: <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradabocaina/guia-do-visitante.html>.

A cidade de Cunha e seus arredores

Um dos atrativos turísticos dos arredores de Paraty é a visita à cidade paulista de Cunha. A estrada que une as duas cidades é herdeira do antigo caminho usado pelos índios guaianás (denominação dada ao indígena de grupos de diversas filiações linguísticas que habitavam São Paulo e Paraná) e, posteriormente, nos séculos XVIII e XIX, pelos tropeiros que subiam a serra em busca de ouro e do café. Atualmente, a estrada Paraty-Cunha atravessa as terras que fazem parte do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Aqui vale uma observação. Até começar a subir a Serra do Mar, a estrada cruza o estreito vale formado pelo Rio Perequê-Açu, onde, no passado, localizavam-se as plantações de cana de açúcar.



A Estância Climática de Cunha tem suas origens por volta de 1695, quando muitos aventureiros subiam a serra pela trilha dos Guaianás com destino a Minas Gerais, atraídos pela notícia de que havia ouro e pedras preciosas naquela região.

No início do século XVIII, a grande movimentação de tropas pelo local atraiu bandidos e saqueadores. Com o declínio do ciclo do ouro, muitos desbravadores acabaram ficando na região atraídos pelo clima e pela fertilidade do solo. Essa intensa movimentação gerou um rápido desenvolvimento local. Em 1932, Cunha foi palco de batalha na Revolução Constitucionalista, quando um batalhão da marinha subiu a serra do Mar com a intenção de chegar a São Paulo pelo Vale do Paraíba.

Em 1948, a cidade foi convertida em Estância Climática. Em 1993, assumiu sua identidade turística e, através do seu Conselho de Desenvolvimento, realizou sua primeira Temporada de Inverno, com calendário de eventos e roteiro das atrações turísticas. Saiba mais em <http://www.cunha.sp.gov.br/municipio-de-cunha>.

Na divisa dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, numa altura de mais de 1.800 metros, localiza-se a Pedra da Macela, considerada um atrativo turístico da região. De acordo com as descrições, do topo da Pedra tem-se uma vista de 360° da região de Cunha e, em dias claros, é possível visualizar as baías de Angra dos Reis e Paraty e a Ilha Grande. Infelizmente, o local ainda necessita de infraestrutura para a visita.



Ficou com vontade de observar fotos da Pedra da Macela? Acesse o Facebook a partir do endereço: <https://www.facebook.com/pe-dradamacela>, e prepare-se para um visual deslumbrante.

Estrada Real

Na América Portuguesa, a exploração da atividade mineradora provocou várias determinações por parte das autoridades metropolitanas. Uma delas estabeleceu que o ouro e os diamantes deveriam deixar as terras das Gerais apenas por determinadas trilhas estabelecidas, e que receberam o nome de Estrada Real. Inicialmente, o caminho velho ligava apenas a cidade de Paraty às províncias auríferas do interior de Minas Gerais em Ouro Preto (antiga Villa Rica).

Todavia, com o passar do tempo, o governo da metrópole portuguesa percebeu a necessidade de outro percurso, o caminho novo, considerado mais seguro e rápido ao estabelecer a ligação direta com o porto do Rio de Janeiro. As mudanças continuaram a partir da exploração de diamantes e o estabelecimento do Caminho dos Diamantes (<http://www.institutoestrada-real.com.br/estrada-real/apresentacao>).

A extensão da Estrada Real é superior a 1.500 km e seus caminhos abrangendo os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro ajudam a conhecer importante momento da história do Brasil durante o período da colonização portuguesa. Neste sentido, os atrativos turísticos são diversos e, cada vez mais, conquistam espaço nos roteiros dos viajantes. Atualmente, é considerada a maior rota turística do Brasil e apresenta belas paisagens, capazes de concorrer com outros panoramas existentes pelo mundo.



Figura 7.7: Placa de Transito, na beira da rodovia Vice-Prefeito Salvador Pacetti (SP-171), informando “Registro de Estrada Real”, no município brasileiro de Cunha, estado de São Paulo.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3f/Reg._Estrada_Real_%28Cunha-SP%29.jpg?uselang=pt-br.



Figura 7.8: Mapa da Estrada Real.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/Mapa_da_Estrada_Real.pdf?uselang=pt-br

Em 1999, a Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG) criou o Instituto Estrada Real com objetivo de organizar, fomentar e gerenciar o produto turístico Estrada Real. O trabalho de uma equipe multidisciplinar especializada em turismo garantiu, no Brasil e no exterior, o reconhecimento do local como destino turístico. Desta forma, em relação ao segmento do turismo histórico-cultural, a região representa o resgate das tradições desses vários caminhos e descaminhos percorridos por escravos em busca principalmente de ouro, e que ajudaram a escrever a história desse país.

A rota turística da Estrada Real pode contribuir para o desenvolvimento econômico e social das localidades dali e promover as atrações culturais, históricas, gastronômicas e ecológicas que encantam os visitantes.

Em 2005, o Instituto Estrada Real criou o Observatório do Turismo (ObT), responsável pela apuração dos dados estatísticos, com objetivo de mapear e acompanhar o desenvolvimento dessa rota turística. A sugestão de medidas preventivas e melhores investimentos para manter o padrão de qualidade da oferta aos turistas são possibilidades da iniciativa. Uma das ações refere-se à pesquisa mensal com os indicadores de ocupação, a partir da divulgação dos meios de hospedagem. Estes estabelecimentos fornecem as taxas de ocupação média da Estrada Real, bem como os locais de origem do turista que visita a região e a motivação de sua viagem. Esse tipo de informação contribui para a criação de melhores condições para recepcionar o turista e auxilia a profissionalização do setor.

Conclusão

Nesta seção, temos a delicada tarefa de encerrar uma aula com o instigante tema de Paraty, cidade que ajudou a escrever a história do país, serviu de cenário para filmes e livros e, recentemente, passou a acolher a FLIP, um dos maiores festivais internacionais na área da cultura.

Poderíamos elencar aqui vários outros aspectos paratienses, mas observe que a cidade agrega três termos que são a síntese de nosso curso: turismo, história e cultura. A história envolve com seu manto – formado por índios, negros, bandeirantes, tropeiros, pelos elementos da Mata Atlântica, os metais preciosos, a cana de açúcar e etc. – a cidade de Paraty.

Ali, no sul fluminense, o turismo e a cultura se entrelaçam como um casal numa dança frenética e intensa. Assim, cada vez mais, os amadores bem-intencionados e diletantes da área do turismo e da cultura perdem espaço para profissionais que percebam os turistas como apreciadores e consumidores culturais que precisam ser respeitados na sua condição de viajantes. Neste sentido, Paraty pode definitivamente se consolidar como respeitado atrativo turístico brasileiro, atraindo turistas nacionais e estrangeiros.

Atividade final

Atende ao objetivo 3

O Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB) é uma das maiores áreas protegidas da Mata Atlântica, na divisa dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A geografia local é rica, composta por região serrana e também por áreas que estão no nível do mar. Suas paisagens diversificadas permitem que diferentes atrativos turísticos se destaquem como, por exemplo, o Caminho do Ouro ou a Cachoeira de Santo Isidro. Escolha um dos atrativos turísticos do PNSB que você considere mais expressivo e explique sua predileção nessa importante área ambiental.

Resposta comentada

Você pode escolher qualquer atrativo turístico. Citaremos a Estrada Real apenas como um exemplo.

A visita Estrada Real é um dos atrativos turísticos mais expressivos do Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB). Como sua extensão é gigantesca, com mais de 1.500 km de extensão, realçamos o trecho en-

tre os municípios de Paraty e Cunha. A estrada guarda riquezas do período da exploração do ouro na América Portuguesa e permite, também, o contato com a vegetação da Mata Atlântica. Assim, é possível colocar em prática um roteiro com muita aventura, natureza e cultura. Além disso, iniciativas como o Observatório de Turismo garantem ao turista usufruir de um atrativo turístico com bases de aproveitamento mais sólidas.



Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Em primeiro lugar, procuramos compreender o sentido de um atrativo turístico cultural, tendo como perspectiva Paraty. Neste sentido, resgatamos alguns dos principais traços históricos desta cidade do sul fluminense como, por exemplo, a sua condição de protagonista na época da mineração e nos tempos de predominância da cana de açúcar no Brasil.

Em segundo lugar, a exposição de alguns flashes do centro histórico de Paraty, em momentos distintos, isto é, na sua condição de passado colonial e na apropriação do presente que recebe iniciativas. Como exemplo, citamos o funcionamento do Espaço Teatro com o Grupo de Contadores de Estórias e espaços-restaurantes, que se especializam no turismo gastronômico.

Por fim, tivemos a percepção de Paraty para além dos seus traços históricos, dando destaque para esta importante área ambiental cercada de Mata Atlântica por todos os lados.

Aula 8

Turismo, cultura e autenticidade:
interfaces do saber

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Apresentar as relações entre turismo, cultura e autenticidade realçando o passado, as tradições e as identidades existentes diante da atualidade marcada pela mundialização.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. discutir autenticidade partindo da perspectiva do turismo e da cultura;
2. relacionar passado, tradições e identidades no mundo atual globalizado;
3. avaliar a atividade do turismo levando em consideração a cultura e a globalização.

Introdução

No curso de Turismo histórico-cultural discutimos as relações entre turismo e cultura por diferentes ângulos como os centros históricos, o patrimônio, os museus, as políticas públicas, a sustentabilidade e a atratividade turística. Agora nosso desafio está centrado na noção de autenticidade que remete a qualidade, condição ou caráter de autêntico. Neste sentido, a discussão está em torno da cultura efetivamente verdadeira, genuína, portanto cuja autenticidade está comprovada e sem sofrer adulteração. Assim, na segmentação do turismo histórico-cultural, o turista quer conhecer os costumes, as crenças, os comportamentos, os conhecimentos que realmente expressem a cultura visitada. Infelizmente, no caso do turismo, muitas vezes situações especiais são criadas como cenário para receber os turistas e passar a falsa sensação de que eles realmente contemplam algo autêntico da cultura visitada. Essa artificialidade é uma demonstração de desrespeito em relação aos turistas que são tratados como pessoas que podem ser facilmente enganadas aceitando aquilo que lhes é oferecido. Isto não deve acontecer e é importante o desenvolvimento da conscientização daqueles que trabalham no setor turístico para impedir que as artificialidades em termos culturais possam continuar acontecendo. O turista é uma pessoa que se desloca durante algum tempo por um espaço diferente do seu deixando momentaneamente o seu cotidiano de lado e, normalmente, disponível para conhecer coisas novas. Portanto, respeitá-lo deve ser o preceito essencial para o Turismo.

A autenticidade pela perspectiva do turismo e da cultura

Segundo Agustín Santana Talavera (2009), na discussão sobre cultura e a questão da autenticidade, outro elemento deve ser destacado, isto é, o patrimônio. Neste sentido, a possibilidade das classes médias de ter acesso ao mercado turístico da cultura cria a necessidade da discussão acerca da cultura e patrimônio e daquilo que é efetivamente autêntico. Prossegue o autor:

A autenticidade procurada pelo turista e vivenciada pelo residente não necessariamente deve coincidir com a materialidade configurada em determinada área [...] não se considera que uma ou outra tradição se constitua como tal porque alguém assim o considere, mas, ao contrário, a experiência é real, é autêntica,

sempre que for considerada como tal por aqueles que a detêm. Embora alguns se empenhem em vendê-la, a autenticidade é criada individualmente como constructo contextualizado nas próprias experiências do sujeito, representando uma alternância de experiências que compensa os padrões e as rotinas do cotidiano, nas quais se misturam os estereótipos do estilo de vida e uso da cultura material dos visitados, com a imagem vendida dos mesmos. É preciso acrescentar a essa combinação o anseio dos visitantes por consumir, compartilhar e se apropriar simbolicamente dessa forma cultural, desse pedaço do patrimônio. Enfim, a autenticidade é determinada não somente pelo que se consome, o produto cultural, mas também pelos processos culturais nos quais o próprio consumidor se vê envolvido desde o momento do planejamento de sua viagem.

É importante também não cairmos numa armadilha que associa automaticamente o autêntico com o antigo, ou seja, algum traço cultural mais antigo não é mais autêntico do que outro, simplesmente é mais velho. Assim, aquilo que é apresentado como tradicional pode ser apenas uma invenção ou farsa sem consistência, mas que está no agrado daqueles que consomem os produtos turísticos e, dessa maneira, produzem lucros para o turismo. Portanto, nesse possível cenário artificial os mediadores e animadores culturais utilizaram a imaginação e os recursos para que os turistas possam consumir um bem ou serviço vinculado à sua viagem. A autenticidade é algo muito subjetivo e, comumente, os turistas estão conscientes disso e, também, são cúmplices da reprodução da qual eles estão se apropriando. Talvez essa ilusão do autêntico seja um componente que existe no processo turístico.

Por sua vez, Margarita Barreto (2007) considera que o turismo cultural tem como principal atrativo algum aspecto da cultura humana, isto é, a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura. A autora faz uma importante consideração acerca de patrimônio e comercialização, acompanhe:

Os negócios turísticos obrigam a que cada lugar desenvolva um “produto cultural” para ter competitividade no mercado, o que leva [...] à invenção de tradições e identidades. Ao mesmo tempo, o patrimônio deixa de ter valor com legado cultural em si próprio e passa a ter um significado comercial.

Nessa discussão que envolve turismo, cultura e autenticidade, com destaque para as tradições e as identidades, o passado projeta-se em termos de temporalidade e sendo valorizado por turistas, residentes e pessoas que atuam no setor turístico. Para completar esse quadro, o conceito de identidade reflete a necessidade de pertencimento que as pessoas têm. Dito de outra maneira, todos parecem se indagar a qual grupo social fazem parte e buscam suas raízes históricas, culturais e familiares incessantemente. Margarita Barreto afirma que as pessoas passam a sentir que a identidade é uma construção social. Atualmente, existem vários sites de busca que ajudam a identificar o possível **brasão** de uma família ou a árvore genealógica para informar sobre a história familiar de determinada pessoa.

Brasão

No caso da heráldica, o brasão é formado pelo conjunto de figuras que compõem o escudo de famílias nobres.

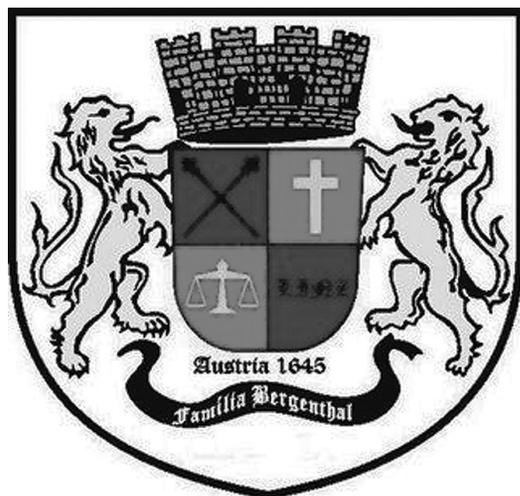


Figura 8.1: Brasão da família Bergenthal.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bras%C3%A3oBergenthal.jpg?uselang=pt-br)

[File:Bras%C3%A3oBergenthal.jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bras%C3%A3oBergenthal.jpg?uselang=pt-br)



Histórico do Brasão da Família Bergenthal

Símbolo tradicional de famílias de origem colonial, com formação e preparação militar, religiosos e levados aos estudos da justiça, tendo como origens às cidades de Linz e Bregenz na Áustria, após alguns descendentes mudarem para Leipzig, Koln e Munique na Alemanha [...] No Brasil, consta que com o início da 1ª Guerra Mundial, dois imigrantes, da família Bergenthal, desembarcaram em Rio Grande – RS, e que os mesmos eram irmãos [...]. A cor azul do brasão simboliza o céu da cidade de Linz, o vermelho o sangue que corre nas veias dos componentes do Clã Bergenthal; estas informações foram catalogadas, através de estudo de amigos que quando viajaram para a Áustria e Alemanha, tiveram esta preocupação de fazer-los pela amizade que temos.

Disponível em: [http://commons.wikimedia.org/wiki/](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bras%C3%A3oBergenthal.jpg?uselang=pt-br)

File:Bras%C3%A3oBergenthal.jpg?uselang=pt-br. Acesso em: 6 jun. 2014.

Essas são pequenas demonstrações de como a origem, o ponto de partida de uma pessoa ou grupo social é algo valorizado na atualidade. No caso do turismo, esses interesses são ainda mais potencializados com a busca por informações sobre os lugares visitados, além da curiosidade e do interesse pelos traços culturais do local. Nessa discussão, podemos destacar outro autor importante para o turismo, John Urry (1996), considera que a Grã-Bretanha pode ser um exemplo clássico nessa busca constante pela tradição dentro do mercado turístico. Portanto, o turista ao visitar a Inglaterra teria a oportunidade de compreender o que é ser inglês, o modo de vida inglês a partir dessa visita ao país.



Adriano Aurelio Araujo

Figura 8.2: A Tower Bridge, construída ao final do século XIX, com sistema basculante movido a vapor. Um dos pontos turísticos mais visitados e reconhecidos da Inglaterra.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2e/Tower_Bridge_%28HDR%29_-_Flickr_-_Adriano_Aurelio_Araujo.jpg?uselang=pt-br.

No Brasil, outros exemplos podem ser apresentados como reforço para essa afirmativa. A condição do Brasil como área colonizada permite a busca pelas raízes no velho continente europeu. Em terras brasileiras, a presença de imigrantes marca a história do Brasil em diferentes temporalidades. No caso dos estados do sul, os alemães e seus descendentes contribuíram com suas tradições e identidades para a cultura brasileira. Na serra gaúcha, a influência alemã é percebida nos traços físicos da população local, na arquitetura, na culinária e tantos outros elementos culturais. Gramado não é igual à Alemanha e, também não pretende ser. Na verdade, a cidade gaúcha constrói de forma coerente o imaginário alemão que pretende representar, mas não visa à realidade concreta da Alemanha (FALCO, 2008). Os gaúchos têm orgulho de terem em sua história a presença de colonizadores alemães e fazem questão de demonstrar isso nos pequenos traços culturais que são notados pelos turistas que os visitam.



Fernando S. Aldado

Figura 8.3: Centro da cidade de Gramado (RS) por ocasião do Natal de 2005.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gramado_r%C3%B3tula.jpg

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

O sociólogo Reinaldo Dias (2008) ao analisar a questão da autenticidade apresenta um caso para estudo, isto é, a micareta que é uma festa popular carnavalesca fora do período do carnaval. Assim, as micaretas podem ser compreendidas como celebrações, a partir da invenção de tradições, e que ocorrem em todo o Brasil. Dessa forma:

As micaretas são carnavais fora de época que surgiram primeiramente na Bahia. A primeira micareta ocorreu em Feira de Santana, em 1937, e hoje espalha-se por todo o Brasil, muitas se consolidando com nomes próprios – como o Fortal, de Fortaleza; o Carnabêlo, de Belo Horizonte; o Carnabeirão, de Ribeirão Preto etc. – ou utilizando o nome de micareta simplesmente. O fato é que se trata de uma estrutura construída pelos músicos baianos, que dessa forma espalham sua cultura musical pelo país. [...] Os carnavais fora de época em cidades nordestinas (exceto Salvador) é o fato de que todos contam com artistas baianos comandando os principais blocos. (DIAS, 2008, p. 122-123).

Resposta comentada

O carnaval é uma celebração com a marca dos festejos populares provenientes de ritos e costumes pagãos e que se caracteriza pela liberdade de expressão e de movimento. A festa tem data móvel entre os meses de fevereiro e março e, no Brasil, é uma autêntica celebração cultural aguardada durante todo o ano. Todavia, desde década de 30 do século XX, os músicos baianos procuram aproveitar essa empolgação que agita os foliões e reproduzir a festa em outros meses do ano. Tanto os turistas nacionais e estrangeiros quanto os residentes sabem que a micareta (carnaval fora de época) é uma (re)criação da festa carnavalesca e todos aqueles que têm oportunidade de participar da celebração fazem com a mesma empolgação do carnaval. A micareta ocorre fora da alta estação anual, isto é, o verão brasileiro. Portanto, as oportunidades turísticas (hotel, pacotes, serviços de operadoras, restaurantes, comércio em geral e etc.) são melhores em termos econômicos tornando-se mais interessante para os turistas. Neste sentido, estamos diante de uma estratégia turística exitosa para atrair turistas fora da temporada. Aqueles que participam da experiência são cúmplices da reprodução da festa carnavalesca na micareta e sentem-se como participantes da autêntica celebração brasileira. Acreditamos que a ilusão do autêntico seja uma característica que existe no turismo.

Entre identidades e tradições no mundo globalizado

No mundo globalizado, os acessos aos lugares e às informações estão facilitados e a sensação que temos é que tudo parece possível. Assim, temos a sensação de que rapidamente poderemos vencer as barreiras e concretizarmos nossas expectativas. No caso do turismo, essa velocidade da atualidade pode provocar conflitos entre as partes envolvidas no processo turístico. Margarita Barreto (2007) alerta para o temor de que o turismo de massa, com número cada vez maior de pessoas usufruindo da prática turística, prejudique a integridade do patrimônio:

O turismo que possui como principal atrativo a oferta cultural histórica tem contribuído para manter prédios, bairros e até cidades. A preservação, a conservação e a recuperação do patri-

mônio histórico em sentido amplo fazem parte de um processo mais abrangente representado pela conservação e pela recuperação de memória. E a **memória** é que permite que os povos mantenham sua identidade. Pode-se dizer sobre o legado cultural o mesmo que Georg Simmel (1919) disse sobre as ruínas: são uma forma presente do passado. Por isso, fascinam, assim como as antiguidades. (BARRETO, 2007, p. 97).

Dito de outra maneira, a continuidade entre passado e presente faz com que o patrimônio seja visto como a garantia de determinada identidade passando, assim, a sensação de segurança e de diferença em relação aos turistas que visitam o local. Portanto, as encenações do passado sempre se constituem em atrativos turísticos como é o caso dos bairros históricos de alguma cidade que são revitalizados sendo visitados pelos turistas. Com todas as observações que se possa fazer sobre a maneira distorcida, muitas vezes, de recuperação das identidades locais essa é uma trincheira de resistência ao avanço de uma cultura hegemônica que vem tentando se impor nos últimos cinquenta anos (BARRETO, 2007, p. 98).

Em função do crescimento do turismo, na década de 1980 acreditava-se que as identidades locais iam desaparecer, mas não foi isso que aconteceu. Temos clareza que há investimentos em locais marcados por essas identidades com objetivo claro de obter lucros com os empreendimentos turísticos que venham a ser desenvolvidos ali. Independente dessa observação, o que importa é que as identidades conseguem se preservar pelos caminhos mais diversos.

Alguns teóricos refletiram acerca dos cenários e bastidores que se tornam atrativos turísticos nas viagens que são realizadas pelo mundo. Nesse sentido, destacam o interesse dos turistas em visitarem e acompanharem o preparo dos pratos nas cozinhas dos restaurantes que frequentam ou, ainda, acompanhar o ensaio de uma orquestra dos camarins ou mesmo da plateia observando as ordens do maestro e os desacetos de músicos em processo de preparação para o espetáculo que ainda vai estrear. Dessa forma, seja no restaurante ou no teatro, parece que esse turista busca contato com algo o mais real possível e não com a finalização pronta e que parece sem percalços para elaboração de um succulento prato ou a execução de uma famosa ópera. Acompanhar em profundidade o processo criativo na cultura, seja na culinária ou na música, faz com que a experiência tenha uma componente diferencial e instigante para aqueles que a vivenciam.

Memória

Memória e história não são sinônimos, pois a memória deve ser sempre suspeita para a história. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, já a história é uma representação do passado. Pierre Nora (historiador francês) afirma que a memória dita o que a história escreve, afinal a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos.



Figura 8.5: Na temporada de 2010 e 2011, a Orquestra Simfònica de Barcelona e Nacional da Catalunya.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Orquestra_Simf%C3%B2nica_de_Barcelona_i_Nacional_de_Catalunya_\(OBC\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Orquestra_Simf%C3%B2nica_de_Barcelona_i_Nacional_de_Catalunya_(OBC).jpg)

Nesta discussão, acerca da autenticidade, vale destacar John Urry (1996) que afirma que os turistas estão conscientes da encenação que é feita quando de boa qualidade, uma vez que o consumo em relação aos lugares, no caso do turismo histórico-cultural, deve acontecer de forma reflexiva. Margarita Barreto prossegue:

Conforme algumas correntes de pensamento, autêntico é somente aquilo que é original, uma mostra dos primórdios da cultura, algo como uma essência verdadeira, uma prática cultural que não pode estar contaminada por relações comerciais [...]. No campo específico do turismo, o conceito de autêntico se refere à cultura tradicional e a suas origens, estando associado à qualidade de genuíno e único. [...] De acordo com essa perspectiva, para que uma localidade turística do novo mundo seja considerada autêntica, deve continuar com os mesmos rituais, os mesmos costumes, as mesmas ferramentas e a mesma linguagem dos ancestrais que chegaram no século XIX. Autenticidade é sinônimo de congelamento. A autenticidade também tem estado associada à não comercialização. Um bem cultural transformado em bem de consumo deixaria de ser autêntico. (BARRETO, 2007, p. 101).

Como você pode observar, a polêmica referente à autenticidade mobiliza os especialistas e está longe de ser esgotada. A discussão de autenticidade tem relação direta com a questão da tradição que, normalmente, vem acompanhada por uma carga de nostalgia, isto é, o desejo de retornar a um passado e, no caso, que seja idealizado. É importante realçar que as tradições passam por mutações ao longo de tempo e vão se adaptando às circunstâncias. Assim, para muitos estudiosos elas são inventadas e o importante é que sejam feitas de forma coerente, com credibilidade e que consigam envolver tanto os turistas de forma cuidadosa quanto os residentes respeitando sua história e memória. Acompanhe:

Um caso muito ilustrativo de como as tradições são inventadas para o consumo turístico é a comparação [...] entre dois tours que se realizam na cidade de Amsterdã, um que vai pela água, mostrando o passado histórico que corresponde ao imaginário dos turistas, e outro que se introduz pelos bairros, mostrando a Amsterdã contemporânea, com suas contradições e seus problemas.

Observe que nesse exemplo, o turista pode optar por fazer um passeio que simule um passado da cidade que seja idealizado pelo visitante ou, então, optar por conhecer uma cidade na sua realidade, ou seja, sem maquiagem apresentando seus méritos, seus dilemas e seus impasses tal qual acontece em qualquer grande cidade na contemporaneidade.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

No mundo globalizado, as disparidades econômicas e sociais são gritantes, isto é, pleno século XXI, pessoas que morrem de fome e de desidratação apesar dos avanços no campo da medicina e da produção de alimentos. Em paralelo, a concentração de riquezas faz com que uma pequena parcela de pessoas concentre verdadeiras fortunas. Ao viajarem, os turistas ricos podem se hospedar na hotelaria de luxo que, no caso do Rio de Janeiro, aumenta a oferta a partir de projetos de grupos reconhecidos mundialmente. Nesse sentido, acompanhe a matéria jornalística:

Mordomo 24 horas, menu de travesseiros – alto, baixo de pena de ganso, antialérgico, entre outros – e um hábil concierge para atender os pedidos mais difíceis, de uma reserva num restaurante disputado a um espetáculo com ingressos lotados. Nas redes top em hotelaria de luxo, parece não haver limites para satisfazer o hóspede. Carente nessa área, o Rio está prestes a dar um salto em hotelaria classe A, com aumento de 45% na oferta de apartamentos entre este ano e 2016, totalizando 4600 quartos.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/com-hoteis-de-luxo-oferta-de-quartos-no-rio-pode-subir-45-ate-2016-12390142>.

Acesso em: 6 jun. 2014.

Como explicar a busca pelas identidades e tradições no turismo histórico-cultural e, ao mesmo tempo, turistas procurarem pelos serviços de hotéis de luxo que oferecem as mesmas regalias que podem ser usufruídas em outras partes do mundo?

Resposta comentada

De acordo com alguns estudiosos, no segmento do turismo histórico-cultural, os turistas costumam vivenciar a cultura visitada na sua intensidade ao longo do dia, mas ao retornarem ao hotel, eles querem o conforto que costumam desfrutar no seu cotidiano. No caso dos turistas com alto poder aquisitivo, cada vez mais, a disponibilização de serviços sofisticados pelos hotéis de luxo é algo comum e sua padronização nas diferentes cidades espalhadas pelo mundo faz com que o turista sinta-se como num ambiente conhecido mesmo fora de casa. No caso do Rio de Janeiro, que se consolida como um destino turístico por excelência, os turistas sofisticados que frequentam a cidade são demonstração das desigualdades econômica e social que marcam o mundo globalizado.



Na atividade do turismo: cultura e comunicação em tempos de globalização

Na vida em sociedade, a comunicação é um processo vital para o estabelecimento das relações humanas. Ao envolver a transmissão e a recepção de mensagens entre pessoas, a troca de informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc.) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, garante a comunicação dos seres humanos. Para o turismo, o intercâmbio entre as culturas pode acontecer através de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos e gestuais envolvendo os turistas, as comunidades receptoras, os profissionais do setor turístico e todas as demais pessoas que participam de alguma forma desse processo.

Na globalização, a redução de distância entre os pontos do planeta pode ser percebida de forma mais expressiva em dois campos, isto é, nos transportes e na circulação de informações. Portanto:

A atividade turística, por sua vez, está sintonizada e na “ponta de lança” dessa realidade que é bastante competitiva. Por meio dos websites, oferece-se um mundo de possibilidades, adquirem-se pacotes turísticos, realizam-se passeios virtuais, pesquisam-se preços ofertados por agências e operadoras, e comunica-se com usuários das demais nações com apenas alguns cliques. Faz-se necessário destacar que esse conglomerado de redes reúne, em escala mundial, bilhões de usuários interligados todos os dias nas mais longínquas partes do mundo. Soma-se a isso um descontrole das informações disponíveis, as quais, muitas vezes, geram expectativas que supervalorizam (ou não) o produto turístico ofertado ao público em geral. (HACK NETO; STOLL, 2013, p. 355).

Atualmente, vivemos no mundo das grandes navegações da informação marcado pelas tecnologias que diminuí as distâncias. Aqui aproveitamos para fazer duas observações. Na primeira, temos noção que nem todas as pessoas no Brasil têm acesso direto à internet, mas de alguma maneira a assimilação pelos serviços da rede tornou-se uma realidade. Assim, uma pessoa próxima ou algum profissional do setor turístico pode apresentar ao não usuário de computadores, o mundo que a tecnologia disponibiliza aos internautas. Já a segunda observação, a facilidade de comunicação via internet pode transformar aquilo que seja algo tipicamente local em conhecimento coletivo. Portanto, esta-

mos diante de um paradoxo (contradição), o interesse pelos assuntos locais é possível nesse mundo globalizante que pode se apropriar daquilo que é específico criando a sensação de transformá-lo em algo que seja de todos (HACK NETO; STOLL, 2013, p. 361). Observe:

A globalização e os meios de comunicação se entrelaçam para formar um mundo global: a primeira facilita a interação entre culturas distintas e encurta distâncias por meio da comunicação, e o segundo promove o processo de comunicação, encurtando as fronteiras culturais e contribuindo para o processo do desenvolvimento e a inserção social. [...] Ressalta-se que, dado o crescimento da inclusão digital mundial (tendência irrefutável), aliado ao aumento do uso da internet como meio de pesquisa prévio ao consumo turístico, faz-se necessário um olhar apurado dos profissionais no tocante às imagens, aos sites, enfim, a todas as informações que são ofertadas (direta e indiretamente) pelos destinos e empresas do setor turístico, uma vez que elas podem influenciar (potencializar e/ou desestimular) o consumo das localidades. (HACK NETO; STOLL, 2013, p. 369).

Segundo Reinaldo Dias (2008), no processo de reavivamento cultural, as manifestações associadas às festas e à religião, por exemplo, contribuem para a reconstrução em novos padrões das tradições existentes. Dessa forma, a reconstituição de celebrações tradicionais pode permitir que encenações sejam efetivadas e envolvendo, assim, os turistas em eventos tradicionais locais. No Brasil, as festas religiosas são bastante populares e consagram à celebração de um santo ou, ainda, a comemoração de alguma data importante para aquela comunidade. Nesses dias de folga, normalmente marcados por feriados, as procissões e romarias ocupam as ruas da cidade e arrastam consigo os fiéis, os transeuntes, os turistas curiosos e as mais diferentes pessoas que circulam pelo espaço. Em vários estados brasileiros, uma manifestação cultural, as tradicionais Folias de Reis celebram o nascimento de Cristo, reconstituindo simbolicamente a trajetória dos três Reis Magos de acordo com a Bíblia. Já a Festa do Divino Espírito Santo conserva o caráter popular e religioso tanto na integração das diversas manifestações quanto no esclarecimento aos turistas do significado de cada evento realizado. Independente da religião dos visitantes, a participação dos turistas ocorre no sentido de conhecer traços da cultura (cantos, danças, figurinos, qui-

tutes e etc.) e vivenciar a experiência de compartilhar com os residentes as celebrações. Por sua vez, a encenação da paixão de Cristo, em Nova Jerusalém, é conhecida em todo país como a mais importante atração turística de Pernambuco. Atualmente, o elenco conta com a participação de atores de grandes emissoras de televisão e a cidade-cenário tem mais de 70 mil metros quadrados.



Nova Jerusalém (Pernambuco)

A cidade de Nova Jerusalém está localizada no agreste pernambucano. Em 1956, o gaúcho Plínio Pacheco chegou à Fazenda Nova a partir do convite do diretor e ator Luiz Mendonça que, na época, interpretava o papel de Jesus no espetáculo da Paixão de Cristo. Naqueles anos, a peça era representada nas ruas da vila que pertencia ao município de Brejo da Madre de Deus e contando com a participação de camponeses, de pequenos comerciantes locais bem como de atores e técnicos que atuavam nos teatros do Recife. Alguns anos mais tarde, Plínio Pacheco teve a ideia de reproduzir no lugar a réplica de Jerusalém. As aproximações geográficas entre os locais pareciam confirmar essa intenção, isto é, a existência de muitas rochas, de vegetação rasteira, clima semiárido garantindo a possibilidade de levantar a cidade-teatro emoldurada por montanhas. Em 1968, pela primeira vez, a peça teatral Jesus foi encenada, já com seus palácios e muralhas iniciados, em Nova Jerusalém. Desde então, a cada ano, novas intervenções para melhorar as condições para a realização do espetáculo são acrescidas. De acordo com os dados oficiais, mais de dois milhões e meio de pessoas já assistiram ao espetáculo da Paixão de Cristo.

Disponível em: <http://www.novajerusalem2014.com.br/index.php>.

Acesso em: 7 jun. 2014.



Allan Patrick

Figura 8.6: Templo em Nova Jerusalém, Pernambuco. Foto tirada em 2005.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nova-Jerusal%C3%A9m-Templo.jpg?uselang=pt-br>

As festas e as encenações são tentativas de retorno às origens daquela localidade a partir das reinterpretações e adaptações que a população local faz das celebrações. Desta forma, busca-se a consolidação da identidade do grupo e isso se torna um diferencial nesse mundo globalizado e tão marcado pela reprodução de padrões de comportamento repetitivos. Além disso, a incorporação de novos traços culturais faz parte do processo dinâmico de qualquer cultura. Segundo Reinaldo Dias, a interação com o turismo pode levar a uma revitalização das práticas tradicionais da comunidade, num processo de renascimento das atividades culturais voltadas para o turista, mas mantendo uma funcionalidade local mais fortemente associada à construção de uma identidade. Portanto, é fundamental que os residentes sejam protagonistas neste processo e que tenham clareza daquilo que consideram significativo para sua cultura, assim podendo contribuir para a forma como isso será usufruído pelos turistas.



José Luís Ávila Silveira/Pedro Noronha e Costa

Figura 8.7: Museu do Vinho do Pico, ilha do Pico, Açores, Portugal. Foto tirada em agosto de 2010.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_do_Vinho_do_Pico,_3_Lagido_da_Madalena,_Concelho_da_Madalena,_ilha_do_Pico,_A%C3%A7ores,_Portugal.JPG

Conclusão

Nas interfaces entre cultura, autenticidade e turismo, este último pode ser o elo entre aqueles que visitam e pessoas e locais que são visitados. Deste modo, para que as experiências entre as partes sejam as mais instigantes possíveis torna-se fundamental o respeito e a atenção em relação às tradições e às identidades locais. Todavia, não podemos acreditar num imobilismo cultural, ou seja, as culturas têm suas dinâmicas próprias e, constantemente, são reelaboradas e reinventadas. Em tempos de globalização, tudo isso parece potencializado quando as trocas acontecem em ritmo eletrizante e as fronteiras entre o local e o global parecem sempre fluidas.

O turista ao visitar locais diferentes da sua realidade pode vivenciar a complexidade cultural do local, trocar com os residentes levando as suas experiências de vida e, ao retornar para casa, contribuir na divulgação de destinos turísticos. Esse estimulante encontro entre as partes pode gerar problemas e desafios, mas nem por isso devemos contribuir para a afirmação da incompatibilidade através da convivência entre os turistas e a garantia da autenticidade da cultura visitada. O turismo não é inimigo de ninguém, mas uma prática cada vez mais difundida e usufruída entre as pessoas no mundo. Ignorá-lo ou lutar contra a sua existência em nada garante a preservação do aspecto genuíno das culturas.

As possibilidades envolvendo cultura, autenticidade e turismo existem e devem ser percebidas de forma consciente e criativa e os saldos podem ser positivos.

=====**Atividade final**=====

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Portugal é um destino turístico sendo um país reconhecido mundialmente pelos seus vinhos e pelas paisagens de suas vinícolas que apresentam grande beleza. Assim, muitos turistas procuram o local em busca da cultura do vinho, isto é, apreciar a bebida e conhecer traços da sua produção associado à história do país:

[...] apesar de todo um patrimônio e tradições neste campo, só a partir dos anos de 1990 é que o enoturismo começou a se desenvolver e a ser visto como uma atividade estratégica para o país. Até então, o turismo associado não ia muito além das tradicionais visitas a caves [adegas] e quintas [propriedades rurais].

Desde então, a atividade cresceu, ganhando novos recursos e começou a contribuir como um fator de desenvolvimento e dinamização, sobretudo no meio rural. As regiões vitivinícolas [fabrico do vinho] criaram rotas dos vinhos, e os produtores se associaram: desenvolveram condições para visitas aos seus espaços e conceberam programas de atividades, desde provas a participação nas vindimas [colheitas da uva], passando por encontros gastronômicos.

Disponível em: <http://ela.oglobo.globo.com/vida/gastronomia/nas-vinhas-do-douro-ou-nas-paisagens-alentejo-enoturismo-esta-em-alta-12567066>. Acesso em: 30 abr. 2015.

Nas duas últimas décadas, o turismo tem apresentado uma dinâmica que, no segmento do turismo histórico-cultural, leva a busca por atrativos turísticos que tenham a marca da identidade e da tradição local. Todavia, a busca pela autenticidade da cultura visitada ocorre em tempos de globalização, ou seja, quando todos parecem reproduzir padrões e comportamentos hegemônicos. A partir do exemplo de Portugal, explique como a cultura local pode ser a marca de uma viagem turística em tempos de globalização.

Resposta comentada

As adegas e as quintas portuguesas são tradições da história e da cultura de Portugal a partir da produção de vinho que tem reconhecimento internacional. Nas duas últimas décadas, esse aspecto foi direcionado para o turismo cultural no país a partir da noção de enoturismo. Portanto, apreciar as belezas naturais repletas de montanhas e paisagens bucólicas das tradicionais propriedades portuguesas e buscar a sofisticação das modernas adegas – que passaram por reformas arquitetônicas e atualizam-se em relação aos estabelecimentos similares existentes em outros países – garantindo ao turista a receita para curtir a vida, isto é, a receita para curtir a vida comendo, bebendo e viajando. Assim, a sofisticação dos tempos globalizados convive de forma harmônica com a tradicional cultura portuguesa.

Resumo

Vamos organizar os pontos principais que debatemos nesta aula.

Em primeiro lugar, realizamos uma discussão conceitual de autenticidade a partir da perspectiva da cultura e do turismo destacando três autores, isto é, Agustín Santana Talavera, Margarita Barreto e John Urry. Para tanto apresentamos exemplos da Inglaterra e da cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, para destacarmos as sutilezas e as peculiaridades acerca da autenticidade.

Em segundo lugar, realçamos as noções de tradições e de identidades levando em consideração a importância de suas preservações diante da pretensa cultura hegemônica que tenta impor-se no mundo globaliza-

do atual. Para tanto, diferenciamos memória de história e apresentamos exemplos da culinária e da música e concluímos a seção mencionando os exemplos de dois tours pela cidade de Amsterdã na Holanda.

Por fim, discutimos cultura e comunicação em tempos de globalização. Neste sentido, expusemos o exemplo do agreste nordestino e sua encenação na Paixão de Cristo em Nova Jerusalém tanto como um atrativo turístico importante quanto uma manifestação cultural que preserva sua autenticidade sendo (re)elaborada ao longo dos anos.

Aula 9

Turismo, cultura e espaço urbano:
a metrópole do Rio de Janeiro como
realidade histórica construída

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Estabelecer a relação entre turismo, cultura e espaço urbano, tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro, destino turístico por excelência, a partir da sua condição de metrópole como realidade histórica construída ao longo de diferentes temporalidades.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer as principais aproximações entre o turismo, a cultura e o espaço urbano;
2. caracterizar a cidade do Rio de Janeiro enquanto metrópole, condição que a garantiu como destino turístico por excelência;
3. apresentar exemplos da cidade do Rio de Janeiro, através das diferentes temporalidades, como destino turístico que desperta interesse entre os visitantes.

Introdução

A cidade do Rio de Janeiro terá destaque privilegiado no percurso desta aula. Para tanto, teremos um desafio inicial de articular turismo, cultura e espaço urbano. Com certeza, ao longo do seu curso, várias definições acerca do turismo foram apresentadas. Todavia, mais uma vez, reforçamos que nosso enfoque está no segmento do turismo histórico-cultural e, aqui, acrescentamos mais um aspecto: o espaço urbano.

Frequentemente, as reflexões do turismo ao longo do processo histórico têm dois eixos: o primeiro, referente aos turistas – quem são eles, os locais turísticos visitados, as impressões acerca do país – e, o segundo, as mudanças existentes no local turístico para hospedar turistas e viajantes – as construções de locais de hospedagem, a organização do comércio local e os serviços disponíveis. Assim, escolhemos trabalhar o Rio de Janeiro como destino turístico, tendo como referência diferentes temporalidades.

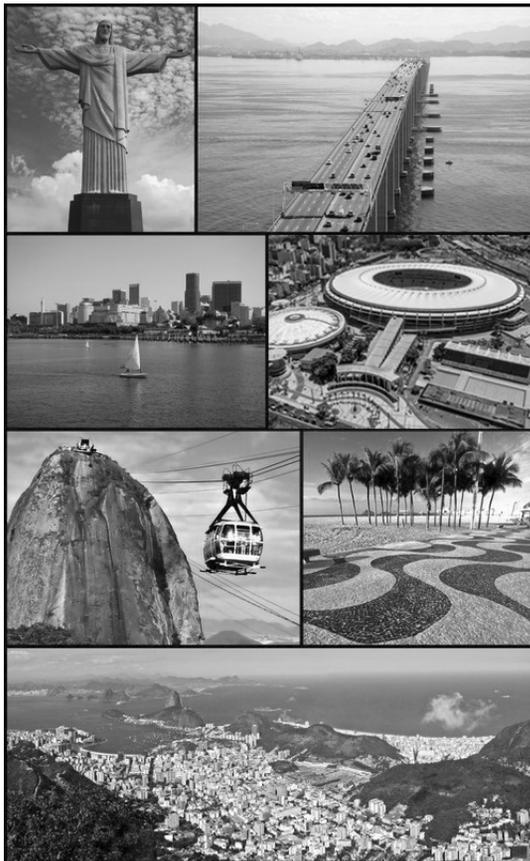


Figura 9.1: Do alto, da esquerda para a direita: a estátua do Cristo Redentor, a Ponte Rio-Niterói, panorâmica do centro da cidade a partir da Baía da Guanabara, o Estádio do Maracanã, o Bondinho do Pão de Açúcar, o calçadão da praia de Copacabana e a visão geral da cidade a partir do Corcovado.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7c/Montagem_Rio_de_Janeiro.jpg?uselang=pt-br

Observe a **Figura 9.1**, uma montagem de fotos da cidade do Rio de Janeiro. Com certeza, mesmo sem a legenda, você facilmente reconheceria vários pontos turísticos que marcam a capital fluminense: o Corcovado, o Pão-de-Açúcar, o estádio de futebol do Maracanã, a ponte Rio-Niterói, que liga a cidade a outros locais importantes no litoral do estado e do país.

Todavia, você já se perguntou de que maneira esses pontos turísticos cariocas foram criados? Afinal, quais foram os elementos fundamentais para o estabelecimento de cada um desses locais como atrativo? De que maneira esses pontos turísticos contribuíram para a condição da cidade como destino turístico procurado todos os anos por milhares de pessoas?

São perguntas desafiadoras que merecem nossa atenção e, assim, fazemos um convite para você mergulhar conosco no diversificado universo carioca.

O turismo, a cultura e o espaço urbano: algumas conexões

Uma multiplicidade de questões envolve o debate acerca do espaço urbano. Vamos nos concentrar na percepção da cidade como obra coletiva que, de certa forma, desafia a Natureza, ao criar um espaço que acaba por exercer poder de atração, tal qual um ímã. E um dos focos é o turismo, ou melhor, a experiência turística conectada ao momento histórico em questão, com destaque para o século XX. Vale ressaltar que o turista é alguém que se desloca para locais comumente distintos da sua realidade cotidiana e que observa as transformações desses lugares das maneiras mais diversas.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, grandes transformações atingiram parcela expressiva dos centros urbanos mais destacados. De acordo com Nicolau Sevcenko, o processo de industrialização e a modernização do país a todo custo eram a marca daqueles anos no país. Nesse contexto, verificou-se o primeiro impulso para o desenvolvimento do turismo e as primeiras estruturas organizadas para receber estes “novos viajantes”.

Os séculos XIX e XX foram marcados pela ideia da mudança, da transformação do espaço. E a cidade parecia ser sua força motriz. Segundo Richard Morse (2004), nesses dois séculos, ao terem seu ambiente conhecido, as cidades foram percebidas como arenas culturais, tornando-se teatros da ação humana. Assim, como afirma Raquel Rolnik (2004), ao

estudá-las, devemos observar o desenho das ruas, das casas, das praças e dos templos que ainda contêm a experiência daqueles que os construíram. A autora afirma que as formas e tipologias arquitetônicas – enquanto habitat permanente – podem ser lidas e decifradas tal qual um texto.

Por sua vez, precisamos acrescentar à discussão a questão da cultura. Para muitos cientistas sociais, a cultura consiste em padrões explícitos e implícitos de comportamento, em crenças e em costumes adquiridos e transmitidos por meio de símbolos. Desta forma, as relações e a dinâmica entre cultura e cidade podem permitir a compreensão de práticas culturais urbanas expressivas.

Para Raymond Williams (2011), é preciso avaliar a complexidade do desenvolvimento e do uso moderno do conceito de cultura, reconhecendo-a também pelas obras e práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística, que a constituem. Assim, o sentido mais difundido de cultura relaciona-se à música, à literatura, à pintura, à arquitetura, à escultura, ao teatro e ao cinema. Aqui, incluiremos mais um item a essa lista: o turismo.

Todavia, como dimensionar as mudanças no espaço urbano, tendo como referencial os aspectos culturais a partir da perspectiva do turismo? Uma possibilidade seria através da grande imprensa da época, que apresenta notícias e anúncios reveladores para nossa reflexão. Para ilustrar nossa afirmativa, observemos o trecho a seguir:

Com base na imprensa podemos perceber como os destinos turísticos brasileiros eram apresentados ao leitor, principalmente, aqueles veiculados pela grande imprensa carioca. Um exemplo pode ser tirado de um extenso anúncio publicado na edição de 2 de março de 1917, na página cinco, do jornal *o Correio da Manhã* que divulgava a estância balneária de Poços de Caldas. De acordo com a publicação, o local era muito concorrido e animado e, para tanto, os dados das temporadas de março e setembro de 1916 eram mencionados como demonstração da efervescência da estância. A motivação vinha da virtude de suas águas, da amenidade do seu clima, dos painéis admiráveis da natureza, tão pródiga que era difícil encontrar a conjugação de tantos fatores em outro lugar. Ao mesmo tempo, gradativamente, os proprietários dos hotéis ou das empresas que exploravam o turismo na cidade promoviam melhoramentos em busca de mais conforto aos seus hóspedes. Exemplo desse tipo de mudança foi o Grande Hotel que ocupava um edifício moderno, considerado estabelecimento de primeira ordem. (BORGES, 2013, p. 4-5).



A Biblioteca Nacional disponibiliza, através da Hemeroteca Digital Brasileira, parte do acervo de periódicos em formato digital. Lá, você pode encontrar um anúncio publicado no jornal carioca “Correio da Manhã”, em 1916, exaltando as atividades de lazer disponíveis em Poços da Caldas. Ficou curioso para ver? É só acessar o *link* a seguir, selecionando a pasta Ano 1916/ Edição 06170 / Página 5: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq=transoce%C3%A2nica_PR_SPR_00130_089842.

Em 1917, o mundo vivia os impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Dessa forma, os destinos turísticos clássicos europeus serviam de palco para o conflito mundial. Portanto, as possibilidades de roteiros alternativos eram apresentadas, e os anúncios estampavam as páginas dos principais jornais da grande imprensa carioca. Vamos analisar alguns elementos existentes nessa divulgação.

Naquele período, nos países europeus e, por extensão, no continente americano, a busca por estâncias minerais era uma prática muito difundida, o que fazia com que esses locais fossem procurados pelos turistas preocupados com os cuidados com a saúde. Os estabelecimentos em funcionamento ofereciam instalações para a prática de esportes, serviços de tratamento para o corpo e, tudo isso, a partir de ambiente calmo e acolhedor.

Na segunda década do século XX, a cidade mineira de Poços de Caldas oferecia essas condições e, gradativamente, tornou-se local de férias e de descanso tanto para a elite carioca e paulista quanto para os turistas internacionais. Como demonstração do sucesso para a procura daquelas estâncias minerais, as listas de hóspedes dos hotéis, dos frequentadores dos restaurantes, dos parques, dos cassinos e demais estabelecimentos públicos estampavam as páginas dos principais periódicos daqueles

anos. Portanto, nos momentos de lazer, frequentar cidades como Poços de Caldas era importante como forma de assegurar o descanso, mas também eram locais de sociabilidade para a elite nacional, com destaque para a carioca e a paulista, e para os turistas estrangeiros.

Os divertimentos, como a ida ao teatro ou ao cinema, faziam parte da rotina de lazer e demonstravam as formas de entretenimento da época. No anúncio em questão, a expressão *rendez-vous* da elite carioca e paulista demonstra um dos pontos de encontro do grupo dominante brasileiro que ainda acolhia os turistas estrangeiros.

Na segunda década do século XX, a companhia de viagens Transoceânica destacava-se no Brasil; sua atuação contribuiu para a compreensão da aproximação entre turismo, cultura e espaço urbano da seguinte maneira:

A Transoceânica apresentava-se como uma empresa de viagens e excursões de recreio individual ou coletivo. Os principais destinos turísticos oferecidos eram capitais latinas, como Buenos Aires e Montevideú, assim como grandes capitais brasileiras, isto é, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Além disso, outras cidades litorâneas paulistas, Guarujá e Santos, e cidades mineiras como Poços de Caldas, Caxambu, Lambari e São Lourenço também eram visitadas. Vale lembrar, de acordo com Karina Toledo Solha (2002), que a busca pelas estações de cura, sejam balneárias ou climáticas, acompanhavam uma tendência de culto ao corpo e à saúde que marcou o período da Primeira República no Brasil. Juntamente com as passagens, a Transoceânica oferecia serviços de hotéis, automóveis, teatros, cinemas, transportes de bagagens, diversões e passeios em geral. Especificamente, em relação ao Rio de Janeiro, a Transoceânica oferecia uma caderneta de cupons para estadia de três, sete, quinze ou trinta dias que eram vendidos em todas as estações da The Leopoldina Company Limited. No Brasil, a firma era a representante dos principais hotéis do Rio da Prata sendo, também, agente do Savoy Hotel e da Casa Gathy Chaves de Buenos Aires. A Transoceânica era a única empresa brasileira que explorava o comércio do turismo, legalmente organizada e autorizada a funcionar no território da República, que tinha a sua carteira de excursões nos moldes de suas congêneres europeias Cook e Lubin. (BORGES, 2013, p. 4).



Thomas Coö

No século XIX, após o advento da Revolução Industrial (século XVIII), começaram as primeiras viagens organizadas com a intervenção de um agente de viagens, e é esse o começo do turismo moderno [...] Em 1841, um vendedor de bíblias, chamado Thomas Cook, andara 15 milhas para um encontro de uma liga contra o alcoolismo em Leicester. Para um encontro, em Loughborough, ocorreu-lhe a ideia de alugar um trem para levar outros colegas. Juntou 570 pessoas, comprou e revendeu os bilhetes, configurando a primeira viagem agenciada. Em 1846, realizou uma viagem similar de Londres para Glasgow (Escócia) com 800 pessoas, utilizando os serviços de guias turísticos. Era o começo do turismo coletivo, a “excursão organizada”, que atualmente leva o nome de all inclusive tour, package ou pacote. (BARRETO, 1995, p. 51-52).

Naquelas primeiras décadas do século XX, as primeiras ações relacionadas ao turismo no Brasil estavam direcionadas para as cidades, com destaque para as capitais dos estados. Nos anúncios publicados em periódicos, a empresa Transoceânica procura apresentar a cidade mineira de Poços de Caldas nos padrões de outras cidades do continente americano.

A Termas Antonio Carlos (**Figura 9.2**), inaugurada em 1931, está em funcionamento até hoje. O estabelecimento é abastecido pelas águas sulfurosas hidrominerais e considerado um dos balneários mais bem equipados das Américas. O estilo arquitetônico cuidadoso do local fez com que fosse apresentado como de incomparável beleza em estilo neorromano e dotado de completas instalações hidrofisioterápicas.



Figura 9.2: Hall das Termas Antonio Carlos, em Poços de Caldas, na atualidade.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Hall_Thermas_Antonio_Carlos.JPG?uselang=pt-br.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Leia atentamente o fragmento e responda à questão apresentada:

A cidade do Rio de Janeiro, na sua condição de cidade litorânea, realizava festas náuticas como, por exemplo, a realizada na terceira semana de agosto de 1923, em homenagem às nações amigas do Brasil, promovida pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo. A regata, na enseada de Botafogo, contou com turistas e a população carioca, ocorrendo num domingo claro e quente. De acordo com os organizadores, a competição foi um sucesso, pois participaram muitos barcos, dezenas de atletas e, ao final, houve uma celebração que contou com a presença de vários casais que dançaram ao som de música à beira da baía. (BORGES, 2012, p. 3-4).

A partir da citação no enunciado da questão, estabeleça a relação entre o turismo, a cultura e o espaço urbano.

Resposta comentada

Nas primeiras décadas do século XX, comumente, as notícias vinculadas ao turismo estavam relacionadas à preocupação com o corpo, nos assuntos ligados à saúde e ao esporte. Assim, as festas náuticas na cidade do Rio de Janeiro em homenagem às nações amigas do Brasil atraíam a atenção da elite nacional e de turistas estrangeiros.

Por sua vez, gradativamente, os jornais registravam as celebrações que, no caso da capital federal, passavam a ter atividades ligadas ao mar. No lazer do final de semana, o Rio de Janeiro realçava a sua condição de cidade litorânea, e isso era muito valorizado pela grande imprensa carioca. Por fim, a música e a dança estavam presentes ao final da regata náutica; eram traços da cultura carioca da celebração.

A metrópole do Rio de Janeiro no alvorecer do século XX pela perspectiva do turismo

No período da Primeira República (1889-1910), na condição de capital federal, a cidade do Rio de Janeiro passou por transformações que procuraram garantir ali a condição de metrópole. Algumas preocupações ocupavam os debates na época e retratavam uma imagem idealizada de civilização que atendia aos interesses da elite. Portanto, simultaneamente, a cidade deveria ser bela e limpa. Para tanto, os jardins deveriam ocupar os espaços públicos, e os cortiços (habitação coletiva para a população pobre) deveriam ser erradicados.

Um dos projetos urbanísticos bem-sucedidos na época foi o Jardim Suspenso do Valongo, situado em uma das encostas do Morro da Conceição, a sete metros acima do nível da Rua Camerino. O espaço, projetado pelo arquiteto-paisagista Luís Rey na administração do prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro (1902-1906), foi criado para desempenhar a função de um jardim romântico e destinado ao passeio

da alta sociedade nos finais de tarde. Sua inauguração ocorreu em 1906, dentro do plano de remodelação e embelezamento da então capital federal. Recentemente, com a revitalização da região portuária carioca, o espaço passou por reformas.



Figura 9.4: Jardim Suspenso do Valongo, abril de 2013 (destaque para a estátua de Minerva e a Casa da Guarda)

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jardim_Suspenso_do_Valongo_02.jpg?uselang=pt-br

Além disso, as autoridades da época pareciam preocupadas com a circulação pela cidade e o funcionamento de seus serviços públicos. Acompanhemos a reflexão de Sidney Chalhoub:

Acreditando que sua missão era promover o “progresso” e a “civilização” na Capital Federal, os burocratas republicanos partiram para uma profunda cirurgia do espaço urbano. Informados por um entendimento bastante restrito do significado da palavra progresso – integração completa nas relações internacionais de mercado e imitação deslumbrada de costumes parisienses –, estes senhores começaram por perseguir capoeiras e demolir cortiços, e tiveram seu momento de maior glória na reforma urbana liderada pelo prefeito Pereira Passos. Não é necessário repetir aqui as linhas gerais de uma história que vem se tornando cada vez mais bem conhecida, bastando enfatizar que a contrapartida a esta política agressiva de transformação da cidade e de intolerância em relação à cultura popular foi a obstinada resistência da classe trabalhadora carioca a algumas das principais medidas dos governos republicanos do período. (CHALHOUB, 1990, p. 184).

A cidade do Rio de Janeiro tinha um duplo desafio pela frente: ser a capital federal republicana e deixar para trás as marcas provincianas (que a deixavam mais atrasada, menos sofisticada). Com certeza, essa não era uma situação fácil.

A Figura 9.5 nos ajuda a compreender aquele período. Trata-se de uma tela pintada por Gustavo Giovanni Dall'ara, artista italiano que imigrou para o Brasil e morou na cidade do Rio de Janeiro (entre 1870 e 1906, os estrangeiros representavam um terço da população carioca economicamente ativa).

A então capital federal retratada pelo artista no quadro tornou-se uma importante representação da convivência entre os elementos modernos e a permanência do lado mais arcaico da cidade. As marcas dos trilhos dos bondes e as mulheres circulando por uma das principais ruas da capital federal demonstram as marcas da mudança. Todavia, ao fundo da tela, observamos as construções desordenadas do Morro do Castelo. Já no primeiro plano, os animais soltos, os vendedores ambulantes e a carroça eram referências antigas da cidade. Essa dupla condição do Rio de Janeiro fez com que a convivência cotidiana fosse marcada, muitas vezes, pelo conflito entre os que defendiam o progresso a qualquer preço e aqueles que tanto resistiam à imposição da dita modernidade quanto defendiam as suas tradições.



Figura 9.5: Óleo sobre tela, de Gustavo Dall'ara, Rio – 1907. Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, centro do Rio de Janeiro. Do lado esquerdo da rua, estão as Igrejas Santa Cruz dos Militares e São José e, ao fundo, vê-se o Morro do Castelo, demolido nos anos 20.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/04/Rua_Direita%2C_atual_Rua_Primeiro_de_Mar%C3%A7o.jpg?uselang=pt-br

É importante acrescentarmos mais um elemento à nossa discussão: a condição da cidade do Rio de Janeiro como destino turístico. Vamos concentrar nossa análise no período da Primeira República.

A construção da imagem de um destino turístico é um processo complexo. No caso do Rio de Janeiro, a cidade tinha que apresentar determinadas características existentes em outras cidades que atraíam os turistas. Naqueles anos, as transformações econômicas e sociais que demonstravam a modernização do país repercutiam na então capital federal. Assim, os elementos clássicos do turismo, isto é, hotéis, restaurantes e divertimentos em geral, no Rio de Janeiro, deveriam ter como referência os padrões internacionais, para garantir a vinda de turistas, principalmente os estrangeiros. Além disso, a cidade promoveu exposições e eventos que, em geral, despertavam a atenção e serviam como convite para visitar o Rio de Janeiro.

No segundo semestre de 1907, na capital federal, vários cinematógrafos (como os cinemas eram chamados na época) foram inaugurados e tornaram-se delírio de divertimento entre os cariocas. Alguns desses locais eram casas de projeções bastante luxuosas, como, por exemplo, os cines Pathé, Rio Branco, Palace, Moderno e Ouvidor. Existiam, também, estabelecimentos mais modestos e, mesmo assim, bastante procurados.

É importante ressaltar que essa ampliação do número de salas de diversão só foi possível em função da expansão da energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro. Assim, todos aqueles que visitassem a capital federal tinham mais opções de lazer.

No ano seguinte, em 1908, a cidade do Rio de Janeiro sediou a Exposição Nacional comemorativa do 1º centenário da Abertura dos Portos do Brasil, com a construção de palacetes nos areais do então distante bairro da Urca. Em linhas gerais, o principal objetivo do evento era mostrar aos povos do mundo o melhor da produção nacional brasileira (agricultura, madeira, tecidos, ouro, pedras preciosas, etc.). Os edifícios que abrigavam os estandes dos expositores eram muito luxuosos, assim como os restaurantes, as cervejarias, os cafés e um teatro em funcionamento na Urca. Assim, as autoridades da época procuraram atrair libras esterlinas e dólares para o país. E a capital federal foi uma atração à parte, sendo visitada pelo secretário de Estado norte-americano, pelos embaixadores de diversos países e pelos empresários que vieram prestigiar a festa.

Veja, na **Figura 9.6**, o prédio construído para abrigar o Palácio dos Estados, na Exposição Nacional. Um ano após o evento, o Serviço Geológico instalou-se ali, junto com outros órgãos do Ministério da Agricultura. Atualmente, o local abriga o Museu de Ciências da Terra (vizinhança da UNIRIO).

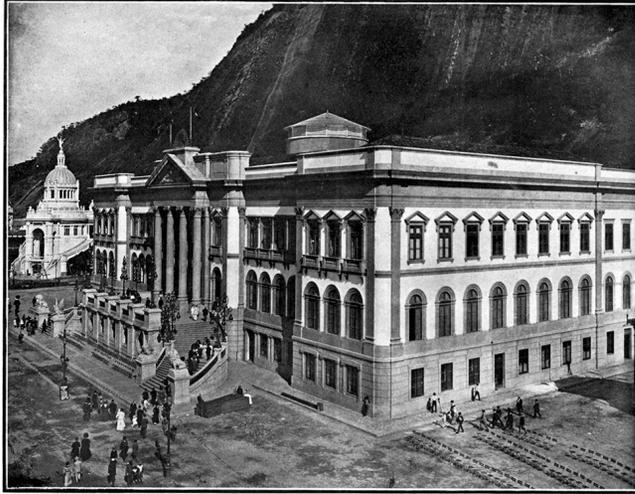


Figura 9.6: Prédio da Avenida Pasteur, 404, Urca, Rio de Janeiro

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Exposi%C3%A7%C3%A3o_Nacional_de_1908_-_Pal%C3%A1cio_dos_Estados_-_Revista_Kosmos.jpg?uselang=pt-br

Em 1909, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi inaugurado e considerado um dos mais luxuosos do mundo. O projeto do edifício, localizado na Cinelândia, era do arquiteto Francisco de Oliveira Passos, e seu interior contou com as criações de artistas famosos, como Eliseu Visconti, Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo. Dois anos depois, em 1911, o Café do Rio virou sensação na cena carioca. Considerado um dos locais chiques da cidade, a clientela bastante eclética circulava pelo estabelecimento concebido em estilo *art nouveau*.



Art nouveau

[...] estilo artístico que se desenvolve entre 1890 e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na Europa e nos Estados Unidos, espalhando-se para o resto do mundo, e que interessa mais de perto às Artes Aplicadas: arquitetura, artes decorativas, design, artes gráficas, mobiliário e outras. [...]

O *art nouveau* se insere no coração da sociedade moderna, reagindo ao historicismo da Arte Acadêmica do século XIX e ao sentimentalismo e expressões líricas dos românticos, e visa a adaptar-se à vida cotidiana, às mudanças sociais e ao ritmo ace-

lerado da vida moderna. Mas sua adesão à lógica industrial e à sociedade de massas se dá pela subversão de certos princípios básicos à produção em série, que tende aos materiais industrializáveis e ao acabamento menos sofisticado. A “arte nova” revaloriza a beleza, colocando-a ao alcance de todos, pela articulação estreita entre arte e indústria.

Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=909. Acesso em: 19 jan. 2014.

Na década de 20, outra exposição sacudiu a cidade do Rio de Janeiro. Dessa vez, a comemoração era pelo centenário da independência do Brasil, celebrada em setembro de 1922. A exposição Internacional ocupou a praia de Santa Luzia, estendendo-se até a Praça Mauá. Várias obras foram realizadas pela cidade como, por exemplo, o desmonte do morro do Castelo e a construção de estabelecimentos, como o Hotel Glória, com o objetivo de hospedar o grande número de visitantes esperados para a festa do centenário.

Os grandes periódicos cariocas noticiaram essas transformações e serviram de veículo para a comunicação e informação da população em geral desses novos espaços que despontavam na vida da cidade. Na edição de 25 de agosto de 1923, a Revista Fon-Fon noticiou:

As festas do Hotel Glória ocupam, incontestavelmente, primeiro lugar entre as reuniões de alta distinção da sociedade carioca. A administração do luxuoso estabelecimento da praia do Russell sabe organizá-las a capricho e dar-lhes, por isso, todo um cunho aristocrático e fino das grandes festas elegantes. Na penúltima quarta-feira, 15 do corrente, o Glória alcançou mais uma vitória com o deslumbrante “réveillon” levado a efeito em comemoração do primeiro aniversário de sua inauguração que coincidiu com o dia da sua padroeira, Nossa Senhora da Glória. Foi o acontecimento mais comentado e mais chic da semana passada. Os amplos salões daquele majestoso hotel regurgitaram de gente fina e vibraram dentro da harmonia de sorrisos delicados e do perfume de mil “toilettes” luxuosas. (BORGES, 2012, p. 1-2).

Ainda na revista *Fon-Fon*, em várias edições daquele ano, existia uma nota de divulgação, no estilo de anúncio, acerca dos grandes hotéis e restaurantes do Rio de Janeiro que apresentava:

Hotel Avenida – O mais importante do Brasil, com telefone e água corrente nos quartos. Diária a partir de 18\$.

Hotel Globo – Rua dos Andradas 19 – 140 quartos – Preferido especialmente por sua situação [localização] central. Frequência anual de 30 mil hóspedes. Serviço de Elevador elétrico. Diária sem pensão. 8\$000. Diária com pensão de 10\$000.

Fluminense Hotel – Praça da República 267/269. Edifício especialmente construído com acomodação para 350 pessoas. Elevador elétrico. Magníficas varandas. Boas salas. Jardim interno. Esplêndido serviço de restaurante. Diária sem pensão 8\$000. Diária com pensão de 15\$000. (FON-FON, 1923, p. 5).

Apesar da realização de exposições pelo governo, construção de hotéis e inauguração de restaurantes e cinemas, a cidade do Rio de Janeiro ainda estava distante de ser o local ideal para receber visitantes e, assim, atrair turistas. Inúmeros eram os problemas cotidianos da então capital federal como, por exemplo, o funcionamento satisfatório da limpeza pública, o fornecimento de água e saneamento para a população local, a existência de serviços de educação e saúde, a abertura de novas áreas de lazer, para destacarmos alguns pontos.

Certamente, essas são questões que ainda não estão plenamente solucionadas na cidade do Rio de Janeiro, mas como precisamente observa Haroldo Leitão Camargo, quem vive bem na sua cidade está em condições de bem receber os turistas e viajantes. Provavelmente, esse é um desafio permanente para os cariocas, mas isso fica para nossa próxima seção.

==== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Leia atentamente o fragmento da entrevista com a antropóloga Julia O'Donnell, publicada na Revista O Globo, de 1º de dezembro de 2013 (domingo):

Pergunta da Redação, por Camilla Maia – Quando a praia se tornou mais democrática?

Júlia O'Donnell – No final da década de 1920, começam a chegar a Copacabana os “taiobas”, que eram os bondes de segunda classe, que permitiam que os trabalhadores usassem trajes de banho. Mas, dentro da lógica das elites, começou a incomodar. O que estava acontecendo? A elite havia propagandeado um estilo de vida praiano, que não era só usar a praia, claro, mas era também ter um corpo moldado, bronzeado, elegante. A Coco Chanel [importante estilista francesa] apareceu na revista *bronzada*, e isso virou moda. E agora todos tinham de lidar com as praias lotadas de trabalhadores. De tanto alardear a campanha, o desejo de ter acesso ao mundo elegante à beira-mar passa também a ser a vontade de diferentes camadas sociais. E aí, no início dos anos 30, começam a aparecer textos muitíssimo inflamados nos jornais, reclamando dessa suposta “invasão”. (MAIA, 2013, p. 43).

A partir desse fragmento de entrevista e do conteúdo da seção, caracterize a cidade do Rio de Janeiro enquanto metrópole, o que contribuiu para sua condição como destino turístico.

Resposta comentada

Na década de 20, a cidade do Rio do Janeiro passava por mudanças com a inauguração de hotéis, restaurantes, cinemas e demais estabelecimentos que imprimissem a marca da metrópole a então capital federal. Os referenciais eram sempre voltados para o exterior, a partir da perspectiva da elite nacional. Nesse sentido, quando um ícone francês, Coco Chanel, apareceu bronzeada, o mundo elegante carioca aderiu ao estilo de vida praiano. Assim, gradativamente, a cidade passou a ser apresentada aos turistas como o local de pessoas bronzeadas, elegantes e com belos corpos. Todavia, o grande desafio estava quando esse referencial também passou a ser cobiçado pelas outras camadas sociais cariocas.

Com certeza, a ideia da praia democrática é mito e algo discutível em relação à cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro em diferentes temporalidades

Ao longo do processo histórico, gradativamente, uma cidade conquista a condição de destino turístico. Dessa forma, nos guias turísticos, nos panfletos e sites das agências e operadoras e, principalmente, nas conversas entre as pessoas através dos diferentes canais de comunicação, os possíveis locais de visitação, a beleza natural de um lugar, as condições de acesso e hospedagem passam a ser divulgados. Essa circulação de informações   decisiva para despertar interesse entre os turistas.

De acordo com Rosana Bignami (2002), há uma ligação muito importante entre a identidade nacional de um país e a sua imagem projetada no exterior. Alguns parâmetros que identificam um país não refletem, necessariamente, a realidade, mas são, sim, formas idealizadas e estigmatizadas que se desenvolvem através dos tempos. Dito de outra maneira, é aquilo que pensamos que somos e não aquilo que efetivamente somos. E isso faz toda a diferenç a.

Em linhas gerais, os fatores que determinam a imagem de um povo como, por exemplo, o brasileiro, estão relacionados ao poder dos meios de comunicação em massa, aos diferentes processos históricos vividos, ao contato direto entre os grupos sociais e   a o continuada de aprendizagem.

Para Renato Ortiz (19985), toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior. Ela é uma diferenç a, opondo-se, assim, ao estrangeiro. Entretanto, dizer que somos diferentes não basta;   necessário avançarmos e mostrarmos em que nos identificamos. Desta forma, ao partirmos da premissa de que o Brasil é “distinto” dos outros países, temos clareza, todavia, de que o consenso está longe de se estabelecer quando nos aproximamos de uma possível definição do que viria a ser o conceito de nacional.

Celso Castro e Bianca Freire-Medeiros (2013) afirmam que, por volta de 1907, o Rio de Janeiro era visto como um espelho de todo o país, uma vitrine para o mundo. A condição de capital federal reforçava essa

identificação misturada entre país e cidade. Até o final da primeira metade do século XX, vários marcos foram construídos ou estabelecidos, como, por exemplo, a inauguração da estátua do Cristo Redentor (1931) e a oficialização dos desfiles das escolas de samba (1932). Assim, pouco a pouco, a paisagem do Rio turístico configurou-se e circulou pelo mundo.

Por sua vez, nos anos 60, nos países em desenvolvimento, como o Brasil, as viagens e o turismo internacional passaram a receber atenção especial das autoridades, que perceberam nesse setor a possibilidade para o crescimento. Essa mudança no turismo contemporâneo tinha ligação direta com a movimentação no cenário internacional, como afirma Margarita Barreto:

Na segunda metade do século, a atividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro. O número de agências de viagens aumentou em consequência do crescimento das companhias aéreas, que não tinham capacidade para colocar suas próprias filiais e preferiam dar a venda de passagens a varejistas. Nos anos 50 e 60, estas vendiam 75% de passagens aéreas; com o declínio do cruzeiro e da ferrovia, passaram a depender exclusivamente das companhias aéreas e das operadoras turísticas. (BARRETO, 1995, p. 55).

Em 1966, a ditadura militar no Brasil criou a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), com uma dupla função: regulamentar o setor turístico brasileiro, com base na Política Nacional do Turismo, e promover o Brasil como destino turístico no exterior. Naquela época, as principais atrações turísticas conhecidas pelo público estrangeiro eram a praia de Copacabana e o Carnaval carioca. Observe que, mesmo com o passar do tempo e com a capital federal transferida para Brasília em 1960, a imagem do país estava sempre colada à cidade do Rio de Janeiro. Celso Castro e Bianca Freire-Medeiros acrescentam à discussão:

No mesmo período, mais precisamente em fevereiro de 1972, é lançada, com o apoio da EMBRATUR, a revista *Rio, Samba e Carnaval*. Distribuída em vários idiomas no Brasil e no exterior (e ainda hoje em circulação com tiragem de 60 mil exemplares), a publicação também povoaria as páginas com inúmeras fotos de mulheres compondo diferentes paisagens, sempre com pouca roupa, disponíveis ao olhar e à imaginação do turista [...]

em 1973 [...] foi aberto o Oba-Oba, a casa de shows onde Sargentelli [locutor de rádio e apresentador de televisão] se consagrou como o grande produtor de “mulatas”. Na época surgiram inclusive cursos profissionalizantes que preparavam jovens mulheres para tal carreira. Foi o início de uma atração turística com a marca do erotismo, até hoje sucesso em casas de espetáculo cujas grandes atrações são os “shows de mulatas” e uma amostra de escolas de samba embaladas para exportação. (CASTRO, FREIRE-MEDEIROS, 2013, p. 21).

Em diferentes temporalidades, note como a cidade foi apresentada de formas distintas aos turistas em potencial.

Em 1º de março de 2015, a cidade do Rio de Janeiro completa quatrocentos e cinquenta anos de fundação. Para celebrar a data, a prefeitura local lançou uma campanha: “*Já que é a sua cidade, você que vai dizer como será o aniversário.*” Através de um site, os cariocas têm espaço para apresentar suas sugestões para os festejos. Como o Rio de Janeiro tornou-se um destino turístico por excelência, as sugestões dos cariocas para a ocasião, frequentemente, envolvem os turistas nacionais e estrangeiros que, muitas vezes, ficam tão encantados com as maravilhas da cidade que a adotam como sua residência.



Para saber mais sobre a campanha dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, acesse: www.rio450anos.com.br.

Os dados estatísticos confirmam essa afirmativa da mutação de muitos turistas para a condição de moradores cariocas, ou seja, eles mudam para a cidade e passam a ser identificados como *neocariocas*. Entre 2005 e 2010, aproximadamente doze mil estrangeiros se mudaram para o Rio de Janeiro e relatam histórias de amor à primeira vista pela cidade.

Talvez um dos grandes méritos da cidade do Rio de Janeiro seja conjugar, em seus inúmeros logradouros, o presente e o passado, que podem contribuir, a partir de múltiplas interpretações, para a consoli-

dação do turismo histórico-cultural. Veja, na **Figura 9.7**, a Ladeira da Misericórdia. Após a demolição do Morro do Castelo, na década de 20 do século XX, ao lado da Igreja N. S^a. de Bonsucesso, restou apenas o pequeno trecho inicial da ladeira, a mais velha rua carioca.



Figura 9.7: Ladeira da Misericórdia. Foto tirada em 2012.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Ladeira_da_Miseric%C3%B3rdia.jpg?uselang=pt-br.

Observe a matéria jornalística:

A metrópole que passa por uma grande repaginação neste século XXI, ainda guarda – em prédios, igrejas, monumentos importantes de sua história, que ajudaram a construir a identidade carioca. [...] Quase quatrocentos e cinquenta anos depois de sua fundação, [...] o Rio de Janeiro passa por um novo processo de descobrimento. Às vésperas dos grandes eventos [Copa do Mundo, Olimpíada] que a colocaram sob holofotes nos últimos anos, a cidade vive um processo de recuperação da sua autoestima perdida quando deixou de ser a capital da República. [...] A cidade que fascina o mundo está transformando estrangeiros em cariocas, Com atrativos que reúnem história, arte, cultura e características geográficas únicas. (O GLOBO, 2013, p. 2, 6-7).

A cidade do Rio de Janeiro é múltipla e, recentemente, tem sido assunto em várias reportagens na imprensa. As praças e os jardins são locais que contribuem para a compreensão da história e da memória

carioca. Assim, ao visitá-los, os turistas nacionais e estrangeiros, assim como os residentes, têm oportunidade do contato com a Natureza e com a cultura e história locais.

A Quinta da Boa Vista (**Figura 9.8**) nos remete ao período imperial da história do Brasil. Com uma área de mais de cento e cinquenta mil metros quadrados, o local foi residência da família imperial no século XIX e ainda conserva árvores frondosas e jardins românticos. Atualmente, é muito procurada, uma vez que ali é possível passear com quadriciclos, bicicletas e de trenzinho, participar de partidas de futebol ou relaxar em um piquenique.



Figura 9.8: Quinta da Boa Vista, com destaque, ao fundo, para a entrada do Jardim Zoológico, no bairro de São Cristóvão.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Quinta_da_Boa_Vista_17.jpg?uselang=pt-br.

Essa possibilidade de divertimento na cidade é uma demonstração de como o carioca e o visitante se relacionam com esses pequenos oásis verdes cravados nessa metrópole marcada por ritmos alucinantes. As atividades ao ar livre fazem parte da cultura carioca de convívio constante e intenso com a Natureza. Experimentar uma dessas possibilidades é algo imprescindível para aqueles que apreciam a cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com os dados estatísticos do Ministério do Turismo, entre 1991 e 2005, o volume de turistas estrangeiros no Brasil cresceu conside-

ravelmente, e o Rio de Janeiro segue como destino turístico preferencial do país. Para Celso Castro e Bianca Freire-Medeiros (2013), na segunda década do século XXI, a cidade vive clima de aposta no presente e no futuro turístico do Rio de Janeiro. Todavia, os desafios são constantes e as notícias de episódios violentos envolvendo visitantes da cidade explicitam a questão da necessidade de segurança pública eficaz. Assim, as campanhas publicitárias em articulação com as ações governamentais parecem querer substituir a imagem gasta de paraíso tropical pela de cidade emergente, moderna e rica em diversidade cultural.



Para saber mais sobre o Ministério do Turismo, acesse: <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>.

Conclusão

Nos últimos trinta anos, a prática do turismo vem se desenvolvendo em ritmo acelerado. Várias explicações podem ser dadas para esse crescimento, mas aqui o que queremos realçar é o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, em que vivemos uma situação que parece contraditória.

No turismo, as diferentes cidades, enquanto espaços urbanos, ganharam projeção, mas despertaram certo desacordo, isto é, o processo de internacionalização que parece tornar os lugares parecidos entre si produz, simultaneamente, uma espécie de nostalgia que toma conta das pessoas, produzindo a necessidade de sentir uma ligação com os lugares visitados, com a história das localidades e com o próprio passado local.

Assim, o específico de cada lugar torna-se encantador na sociedade globalizada e marcada por ações e comportamentos padronizados. Dito de outra maneira, no Ocidente, bebemos os mesmos refrigerantes, ouvimos as mesmas músicas, vestimos uma moda muito parecida, viajamos pelas mesmas companhias aéreas e esperamos dos hotéis ou hostels em que nos hospedamos determinadas práticas. Assim, quando nos deparamos com as especificidades locais, ficamos encantados e muito motivados para visitá-las.

Dessa forma, a possibilidade de interação entre turistas, residentes e profissionais do turismo encontrou um importante canal de comunicação: o segmento do turismo histórico-cultural. Ao conhecer uma cidade, o turista descobre intensamente aquele espaço urbano através de roteiros focados na história e na cultura local. Para tanto, o visitante precisa contar com a atuação de mediadores, que tanto podem ser os profissionais do setor, preparados para as demandas específicas desse segmento, quanto os residentes.

Nesse sentido, a escolha pelo enfoque histórico-cultural valoriza a reflexão feita por John Urry (2001), que considera que o turismo merece atenção, pelas suas características e pelo fato de ser considerado elemento central de diversas mudanças culturais na sociedade contemporânea.

Atividade final

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Ao circularmos pela cidade do Rio de Janeiro, encontramos pessoas comuns que, no exercício de sua atividade profissional, destacam-se e tornam-se referências no cenário carioca. Muitas vezes, recorrem a elementos estereotipados da cultura do país, mas que despertam a atenção entre turistas e residentes. Nesse sentido, destacamos uma pequena matéria publicada em um jornal carioca de grande circulação, com título bastante sugestivo: *Alô, Alô Ipanema, Carmen Miranda brilha na Feira Hippie*:

Há 10 anos, Rosy Reis [artesã da Feira Hippie] incorpora a pequena notável [apelido de Carmen Miranda por conta da sua baixa estatura]. [...] A personagem nasceu há dez anos, em pleno carnaval. Rosy conta que se fantasiou para brincar e tentar aumentar as vendas na barraca. Gostou do sucesso que fez com o público, principalmente os estrangeiros. A festa acabou naquele ano, mas as roupas da Pequena Notável não voltaram para o guarda-roupa. Viraram seu uniforme. [...] Carmen Miranda tornou-se seu apelido, sendo batizada por seus amigos da feira [...] (ARAÚJO, 2013, p. 9).

Enquanto destino turístico, a cidade do Rio de Janeiro supera, em muito, os pontos turísticos clássicos, como o Pão de Açúcar, o Corcovado e

o estádio do Maracanã. A pequena matéria apresentada no enunciado dessa atividade é um exemplo inusitado que articula história e cultura.

A partir do estudo dessa seção, na sua compreensão, como a cidade do Rio de Janeiro, na condição de destino turístico, desperta interesse entre os visitantes?



Carmem Miranda

Nasceu Maria do Carmo Miranda da Cunha, em 9 de fevereiro de 1909, na Freguesia de Várzea da Ovelha, pertencente ao Distrito do Porto, em Portugal. [...] A chegada de Carmen ao Brasil aconteceu em 17 de dezembro de 1909, aos dez meses e oito dias, com a mãe e a irmã Olinda.

No mês anterior, o pai havia chegado ao Rio de Janeiro e estabeleceu-se em um salão de barbeiro – mais tarde, denominado “Salão Sacadura” – na Rua da Misericórdia, nº 70. [...] Em 1929, Carmen cantou num festival organizado pelo baiano Aníbal Duarte no Instituto Nacional de Música no centro do Rio.

Josué de Barros, compositor e violonista baiano, passou a se interessar por sua carreira – e a promoveu junto às estações de rádio, clubes e gravadoras. [...]

Entre as décadas de 30 e 50, sua carreira artística transcorreu no Brasil e nos Estados Unidos, com destaque para suas atuações no rádio, no teatro de revista e no cinema. [...] Seu figurino era extravagante e peculiar, com turbantes e balangandãs inspirados nas roupas das tradicionais baianas. Rapidamente, suas roupas foram copiadas e expostas em vitrines de lojas.

Como cantora, Carmen Miranda vendeu mais de dez milhões de discos no mundo todo e ficou conhecida como A Explosão Brasileira, em função do frenesi que causava em suas apresentações. A personagem da exótica baiana de Carmen Miranda agradou muito aos norte-americanos; todavia, no Brasil, despertou polêmica com seu figurino estilizado e arranjo de frutas tropicais que usava na cabeça, que se tornaram marcas definitivas de sua imagem. Dessa forma, Carmen Miranda expôs ao mundo uma visão cari-

Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Estabelecemos algumas aproximações entre o turismo, a cultura e o espaço urbano. Essa articulação é feita a partir das notícias, dos anúncios existentes em alguns dos jornais da grande imprensa carioca no período da Primeira República (1889-1930). O exemplo mais expressivo concentrou-se na cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, estância mineral e destino turístico muito procurado tanto pela elite nacional, com destaque para a carioca e a paulista, quanto pelos turistas internacionais. Nesse alvorecer do século XX, a companhia Transoceânica destaca-se no cenário turístico nacional, tendo como referência a atuação de similares estrangeiras.

Ainda no período da Primeira República, a cidade do Rio de Janeiro ganhou destaque na nossa reflexão, e buscamos compreender os primeiros elementos que garantiram a sua condição de destino turístico para aqueles que escolhiam o Brasil. Nesse sentido, as autoridades procuraram despertar a atenção dos turistas com a realização de exposições, como, por exemplo, a que foi realizada em 1908, em celebração pelo centenário da vinda da Família Real portuguesa e a Abertura dos Portos, e a de 1922, na comemoração pelos cem anos da Independência do Brasil. Os negociantes estavam atentos aos novos tempos e vários estabelecimentos foram inaugurados, como hotéis, restaurantes e cinemas.

Por fim, a reflexão manteve o foco na cidade do Rio de Janeiro, mas agora passando por outras temporalidades. Através da bibliografia relacionada ao turismo, à história e à cultura com articulação com a grande imprensa, a análise procurou valorizar o múltiplo mosaico carioca.

Aula 10

Turismo, cultura e sociabilidade
no Brasil: a festa do Carnaval e os
espaços carnavalescos

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Compreender a celebração da festa do Carnaval no Brasil como um dos maiores acontecimentos no calendário do turismo, destacando os aspectos culturais e os espaços carnavalescos de sociabilidade.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo ao final desta aula, você seja capaz de:

1. apresentar um breve panorama dos principais estudos brasileiros sobre o Carnaval e as notícias carnavalescas através da imprensa;
2. conhecer algumas das celebrações carnavalescas existentes no Brasil a partir da perspectiva do turismo;
3. identificar espaços carnavalescos cariocas, estabelecendo relações com o setor turístico contemporâneo.

Introdução

Carnaval e Turismo. Certamente, você já teve a oportunidade de estabelecer algum tipo de relação entre esse conjunto de festejos, desfiles e divertimentos típicos, celebrados nos meses de fevereiro ou março, e a atividade turística. As aproximações entre esses dois campos são gigantescas, e teremos que ser seletivos na análise. Vamos por partes.

No calendário do Turismo, a celebração do Carnaval é uma das datas mais aguardadas do ano. As diferentes localidades espalhadas pelo mundo recebem, nos quatro dias da folia, milhares de turistas à procura de divertimento. Nesse sentido, o setor turístico procura planejar um conjunto de serviços voltados para a promoção e organização da estadia dos visitantes para a festa carnavalesca.

A origem da festa do Carnaval remonta à Antiguidade e estava ligada à chegada da primavera, estação do ano em que as árvores ganham nova folhagem, a grama cresce e as flores surgem. Os povos dançavam, comemoravam e agradeciam aos deuses a colheita e a chegada da nova estação.

De origem pagã, essa celebração foi incorporada posteriormente ao calendário cristão. Na Grécia, por exemplo, transformou-se no culto ao deus Dionísio, deus do vinho, dos excessos (especialmente, os sexuais) e da Natureza. Já os romanos o identificavam como deus Baco, e as suas comemorações eram identificadas como bacanais. Ainda na Roma Antiga, as festas em homenagem ao deus da agricultura, Saturno, eram as saturnálias, quando se comemorava a sementeira das safras. Através dos tempos, os festejos foram ganhando novas colorações.

Já na era cristã, a Igreja católica criou uma estratégia de convivência com as festas e orgias que aconteciam em determinada época do ano. Assim, os festejos eram permitidos até a quarta-feira de cinzas. A partir daí, iniciava-se a Quaresma, período de quarentena e abstinência para os católicos, que se prolongava até a Páscoa, data em que esses fiéis celebram a ressurreição de Cristo. De acordo com o calendário católico, o Carnaval é sempre comemorado sete domingos antes do domingo da Páscoa. Aqui vale uma observação: as religiões monoteístas têm ligações históricas e, dessa forma, a Páscoa cristã tem sua raiz na Páscoa judaica, cujo calendário é baseado nos ciclos da lua. Isso faz com que o período do Carnaval não tenha dias fixos no ano. Nesse sentido, a Páscoa judaica é celebrada na primeira lua cheia da primavera do hemisfério norte. Por sua vez, a Páscoa cristã é celebrada no primeiro domingo após a primei-

ra lua cheia, o que pode variar entre 22 de março e 25 de abril, fazendo com que o Carnaval também se desloque no calendário.

A reflexão que propomos aqui tem dois enfoques distintos. Em primeiro lugar, a possibilidade de conhecer algumas reflexões acadêmicas sobre a festa carnavalesca, procurando estabelecer as possíveis conexões com o turismo, tendo como referência as matérias veiculadas pela imprensa. Em segundo lugar, a compreensão dos diferentes elementos existentes na celebração do Carnaval no Brasil. Afinal, a mistura eclética de traços surpreende a todos que refletem sobre o assunto e possibilita maior erudição sobre o tema.

Vamos cair na folia?

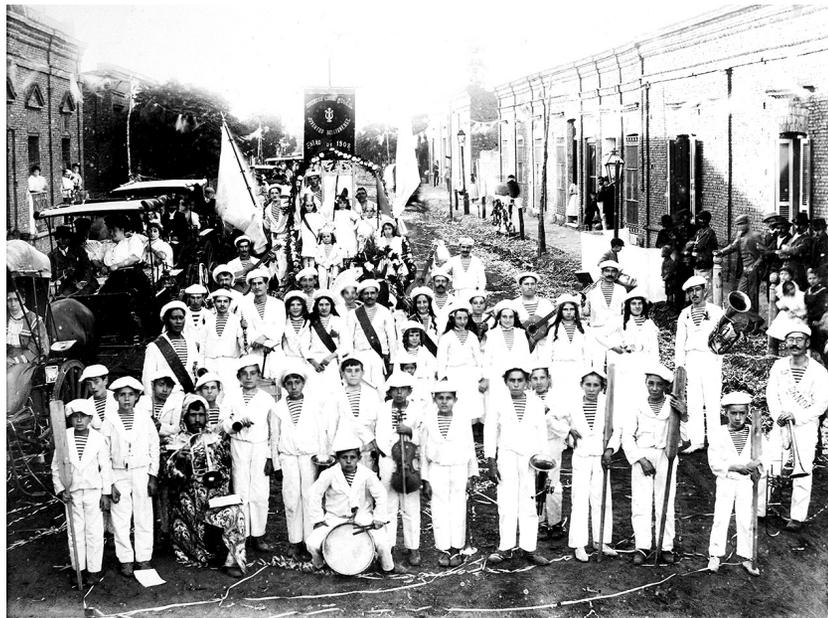


Figura 10.1: Carnaval de 1908, foto tirada na calle Rondeau do corso (desfile de carros enfeitados com serpentina em que iam os foliões fantasiados). Em destaque, os integrantes do Coral Sociedade Musical Juventude Belgranense (General Belgrano, Província de Buenos Aires, Argentina).

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/ff/Museo_Hist%C3%B3rico_Alfredo_E._M%C3%BAlgura_-_Sociedad_Coral_en_los_Carnavales_de_1908%2C_General_Belgrano.jpg?uselang=pt-br.

O carnaval através da reflexão acadêmica e da imprensa

As primeiras interpretações do Carnaval brasileiro foram produzidas por Roberto Da Matta: *O Carnaval como rito de passagem* (1973) e *Carnavais, Malandros e Heroísmo: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1979, com reedição em 1990). Os trabalhos sobre Carnaval publicados posteriormente aproximaram-se ou distanciaram-se destas reflexões seminais de Roberto Da Matta, mas não puderam ignorá-las.

Façamos agora a contextualização do Carnaval no Brasil e as relações desta festa com o Turismo.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, o Carnaval adaptou-se aos trópicos e neles conheceu uma expansão que não alcançou em suas regiões de origem. A implantação no Brasil ocorreu desde os primeiros tempos da colonização portuguesa com sucesso indiscutível, sendo que sua celebração data de, pelo menos, três séculos, sempre com igual entusiasmo.

Em linhas gerais, as comemorações brasileiras são encontradas por toda parte do país, com mínimas variações, e contando com a seguinte programação: desfiles de escolas de samba, bailes e pequenos grupos de sujeitos cantando e dançando pelas esquinas constituem o programa habitual. Desde o início, as atividades carnavalescas foram características das aglomerações urbanas do país. Assim, os grandes e pequenos proprietários rurais e os próprios sítiantes – habitantes dispersos no meio rural – partiam para a vila ou para a sede do município quando queriam divertir-se nos dias de festa, ou seja, *dias gordos*. O Carnaval acompanhou as mudanças, transformando-se radicalmente com novas formas de divertimento tomando o lugar das antigas. Desta maneira, os realizadores atualmente não pertencem às mesmas camadas sociais que os de antigamente. A forma de organizar a festa ganhou aspectos diferentes.

Para Felipe Ferreira, todas as festas se originam de rituais comuns, nos quais a inversão, o deboche e a caricatura desempenham papel preponderante. Nesse sentido, o Carnaval deixa de ser a festa por excelência da inversão para se apresentar como uma festa que, como muitas outras, utiliza-se de ritos de inversão. Assim, definir o Carnaval como um momento de oposição ao tempo normal, como a festa em que tudo é possível, como a festividade que marca o momento de relação com o sagrado ou como o período sem leis, quando as hierarquias são transformadas, equivale a considerar que nenhuma outra expressão festiva

manifeste essas mesmas características. Por outro lado, imaginar que o Carnaval possa ser definido como a festa que apresenta essas características em maior grau irá simplesmente varrer a questão para debaixo do tapete, por meio de uma definição que se apresenta muito mais como uma indefinição e que faz parte de qualquer festa, podendo, assim, ser ou não Carnaval. A polêmica está lançada; deixemos a discussão com os especialistas.



Figura 10.2: Jogos durante o Carnaval (Entrudo Familiar, século XIX).

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/Games_during_the_carnival_at_Rio_de_Janeiro.jpg?uselang=pt-br.

Segundo Walnice Nogueira Galvão, há quase três décadas não se encontra mais quem componha as marchinhas carnavalescas, mas, mesmo assim, seu antigo repertório é cantado e dançado todos os anos, comandando o Carnaval. Por sua vez, o samba-enredo conta uma história variável de escola para escola, de ano para ano. Portanto, temos uma festa cíclica e ritualizada, que se repete anualmente com algumas variações.

Rachel Valença acrescenta que o Carnaval brasileiro atrai turistas das mais diferentes partes, mobilizando milhares de pessoas, e, cada uma a seu modo, aproveita inteiramente a festa carnavalesca. O amante do Carnaval sempre encontrará um pretexto para participar da folia; sempre achará nele alguma coisa apaixonante a comentar e a aproveitar. Arrisca a autora: “Amar o Carnaval é dar a ele uma adesão irrestrita, incondicional e irracional”. A maioria dos foliões divide-se entre coretos, bandas, blocos, bailes, escolas de samba – grandes e pequenas –, bandos

de clóvis ou fantasias isoladas para percorrer ruas e avenidas que nunca ficarão desertas e silenciosas durante os dias de Carnaval. Numa tentativa desesperada de esticar e prolongar a festa carnavalesca, a multidão grita, num certo contrassenso: “É hoje só, amanhã tem mais”.

O Carnaval é assunto obrigatório nas reportagens turísticas, além de algumas referências ao esporte. Porém, o que mais se nota é a associação da imagem do Brasil com suas manifestações culturais, isto é, com “loucura”, “frenesi total”, algo sem limites, em que o brasileiro se libertaria de tudo. Na década de 1980, o italiano Giovanni Buffa publicou uma matéria:

[O Carnaval]: quatro dias loucos, os quais deveriam ser evitados pelo turista. Durante esses quatro dias, não existe mais nada no Rio [de Janeiro]. Os hotéis, mesmo que tenham sido reservados com antecedência de um ano, não se preocupam em afirmar, com desprezo, que não possuem mais o lugar reservado. As tarifas não valem mais. A coreografia é perfeita. Porém, é muito cansativo e são muitos os riscos. É como ir para a guerra. Acontece de tudo, cada ano tem centenas de mortos, milhares de casos de violência, furtos, facadas, intoxicações, derivantes do álcool. Os hospitais lotam, a polícia quase sempre presente, desaparece. (BUFFA, 1981, p. 100).

Posteriormente, em outras reportagens na imprensa internacional, o Carnaval é apresentado como manifestação cultural, sendo visto como momento de unificação, do esquecimento dos problemas sociais que afligem o Brasil sem, porém, deixar de citar o frenesi e a loucura. De certa forma, o Carnaval é associado também à liberação sexual, ou seja, mesmo por meio de uma manifestação cultural, o país é atrativo turisticamente pela sensualidade.

Muitas vezes, o Carnaval é comparado à *loucura*, à *ilusão*, a um *vulcão em erupção*, a um *louco espetáculo*, aos *dias mais doidos de todo o ano*, ao *total frenesi*. Frequentemente, encontra-se também a ideia de contrastes presentes no Brasil que, com o Carnaval, são esquecidos ou apagados temporariamente. O Carnaval transmite ao turista a imagem de quatro dias (96 horas) de total loucura, em que se pode fingir de tudo, inclusive fingir de esquecer e se entregar ao mais completo ritual de luxúria e sensualidade.



O Carnaval, por Mikhail Bakhtin

(filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes, nascido no final do século XIX)

O Carnaval é uma forma *sincrética de espetáculo* de caráter ritual, muito complexa, variada, que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações, dependendo da diferença de épocas, povos e festejos particulares.

O Carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o Carnaval, mas *vive-se* nele, e *vive-se* conforme as suas leis, enquanto estas vigoram, ou seja, *vive-se uma vida carnavalesca*. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual; em certo sentido, uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (*monde à l'envers*).

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

No Rio de Janeiro, os grandes hotéis também eram palco das celebrações do Carnaval e, em seus salões, divertia-se a parcela da população que tinha acesso aos espaços luxuosos, misturando-se com os turistas que visitavam a cidade na ocasião. De acordo com a *Gazeta de Notícias*, em 3 de março de 1925, com o título *A folia carnavalesca*, no cinema Odeon, na coluna “A arte muda”:

Esplêndido esse filme que o Odeon está levando, em que reproduz com fidelidade os melhores tópicos do que foi o último Carnaval. E essa fidelidade se reflete em cena por cena, havendo no filme que o Odeon está apresentando cenas que não puderam ser apanhadas por mais ninguém, pois que apenas o operador do Odeon teve permissão para isso – tais os bailes nos hotéis elegantes, no Palace Hotel, no Copacabana Palace Hotel e no

Hotel Glória, do qual ainda reproduziu a matinê infantil chic e luxuosa. Para mais, o Odeon fez o seu Carnaval como nos anos anteriores, cantando, e, por sinal, cantado por um grupo do Clube Ameno Resedá, que, como todos sabem, foi mais uma vez o campeão de harmonia neste ano, terceiro ano seguido em que vence essa taça, por conseguinte, as cantigas de Carnaval foram bem entregues. (BORGES, 2012, p. 3).

A partir desse fragmento da imprensa, contextualize a celebração do Carnaval, destacando os principais elementos da festa e relacionando-os com o turismo.

Resposta comentada

A matéria da *Gazeta de Notícias*, de 1925, refere-se ao período da Primeira República no Brasil. No país, as celebrações do Carnaval existem desde o período colonial, e suas manifestações ganhavam novos elementos de acordo com cada momento. A matéria sobre a folia carnavalesca apresenta os bailes nos grandes hotéis do Rio de Janeiro, a partir do filme que era exibido na tela do cine Odeon. A fita mostrava as celebrações carnavalescas da elite carioca que, acompanhada de turistas nacionais e estrangeiros que visitavam a cidade, aproveitavam o verão do Rio de Janeiro dançando e cantando ao som da música do Rancho Ameno Resedá.



O Rancho Ameno Resedá era o mais famoso de todos os ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro. O desfile de um rancho era como um cortejo de um rei e uma rainha, ao som de uma marcha que vinha com muitos instrumentos e ritmo parecido com o samba, mas um pouco mais pausado.

O Ameno Resedá foi o que mais se destacou; ganhou prêmio de originalidade e apresentou desfiles reconhecidos como óperas populares. A inspiração do nome veio do som “ameno” do rancho e de uma flor (resedá) abundante na Ilha de Paquetá, onde aconteceu o piquenique que foi o primeiro encontro entre os fundadores do rancho.

Sua primeira sede era no bairro do Catete – que tem nome de origem indígena (que pode significar “folha grande ou mato grosso” ou “uma espécie de milho”) – e já abrigou a sede do Governo Federal do Brasil, além de ter sido bairro de residência de Machado de Assis, Carmen Miranda e José de Alencar”.

Disponível em: <http://casaraoamenoreseda.com.br/quem-somos> Acesso em 26 jan. 2014.

Em 1911, o rancho Ameno Resedá foi ao Palácio do Catete para apresentar-se à família do presidente da República, Hermes da Fonseca.

A celebração da festa carnavalesca no Brasil: flash turístico

A cidade de Paraty está localizada no sul do estado do Rio de Janeiro e apresenta arquitetura histórica muito peculiar e datada do século XVIII. Em 1986, a comemoração do Carnaval ganhou um novo ingrediente: o Bloco da Lama. Alguns dias antes da folia, dois amigos capturavam artesanalmente caranguejos em local perto do centro da cidade, no mangue do Jabaquara. Com o objetivo de livrarem-se dos insetos que viviam na região, os rapazes passaram lama por todo o corpo, ficando irreconhecíveis. Assim, naquele ano, estava decidido: a fantasia deles seria a lama.

Como a farra do Carnaval só tem graça com muita gente por perto, os dois rapazes convidaram outros amigos, e todos saíram pelas ruas do centro histórico de Paraty cobertos de lama e com ornamentos naturais espalhados pelo corpo. A brincadeira da garotada surpreendeu tanto os moradores quanto os turistas que haviam escolhido aquela cidade como destino carnavalesco. A impressão geral do grupo de observadores é que estavam diante de seres com *características pré-históricas*, nome pelo qual os foliões passaram a ser identificados. No ano seguinte, um grupo muito maior aderiu à farra, formando uma *tribo pré-histórica* que tinha como objetivo espantar os maus fluidos e garantir boas energias para a folia da cidade. Dessa forma, formou-se uma das mais populares tradições do Carnaval em Paraty.



Ficou interessado na história do Bloco da Lama? Então, para saber mais, acesse o *site*: <http://www.blocodalama.com.br/historia.php>.

Na década seguinte, o Bloco da Lama se tornou o maior na cidade de Paraty e, de acordo com as cifras locais, atingiu a marca de mais de dois mil foliões. Todavia, o aumento surpreendente da brincadeira carnavalesca precisava estabelecer algumas regras para que todos, participantes e moradores, pudessem apreciar a celebração. Assim, através da mídia local e de folhetos informativos, ficou determinado que as paredes da cidade, os carros e as pessoas que apenas assistiam ao Bloco da Lama deveriam ser preservados dessa farra carnavalesca.

De acordo com muitos participantes, a graça está em sair no bloco desde o início e curtir a festa toda. Segundo as orientações dos organizadores, o traje adequado é roupa de banho, e o percurso já está estabelecido: da Praça da Matriz, no centro de Paraty, todos seguem para a praia da Jabaquara, local do tradicional “banho de lama”. Ali, a criatividade é a palavra de ordem, ou seja, uma planta muito comum na região pode servir de barba postiça, cipós e ossos encontrados no local reforçam a fantasia pré-histórica que o bloco ganhou a partir do apelido dado pelos observadores. Aqui vale uma observação: os adereços devem ser reco-

lhidos, mas sem agredir o meio ambiente e respeitando a natureza local. De acordo com a organização do Carnaval de Paraty, o grito de guerra do Bloco da Lama é: UGA, UGA, RÁ, RÁ.



Figura 10.3: Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios em Paraty.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Igreja_Matriz_%28N.S._dos_Rem%C3%A9dios%29_%285545496286%29.jpg?uselang=pt-br. Acesso em: 26 jan. 2014.

Acompanhemos um pequeno trecho referente ao Carnaval em Paraty:

Durante o percurso que atravessa o Morro do Forte, o bloco faz evoluções, coreografias e representações teatrais, que misturando o amadorismo do coletivo e o talento intuitivo de alguns participantes, oferece ao público um espetáculo único. [...] o bloco se despede com a última evolução em frente à Igreja da Matriz, de onde os participantes seguem para um banho de água doce no Rio Perequêaçu, ou de água salgada na praia do Pontal. Os organizadores do bloco [...] aproveitam o sucesso e a influência do bloco entre os jovens para chamar a atenção da população, turistas e autoridades sobre a importância dos manguezais nos ecossistemas da cidade. O bloco exerce uma função natural de preservação e consciência ecológica nos participantes, mas a intenção é aumentar a ação do Bloco inserindo o mesmo no cenário nacional e até mesmo internacional, como referência de convívio harmônico entre o meio ambiente preservado e o aspecto econômico, além, é claro, de divulgar Paraty como destino turístico

e cultural. Alguns turistas vêm à cidade há vários anos especialmente para aproveitar os feitiços que o bloco exerce nas pessoas. Também é grande o número de visitantes estrangeiros que fazem questão de conhecer e desfilar no bloco no Carnaval ou fora dele visitando o local onde os componentes se enlameiam. O bloco da lama sai sempre no sábado de Carnaval às 17h.

Disponível em: <http://www.blocodalama.com.br/historia.php>. Acesso em: 27 jan. 2014.

Esse tipo de celebração carnavalesca inusitada tem suas aproximações em relação a outras comemorações existentes no mundo. Com certeza, esse aspecto contribui para que os turistas estrangeiros apreciem com tanto entusiasmo o Carnaval de Paraty.

Na cidade de Buñol, na província de Valência, na Espanha, uma tradicional festa atrai milhares de turistas que todos os anos vêm participar da *La Tomatina*, uma espécie de batalha onde a munição é o tomate. Na última quarta-feira do mês de agosto, essa cidade espanhola, com aproximadamente nove mil habitantes, recebe de vinte a cinquenta mil turistas, de acordo com as estatísticas do setor. Portanto, muitos visitantes se hospedam em locais próximos e viajam até a localidade para participar da farra. É importante destacar que os tomates usados na *La Tomatina* são cultivados com essa finalidade específica e, portanto, não são indicados para o consumo alimentício. Desta forma, os foliões podem se divertir despreocupados com o desperdício e sem qualquer sentimento de culpa, já que as cifras se aproximam de cento e cinquenta mil quilos de tomate por evento anual.

A origem da batalha de tomates é incerta, e a versão popular mais aceita remonta a 1945, quando, durante um desfile, alguns jovens resolveram encenar uma briga numa praça local e a munição que tinham ao seu alcance eram os tomates. Rapidamente, a polícia agiu e obrigou os participantes a assumirem as responsabilidades pela desordem e, claro, pagarem pelos tomates. No ano seguinte, na mesma data, os batalhadores retornaram ao local e, agora, com os seus próprios tomates retomaram a batalha; assim, estabeleceu-se uma tradição local. Finalmente, em 1980, as autoridades resolveram organizar o evento e algumas proibições foram estabelecidas.



Figura 10.4: Foto das ruas de Buñol, na província de Valência (Espanha) na celebração de agosto de 2010.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d4/La_Tomatina_%2825.08.2010%29_-_Spain%2C_Bu%C3%B1ol_29.jpg?uselang=pt-br



Para saber mais sobre *La Tomatina*, acesse o site: <http://cultura-espanhola.com.br/blog/la-tomatina-ta-afim-de-um-monte-de-tomate/>

Agora vamos deslocar nossa reflexão para o Nordeste brasileiro, mais especificamente, para o estado de Pernambuco. Ali, encontramos uma manifestação da cultura popular brasileira, de origem afrodescendente, que remonta ao século XVIII. No período da colonização, os portugueses permitiam que a festa em homenagem aos Reis Magos tivesse sua própria manifestação entre os negros, escravos e libertos, que elegiam seus reis e rainhas de acordo com as etnias africanas trazidas para o Brasil. Assim, o festejo do Maracatu (também chamado de Maracatu Nação) tem sua origem nas coroações do soberano do Congo (região africana fornecedora de mão de obra negra), celebrada na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que teve seu culto disseminado como forma de aliviar os sofrimentos dos negros. O cortejo era

aberto pela baliza, que marcava o passo ao lado da porta-estandarte, sendo acompanhado pela população diversa e com destaque para as figuras do rei e da rainha.

Com o passar do tempo, gradualmente, o Maracatu passou a ser caracterizado como um fenômeno típico do Carnaval, com destaque para a cidade de Recife. Nas últimas décadas do século XX, a capital pernambucana apresentou um movimento de retomada do Maracatu, que conquistou espaço em diversos lugares do país e do mundo. Atualmente, existem grupos percussivos que trabalham com elementos da cultura do Maracatu Nação em vários estados brasileiros, como, por exemplo, o Rio de Janeiro, mas há também em diversos países.



Na década de 1970, esta canção composta por Jorge Mautner e Nelson Jacobina tornou-se um grande sucesso gravado por Gilberto Gil e, posteriormente, na voz de Chico Science & Nação Zumbi:

Maracatu Atômico

Manamauê oh, iôiiôiiôiiôiiô.

Atrás do arranha-céu tem o céu, tem o céu

E depois tem outro céu sem estrelas

Em cima do guarda-chuva tem a chuva, tem a chuva

Que tem gotas tão lindas que até dá vontade de comê-las

No meio da couve-flor tem a flor, tem a flor

Que além de ser uma flor tem sabor

Dentro do porta-luva tem a luva, tem a luva

Que alguém de unhas negras e tão afiadas se esqueceu de por

No fundo do para-raio tem o raio, tem o raio

Que caiu da nuvem negra do temporal

Todo quadro-negro é todo negro, é todo negro

E eu escrevo o seu nome nele só pra demonstra o meu apego

O bico do beija-flor beija a flor, beija a flor
E toda a fauna aflora grita de amor
Quem segura o porta-estandarte tem arte, tem arte
E aqui passa com raça eletrônico maracatu atômico

Em 1978, Milton Nascimento, Novelli, Nelson Angelo e Fran compuseram esta canção, que foi tema da escola de samba Estudantes do Samba, da cidade de Três Pontas (MG):

Reis e Rainhas do Maracatu

Dentro das alas
Nações em festa
Reis e rainhas cantar
Ninguém se cala
Louvando as glórias
Que a história contou
Marinheiros, capitães, negros sobas
Rei do congo
A rainha e seu povo
As mucamas
E os escravos no canavial
Amadês senhor de engenho e sinhá
Traz aqui maracatu nossa escola
Do Recife nós trazemos
Com alma
A nação maracatu
Nosso tema geral
Vem do negro essa festa de reis

Para ouvir as gravações de Maracatu Atômico e de Reis e Rainhas do Maracatu, acesse:

- <http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/maracatu-atomico.html>
- <http://www.museuclubedaesquina.org.br/musica/reis-e-rainhas-do-maracatu/>



Figura 10.5: Em meados do século XVII, em Pernambuco, o surgimento do Maracatu surgiu como uma manifestação cultural da música folclórica afro-brasileira. Enquanto manifestação popular brasileira, é uma mistura das culturas indígena, africana e europeia composta por instrumentos de percussão que acompanham o cortejo real.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/83/Maracatu.jpg?uselang=pt-br>

O termo Maracatu também se refere a ritmos musicais. Assim, o Maracatu Nação apresenta uma manifestação cultural de música folclórica, o *baque-virado*. Já o Maracatu rural exhibe o *maracatu de baque solto*, que conta com a presença dos *caboclos de lança* (figura folclórica ligada às manifestações do Carnaval em Pernambuco). Em 2012, Tamar Vasconcelos mergulhou no cotidiano das mulheres que, ao longo do tempo, foram imprimindo suas marcas à história do Maracatu do Baque Solto na Zona da Mata pernambucana. Reflexões como essa nos ajudam a compreender a diversidade cultural do Brasil e podem ser utilizadas como importantes incentivos para atrair turistas a determinados destinos.

Outra tradição do Carnaval de Pernambuco, os Bonecos Gigantes, chegou através da pequena cidade de Belém do São Francisco, no sertão do estado. Acredita-se que esses personagens surgiram na Europa, provavelmente na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, e tenham ligações difusas com as influências dos mitos pagãos, das festas religiosas e dos temores relacionados à **Inquisição**.

Inquisição

No século XIII, esse tribunal eclesiástico, instituído pela Igreja católica, tinha a função de investigar e julgar sumariamente os possíveis hereges e feiticeiros que eram acusados de crimes contra a fé católica. A partir da atuação do Tribunal do Santo Ofício, os condenados eram enviados ao Estado para serem sentenciados.

Zé Pereira

Figura ligada à brincadeira carnavalesca que ganhou destaque na cidade do Rio de Janeiro. Não há consenso, entre os estudiosos, para a origem desse personagem. Em linhas gerais, acredita-se que ele tenha ligação com o Portugal do século XIX, mas há também uma série de influências que contribuíram para o surgimento dessa curiosa figura carnavalesca que ainda não obteve o consenso entre os especialistas. Para o público em geral, o termo é utilizado para qualquer tipo que participe da brincadeira carnavalesca.

Em solo pernambucano, a primeira aparição conhecida do boneco gigante ocorreu no Carnaval, em 1919, com o surgimento do personagem **Zé Pereira**. Esse personagem, confeccionado em corpo de madeira e cabeça de papel machê, na década seguinte, ganhou uma companheira, a Vitalina, para desfilar pelas ruas. Em 1932, a criação do *Homem da Meia-Noite* ganhou forma pelas mãos dos artistas plásticos Anacleto e Bernardino da Silva. Mais tarde, em 1937, surgiu a *Mulher do Meio-Dia* e, muito tempo depois, o *Menino da Tarde*, criado por Sílvio Botelho.

Todos esses personagens mereciam reunir-se e, assim, nasceu o *Encontro dos Bonecos Gigantes*, do qual participam as figuras criadas por diversos artistas que se encontram para celebrar a terça-feira gorda (último dia da folia e da fartura que antecede o período da Quaresma) pelas ruas históricas de Olinda.

Já no século XXI, os bonecos ganharam um novo componente, passando também a representar os grandes nomes da história e da cultura brasileira (Lampião, Maurício de Nassau, D. Pedro I, presidente Lula, Alceu Valença, Elba Ramalho, etc.) e personalidades internacionais (presidente Obama, Michael Jackson, Nelson Mandela e outros). Essa nova geração de bonecos tem mais de três metros de altura, apresentam expressões faciais e figurinos caprichados e, comumente, são confeccionados em argila, para posterior aplicação de fibra de vidro. Suas mãos são feitas em isopor, o que diminui sensivelmente qualquer acidente com algum folião desavisado.

Veja: aqui temos mais um elemento de ligação entre residentes e estrangeiros, isto é, quando as figuras estrangeiras aparecem na folia e criam algum tipo de elo com o visitante, principalmente internacional. Através da descontração e do riso, o turista entra em contato com a diversidade e o humor brasileiro, componentes obrigatórios na folia carnavalesca.



Figura 10.6: Bonecos Gigantes de Olinda, Pernambuco, no Carnaval de 2008.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Bonecos_gigantes.jpg?uselang=pt-br



Para saber mais sobre os Bonecos Gigantes, acesse o *site*: <http://www.bonecosgigantesdeolinda.com.br/historia.php>.

Você já percebeu que o Carnaval em Olinda é bastante animado e, certamente, um componente essencial para que o sucesso da festa seja a grande e animada participação popular? Os bonecos gigantes que são conduzidos pelas ruas da cidade animam os foliões. Esses símbolos carnavalescos são embalados pela animada música do frevo, que contagia as diferentes pessoas que circulam pelas ruas e ladeiras da cidade. De acordo com as estimativas, essa festa popular atinge a cifra de um milhão de foliões. Uma parcela substancial dessas pessoas é composta por turistas nacionais e estrangeiros que se misturam pelas ruas com os residentes e se esbaldam no Carnaval e, cada qual à sua maneira, tem contato com os múltiplos traços culturais brasileiros.



Frevo

No final do século XIX, o frevo surgiu como uma dança em compasso binário e andamento rápido, na qual os dançarinos executam coreografia individual, marcada por ágil movimento de pernas que se dobram e se esticam freneticamente, tendo nas mãos guarda-chuvas coloridos como adereços.

O Frevo é um ritmo pernambucano derivado da marcha e do maxixe. [...] Muito executado durante o Carnaval, eram comuns conflitos entre blocos de frevos, capoeiras saíam à frente dos seus blocos para intimidar blocos rivais e proteger seu estandarte. Da junção da capoeira com o ritmo do frevo nasceu o passo, a dança do frevo.

A dança do frevo pode ser de duas formas, quando a multidão dança, ou quando passistas realizam os passos mais difíceis, de forma acrobática. O frevo tem cerca de 100 passos.

O nome FREVO vem de ferver e foi atribuído ao ritmo pelo mesmo causar efervescência, agitação, confusão, rebuliço entre os dançantes. O Jornal Pequeno, vespertino do Recife que mantinha a melhor seção carnavalesca da época, na edição de 12 de fevereiro de 1908, fez a primeira referência à dança, chamando-a de frevo.

Disponível em: http://pernambucocultural.com/frevo/?page_id=2. Acesso em: 28 jan. 2014.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Leia atentamente o pequeno texto existente no site de uma empresa – que divulga a cidade de Paraty e procura fornecer informações necessárias aos turistas para a programação de sua viagem – e responda à questão proposta para essa atividade:

A cidade histórica de Paraty festeja o Carnaval de rua, como antigamente.

Todos os dias, a toda hora, é possível encontrar bonecões, mascaradinhos, fantasiados e todo tipo de gente animada brincando nas ruas. Aliás, esse é o espírito do Carnaval de rua em Paraty: muita brincadeira nas ruas, de forma livre e descontraída.

A folia já começa cedo em Paraty: a partir do dia 31 de janeiro o Pré-Carnaval toma conta do Centro Histórico todos os dias.

Atualmente, os sete blocos carnavalescos da cidade – Os Paulos, Vamos que Tô, Meninos do Pontal, Paraty do Amanhã, Acadêmicos da Patitiba, Tribo do Samba e Mangueira, são alguns dos principais responsáveis por arrastar centenas de foliões durante os quatro dias do feriado.

A Banda Santa Cecília e o Bloco da Lama estão entre os destaques do calendário, que conta ainda com a presença de blocos menores, como “Os Caras de Pau”, o “Nega Maluca” e o “Bloco das Piranhas”. Seus integrantes vestem fantasias e acompanham as atrações que se apresentam pelas ruas, divertindo ainda mais o público.

Além disso, outro ponto alto da programação é a fusão entre arte, música e folia desfilada pelo “Arrastão do Jabaquara” e pelos “Assombrosos do Morro”. Seus membros confeccionam bonecos gigantes em papel machê e saem pelas ruas ao som de marchinhas de Carnaval, impressionando crianças e adultos. [...]

Famoso no mundo inteiro, o Carnaval Paratiense atrai um público bastante animado todos os anos. São foliões de várias regiões do Brasil e do exterior que buscam na pequena cidade história muita animação durante os quatro dias de evento. Além dos blocos, o Carnaval terá a participação do **Rei Momo**, banda Santa Cecília, e uma matinê na tenda montada na Praça da Matriz.

Disponível em: <http://www.paraty.com.br/feriados/Carnaval/>. Acesso em: 28 jan. 2014.

Rei Momo

“Soberano da folia carnavalesca, Momo é a personificação do sarcasmo e, ao longo do tempo, tornou-se elemento central de uma farsa na qual os costumes da sociedade são questionados pelo humor, impregnado de irreverência e crítica como ingredientes imprescindíveis. [...] O alegre e irônico Momo, de acordo com a mitologia, filho da Noite e irmão das Hespérides, que depois de zombar dos deuses e de suas obras foi expulso do Olimpo, ressurgiu como elemento constante da História e é acolhido pelo Rio de Janeiro, transformando-se em rei e figura central considerada símbolo do Carnaval da cidade.” (BORGES, 2007, p. 1075-1078).

A partir do texto do enunciado da questão, como as celebrações carnavalescas existentes no Brasil, tendo como referência a cidade de Paraty, são apresentadas como possíveis elementos atrativos para os destinos turísticos?

Resposta comentada

Na estação do verão, países tropicais como o Brasil são muito procurados por apresentarem características muito distintas das regiões do hemisfério norte. Todavia, as temperaturas elevadas e a beleza natural não são suficientes para garantir o fluxo de turistas. Assim, as festas como, por exemplo, o Carnaval em Paraty, são incrementos para a vinda de visitantes à localidade. Para tanto, alguns elementos atrativos são apresentados, como a animação popular, a liberdade e a descontração de brincar o Carnaval na rua. Os festejos não se restringem apenas aos quatro dias da folia e começam já no mês de janeiro. Dessa forma, os turistas têm maior oportunidade de curtir a folia, mesmo que não tenham disponíveis os dias de feriado. Os vários blocos e bandas também são valorizados, com destaque para o Bloco da Lama, que já integra o calendário oficial da cidade.



O turismo contemporâneo através dos espaços carnavalescos cariocas

O Brasil é um país reconhecido internacionalmente pela música, pela descontração, pelos artistas famosos, pelo futebol e também como o país do Carnaval. Várias regiões brasileiras se destacam nas comemorações carnavalescas e, nesse cenário, a cidade do Rio de Janeiro tem uma posição privilegiada. Com o passar do tempo, o carioca aprendeu a conviver com o turista que visita sua cidade e, por ocasião da folia de

Momo, os visitantes parecem contagiados pela alegria e ginga carioca, e saem pelas ruas seguindo bandas e blocos.

De acordo com importantes sites de informações turísticas *on-line* – como *Excite* e *Lonely Planet* –, o Rio de Janeiro está situado num dos locais mais bonitos do mundo; os cariocas buscam prazer como nenhum outro povo, e esta caótica cidade, também sensual, aberta e amigável, é palco de uma mistura única de contrastes. O Rio de Janeiro oferece o novo e o velho, enorme riqueza e esmagadora pobreza, e tudo isso observado pela estátua do Cristo Redentor.

Como a historiografia brasileira compreendeu os festejos carnavalescos cariocas?

O Rio de Janeiro é a pátria por excelência do Carnaval brasileiro, sendo que seu papel de núcleo disseminador das brincadeiras data do século XIX. Para entender os sentidos que o Carnaval adquiriu – em especial nas últimas décadas do Império até as primeiras da República –, isto é, ao assumir uma forma que nos é mais familiar, Leonardo Affonso de Miranda Pereira mergulhou na produção de romancistas e poetas do Rio de Janeiro que fizeram da festa carnavalesca um tema constante de seus textos. Nesta reflexão, Miranda Pereira revisita a temática do Carnaval e procura atualizar a discussão, ao afirmar que Roberto

DaMatta tentou entender a festa como um “rito” que era fundado no princípio social da inversão. Assim, ao interpretar a festa através de preceitos amplos e genéricos, DaMatta mostrou não estar entre suas preocupações a construção de uma análise que se proponha a captar as especificidades de sua realização e um momento e em um local específicos. Portanto, DaMatta perdeu a possibilidade de uma compreensão histórica da festa, que desvende o processo múltiplo e contraditório de sua formação.

Ainda em relação ao Carnaval carioca, Valério Césio afirma que é possível compreendê-lo tanto como festa popular de massa quanto como um espetáculo. Desta forma, o desfile das escolas de samba acontece a partir de uma megaprodução temática desenvolvida pela agremiação. A formação tem um padrão predeterminado que é apreciado por jurados encarregados de atribuir notas ao desempenho de cada um dos blocos e a itens gerais, como harmonia e enredo. Uma das alas que integra a escola de samba, junto às das baianas e à da bateria, é a da comissão de frente, geralmente com coreografia e execução a cargo de profissionais da dança. As escolas campeãs desfilam no primeiro sábado

depois do Carnaval, com espetaculares e longuíssimas performances no Sambódromo, culminando na Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro. Este modelo de celebração do Carnaval é copiado por inúmeras outras cidades brasileiras, que chegam a reproduzir, dentro das suas possibilidades, a arquitetura da Passarela do Samba. Este espetáculo é devidamente apreciado por turistas nacionais e estrangeiros, acompanhados por suas máquinas fotográficas e de filmar, que participam como espectadores ou, ainda, como *componentes* de uma das Escolas de Samba. Nenhuma descrição formal pode aproximar-se ao particular estado de euforia festiva que o Carnaval brasileiro gera, tanto entre sua comunidade local quanto no imenso fluxo de turistas que recebe, o que faz desse evento o espetáculo mais concorrido do planeta.



Figura 10.7: A Passarela do Samba, no Rio de Janeiro, popularmente conhecida como Sambódromo, no Carnaval de 2006, tendo ao fundo a Praça da Apoteose. Seu projeto é de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, e a inauguração aconteceu em 1984, durante o primeiro governo de Leonel Brizola (1982-1986).

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/49/Samb%C3%B3dromo.jpg?uselang=pt-br>

Apesar de a cobertura jornalística valorizar o desfile das Escolas de Samba, o Carnaval carioca tem muitos outros atrativos que merecem nossa atenção. Assim, vamos destacar alguns aspectos dos blocos e das bandas que integram a folia da cidade, tendo como marca registrada a informalidade e a descontração. Os foliões têm origens diversas, sendo

formados por residentes, turistas nacionais e estrangeiros e por todos aqueles que têm fôlego para brincar – e tudo isso acompanhado por música, dança, brincadeira, bebida e alimentos, para reposição da energia. Diversos bairros servem de palco para a recepção dos foliões e nem sempre a convivência é pacífica, pois nem todas as pessoas que circulam pelas ruas locais estão no clima do Carnaval, e os excessos podem comprometer a coexistência harmoniosa. Todavia, de alguma maneira, as estratégias vão sendo estabelecidas, e a folia prossegue no seu ritmo. Nesse sentido, observe como um site turístico apresenta a celebração carioca:

Você encontrará abaixo uma lista com os melhores blocos de Carnaval de rua do Rio, seu percurso do Carnaval 2014 e seus respectivos cronogramas.

Mais de trezentos blocos deverão tomar as ruas no Carnaval do Rio de 2014, portanto haverá certamente uma delas ou mais nas imediações do local onde você for se hospedar no Rio de Janeiro. Fique atento e não deixe de curtir a festa.

A maior manifestação de rua tem lugar na Av. Rio Branco, Centro. De sábado a terça-feira você pode ver a maior variedade de blocos de rua, e é onde a descontração atinge seu ápice, com grupos tradicionais, como o Cordão do Bola Preta, o Cacique de Ramos e o Bafo da Onça, para citar apenas alguns. Uma visita no final da tarde é sempre divertida.

Disponível em: http://www.rio-carnival.net/Carnaval/programacao-Carnaval-rio-de-janeiro.php#street_parties. Acesso em: 29 jan. 2014.

A veiculação desse tipo de nota só é possível com a revitalização do Carnaval de rua. O carioca tem uma relação muito diferenciada com o espaço público. Comumente, as diferentes turmas se reúnem na praia, nos bares e restaurantes, nos estádios de futebol e em tantos outros locais que a rua é percebida pelo carioca como parte integrante da sua vida e ali os espaços de sociabilidade se desenvolvem. Talvez aqui esteja um dos elementos da cultura carioca que tanto encanta os visitantes da cidade. Como nosso foco está no Carnaval, vale destacar que a origem das bandas e dos blocos cariocas não é tão recente assim. Em 1964, a Banda de Ipanema foi fundada por um grupo de amigos, liderados por Albino Pinheiro, e rapidamente o bloco carnavalesco passou a ser identificado como o mais democrático da cidade e que consegue arrastar

pelas ruas do charmoso bairro da zona sul carioca pessoas de todas as idades e camadas sociais.



Figura 10.8: Panorâmica da Banda de Ipanema em Carnaval recente. A fotografia foi tirada na esquina das ruas Visconde de Pirajá com Joana Angélica e, neste cruzamento, localiza-se a igreja de Nossa Senhora da Paz.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fd/Banda_de_Ipanema.jpg?uselang=pt-br.

Depois do primeiro desfile da Banda de Ipanema, nunca mais o Carnaval de rua foi o mesmo no Rio de Janeiro. A ideia seminal desse grupo alegre, irreverente e debochado parece que se tornou a marca da celebração carnavalesca. Quem já teve a oportunidade de vivenciar essa experiência garante que é uma festa para lá de divertida. De acordo com a programação da Banda de Ipanema, a concentração ocorre na rua Gomes Carneiro, no quarteirão entre a rua Prudente de Moraes e a Av. Vieira Souto. Essa tradição mantém viva a proximidade com o primeiro lugar de reunião do grupo, no extinto bar Jangadeiros. Segundo os organizadores, a Banda de Ipanema desfila no sábado e na terça-feira de Carnaval.



Figura 10.9: Fotografia recente de um grupo de foliões que brincavam fantasiados de mulher no Carnaval. Banda de Ipanema, Avenida Vieira Souto no Rio de Janeiro.

Fonte:http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/04/Banda_de_Ipanema_4.jpg?uselang=pt-br.

Nos últimos anos, a região central carioca ganhou nova vida e, certamente, o bairro da Lapa foi um dos que mais se beneficiou dessa transformação. Ali existem espaços variados e, nas proximidades dos Arcos da Lapa, milhares de pessoas se reúnem nas noites dos finais de semana e também nos quatro dias de folia carnavalesca. A marca do bairro da Lapa é sua diversidade de pessoas, de espaços com arquitetura eclética e a oferta de serviços diversos. Durante o Carnaval, a Lapa serve de cenário para a manifestação musical plural a partir de novos ritmos e estilos que são apresentados ao público, que tem a possibilidade de apreciar e, para tanto, não gastar muito.



Figura 10.10: Arcos da Lapa, Lapa, cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Arcos_da_Lapa_Rio_de_Janeiro_.JPG?uselang=pt-br

Na década de 1990, o bairro da Lapa serviu de palco para amplo movimento de retomada e renovação da música tradicional brasileira a partir da realização de determinados eventos durante todo o ano, que passaram a atrair visitantes do mundo inteiro, permitindo desenvolvimento, intercâmbio, e também renda para a cidade. Nesse sentido, o bloco Rio Maracatu realiza tradicionais desfiles que normalmente acontecem nas ruas do bairro de Santa Teresa e na orla de Ipanema.



Rio Maracatu

A união de músicos pernambucanos e cariocas deu origem ao grupo em 1997 no Rio de Janeiro. Com a intenção de resgatar e valorizar uma parte importante da nossa rica cultura musical, o Rio Maracatu desenvolve um trabalho de pesquisa e execução de ritmos, cantos e danças tradicionais brasileiras.

O grupo é ativo, quando o assunto é retomar e renovar a música tradicional brasileira, tendo como parceiros naturais de trabalho

grupos como Jongo da Serrinha, Cordão do Boitató, Céu na Terra, Afroreggae, Forróçacana, Monobloco, entre outros.

Desde 1998, o grupo realiza os tradicionais desfiles do bloco Rio Maracatu em Santa Teresa e na orla de Ipanema.

Dividiu o palco com grandes artistas, como Djavan, Lenine, Manu Chao, Lia de Itamaracá, Alceu Valença e Mestre Ambrósio.

O Rio Maracatu também já fez apresentações nas lonas culturais para comunidades de baixa renda e participou de vários eventos sociais em comunidades da Zona Oeste e da Baixada Fluminense.

Bastante conhecido dos cariocas, o grupo promove um intenso intercâmbio com os mais importantes mestres de maracatu do Recife com o objetivo de ativar e estimular trocas entre a cultura pernambucana e a carioca.

Disponível em: <http://lanalapa.com.br/musicoDetalhe.asp?qiNuMusico=5121>. Acesso em: 26 jan. 2014.

Conclusão

O moderno Carnaval que conhecemos é o produto de inúmeras transformações. As raízes dessa celebração estão na festa popular na qual os brincantes trocavam pelas ruas arremessos de baldes de água, limões de cheiro, ovos e tudo o mais, além dos golpes com vassouras e colheres de pau. Trazida de Portugal, essa brincadeira, os folguedos, entraram em declínio no Brasil em meados do século XIX, a partir da repressão policial. Observe essa descrição; a brincadeira podia ficar violenta e, com o passar do tempo, as autoridades tentavam intervir e coibir os excessos. Portanto, a folia é permitida, desde que dentro de determinados limites que foram sendo configurados de acordo com as décadas.

Hoje, o Carnaval brasileiro é apresentado pelo setor turístico como megashow, que passa na televisão e circula pela internet; nos anos 30 do século XX, essas possibilidades eram inimagináveis. No Rio de Janeiro da atualidade, temos um “sambódromo” de concreto no local que antes era improvisado, na base de uma cordinha divisória entre público e foliões. Em tempos atuais, administradas como empresas, as Escolas de Samba produzem enredos atrás de patrocínio, deixando a espontaneidade e a criatividade em segundo plano.

Todavia, essa constatação não deve provocar desânimo – e, muito menos, críticas ao Carnaval contemporâneo. Todo o conjunto de festejos, desfiles e divertimentos típicos carnavalescos é resultado do momento atual que, sem dúvida nenhuma, é sedutor por sua multiplicidade, mas que parece, ao mesmo tempo, contraditório e desafiador. Certamente, a inquietude do tempo atual não terá como impedir a folia dos quatro dias de Carnaval quando, provavelmente, algum pierrô estará à procura de alguma colombina interessada em algum arlequim...



Pierrô ou Pierrot

Na comédia italiana, o Pierrô é um personagem ingênuo e sentimental que, posteriormente, foi apropriado pelo teatro francês numa representação marcada por roupas largas, enfeitadas com pompons e tendo gola larga e franzida. Na fantasia carnavalesca, a indumentária desse personagem reproduz essa descrição, que lembra um palhaço triste, apaixonado pela Colombina que parece flertar com o Arlequim (espirituoso, ágil e feliz, esse personagem é representado usando um traje em losangos coloridos).

Colombina

Na Commedia dell'arte, italiana, a Colombina é a mulher sedutora, esperta e volúvel. Em geral, ela aparece como serva ou empregada de uma dama, sendo caracterizada como uma moça linda, inteligente, de humor rápido e irônico. Para despertar o amor de Arlequim, a Colombina cantava e dançava graciosamente, enquanto era amada, em segredo, pelo Pierrô.



Figura 10.11: Pierrot e Colombina. Cartão-postal (1911) do pintor e artista gráfico alemão Leo Rauth (1884-1913).

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/45/Leo_Rauth_Pierrot_und_Colombine.jpg

Atividade final

Atende aos objetivo 1, 2 e 3

Leia atentamente a matéria jornalística e responda à questão proposta:

RIO - Não são só os ensaios técnicos das escolas de samba que vão animar os foliões neste fim de semana. Como já é tradição há nove anos, a Fundação Progresso abre o Carnaval de rua da Lapa neste domingo, a partir das 17h, com um grande desfile de rua. A folia carioca em desfile no “marchódromo” é promovida pelo Concurso Nacional de Marchinhas.

A partir das 17h, o batuque é comandado pelo Céu na Terra, com concentração na esquina entre as ruas dos Arcos e rua do Lavradio, e desfila em direção aos Arcos. No repertório, marchinhas, frevos, maracatus, cirandas e maxixes de compositores como Pixinguinha, Jards Macalé, Braguinha, Lamartine Babo, entre outros.

Outra atração do evento é o Rio Maracatu, que entra em cena com o cair do sol, trazendo seu cortejo de dançarinas típicas e batucada até o palco em frente à Fundação. No show, maracatus

tradicionais e também releituras de sucessos de Lenine, Nação Zumbi, Luiz Gonzaga, entre outros.

Também neste domingo, a partir das 16h, haverá a apresentação do bloco Suvaco do Cristo, no Quiosque da Globo, localizado na Praia de Copacabana (altura da rua Miguel Lemos).

O Suvaco do Cristo nasceu em 1985 com a proposta de unir grupos de amigos, da Zona Sul, para cair na folia de Carnaval, e hoje é referência na cidade.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/Carnaval/domingo-dia-de-cair-na-folia-com-os-blocos-ceu-na-terra-rio-maracatu-suvaco-do-cristo-11399560>. Acesso em: 26 jan. 2014.

Estabeleça a relação entre os espaços carnavalescos cariocas e o turismo contemporâneo, tendo como referência a matéria jornalística do enunciado da atividade.

Resposta comentada

Em tempos de mídias digitais, o turismo contemporâneo, com destaque para o segmento do turismo histórico-cultural, está atento aos movimentos de mudança nos destinos turísticos cobijados. Neste sentido, a cidade do Rio de Janeiro é local muito procurado pelos visitantes, com destaque para o período do Carnaval. Nos últimos anos, além do tradicional desfile das Escolas de Samba, tão divulgado pelo mundo, a folia carioca parece ganhar novo fôlego com a atualização de desfiles como o da Banda de Ipanema ou, ainda, com o surgimento de blocos, como o Rio Maracatu, que desenvolve precioso trabalho de resgate da tradicional música brasileira a partir do intercâmbio entre os ritmos carioca e pernambucano.

Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Inicialmente, apresentamos um breve panorama dos principais estudos brasileiros sobre o Carnaval, destacando o trabalho pioneiro de Roberto da Matta. É possível afirmar que as discussões posteriores referentes ao Carnaval não podem desconsiderar essa reflexão vinda da antropologia. Ainda na primeira seção, algumas matérias jornalísticas selecionadas tratavam de assuntos carnavalescos e serviram de exemplo da maneira pela qual a sociedade é informada, com destaque para os possíveis turistas em potencial, sobre o Carnaval.

A seguir, mostramos algumas das celebrações carnavalescas existentes no Brasil, tendo como enfoque a possibilidade de participação dos turistas na festa. Neste sentido, realçamos o Bloco da Lama, em Paraty, e o Maracatu e os Bonecos Gigantes em Pernambuco.

Por fim, identificamos alguns dos espaços carnavalescos cariocas, como as Escolas de Samba, os blocos e as bandas. Assim, a folia carioca foi compreendida a partir de suas relações com o setor turístico contemporâneo, destacando a maneira e as formas de celebração, como, por exemplo, a criação de blocos ou, ainda, a reinvenção do desfile de bandas balzaquianas, enquanto espaços de sociabilidade.

Aula 11

Turismo, cultura e sociabilidade brasileira:
as representações do humor

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Relacionar turismo, cultura e sociabilidade a partir das representações do humor, com destaque para as charges e as caricaturas, valorizando, prioritariamente, o período do século XX, tanto no Brasil quanto no cenário internacional.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer as relações entre turismo, cultura e sociabilidade a partir do humor reflexivo produzido através de diferentes conjunturas históricas no século XX;
2. caracterizar as representações do humor, destacando as charges e as caricaturas produzidas no século XX a partir da perspectiva do turismo;
3. apresentar o humor como uma forma de produzir a crônica social do turismo enquanto setor que se projetava tanto no Brasil quanto no cenário internacional.

Introdução

O século XX é emblemático para os estudiosos do período. Uma das grandes reflexões acerca desse momento foi produzida pelo historiador Eric Hobsbawm no livro *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Observe que a periodização existente no subtítulo desse livro não cobre os cem anos referentes ao século XX, ou seja, de 1901 até 2000. Em linhas gerais, Eric Hobsbawm considera que o século XX foi tanto intenso quanto efêmero e, para compreendê-lo, dividiu seu estudo em três momentos. O primeiro deles foi identificado como a era da catástrofe (1914-1945), do início da I Guerra Mundial até o final da II Guerra Mundial, fase na qual estava longe de parecer óbvio que o capitalismo liberal sobreviveria e derrotaria todos os outros sistemas políticos do planeta. Já o segundo momento, a era de ouro, compreende os anos 1950 e 1960, que apresentavam um mundo aliviado do caos de duas guerras mundiais e que acreditavam respirar o ar da tranquilidade mundial. Todavia, as tensões internacionais foram precedidas pelo que Hobsbawm nominou como o desmoronamento, o terceiro momento, que durou até o desmembramento da União Soviética em 1991.



Figura 11.1: Eric Hobsbawm participando de um evento (2011).

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d8/Eric_Hobsbawm.jpg?uselang=pt-br



Eric Hobsbawm (1917-2012)

O intelectual marxista é considerado um dos maiores historiadores do século XX e escreveu *“A era das revoluções”*, *“A era do capital”*, *“A era dos impérios”*, *“Era dos extremos”*, entre outras obras. Ele também era um entusiasta e crítico do jazz, escrevendo resenhas para jornais sobre o gênero musical e publicando o livro *“História social do jazz”*. [...] Eric John Ernest Hobsbawm nasceu de uma família judia em Alexandria, no Egito, em 9 de junho de 1917. Seu pai era britânico, descendente de artesãos da Polônia e Rússia, e a família de sua mãe era da classe média austríaca. Hobsbawm cresceu em Viena, capital da Áustria, e em Berlim, capital da Alemanha. Ele aderiu ao Partido Comunista, aos 14 anos, após a morte precoce de seus pais. Na ocasião, ele foi morar com seu tio. Na escola, ele informou o diretor que ele era comunista e argumentou que o país precisava de uma revolução. “Ele me fez umas perguntas e disse: ‘–Você claramente não faz ideia do que está falando. Faça o favor de ir à biblioteca e veja o que consegue descobrir’”, disse em uma entrevista à BBC em 2012. “E então eu descobri o Manifesto Comunista [de Karl Marx] e foi isso”, relatou, indicando o começo de sua formação marxista. Em 1933, quando Hitler começava a subir no poder na Alemanha, Hobsbawm foi para Londres, na Inglaterra, onde obteve cidadania britânica. O historiador se filiou ao Partido Comunista da Inglaterra em 1936 e continuou membro da legenda mesmo após o ataque das forças soviéticas à Hungria em 1956 e as reformas liberais de Praga em 1968, embora tenha criticado os dois eventos. O ex-líder do partido Neil Kinnock chegou a chamar Hobsbawm de “meu marxista predileto”.

Anos depois, ele disse que “nunca havia tentado diminuir as coisas terríveis que haviam acontecido na Rússia”, mas que acreditava que, no início do projeto comunista, um novo mundo estava nascendo. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hobsbawm foi alocado em uma unidade de engenharia em que foi apresentada a ele, pela primeira vez, a classe proletária. “Eu não sabia muito sobre a classe proletária britânica, apesar de ser comunista. Mas, vivendo e trabalhando com eles, pensei que eram boas pessoas”, disse à BBC em 1995. O historiador aprovou neles a “solidariedade e um sentimento muito forte de classe, um sentimento de pertencer junto, de não querer que ninguém os derrubasse”. Hobsbawm afirmou que ele tinha vivido “no século mais extraordinário e terrível da história humana”. Ele veio ao Brasil, em 2003,

participar da primeira edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), evento do qual foi estrela.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/morre-aos-95-anos-o-historiador-eric-hobsbawm.html>. Acesso em: 23 fev. 2014.

Qual é a ligação dessas transformações do mundo no século XX com o turismo? Com certeza, a relação é total. De acordo com Margarita Barreto, a Primeira Guerra Mundial demonstrou a importância do automóvel e, nas décadas de 1920 a 1940, esse veículo se destacou no transporte terrestre em geral. Assim, as questões do transporte têm influência direta no turismo, uma vez que a mobilidade, o deslocamento dos turistas, é fundamental para o sucesso do setor turístico.

Por sua vez, em 1949, foi vendido o primeiro pacote aéreo e, a partir de 1957, o turismo aéreo começou a ser preferido em relação ao turismo de cruzeiro pelo tempo ganho no deslocamento e pela introdução de tarifas turísticas e econômicas por avião. Ainda de acordo com Barreto, por volta de 1960, as operadoras turísticas começaram a funcionar oferecendo pacotes partindo do norte da Europa, Escandinávia, Alemanha Ocidental e Reino Unido, para as costas do Mediterrâneo (1995, p. 53-54). Essas são apenas algumas das inúmeras transformações pelas quais o turismo passou ao longo do século XX.

Vamos mergulhar nesse instigante período a partir do viés do humor.

Turismo, cultura e sociabilidade: algumas conexões através do humor

Os problemas nascidos da Primeira Guerra ou herdados do período anterior não haviam sido resolvidos com a assinatura dos armistícios de 1918 nem com a ratificação dos tratados de paz nos dois anos seguintes. O período de vinte anos que separa o primeiro conflito da II Guerra Mundial (1939-1945) pode ser subdividido em vários momentos. Entre 1919 e 1925, as dificuldades preponderaram.

As consequências da guerra foram pesadas para os países europeus, principalmente para aqueles diretamente envolvidos no conflito e cujos territórios serviram de campo de batalha, como a França, a Rússia e, de certa maneira, a própria Alemanha. No geral, o capitalismo europeu ini-

ciou um processo de declínio relativo no pós-guerra, contrabalançando com a ascensão americana e japonesa. A Inglaterra, que desde o início do século já vinha decaindo, entrou em um processo crônico de crise, o mesmo ocorrendo, de certa maneira, com a França. Ainda no período entreguerras (1919-1939), outro grande acontecimento político mundial foi a ascensão do nazismo, sob comando de Hitler, na Alemanha, e do fascismo, sob comando de Mussolini, na Itália.



Adolf Hitler (1889-1945)

Ditador alemão que, no início da Primeira Guerra Mundial, alistou-se no exército bávaro (a Baviera é um dos estados federais da Alemanha). Após o conflito mundial, associou-se a um pequeno grupo nacionalista, o Partido dos Trabalhadores Alemães, que mais tarde deu origem ao Partido Nazista.

Em 1921, tornou-se líder dos nazistas.

Após o fracasso de sucessivos chanceleres, o presidente Hindenburg indicou Hitler como chefe do governo (1933). Com a morte de Hindenburg, ele assumiu o título de presidente do Reich Alemão. Em 1941, assumiu o controle das forças armadas. Como o curso da guerra mostrou-se desfavorável à Alemanha, decidiu intensificar o assassinato em massa, que culminou com o holocausto judeu.

Conhecido como um dos piores massacres da história da Humanidade, o holocausto – termo utilizado para descrever a tentativa de extermínio dos judeus na Europa nazista – terminou em 1945, quando as tropas soviéticas, aliadas ao Reino Unido, Estados Unidos e França na Segunda Guerra Mundial, invadiram o campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau, em Oswiecim (Polônia), onde mais de 1 milhão de pessoas (em sua maioria, judeus) morreram.

Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/adolf-hitler.jhtm>.

Acesso em: 23 fev. 2014.

A Segunda Guerra Mundial sacudiu o mundo e nenhum setor da economia, inclusive o turístico, ficou livre dos efeitos desse conflito. No caso da Alemanha, país perdedor nessa disputa internacional, resultou na divisão do país em duas partes, ou seja, Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental. Certamente, essa é uma das maiores demonstrações da oposição que marcou o cenário internacional a partir das rivalidades entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela então União Soviética.



A Alemanha após a II Guerra Mundial

O aspecto político, em 1949, marcou-se pela unificação dos territórios de ocupação dos ocidentais, dando origem à República Federal da Alemanha [Alemanha Ocidental], cuja constituição entrou em vigor em 24 de maio, embora apenas em 1955 se revogassem todas as restrições à sua soberania. Formam-na 11 Estados e Berlim Ocidental, esta em condições especiais, pois os acordos de 1945 continuam em vigor na cidade. (MIRADOR INTERNACIONAL, 1976, p. 319).

A outra zona de ocupação, soviética, constitui-se um Estado à parte, conhecido como Alemanha Oriental.



Figura 11.2: Aspecto atual do Reichstag, em Berlim.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Reichstag_building_Berlin_view_from_west_before_sunset.jpg

Durante o período da Guerra Fria (1945-1991), o *Reichstag*, prédio onde funciona o parlamento federal da Alemanha, ficou sediado em Berlim Ocidental, mas a apenas alguns metros da fronteira com Berlim Oriental. Nas proximidades, em 1961, foi erguido o Muro de Berlim, que durou até 1989.

Em seus mais de cem anos de história, enquanto sede do governo alemão durante as duas guerras mundiais, em 1992, o *Reichstag* passou por um processo de reconstrução que atraiu a atenção de visitantes do mundo todo. O projeto vencedor da reforma cobriu o prédio inteiro para a execução de sua proposta e, rapidamente, isso se transformou numa das grandes atrações para os turistas que podiam, de perto, acompanhar a transformação do prédio. Além disso, da edificação do *Reichstag* se tem uma das mais impressionantes vistas da cidade de Berlim, digna de ser retratada num cartão-postal.

É inegável que, após a II Guerra Mundial, o mundo ficou diferente. Cada vez mais, os princípios de liberdade e de democracia pareciam ganhar espaço na cena mundial. As arbitrariedades e os abusos não deixaram de existir, mas sua legitimação parecia cada vez mais difícil de perdurar.

Observe que, ao longo do século XX, a Alemanha passou por etapas bastante distintas e que, após a reunificação do país, alguns dos símbolos de poder da nação passaram por processo de restauração. Atento a tudo isso, o setor turístico soube tirar proveito dessa situação. A visitação da obra de reforma do *Reichstag*, por exemplo, foi aberta ao público. Assim, ao ser convidado a visitar algo muito diferente dos itens de roteiros turísticos tradicionais, o turista não só não foi afastado da reconstrução do prédio, como tornou-se um participante do processo. Atente para o fato de a Alemanha parecer renascer enquanto país, tal qual uma **fênix**.

Talvez você esteja se perguntando o porquê de oferecer ao turista um programa tão diferente do habitual. Afinal, sempre se espera que somente após o término da obra de um prédio histórico é que o público tenha acesso ao local reformado. Por que, então, antecipar isso?

Com certeza, uma possibilidade para responder a essa questão esteja no conceito de sociabilidade. De acordo com Jesús Maria Vázquez (1986, p. 1134-1135), do ponto de vista ético, a sociabilidade pode ser compreendida como a qualidade essencial do homem, que se enraíza no mais íntimo de sua essência. No plano formal, este conceito foi preferencialmente sendo aplicado aos seres vivos para significar que é pró-

Fênix

De acordo com a mitologia, ave fabulosa, única da espécie, que, após viver 300 anos, supostamente, deixava-se arder em um braseiro para, em seguida, renascer das próprias cinzas.
Dicionário Eletrônico
Antonio Houaiss.

prio da natureza deles viver em sociedade e da existência social. Tendo como referencial esta definição, a construção da sociabilidade após a Segunda Guerra Mundial envolve dois aspectos importantes para nossa reflexão: a cultura e o humor.

A Alemanha é um país com atuação protagonista nas duas guerras mundiais. Viveu intensamente os desdobramentos da Guerra Fria, que culminaram com a divisão do país em duas partes e com a construção do Muro de Berlim, que teve mais de duas décadas de existência. Portanto, para compreender a história e a cultura daquele país, o visitante, o turista, tem uma grande oportunidade ao acompanhar de perto a transformação de uma nação que se reunificou e que se destaca no mundo atual.

Esse é o espaço a ser ocupado pelo segmento do turismo histórico-cultural, isto é, o mergulho intenso na realidade de um local diferente da sua cidade de origem e que nos ajude a compreender o mundo em que vivemos. Ser turista é mais do que tirar fotos e comprar *souvenir*; é a possibilidade de observar uma nova realidade tal qual uma crônica social, ou seja, observar os costumes, o cotidiano, a vida social e política do local visitado.

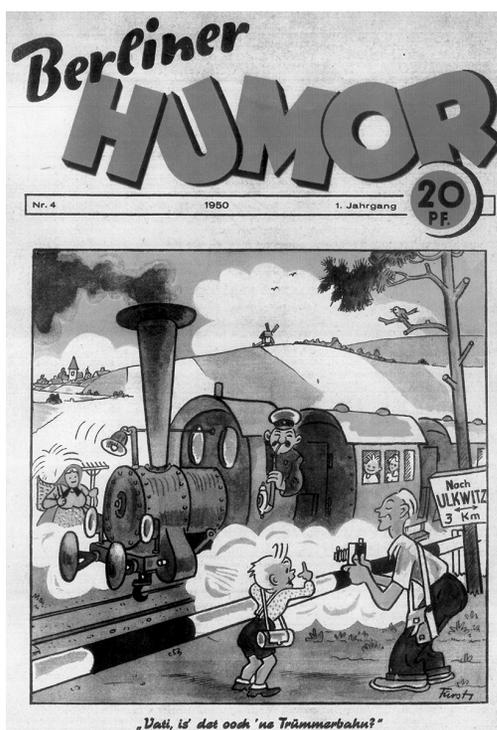


Figura 11.3: Capa da Revista Humor Berlim, de 1950, feita pelo desenhista e caricaturista Walter Fierstein (1989-1973), que também exerceu a função de funcionário no correio alemão.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Titelseite_%22Berliner_Humor%22_1950.jpg?uselang=pt-br

Que tal a figura apresentada? Em tradução livre da legenda, o menino pergunta: “Pai, é o trem dos rejeitados?” Com certeza, essa imagem apresenta alguns elementos que devem ser realçados. Observe que se trata da capa de uma revista ilustrada, publicada na Alemanha em 1950. À época, o país atravessava delicada situação a partir de sua divisão em Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental.

Outros traços despertam nossa atenção e estão associados à modernidade: o trem, como meio de transporte de passageiros ou de carga, a partir de uma rota previamente estabelecida, e a máquina fotográfica pronta a ser disparada para registrar algum momento considerado importante por seus donos. Além disso, a pergunta do filho ao pai é desconcertante e, certamente, leva à reflexão. Quem seriam os rejeitados? É difícil precisar, mas com certeza poderemos considerá-los como os não aceitos, os que não seriam admitidos por algum motivo. Lembre-se de que, naquele momento, a Alemanha estava dividida e a cidade de Berlim também. Berlim Oriental tornou-se a capital da República Democrática Alemã (RDA) e Berlim Ocidental continuou fazendo parte da República Federal da Alemanha (RFA).

Junto à tensão de uma cidade partida, na lembrança recente, as atrocidades da Segunda Guerra Mundial pareciam estar presentes nas matérias produzidas pela imprensa. Portanto, o humor, aqui, deve ser percebido como expressão irônica e engenhosamente elaborada daquela realidade do mundo após o segundo conflito mundial. Aquela sociedade encontrou no humor uma estratégia de convivência, ao produzir uma crítica social, de forma refinada, que leva à reflexão crítica da realidade em questão.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Maria de Lourdes Netto Simões considera que “independentemente do modo do deslocamento, desde os tempos mais remotos, é fato que os aspectos inerentes ao ato de viajar se mantêm: a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que se vai conhecer.” (SIMÕES, 2009, p. 51). Neste sentido, Berlim é uma cidade alemã que desperta o interesse em muitos turistas. Considerada uma cidade cosmopolita (grande centro urbano),

b) Ao longo do século XX, Berlim mudou sua aparência física e continua mudando. Desde a queda do Muro de Berlim, em 1989, a cidade se abriu, ficou mais acessível e tornou-se multicultural, onde as mais variadas línguas, hábitos e culturas são encontrados. Berlim é um caldeirão cultural onde vivem povos de diversas nações. A coexistência dessas diferentes pessoas no mesmo espaço faz com que o elemento do humor seja uma estratégia de convivência. Assim como os turistas, esses moradores de nacionalidades diversas deparam-se diariamente com situações inusitadas para os seus padrões culturais de referência e, através do humor, procuram administrar situações diferentes. Essa possibilidade é sedutora para turistas e residentes.

Entre charges e caricaturas: o turismo através do século XX

As representações do humor apresentam suas especificidades, e consideramos importante compreender as diferenças entre as caricaturas e as charges. Assim, observe:

Luiz Guilherme Sodré Teixeira compreende a caricatura como um traço associado ao humor que eventualmente leva à reflexão, mas que não visa prioritariamente à crítica. Ao se apropriar de um sujeito real, a caricatura valoriza suas características marcantes, com destaque para os aspectos físicos, – como orelhas de abano, nariz grande, dentre outros, provocando o riso naquele que a observa. Por sua vez, a charge tem um traço singular ao reproduzir sujeitos reais e transformá-los em personagens de um mundo fictício. Ao representar os conflitos políticos, a charge tem como principal fundamento de sua narrativa o humor e é através dele que transforma a notícia numa consciência sobre ela mesma. (BORGES, 2011, p. 285).

Trazendo essa discussão para o Brasil, o compositor Noel Rosa, figura que se destacou muito no mundo do samba, foi tema de várias caricaturas. O próprio Noel desenhou seu autorretrato, que realçava seu rosto desprovido de queixo em função de complicações durante o parto, tendo na boca seu inseparável cigarro.



Figura 11.4: Autorretrato de Noel Rosa, anterior a 1937. Na assinatura da caricatura, é possível ler “Noel por Noel”.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/29/Noel.jpg?uselang=pt-br>.

Agora apresentamos uma questão: como a temática do turismo era abordada pelas representações do humor ao longo do século XX? A pergunta é desafiadora, mas vamos realizar um pequeno exercício de reflexão. Como vimos anteriormente, gradativamente, a temática do turismo ocupava espaço nas publicações da imprensa escrita. Em relação às representações do humor, o gênero da charge é o que mais se destaca, referindo-se ao turismo. Traremos um exemplo para ilustrar a argumentação apresentada.

Em 15 de novembro de 1926, Antônio da Silva Prado Júnior tomou posse como prefeito do distrito federal, a cidade do Rio de Janeiro, ocupando o cargo até outubro de 1930. Na condição de um político com projeção nacional, prometia transformar o Rio de Janeiro em uma cidade do turismo. A promessa política mereceu uma charge do desenhista gaúcho Alfredo Storni (1881-1966), publicada na revista ilustrada *A Careta*, dias após a posse do prefeito. O desenho apresenta uma cidade ao fundo e, no primeiro plano, um morro, lembrando o Pão de Açúcar, do qual sai a figura de um homem, representando o carioca, apontando com o dedo para baixo os inúmeros buracos à sua volta. Na legenda inferior, lê-se: “antes porém terá que tapar os buracos...”

O ponto alto da produção de Storni eram as charges políticas. Muitas vezes, transformou assuntos considerados áridos em algo de fácil compreensão para o grande público, tornando-o um artista popular, com destaque para o uso eficaz das cores e a disposição gráfica eficiente.

No ano seguinte à sua posse, mais uma vez, o prefeito Prado Júnior foi alvo dos traços de Storni, com a charge *O prefeito visita as ilhas*. Nela, o desenhista apresenta um diálogo entre Prado Júnior e Pio Dutra, um político carioca pertencente a uma família de proprietários coloniais na Ilha do Governador, e que exerceu o mandato eletivo de Intendente do Conselho Municipal do antigo Distrito Federal do Rio de Janeiro entre 1926 e 1928. Nessa charge, de 1º de janeiro de 1927, os dois políticos conversam na Ilha do Governador, tendo a Ilha de Paquetá ao fundo: “Não se esqueça, Sr. Antônio Prado, que a Ilha do Governador precisa de muitas coisas urgentes, pra se tornar um lugar de **fu ... turismo** cômodo e agradável.” O prefeito parece ouvir com atenção a observação de Pio Dutra, que segura em uma das mãos um estandarte com os dizeres: “A Ilha precisa de mais luz, mais água, mais bondes, mais barcas!”

Futurismo

“movimento que se inicia com o século XX agressivamente dirigido para o futuro, pregando a destruição da arte anterior (inclusive simbolista, impressionista, naturalista etc.) especialmente em seu individualismo e sentimentalismo, cultuando, em contrapartida, a mudança, a invenção, a velocidade, a produção, a máquina, a glorificação do patriotismo e da guerra, as multidões etc. [Surge com o Manifesto do Futurismo do poeta italiano F.T. Marinetti (1876-1944) publicado no Le Figaro em 1909.]”

Fonte: Dicionário Eletrônico Antonio Houaiss



Ficou curioso para conhecer as duas charges de Alfredo Storni que citamos? Conforme comentamos na Aula 9, sobre *Turismo e a metrópole do Rio de Janeiro*, a Biblioteca Nacional disponibiliza, através da Hemeroteca Digital Brasileira, parte do acervo de periódicos em formato digital. Para ver as charges, é só acessar os *links* a seguir.

Divirta-se!

- Selecione a publicação A Careta na pasta Ano 1926/ Edição 0961 (1) / 20 de novembro de 1926/ Página 27: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=turismo>
- Selecione a publicação A Careta, na pasta Ano 1927/ Edição 0967 (1) / 1º de janeiro de 1927/ Página 30: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=23653&Pesq=turismo>

Consideramos genial a charge *O prefeito visita as ilhas*. Atente que essa representação humorística apresenta questões importantes da época e que, de certa forma, parecem perdurar até hoje. As Ilhas da Baía de Guanabara apresentavam potencialidades para o turismo, mas isso não poderia se concretizar, caso os problemas com a luz, a água e os transportes não fossem enfrentados de forma efetiva. Como receber os turistas, se as questões básicas da população local não são atendidas de forma satisfatória? Esse tipo de indagação, sob certos aspectos, parece ainda tão atual! Por fim, a frase de Pio Dutra faz um trocadilho entre as palavras futurismo e turismo. Nesse sentido, o movimento futurista ainda produzia muitos rumores naquela sociedade e, de certa maneira, esse vocábulo traz embutida a ideia de tempo futuro. E nada melhor do que o turismo para apontar para a frente, a partir da condição do Brasil como um país turístico.

É importante destacar que as charges políticas não tratavam apenas de assuntos relacionados ao turismo. Vamos dar um salto no tempo. No final do século XIX, Angelo Agostini retratou, em uma caricatura, o então presidente da República, Floriano Peixoto, e a crise financeira que assombrava o país nos primeiros anos da história republicana.

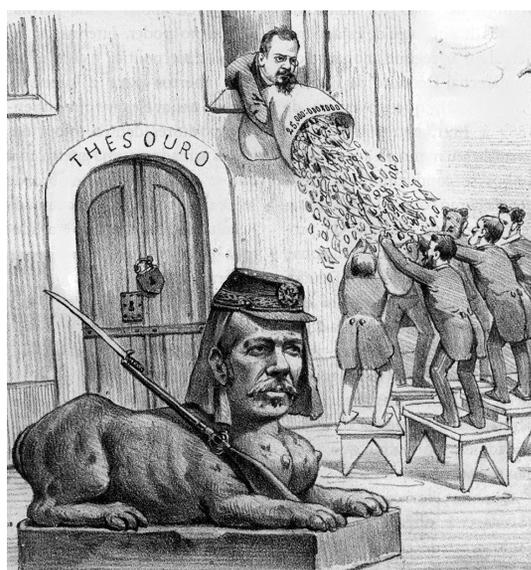


Figura 11.5: Caricatura feita por Angelo Agostini, do presidente Floriano Peixoto, citado como figura enigmática por Euclides da Cunha. Em *Revista Nossa História*, ano 3, nº 26, dezembro de 2005. Originalmente, em 1892, a caricatura foi publicada pela **Revista Ilustrada**.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Titelseite_%22Berliner_Humor%22_1950.jpg?uselang=pt-br

Revista Ilustrada

Publicação satírica, política, abolicionista e republicana brasileira criada por Angelo Agostini no Rio de Janeiro; circulou entre os anos de 1876 a 1898.

Em primeiro plano, é possível observar Floriano Peixoto apresentado como uma esfinge, no sentido de uma pessoa enigmática, que pouco se manifesta e de quem não se sabe o que pensa ou sente. Essa era uma percepção de um intelectual do período, Euclides da Cunha, que parece ter sido absorvida pela pena de Angelo Agostini. Aqui vale uma observação: de acordo com a mitologia, na Grécia Antiga, a esfinge é um monstro fabuloso com corpo, garras e cauda de leão, cabeça de mulher, que propunha enigmas aos viajantes e que devorava quem não conseguisse decifrá-los. Portanto, essa figura da esfinge é cercada de histórias fantasiosas. Por fim, Floriano Peixoto tem, ao lado do seu corpo, uma arma, e, na cabeça, um quepe, em alusão à sua condição de militar de formação, provavelmente tentando associá-lo ao uso da força como algo possível aos homens de farda.



Conheça um pouco mais sobre a biografia de Floriano Peixoto, Euclides da Cunha e Angelo Agostini:

Floriano Peixoto

Em novembro de 1891, após a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca, assumiu a presidência do Brasil entre 1891 e 1894, sendo o segundo presidente republicano. Os descontentamentos com o seu governo foram se acumulando e, em 1892, começou a enfrentar revoltas que ultrapassaram seu mandato e que tiveram como focos principais o Rio Grande do Sul e a Marinha (Armada). Em seu governo, a política financeira do Brasil provocou uma inflação desenfreada que teve como resultado principal o total desequilíbrio da vida financeira do país.

Euclides da Cunha

Nasceu em Cantagalo (RJ), no dia 20 de janeiro de 1866. Foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico e engenheiro, tendo se tornado famoso internacionalmente por sua obra-

-prima, “*Os sertões*”, que retrata a Guerra dos Canudos. [...] Em 1892, Euclides da Cunha conclui o curso na Escola Superior de Guerra e é promovido a tenente, seu último posto na carreira. Cumpre estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil – trecho paulista da ferrovia, entre a capital e a cidade de Caçapava, por designação do marechal Floriano Peixoto. É nomeado auxiliar de ensino teórico na Escola Militar do Rio. [...] Em 1893, escreve artigo com críticas ao governo do marechal Floriano, cuja publicação foi negada pelo jornal “*O Estado de São S. Paulo*”. Acometido de forte pneumonia, interrompe sua colaboração com o jornal. Volta a trabalhar como engenheiro praticante na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Disponível em: http://www.releituras.com/edacunha_bio.asp. Acesso em: 4 mar. 2014.

Angelo Agostini

Nasceu em Vercelli (Itália-1843) e morreu no Rio de Janeiro (1910).

Caricaturista, ilustrador, desenhista, crítico, pintor, gravador. Ainda criança, muda-se para Paris, onde conclui seus estudos de desenho em 1858. Reside em São Paulo a partir de 1860, e quatro anos depois funda, com Luís Gonzaga Pinto da Gama) e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, o semanário liberal *Diabo Coxo*. [...] Muda-se para o Rio de Janeiro e passa a colaborar no periódico *O Arlequim*, em 1867, e na revista *Vida Fluminense*, em 1868, que publica pela primeira vez a história infantil de sua autoria *Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*. [...] Em 1876, funda a *Revista Ilustrada* e, como editor, publica, em 1879, a série de caricaturas *Salão Fluminense-Escola Brasileira*, em que satiriza as obras enviadas para os salões de belas-artes. [...] Durante a campanha abolicionista, Agostini publica na revista a série de caricaturas *Cenas da Escravidão*, em que, fazendo referência aos passos da paixão, apresenta, em 14 ilustrações, diversas formas de tortura a que eram submetidos os negros cativos. Em 1889 viaja para Paris e lá permanece até 1895. Nesse ano, retorna ao Rio de Janeiro e funda a revista *Dom Quixote*. Trabalha na revista *O Malho*, em 1904, e integra a equipe fundadora da revista infantil *O Tico-Tico*, em 1905.”

Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=322&cd_idioma=28555. Acesso em: 4 mar. 2014.

Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, mas acreditamos que já trouxemos algumas demonstrações expressivas das diferentes representações do humor pelos principais periódicos em circulação.

Em relação ao Brasil, estamos convencidos de que o humor pode ser percebido como um traço componente na formação de seu povo. É frequente a associação do humor com a noção de comicidade, mas é necessário compreendê-lo na extensão de seu sentido, isto é, como expressão da realidade de forma irônica e engenhosa.

No Brasil, durante a Primeira República (1889-1930), por exemplo, era possível encontrar nos jornais e revistas as representações humorísticas, as quais apareciam como manifestação de crítica e, muitas vezes, estavam dirigidas aos políticos e seus correligionários. Assim, as caricaturas, os desenhos e as charges existentes nos diferentes periódicos evidenciavam as estratégias de luta e a convivência de setores da sociedade dentro da ordem excludente do Brasil.

===== **Atividade 2** =====

Atende ao objetivo 2

Apresente uma característica do turismo presente nas representações do humor (charges e/ou caricaturas) do século XX.

Resposta comentada

No período da Primeira República (1889-1930), os políticos brasileiros, como, por exemplo, o prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro), mencionavam o turismo em seus discursos. Eles queriam imprimir

à cidade a condição de destino turístico, tal qual a consideramos hoje em dia. Todavia, a cidade tinha questões a resolver, como os problemas com luz, água e transporte. E quando a população tem desafios diários para sobreviver numa cidade, mais distante fica a sua condição de local turístico. Esses eram os grandes desafios para o turismo se consolidar enquanto setor próspero da economia.

Turismo e humor no Brasil e no mundo: a crônica social em perspectiva

Em 1908, outro importante periódico carioca chegou ao mercado: a revista *Fon-Fon!*, cujo nome inspirava-se na buzina dos automóveis, símbolo da modernidade na época. O ponto forte da publicação estava na ilustração, e seu enfoque principal concentrava-se nos assuntos dos costumes e nas notícias do cotidiano, tanto da então capital federal quanto das grandes cidades. Nos relatos a seguir, você poderá observar exemplos de notícias publicadas pela *Fon-Fon!*

Em 1926, uma nota na revista apontava o número reduzido de pontos de travessia pelos grandes rios como um dificultador do turismo de automóvel nos Estados Unidos. Muitas vezes, os automobilistas eram obrigados a dar longas voltas para viajar entre os estados do Norte e do Sul. Para resolver esse problema, foram criadas muitas empresas de *ferryboats*, que obtiveram total sucesso. Assim, em lugar das caravanas do passado, os automóveis velozes e confortáveis, em poucas horas, passaram a vencer distâncias fantásticas.

Naquele mesmo período, outra notícia desperta atenção do leitor da *Fon-fon!*. A partir de uma ação do prefeito do Distrito Federal, os navios que aportavam na Baía de Guanabara passaram a ter uma escala com maior duração de horas, suficiente para que os passageiros conhecessem os principais pontos turísticos do Rio de Janeiro. Esse foi considerado o primeiro passo para impulsionar o turismo, atraindo a atenção dos estrangeiros para os encantos dessa bela cidade. Assim, vencia-se o boicote imposto ao porto da capital do Brasil. Afinal, não se compreendia como as autoridades brasileiras nunca tinham tentado corrigir o capricho de certas companhias de navegação, que ostensivamente obrigavam seus navios a uma curta permanência no porto do Rio de Janeiro, não permitindo sequer o desembarque dos passageiros em trânsito.

Na década de 1920, a revista *Fon-fon!* tinha uma coluna intitulada Adivinhos. Numa edição do mesmo período, há uma nota bem-humorada, mas também marcada pela crítica. Certa vez, um automobilista foi consultar uma adivinha às vésperas de empreender uma excursão de turismo. A pitonisa (profetisa) lhe disse que ele iria fazer uma viagem e que teria boa sorte. Apesar de incrédulo, o proprietário do automóvel era precavido. Como havia segurado seu carro velho, perguntou a ela se isso significava que seria vítima de um acidente. Essa nota ácida é uma demonstração expressiva do tom crítico e espirituoso que acompanhava uma boa parte das notícias acerca do turismo. De forma precisa e sutil, o desfecho da história provoca um riso, fruto da crítica. Afinal, diante da situação de dirigir um automóvel antigo em estradas com problemas, um acidente seria uma sorte, muito melhor do que uma possível morte.



Figura 11.6: Automóvel modelo Rochet-Schneider 16500, ano 1924.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c5/Rochet-Schneider_16500_1924.JPG?uselang=pt-br. Acesso em: 4 mar. 2014.

Ainda na *Fon-fon!*, outra nota também era motivada pela temática do turismo. Um turista, de passagem pela primeira vez por uma cidade provinciana, foi ao correio local buscar uma carta. O agente do correio disse que não podia entregá-la sem que ele confirmasse sua identidade.

O turista respondeu que ali ninguém o conhecia. A conversa prosseguiu, e o funcionário indagou sobre o proprietário do hotel no qual estava hospedado. O turista retrucou que o conhecia tanto quanto o agente do correio, e que isso não solucionava a questão. De repente, o turista lembra-se de um recurso: abre a carteira e tira dela uma fotografia sua. Após confrontar a foto com o senhor à sua frente, o funcionário do correio permitiu que ele levasse a carta.

Essa piada é uma história curta, de final surpreendente e que provoca risos no leitor. Vamos destacar alguns elementos. Em primeiro lugar, com o passar do tempo, as diferentes cidades passaram a conviver com uma figura inusitada: o turista. Ele não é o morador que todos conhecem. Ele chega, visita os pontos turísticos locais, consome os produtos típicos e pode, em muitos casos, partir rapidamente para outros destinos. Esse novo personagem social passa a circular pelas cidades e pode proporcionar cenas curiosas, como a apresentada anteriormente. Em segundo lugar, a fotografia foi o elemento central para a solução do impasse apresentado. No estereótipo acerca do turismo, a máquina fotográfica e as fotografias fazem parte desse universo, mas não podem sintetizar de forma apressada as ações do turista. Assim, as ideias preconcebidas acabam por se alimentar pela falta de conhecimento real sobre turismo e turistas.

Por fim, mencionamos uma charge publicada na *Fon-fon!*, que apresenta o pátio de um castelo. Em seu interior, um guia de turismo e um turista estabelecem um breve diálogo. Ao chegarem ao local, o guia afirma que o pátio foi construído há mil anos. Admirado, o turista demonstra seu espanto, uma vez que o castelo tem apenas oitocentos anos. Surpreso, o guia não perde a pose e conclui que o pátio era anterior ao prédio. Observe que essa crítica contundente tem como alvo a formação deficitária dos guias turísticos que, de forma precipitada, podem fazer uma afirmativa sem o cuidado de confirmar a informação. Já o turista bem-informado não guardou para si a dúvida e compartilhou seu espanto com o guia, que parece não ter tido a humildade de rever sua afirmação.

Exemplos como esses estavam presentes nos periódicos do período. No jornalismo, a narração curta, produzida essencialmente para ser veiculada na imprensa, seja nas páginas de uma revista ou de um jornal, produzia uma crônica social que nos auxilia em muito a compreender as diferentes conjunturas históricas estudadas.

Conclusão

As repercussões da leitura dos jornais e revistas da época levavam à criação de espaços de sociabilidade, uma vez que, em pequenos grupos, os leitores podiam se dividir entre aqueles que apoiavam ou não a crítica à determinada(s) pessoa(s) ou assunto, através das charges e caricaturas.

Neste exercício de discussão do cotidiano político do país, que envolvia principalmente a população das cidades, desenvolvia-se uma atividade prazerosa, que pode ser identificada como o lazer. De acordo com Luiz Gonzaga Godoi Trigo (2003), no universo do lazer, do qual o entretenimento faz parte, algumas atividades se destacam, como a recreação, o turismo e as atividades esportivas informais, entre outras. De origem latina, a palavra entretenimento significa aquilo que diverte com distração ou recreação. Por isso, o entretenimento é mesmo divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo. Além disso, permite, através da diversão e do prazer, que possamos entender as características e os preconceitos existentes numa sociedade, no caso, a brasileira.

Como precisamente observa Henri Bergson (2007), no Brasil, as charges e as caricaturas da Primeira República (1889-1930) buscavam, pelas veredas do burlesco, aprofundar ou sublimar a sensação de ressentimento fundado nos conflitos entre os novos grupos sociais urbanos (como os turistas e os que atuavam no setor turístico). Ou ainda, em alguns momentos, reatar os laços da sociabilidade possível na claudicante modernidade brasileira.

Sem dúvida, na tentativa sôfrega de o Rio de Janeiro equiparar-se a outras cidades internacionais, o turismo, enquanto segmento econômico, parecia ser uma importante possibilidade de projeção no cenário internacional. Assim, quando a cidade fosse visitada por turistas e as potencialidades locais passassem a interessar outros viajantes, o Rio de Janeiro seria um destino turístico consolidado.

Todavia, essa possibilidade para o turismo não era algo tão fácil de concretizar-se, e muitas representações de humor foram produzidas como forma de evidenciar os desafios do setor, permitindo a reflexão sobre o tema.

fugiam da crítica presente nas figuras estampadas nos periódicos em circulação. Dessa forma, a sociedade produzia um modo de conviver com as dificuldades do cotidiano, a partir de uma ação de expressão irônica e engenhosa da realidade, isto é, o humor.

Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Em primeiro lugar, estabelecemos as relações entre turismo, cultura e sociabilidade nas diferentes conjunturas históricas no século XX. Para tanto, realçamos a história da Alemanha e destacamos ali o Reichstag, o parlamento federal da Alemanha, localizado em Berlim. Em linhas gerais, a reconstrução do país e a adequação desse prédio histórico alemão criaram possibilidades inovadoras também para o setor do turismo. Além disso, o humor aparece como uma lente que permite à sociedade produzir uma crítica refinada à realidade existente.

A seguir, as especificidades das representações de humor, com destaque para as charges e as caricaturas produzidas no século XX, foram caracterizadas a partir do tema do turismo. Nesse sentido, a cidade do Rio de Janeiro, no período da Primeira República (1889-1930), serviu de laboratório para a compreensão do humor como traço formador da sociabilidade brasileira. Por fim, um breve painel demonstrativo do turismo na condição de uma crônica social foi apresentado como uma forma de exemplificação da argumentação trabalhada na aula.

Aula 12

Turismo histórico-cultural, sociedade e poder público: diálogo em construção

Vera Lúcia Bogéa Borges

Meta

Apresentar o turismo histórico-cultural a partir do diálogo em construção, que tem como interlocutores a sociedade e o poder público, apresentando alguns dos desafios e dos problemas que envolvem o turismo.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as relações existentes entre turismo, poder público e sociedade pela perspectiva do turismo histórico-cultural;
2. caracterizar os problemas que atingem o turismo, destacando as esferas de ação do poder público e da sociedade;
3. reconhecer alguns exemplos de notícias na imprensa que tenham como tema o turismo histórico-cultural, compondo, assim, o mosaico entre o poder público e a sociedade.

Introdução

A discussão referente ao turismo no Brasil envolve a economia, a sociedade e também algo mais amplo, isto é, a noção de desenvolvimento. Portanto, vários elementos podem ser trazidos para o debate como, por exemplo, as questões de cidadania, de meio ambiente, da ética, da sustentabilidade e da necessidade de uma inclusão maciça de pessoas. Assim, ao estudarmos o turismo, as discussões e as pesquisas que o analisam devem superar a sua condição de fator gerador de renda e, desta forma, envolver as inúmeras facetas do existir humano.

Segundo Alexandre Panosso Netto (2005), a prática do turismo é muito maior do que os estudos existentes sobre o tema. Dentre os inúmeros argumentos apresentados, Panosso Netto destaca que, no meio acadêmico, os diferentes cientistas e intelectuais, nas suas diversas áreas, frequentemente investem suas economias em viagens, motivados pela curiosidade, pelos diferentes encontros científicos (congressos, seminários, eventos). E lá vão todos “fazendo turismo”, mas sem se darem conta disso, na maioria das vezes.

Nesse sentido, o turismo é considerado como uma ação, mas não algo digno de reflexões mais substanciais. Assim, na última aula de nosso curso, queremos que você sistematize as discussões que realizamos em relação ao turismo histórico-cultural e, além disso, tenha noção da dimensão do turismo como campo rico e desafiador para o estudo.

Nos últimos trinta anos, mundialmente, a prática do turismo vem se desenvolvendo em ritmo acelerado. Cada vez mais, um número maior de pessoas quer viajar, conhecer novos lugares em seus momentos de tempo livre, ou seja, nas férias, nos feriados e nas folgas do trabalho. Essa possibilidade de divertimento pode ser percebida como a garantia do equilíbrio humano, algo cobiçado pelas pessoas nos diferentes países.

No caso do turismo histórico-cultural, as pessoas têm práticas parecidas de comportamento, isto é, visitam museus, prédios históricos, apreciam roteiros culturais que podem ser realizados a pé, participam de festas, de celebrações e de festivais de diferentes naturezas. Todavia, esses mesmos turistas que têm programações e comportamentos parecidos, buscam algo peculiar e que seja exclusivamente seu nas experiências de viagem.

Como podemos perceber essa situação? A resposta não é imediata. Certamente, esta resposta está na forma como o turismo é compreendido

pelo poder público e a sociedade. Assim, convidamos você a participar desse mergulho nas águas do turismo.

Turismo, poder público e sociedade: as interfaces do diálogo

A exaltação da beleza da cidade do Rio de Janeiro sempre foi valorizada por poetas, artistas, cientistas, viajantes ilustres e anônimos. De acordo com o *Guia de Turismo Michelin*, ao longo dos séculos, o conjunto de sol, mar, montanhas, alegria de viver, descontração e bom humor tem encantado a todos que visitam a cidade. Principalmente no verão, as temperaturas elevadas fazem com que a busca pelas atividades ao ar livre seja tanto uma opção para os residentes quanto para os turistas.

Todo verão, novos atrativos são criados para conquistar a atenção das diferentes pessoas para o espaço consagrado de encontro da cidade, isto é, a praia carioca. Em 2014, vários veículos da grande imprensa da cidade noticiaram o Projeto Verão Carioca. Acompanhem uma notícia com a seguinte chamada: *Evento cultural e esportivo incentiva o turismo* e a *Riotur* investe em posto de atendimentos na orla:

Riotur

“Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. – sociedade de economia mista, é o órgão executivo da Secretaria Especial de Turismo e tem por objeto a implementação da política de turismo do município do Rio de Janeiro, formulada pela Secretaria, em consonância com as diretrizes e os programas ditados pela Administração Municipal. [...] o objetivo principal da RIOTUR é a captação de fluxos turísticos, dos mercados nacional e internacional, para a cidade do Rio de Janeiro [...] Para alcançar esse objetivo, a RIOTUR executa um plano de ação, o qual inclui as mais variadas ações de marketing que visam promover, institucionalmente, a venda do destino turístico Rio, no Brasil e no exterior.”
Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/conheca-a-secretaria>.

RIO - Mais de 37 mil banhistas já passaram pelo projeto Verão Rio, no Posto 10 da Praia de Ipanema. Em sua terceira edição, o evento agita a areia até o dia 9 de fevereiro. A ação [...] conta com programação esportiva intensa para todos os gostos e idades. [...] Em ano de Copa do Mundo, o evento também se preocupou com o grande número de turistas no Rio. É por isso que o Projeto Verão Rio tem posto de atendimento da **Riotur**. No espaço, são distribuídos mapas da cidade e guias com dicas e sugestões de passeios a centros culturais e igrejas. [...] haverá ampliação no número de postos de informações turísticas na cidade até o fim do ano. Há alguns anos, tínhamos apenas três pontos. Eles estavam no Aeroporto Internacional (Tom Jobim-Galeão), na rodoviária Novo Rio e na Avenida Princesa Isabel, em Copacabana. Atualmente, estamos com 14 pontos espalhados pela orla e por pontos turísticos. Em breve, iremos inaugurar postos fixos no Sambódromo, na [rua] Marquês de Sapucaí, e na Feira de São Cristóvão.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/projeto-verao-rio-banda-criadores-de-acaso-a-atracao-deste-domingo-11401082#ixzz2rX9cR8Bq>. Acesso em: 26 jan. 2014.



Figura 12.1: Entardecer na praia de Ipanema, sol descendo atrás do morro Dois Irmãos.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ipanema_PDS.jpg?uselang=pt-br



Os postos de salvamento estão distribuídos ao longo das principais praias da orla carioca. Inicialmente, os locais abrigavam os salva-vidas (nadadores profissionais de serviço) e ofereciam banheiro para os frequentadores do local. Com o passar do tempo, essa área passou a oferecer outros serviços. De acordo com autoridades do **poder público**, no futuro próximo, os postos de atendimento serão modernizados e contarão com computadores com acesso à internet. Assim, os turistas, os visitantes e, também os residentes poderão fazer pesquisas e ter acessos a outras informações relevantes em relação à cidade.

Como parte integrante das ações do Projeto Verão Carioca (2014), durante o dia, os banhistas podiam pegar emprestado gratuitamente cadeiras de praia, barracas de sol e brinquedos nos postos da orla. Os frequentadores da praia de Ipanema também puderam enviar gratuitamente cartões-postais com belas imagens da cidade do Rio de Janeiro, para qualquer lugar do mundo.

Poder público

é o conjunto dos órgãos com autoridade para realizar os trabalhos do Estado (Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário). A expressão é utilizada também no plural (poderes públicos), também chamados poderes políticos. Em sentido amplo, representa o próprio governo, o conjunto de atribuições legitimadas pela soberania popular.

Cartunista

Desenhista de cartum, desenho humorístico ou caricatural, uma espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos e que é publicada na imprensa.

O Projeto Verão Carioca (2014) permitiu que os frequentadores da orla interagissem com artistas como, por exemplo, o **cartunista** Bruno Drummond, que levou suas histórias baseadas em fatos reais para as areias do Posto 10 da praia de Ipanema. Lá, foi instalado um painel com mais de dois metros de altura, onde transeuntes e banhistas puderam se aproximar do trabalho do artista, interagir com os desenhos e ainda tirar muitas fotos divertidas.

A ideia do cartum em tamanho real é ótima. Acho que vai dialogar ainda mais com os leitores. Espero que os banhistas aproveitem a ação para brincarem e se divertirem com comentários bem humorados” – diz Bruno, que criou a peça há duas semanas, após ver uma foto da Praia de Ipanema completamente lotada. Seis opções de balões com frases engraçadas estarão à disposição do público para serem usadas durante o momento das fotos. A novidade ficará até o dia 9 de fevereiro em frente ao Country Club, durante os fins de semana.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/projeto-verao-rio-banda-criadores-de-acaso-a-atracao-deste-domingo-11401082#ixzz2rX9cR8Bq>. Acesso em: 26 jan. 2014.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Apresente um aspecto nas relações entre turismo, poder público e sociedade a partir da perspectiva do turismo histórico-cultural, tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro.

Resposta comentada

Comumente, os turistas que visitam o Rio de Janeiro ficam deslumbrados com as belezas naturais da cidade, mas é importante estarmos atentos às demais possibilidades de atrativos que existem ali.

Nesse sentido, no verão de 2014, a praia de Ipanema apresentou uma experiência diferenciada, a partir de uma ação do poder público, que criou um projeto específico para a orla. Assim, duas ações do Projeto Verão Carioca podem ser destacadas. A primeira delas seria o compartilhamento daquela agradável experiência visual, através do envio de cartões- postais para diferentes partes do mundo feito pelos turistas e residentes que circulavam na orla de Ipanema. Já a segunda, seria experimentar, por alguns instantes, o estilo bem- humorado do carioca, a partir da prática interativa com os cartuns expostos no painel estrategicamente posicionado na praia e, dessa maneira, guardar a lembrança de momento de divertimento.

Diálogos em construção para o turismo

Vários são os problemas que atingem o turismo e a responsabilidade por essas questões passa tanto pelos governos, quanto pela sociedade organizada, de uma forma geral. Uma possibilidade de solução diante dos impasses impostos ao turismo está no acesso à educação de qualidade e à informação, para que as pessoas possam discutir as questões relativas ao turismo com maior conhecimento de causa. Assim, as soluções para os impasses podem ter maior número de atores protagonistas criando corresponsabilidades que envolvam tanto as esferas do poder público quanto da sociedade.

Aqui vale uma observação. É inegável que o turismo apresenta qualidades e potencialidades que podem gerar desenvolvimento para os locais que são ou se transformam em destinos turísticos. Todavia, essa potencialidade não pode encobrir uma perspectiva crítica em relação ao setor turístico. Assim, as políticas públicas devem ser objetivas e claras, contando com a participação da comunidade em geral ao permitir sua inclusão no processo.

De acordo com Luiz Gonzaga Godói Trigo (2003), nas áreas de turismo, hotelaria e entretenimento, frequentemente, os ditos projetos mirabolantes não trazem benefícios às pessoas do local e visam apenas ao lucro. Além disso, nesses planos de investimento, muitos moradores são expulsos de suas propriedades a partir da ação especuladora dos setores dominantes locais, que negociam com empreiteiras e revendem para terceiros as propriedades negociadas, muitas vezes com o auxílio da justiça local. Para ilustrar sua afirmativa, o autor exemplifica com a construção da rodovia que liga o Rio de Janeiro ao município de Santos. Este empreendimento gerou um processo de exclusão provocado pela especulação imobiliária e manipulação jurídica, transformando áreas protegidas ou terras ocupadas por população carente em projetos espetaculares de hotéis, marinas, parques privados e loteamentos de todos os tipos. Portanto, o lucro dos investimentos privados comprometeu o bem público, provocando a destruição de comunidades.

As belezas naturais do Brasil precisam de uma proteção ambiental que impeça ou minimize impactos como, por exemplo, a poluição, a exclusão social e o abandono dessas áreas como destinos turísticos privilegiados. É possível afirmar que o turismo deve se afastar de ideias imediatistas e evitar o amadorismo para garantir o desenvolvimento sólido de um destino turístico.



Figura 12.2: Rodovia Rio-Santos (BR-101/SP-55) entre Juqueí e a Praia Preta, no município paulista de São Sebastião.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rodovia_Rio_Santos.JPG?uselang=pt-br

E como esse tipo de questão pode ser observada no exterior? Temos um exemplo expressivo em uma matéria publicada em março de 2014, em um grande jornal carioca, cujo título era “Roubos e desabamentos em Pompeia envergonham Itália: vulnerabilidade do patrimônio de sítio arqueológico arranha reputação do governo e da polícia do país”. Acompanhemos um trecho:

Muralhas, templos e afrescos da Unesco resistiram à ira de um vulcão e a quase dois mil anos de estudos científicos e visitas turísticas. Agora, no entanto, o Patrimônio Mundial da Unesco ameaça ceder. Tempestades põem a resistência das antigas paredes à prova. Furtos e cortes de afrescos mostram ao mundo a vulnerabilidade do tesouro arqueológico. A reputação italiana desmorona diante de promessas não cumpridas de investimentos. Não há câmeras de vigilância mirando obras preciosas, imunes a saques como o divulgado na semana passada.

Ladrões ainda não identificados invadiram uma área fechada das ruínas, furtando o retrato de uma divindade grega. O crime – descoberto por um guarda, durante uma ronda – foi “a remoção de parte de um afresco da Casa de Netuno”, onde uma representação da deusa Ártemis havia sido retirada com um objeto metálico, segundo um comunicado divulgado na terça-feira pela curadoria do sítio arqueológico romano.

A polícia abriu uma investigação para encontrar o fragmento, de cerca de 20 centímetros de comprimento, roubado de uma área fechada ao público, deixando uma marca branca no afresco cor de rosa, onde o deus Apolo posa tristemente solitário.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ciencia/historia/roubos-desabamentos-em-pompeia-envergonham-italia-11952643>. Acesso em: 30 abr. 2015.

A imprensa italiana divulgou a notícia que provocou indignação entre os italianos e foi acrescida pela informação da substituição do superintendente do sítio arqueológico que havia acontecido recentemente. É importante destacar que o afresco roubado faz parte de um patrimônio histórico-cultural dos italianos e que seu valor é incalculável. Assim, uma verdadeira mancha marca a história daquele sítio arqueológico. Dois meses antes, outro afresco também tinha sido roubado, mas acabou devolvido à curadoria local através de pacote sem identificação. A matéria ainda destaca o empenho das autoridades locais em tentar resgatar a peça perdida e em obter informações sobre os criminosos.

Pompeia (Itália)

“A antiga cidade romana que foi soterrada pela erupção do Vesúvio no ano 79 tem fascinado os arqueólogos há décadas. Sua cidade irmã, Herculano – igualmente soterrada, porém mais afetada – revela fatos com maior riqueza de detalhes sobre a vida romana. A alta temperatura da lava fez com que a matéria orgânica ficasse preservada de forma intacta, revelando que a morte dos habitantes foi rápida, a temperaturas de 400° a 500° centígrados. Hoje, Pompeia e Herculano estão se desintegrando devido à falta de recursos para preservá-las. Além disso, existe a possibilidade de uma nova erupção do Vesúvio”.

Fonte: <http://www.natgeo.com.br/especiais/pompeia>.

Diante desses dois episódios, o reforço da segurança é uma das prioridades nas ruínas de **Pompeia**. Nesse sentido, os governantes de Nápoles são cobrados diante daquilo que é considerada uma negligência com um dos mais famosos patrimônios da humanidade. Além disso, as adversidades climáticas ainda podem danificar, por exemplo, o Templo de Vênus, como aconteceu no mês anterior. Para tentar responder de forma mais propositiva, o governo italiano prometeu destinar cerca de US\$ 2,8 milhões em iniciativas já em andamento para revitalizar a região. Em paralelo, as autoridades tentam conseguir contribuições com os investidores privados para a restauração das ruínas. Certamente, essa situação compromete a imagem e a reputação da Itália no exterior. Em 2013, a União Europeia anunciou o financiamento de projetos de revitalização de Pompeia, destinando mais de US\$ 130 milhões ao sítio arqueológico. Todavia, até o início do ano seguinte, apenas uma parcela da quantia havia sido desembolsada.



ho visto nina volare

Figura 12.3: Acesso proibido em Pompeia.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompei_2012_\(8056708470\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompei_2012_(8056708470).jpg)



Foto: Wknight94

Figura 12.4: Afresco erótico da Roma antiga em prostíbulo, Pompeia (Itália).

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompeii_Lupanar.jpg?uselang=pt-br

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Em 2014, a Copa do Mundo de futebol acontece no Brasil e várias capitais são sede de jogos na competição. A noção de improviso e de amadorismo em relação ao turismo, destacada por Luiz Gonzaga Godói Trigo, pode ser constatada a partir da veiculação de uma notícia que circulou tanto na imprensa escrita quanto na internet. Na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, a altura da Ponte Newton Navarro, concluída em 2007, impede o desembarque de passageiros de um navio, com 67 metros de altura, fretado por uma operadora mexicana para transportar os turistas. A capital potiguar acolhe os jogos da seleção do México. Acompanhem um trecho da reportagem:

Como ancorar o navio no mar e levar os passageiros em botes até o novo terminal marítimo de Natal [...] levaria ao menos três horas, a operadora rejeitou a opção. Resultado: os torcedores terão que descer no Recife percorrer 280 km por terra até Natal, em cerca de cem ônibus [...].

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/161152-ponte-faz-turista-de-navio-andar-280-km-para-chegar-a-natal.shtml>.
Acesso em: 15 abr. 2014.

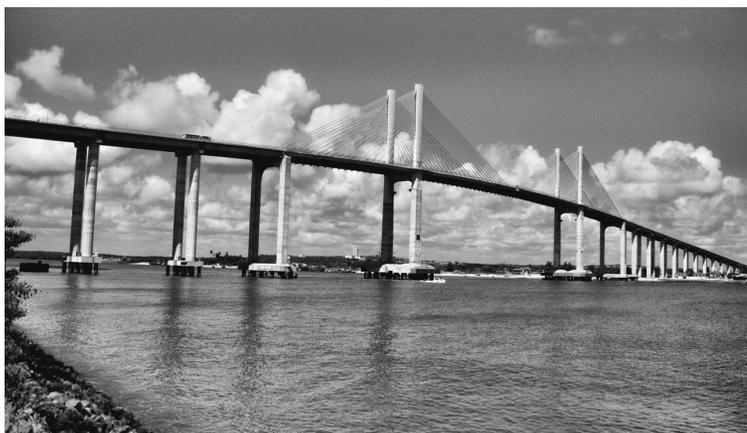


Figura 12.5: Ponte Newton Navarro, em Natal (Rio Grande do Norte).

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_Newton_Navarro_-_NatalRNBrasil.jpg?uselang=pt-br

Aqui vale uma observação. Por ocasião da conclusão do terminal marítimo de Natal, em 2012, a Secretaria de Portos divulgara que essa

construção permitiria o funcionamento como *hotéis flutuantes* para os turistas que tivessem interesse em visitar o Brasil durante o torneio esportivo. Por sua vez, a Secretaria da Copa do Rio Grande do Norte afirmou não ter responsabilidade sobre o traslado dos passageiros. Assim, os turistas que poderiam ter um acesso muito mais direto à cidade de Natal são obrigados a desembarcar na cidade do Recife (Pernambuco) e seguir de ônibus até Natal. Tendo como referência esse exemplo da Copa do Mundo, apresente um problema que atinge o turismo, com destaque para a ação do poder público.

Resposta comentada

No Brasil, principalmente nos últimos anos, as capitais nordestinas abrigam eventos como, por exemplo, simpósios, congressos e eventos esportivos como a Copa do Mundo de futebol. Todavia, as autoridades locais são capazes de cometer erros inadmissíveis como construir uma ponte que impeça a passagem de navios de grandes dimensões a partir de cruzeiros turísticos que podem ser importantes para a afirmação da cidade como destino turístico. Assim, como destaca Luiz Gonzaga Godói Trigo, o turismo ainda parece ser refém de ações governamentais marcadas pelo imprevisto e amadorismo.



As notícias turísticas na imprensa: o mosaico entre poder público e sociedade

A cidade do Rio de Janeiro mais uma vez será nosso objeto de análise. Xavier Trias, prefeito de Barcelona, anteriormente exerceu a profissão de médico na Catalunha (Espanha) e, em recente entrevista, publicada num jornal da grande imprensa carioca afirmou: “Barcelona fez o que o Rio tenta fazer agora”. Essa impactante afirmativa nos faz refletir

sobre a comparação entre duas grandes cidades mundiais, isto é, Rio de Janeiro e Barcelona. Certamente, você deve ter pensado na condição de ambas serem sedes dos Jogos Olímpicos de seus respectivos países.

Como se constrói a imagem de uma cidade e a sua condição como uma espécie de marca? Vamos por partes.

É inegável que Barcelona é uma cidade de grande projeção internacional e para sustentar essa afirmativa, os dados estatísticos nos auxiliam. Antes dos Jogos Olímpicos, a cidade recebia um milhão de turistas e, a partir de 2013, o número já atinge a cifra de sete milhões por ano. Essa é uma mudança espetacular, mas também tem seus problemas e há que se saber administrá-los. De acordo com Xavier Trias, Barcelona é uma cidade de grande sucesso, todavia nos lugares onde há sucesso, também há pobreza. Portanto, o grande desafio dessa cidade espanhola é ajudar aqueles que não vivem bem lá. Além disso, é importante registrar que o monte Montjuic, que hoje ostenta um estádio olímpico com piscinas e moderna estrutura, no passado, abrigou uma favela. As mudanças na cidade podem ser percebidas com a recuperação das praias e a atenção às áreas de pobreza que permitiram as mudanças em Barcelona.



Figura 12.6: Xavier Trias, prefeito de Barcelona e médico na Catalunha, Espanha.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xavier_Trias_-_001.jpg?uselang=pt-br

Que paralelo podemos fazer com o Rio de Janeiro? Em linhas gerais, o Rio tenta aproveitar os Jogos Olímpicos para mudar. E o grande desafio é saber o que queremos nessa cidade: mobilidade, um bom transporte público, dentre outros fatores.

A transformação do Rio de Janeiro a partir desse evento esportivo é o grande desafio para o poder público e a sociedade carioca em geral. Dito de outra maneira, o crescimento e a projeção de uma cidade, muitas vezes, fazem com que os preços subam e a população sofra. Nesse sentido, é inquestionável o aumento do custo de vida no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, é dispendioso morar na cidade. Com certeza, uma peça importante nesse delicado quebra-cabeça que envolve o turismo seja criar condições para propiciar emprego para a população local conseguir trabalhar, ajudando a transformar a realidade carioca.

Após os Jogos Olímpicos, Barcelona se afirmou tanto como cidade do esporte, quanto local turístico com a marca cultural, do conhecimento e da tradição das universidades espanholas. O uso da marca de Barcelona passa pela prefeitura em uma associação que se chama Barcelona Global, ligada à Câmara de Comércio e ao mundo empresarial, que autoriza a utilização num produto. Assim, se uma empresa com determinadas características quer usar a inscrição “Fabricado em Barcelona”, ótimo. Entretanto, caso um hotel ligado à prostituição queira se associar ao nome da cidade, sua utilização é proibida.



Figura 12.7: Barcelona, vista panorâmica da cidade.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pano_Barna.jpg?uselang=pt-br

Agora, lançamos uma questão: como o Rio de Janeiro pode conquistar essa transformação nos moldes por que passou Barcelona? Essa pergunta é desafiadora, todavia, acreditamos que parte dessa resposta possa estar nas páginas da imprensa.

Na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro do Andaraí, o clube Renascença reúne sambistas, liderados por Moacyr Luz, numa das mais famosas rodas de samba carioca, o Samba do Trabalhador. Desde 2005, o tradicional evento acontece no final da tarde de segunda-feira, apresentando o que há de melhor em samba de raiz. Môa, apelido de Moacyr Luz, e seus convidados garantem música de qualidade e já fazem *parte do hall* das atrações culturais da cidade. O que começou como uma reunião entre amigos músicos no dia tradicionalmente destinado ao descanso, já conquistou seu lugar como referência musical carioca

ganhando o mundo e sendo estampada nas páginas do jornal *New York Times*. De acordo com os organizadores do clube Renascença, a roda Samba do Trabalhador chega a reunir até duas mil pessoas, na sua sede no bairro do Andaraí, e um número expressivo que fica do lado de fora por não conseguir entrar no local.



Figura 12.8 -:- Músico brasileiro Moacyr Luz em imagem do acervo da TV Brasil.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moacyr_Luz.jpg?uselang=pt-br

Ficou curioso em conhecer a história do clube Renascença? Vale conferir tanto o *site*: <http://www.renascencaclube.com.br/> quanto o livro “*A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num Clube Social da Zona Norte do RJ – Renascença*”, de Sonia Maria Giacomini.

Não é possível ao negro sentir-se confortável e em casa no Brasil, a não ser que se submeta e aceite reproduzir os estereótipos e estigmas que lhe trazem a subalternidade e/ou a marginalidade como seu inevitável destino social.”. Esse é o gosto final que nos deixa a leitura deste livro, que nos brinda com um primoroso estudo ao iluminar dimensões da questão racial no Brasil. Nesse caso, o Renascença Clube do Rio de Janeiro, referência cultural e de lazer da comunidade negra daquela cidade, constitui o microcosmo da análise da autora, no interior do qual se revelam

os obstáculos, ambiguidades e desafios que são interpostos aos esforços de integração do negro na sociedade brasileira, em especial, para aqueles que se encontram em processo de ascensão social.

Numa atitude acadêmica pouco comum entre os cientistas sociais brasileiros, Sonia Giacomini “incorpora em sua análise a intercessão de gênero e raça, revelando os modos específicos de subjetivação a que homens e mulheres negros estão condicionados, conformando gêneros subalternizados, que travam, na sociedade abrangente, uma disputa desigual na qual a exclusão social, a folclorização e a negação da identidade racial comparecem como operadores da peremptória interdição à igualdade de status e cidadania para a população negra

Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=1821599>.

De acordo com Moacyr Luz, o sucesso dessa roda de samba deu origem a CDs, DVD e milhares de visualizações do show no YouTube. Em dezembro de 2013, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa, caiu no samba no Andaraí. Môa completa:

Na realidade, bicho, o que está acontecendo é o resultado de uma vida toda de trabalho. É sensacional. Hoje, temos do público cascudo de Vila Isabel, do Morro dos Macacos, até a gente não bronzada que vai mostrar o seu valor. Outro dia, pararam na porta umas vans trazendo 40 franceses, assim como já tivemos italianos, japoneses, argentinos... Até documentário para a Austrália a gente já fez!

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2014/moacyr-luz-vive-momento-especial-com-estreia-na-marques-de-sapucaia-11406039#ixzz2rXAe3dJt>. Acesso em: 26 jan. 2014.

No carnaval de 2014, Moacyr Luz teve uma experiência diferente em sua carreira: estreou como autor do samba-enredo da Renascer de Jacarepaguá, que desfilou na Marquês de Sapucaí, a passarela do samba. Essa agremiação da série A homenageou o cartunista Lan, amigo pessoal de Moacyr.



Figura 12.9:Bandeira do Grêmio Recreativo Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fabia.jpg?uselang=pt-br>

Provavelmente, atrativos culturais como a Roda do Samba do Trabalhador contribuem para a marca de identidade do carioca, fortalecendo a condição da cidade como destino turístico brasileiro a partir de uma programação diferenciada. Observe que estamos falando de algo genuinamente carioca, que nasce na dinâmica da própria sociedade local e que, neste exemplo, envolve a boemia a partir da ação de músicos, de produtores culturais e do público em geral. A forma despretensiosa do encontro entre amigos no dia tradicionalmente de folga para eles, juntamente com a maneira intensa de recepção do público, é algo típico do perfil cultural da cidade do Rio de Janeiro.

É muito importante valorizar esse tipo de iniciativa. Essa é uma ação da sociedade e aqui fica a observação para o poder público, ligado às esferas da cultura e do turismo, desenvolver mecanismos que garantam a multiplicação de iniciativas como essa.

Para isso, é fundamental que observadores possam trabalhar, por exemplo, em sintonia com as lideranças culturais do mundo artístico e das múltiplas pessoas que se destacam em seus setores de atuação. Juntos, poderão criar programas que contribuam para o mosaico carioca que tanto encanta o turista, mas que precisa de ações mais efetivas.

Conclusão

A prática do turismo cultural deve ser entendida como a atividade que permite contato com a cultura da sociedade visitada (BARRETO, 2006). Portanto, o turismo cultural está ligado ao fato de os turistas experimentarem determinadas possibilidades culturais em eventos e programas que possam auxiliar no conhecimento, a partir de uma experiência participativa, procurando entender e aprender sobre a realidade visitada.

Assim, a música, a gastronomia, arte em geral são boas dicas de atividades para turistas, a partir de programas que envolvam duplamente os residentes, isto é, eles sinalizam para os visitantes quais são os atrativos culturais locais e ainda compartilham com os turistas os eventos badalados da cidade.

E a história nessa dinâmica? A sintonia entre história e cultura é total, uma vez que ambas articulam a noção de conhecimento nas sociedades. Enquanto a história trabalha com as diferentes temporalidades, o diálogo entre passado e presente, a cultura reflete o conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes e tudo mais que distinguem um grupo social. Nesse sentido, no turismo histórico-cultural, as viagens têm interesse amplo e as múltiplas atrações culturais envolvem museus, monumentos históricos, antiguidades, espetáculos musicais e teatrais, gastronomia e uma infinidade de outros atrativos que permitam, de alguma maneira, conhecer as características culturais e sociais do destino visitado.

Por fim, procuramos oferecer a você, graduando no curso de turismo, um mergulho, que esperamos que tenha sido prazeroso como foi para quem elaborou o material, com reflexões acerca da cultura e da história.

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3



Fabio Pozzebom/ABr

Figura 12.10: Fachada Principal do Copacabana Palace Hotel, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fachada_do_Copacabana_Palace.jpg?uselang=pt-br

Na lista dos grandes hotéis da cidade do Rio de Janeiro, o Copacabana Palace tem lugar de destaque. Recentemente, o chefe de cozinha francês Pierre-Olivier Petit assumiu o posto de *chef* executivo do hotel. Trata-se do cargo mais alto da cozinha, responsável por coordenar todas as operações gastronômicas da casa. Ele sintetiza: “Quero investir no conceito “palace” que o hotel carrega. O Copa vai bem há anos, tem ambientes maravilhosos, uma piscina incrível, tradição em hotelaria e serviço de luxo que segue com conforto. Mas o que falta é uma identidade gastronômica”. Assim, os três restaurantes do estabelecimento terão suas cozinhas harmonizadas e os hóspedes vão ter a certeza de que ali encontrarão uma culinária marcante e de alta qualidade.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/chef-frances-assume-as-panels-do-copacabana-palace-12197509>. Acesso em: 16 abr. 2014.

Tendo como referência esta pequena notícia da imprensa, que consta no enunciado da atividade e da discussão da aula, apresente um aspecto

relevante ligado ao turismo histórico-cultural a partir de um atrativo de programação que possa envolver a sociedade e/ou o poder público.

Resposta comentada

No segmento do turismo histórico-cultural, frequentemente os visitantes e/ou turistas têm nível de escolaridade maior e procuram realizar programações que permitam a experiência de um atrativo típico daquela realidade visitada. No caso do Rio de Janeiro, a experiência da roda do Samba do Trabalhador é um exemplo de uma iniciativa surgida de maneira espontânea entre artistas cariocas e que se tornou um point cultural da cidade para as pessoas das mais diferentes condições sociais e que também é visitado por turistas. O poder público das áreas da cultura e do turismo deveriam ter como referência essa experiência bem-sucedida e procurar multiplicá-la em outras partes da cidade.

Por sua vez, um luxuoso hotel da orla de Copacabana procura mais uma vez inovar e buscar, através de sua charmosa cozinha, uma marca de identidade gastronômica como mais um atrativo para turistas com poder aquisitivo mais favorecido. As diferentes possibilidades estão apresentadas aos turistas de acordo com seu orçamento.

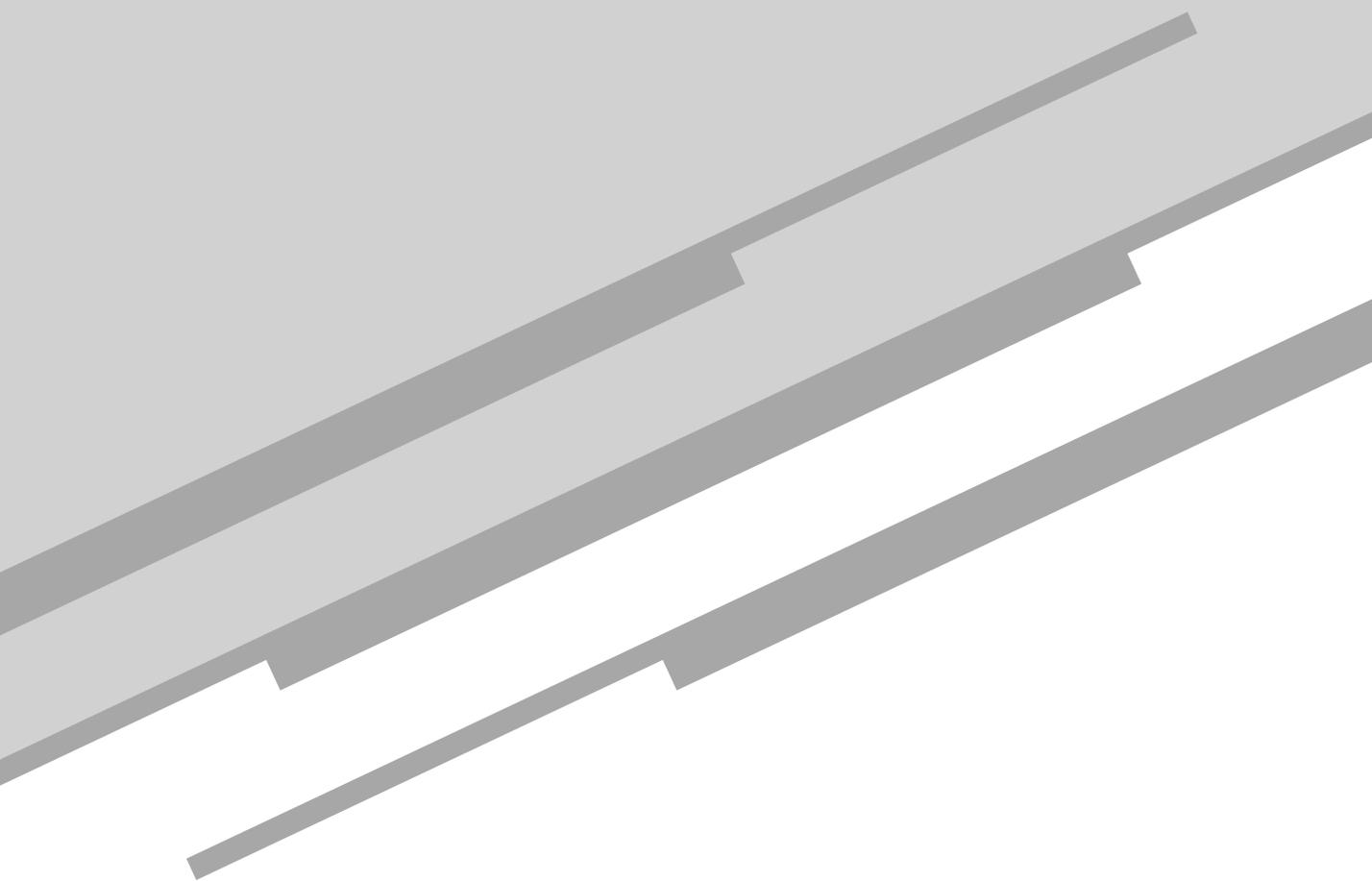
Resumo

Vamos sintetizar as principais questões apresentadas nesta aula.

Em primeiro lugar, procuramos compreender, pela perspectiva do turismo histórico-cultural, as relações entre sociedade, poder público e turismo. Para tanto, apresentamos como cenário a cidade do Rio de Janeiro, a partir do exemplo de um determinado projeto carioca e a participação da empresa municipal encarregada pelo turismo.

Em segundo lugar, caracterizamos alguns dos problemas que atingem o turismo, com destaque para a ação do poder público e da sociedade, a partir de exemplos no Brasil e na Itália. Nesse sentido, é possível afirmar que os desafios do amadorismo e do improvisado, infelizmente, ainda são questões provocadoras no universo do turismo. Por fim, concluimos com o cenário que foi uma marca no nosso curso, isto é, a cidade do Rio de Janeiro. Desta vez, apresentamos alguns exemplos de notícias que circularam na imprensa, a partir da perspectiva do turismo histórico-cultural, no sentido de ajudar a compor o delicado mosaico entre o poder público e a sociedade.

Referências



Aula 1

BARRETO, Margarita. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus, 2007.

_____; REJOWSKI, Mirian. Considerações epistemológicas sobre segmentação: das tipologias turísticas à segmentação de mercado. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Segmentação do mercado turístico*. Barueri: Manole, 2009. p. 3-18.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. *Turismo cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009.

CONVENÇÃO para a salvaguarda dos bens culturais intangíveis de 2003. *Journal of Cultural Property*, v. 12, n. 4, p. 447-465, 2005.

MENESES, José Newton Coelho. *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOLETTA, Vânia Florentino. *Turismo cultural*. Porto Alegre: Sebrae/RS, 1998.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RICHARDS, Greg. Turismo cultural: padrões e implicações. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 25-48.

SANTOS, Rafael José. Hibridação cultural e Turismo. In: BARRETO, Margarita et al. *Turismo e Antropologia: novas abordagens*. Campinas: Papyrus, 2008. p. 119-140.

SMITH, Valery L. *Anfitriões e convidados: antropologia del turismo*. Madrid: Endymion, 1992.

TALAVERA, Agustín Santana. *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. Turismo cultural, culturas turísticas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 20. p. 31-57, out. 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 2001.

Aula 2

ALOMÁ, Patrícia Rodriguez. Centro Histórico de Havana: um modelo de gestão pública. In: POLÍTICAS culturais para o desenvolvimento uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco Brasil, 2003. p. 117-138.

AVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em turismo cultural: conceitos, tendências e desafios. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 109-124.

BARRETO, Margarita. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOAVA, Diego Luiza Teixeira; GOMES, Bruno Martins Augusto; CRUZ, Cinthia Leite Vassalo. Perspectivas turísticas de Ouro Preto em época de transformações. In: BAHLE, Miguel (Org.). *Perspectivas do Turismo na sociedade pós-industrial*. São Paulo: Roca, 2003. p. 101-110.

BORATTI, Juliana Verri. O turismo e a cidade: plano diretor como pano de fundo para análise desta relação. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007. *Anais...*, São Paulo, 2007. p. 1-21.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Flávia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Senac/Sesc-SP, 2009.

GAGLIARDI, Clarissa Maria Rosa. O lugar do turismo nas políticas de requalificação urbana: o caso do centro histórico de Gênova, Itália. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8., Camboriú, 2011. *Anais...*, p. 1-15.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

_____; SILVEIRA, Gilmar Teixeira da. Turismo em cidades históricas: emprego e renda em Tiradentes/MG. In: RIBEIRO, Marcelo (Org.). *Olhares sobre o patrimônio cultural: reflexões e realidades*. Porto Alegre: Asterisco, 2010. p. 58-75.

GUIA de Turismo Michelin: Rio de Janeiro: cidade e Estado. Rio de Janeiro: CBP Michelin, 1990.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINELLI, Alfans. Cultura e cidade: uma aliança para o desenvolvimento: a experiência da Espanha. In: *POLÍTICAS culturais para o desenvolvimento uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. p. 93-104.

MENESES, José Newton Coelho. *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRATA, Juliana Mendes. *Patrimônio cultural e cidade*. São Paulo: Annablume, 2013.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-24.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural em cidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto; CARVALHO, Karoliny Di-

niz. *Lugar de memória e políticas públicas de preservação do patrimônio: interfaces com o turismo cultural*. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8., 2011, Camboriú. *Anais...*, 2011. p. 1-12. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2011/pdf/26-70-1-SP.pdf> Acesso em: 26 out. 2013.

Aula 3

AVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em turismo cultural: conceitos, tendências e desafios. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 109-124.

BANDEIRA, Manoel. Homens de Ruas. In: *Vozes da Cidade*. Rio de Janeiro: Record, 1965. p. 49-53.

BARRETO, Margarita. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus, 2007.

BIAS, Mauro de. *Chopp oficial*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/chope-oficial>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Flávia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Senac/Sesc-SP, 2009.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Britannica, 1976. v. 2.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

_____; SILVEIRA, Gilmar Teixeira da. Turismo em cidades históricas: emprego e renda em Tiradentes/MG. In: RIBEIRO, Marcelo (Org.). *Olhares sobre o patrimônio cultural: reflexões e realidades*. Porto Alegre: Asterisco, 2010. p. 58-75.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

LIMA, Renata Farias Smith. *Documentário e Turismo cultural: um olhar sobre Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2009.

MENESES, José Newton Coelho. *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PELEGRINI, Sandra C. A; FUNARI, Pedro Paulo. *O que é patrimônio cultural imaterial?* São Paulo: Brasiliense, 2002.

PINHEIRO, Mirian Teresina. Valorização do patrimônio histórico-cultural: uma perspectiva sustentável para o desenvolvimento turístico. In: RUSCHMANN, Dóris Van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto. *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri: Manole, 2013. p. 3-21.

PRATA, Juliana Mendes. *Patrimônio cultural e cidade*. São Paulo: Annablume, 2013.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-24.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural em cidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Aula 4

BORDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp, 2007.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa; BRITO, Leonardo Leônidas de. *História do Brasil III*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. v. 1.

CAMARGO, Patrícia de. Museus de turismo: formando e fidelizando as demandas a partir dos programas educativos. In: _____. CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 317-330.

CARVALHO, Cleide. Patrimônio mundial. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 set. 2013. Caderno Amanhã: sustentabilidade, meio ambiente, qualidade de vida e economia, p. 10-13.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Unesp, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>> Acesso em: 20 nov. 2013.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012.

GOMES, Denise M. C. Turismo e museus: um potencial a explorar. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 27-34.

GUIA Cultural do Vale Café. Organização: Fernando Cotta Portella Filho. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2013. Disponível em: <http://envio.institutocidadeviva.org.br/arquivos/guia_do_cafe.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2013.

GUTIÉRREZ, Alfredo Díaz. Departamento Pedagógico da Fundação César Manrique-Lanzarote. In: CAMARGO Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 377-391.

LLANO, Asun Martínez. Pré-história para todos: divulgação no Museu de Altamira. In: CAMARGO Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 347-360.

MARTINEZ, Pablo. O museu como espaço para educação não formal e um lugar de encontro para jovens. In: CAMARGO Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 331-345.

MORAIS, José Luiz de. A arqueologia e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 97-103.

MUSEUS RJ: um guia de memórias e atividades. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado e Cultura do Rio de Janeiro, 2013.

SANTANA, Carmen G. Rodrigues. Museu e Parque Arqueológico Cueva Pintada – Identidade. In: CAMARGO Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 361-375.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. São Paulo: Garamond, 2006.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Turismo e museus*. São Paulo: Aleph, 2006.

VENTOSA, Macarena. Departamento de Educação do Museu Picasso Málaga – Um museu para todos. In: CAMARGO Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 393-399.

Aula 5

AVILA, Marco Aurélio. *Política e planejamento em Cultura e Turismo*. Ilhéus: Uesc, 2009.

BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas: Papyrus, 2003.

BENI, Mário C. *Globalização do turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

BENI, Mário C. *Planejamento estratégico e gestão local/regional do turismo*. In: SEABRA, Giovanni (Org.). *Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional*. João Pessoa, UFPB, 2007.

BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc, 2003.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

CRUZ, Rita de Cássia. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, Reinaldo. *Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2003.

FREY, Klaus. Análise de políticas públicas: algumas reflexões conceituais e suas implicações para a situação brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, Florianópolis, n. 18, p. 1-36, set. 1999.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

HEIDEMANN, Francisco G. Do sonho do progresso às políticas de desenvolvimento. In: HEIDEMANN, Francisco G.; SALM, José F. (Org.). *Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise*. Brasília: EdUnB, p. 23-40.

HOFLING, Eloisa de Mattos Hofling. Estado e política pública sociais. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 21, n. 55, p. 30-41, nov. 2001.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEME, Fernanda Beraldo Maciel; NEVES, Sandro Campos. Planejamento, Turismo e Cultura: o contato com o outro como fator de sustentabilidade para movimentos identitários. In: AVILA, Marco Aurélio (Org.). *Política e planejamento em Cultura e Turismo*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 181-208.

LIMA, Warner Gonçalves. Política pública: discussão de conceitos. *Interface*, Porto Nacional, n. 5, p. 1-6, out. 2012.

MATTHEWS, Harry G.; RICHTER, Linda K. Ciência Política e Turismo. *Anais de Pesquisa Turística*, Nova Iorque, v. 18, p. 120-135, 1991.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

PIMENTEL, Mariana Pereira Chaves. Uma discussão teórico-metodológica para a análise das políticas de turismo no Brasil. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 10., 2013, Caxias do Sul. *Turismo: inovação e criatividade*. Organização: Elizabeth Kyoko Wada e Francisco Antonio dos Anjos. São Paulo: Aleph, 2013, p. 1-19.

SILVEIRA, Janete Jane Cardozo da; SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. Em busca da identidade perdida: subsídio para uma política integrada de comunicação em turismo cultural nos municípios de Piçarras e Penha (SC). In: RUSCHMANN, Dóris; SOLHA, Karina Toledo. (Org.) *Planejamento turístico*. Barueri: Manole, 2006. p. 253-269.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. Política de Turismo: desenvolvimento e implementação. In: RUSCHMANN, Dóris; SOLHA, Karina Toledo (Org.). *Planejamento turístico*. Barueri: Manole, 2006. p. 89-100.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. Turismo Brasileiro e a questão social. In: ____; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003. p. 87-109.

Aula 6

BARRETO, Margarita. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus, 2007.

_____ et al. *Turismo e Antropologia: novas abordagens*. Campinas: Papyrus, 2009.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009.

CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro. *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COOPER, Chris et al. *Turismo: princípios e práticas*. Porto Alegre: Bookman, 2007.

COSTA, Helena Araújo. *Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, Sesc, 1999.

FEITOSA, Maria José da Silva; GÓMEZ, Carla Regina Pasa. Impactos ambientais do turismo em um destino turístico insular: um estudo em Fernando de Noronha – PE. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2012, São Paulo. *Turismo e patrimônio*. São Paulo, 2012. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2012/paper/downloadSuppFile/1101/598>>. Acesso em: 1 abr. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____; PINSKY, Jaime (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2012.

GASTAL, Susana de Araújo. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papirus, 2006.

_____. *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo: Aleph, 2005.

HALL, Collin Michael. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2009.

LEME, Fernanda Beraldo Maciel; NEVES, Sandro Campos. Planejamento, Turismo e Cultura: o contato com o outro como fator de sustentabilidade para movimentos identitários. In: AVILA, Marco Aurélio (Org.). *Política e planejamento em Cultura e Turismo*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 181-208.

POMPEU, Márcia; NUNES, Nádia; LEITE, Sílvia. Transformando a escola com o Projeto Educando com a Horta Escolar e a Gastronomia. *Revista Cenário*, Brasília: v. 1, n. 1, p. 138-143, 2013.

ROCHA, José Murilo; BRASILEIRO, Iara Lúcia Gomes. Turismo em Fernando de Noronha: uma visão de sustentabilidade a partir do estruturalismo. *Revista Cenário*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 74-92, 2013.

TALAVERA, Agustín Santana. *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Entretenimento*. São Paulo: Senac, 2003.

_____; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

WIDMER, Glória Maria. *O título de patrimônio da humanidade e seus efeitos sobre o turismo em Fernando de Noronha*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

YÁGIZI, Eduardo. *Reencantamento da cidade: miudezas geográficas e devaneio*. Brasília: CNPq, 2013.

_____; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Aula 7

AS IGREJAS de Paraty. Disponível em: <<http://www.paraty.com.br/igrejas.asp>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. *Turismo cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano*. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GASTAL, Susana. Turismo e cultura: aproximações e conflitos. In: BENI, Mário C. (Org.). *Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão*. Barueri: Manole, 2012. p. 235-255.

GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia. Viagens, sabores e cultura: reflexões sobre pratos típicos no contexto do turismo gastronômico. In: POSSAMAI, Ana Maria de Paris; PECCINI, Rosana (Org.). *Turismo, história e gastronomia: uma viagem pelos sabores*. Caxias do Sul: Edusc, 2011. p. 19-30.

GRUPO Contadores de Estórias. Disponível em: <http://www.ecparaty.org.br/historico_contadores.htm>. Acesso em: 31 mar. 2015.

GUERGEL, Heitor; AMARAL, Edelweiss. *Paraty, caminho do ouro*. Rio de Janeiro: São José, 1973.

GUIA de Turismo Michelin: Rio de Janeiro: cidade e Estado. Rio de Janeiro: CBP Michelin, 1990.

MELLO, Diuner. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty*: manual do festeiro. São Paulo: Estímulo, 2003.

MORSE, Richard. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 205-225, 1995.

MW EDITORA. *Paraty o ano inteiro*: guia de viagem. Rio de Janeiro: RoteiroBr, 2013.

PARATY se escreve com “i” ou com “y”? Disponível em: <http://www.paraty.tur.br/como_escreve.php>. Acesso em: 31 mar. 2015.

PEDRA da Macela. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pedradamacela>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2002.

REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

RIBAS, Marco Caetano. *A história do caminho do ouro em Paraty*. Paraty: Contest Produções, 2003.

RIESTRA, Pablo de La. *Paraty*: relatos de viagens e aventuras. São Paulo: Bei, 2011.

ROMERO, José Luis. *América Latina*: as cidades e as ideias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SOUZA, Marina de Mello e. *Paraty*: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo*: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.

VENTURA, Zuenir et al. *Paraty é uma festa*: dez anos de FLIP. São Paulo: Casa Azul, 2012.

Aula 8

BARRETO, Margarita. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus, 2007.

CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. *Sociologia aplicada ao Turismo*. São Paulo: Atlas, 2002.

DIAS, Reinaldo. *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Atlas, 2008.

FALCO, Débora de Paula. A problemática da identidade nacional: um olhar contemporâneo sobre a produção e a prática do turismo. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. *Anais...*, 2008, p. 1-14.

GILMORE, James H.; PINE II, B. Joseph. *Autenticidade: tudo o que os consumidores realmente querem*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

HACK NETO, Eduardo; STOLL, Sueli Maria. Comunicação e globalização: paradoxos da aldeia turística. In: RUSCHMANN, Dóris Van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (Org.). *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri: Manole, 2013. p. 355-371.

LEITE, Édson. Turismo cultural: algumas abordagens e experiências. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas. *Turismo, hotelaria e lazer*. São Paulo: Atlas, 2004. v. 3. p. 169-183.

NORA, Paula. A atividade turística como uma possibilidade de valorização das identidades. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. *Anais...*, 2008. p. 1-12.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

TALAVERA, Agustín Santana. *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

YÁGIZI, Eduardo. *Reencantamento da cidade: miudezas geográficas e devaneio*. Brasília: CNPq, 2013.

Aula 9

ARAÚJO, Isabel de. Alô, Alô Ipanema: Carmen Miranda brilha na Feira Hippie. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 dez. 2013, p. 9.

BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papirus, 1995.

BENI, Mário C. *Globalização do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

BIGNAMI, Rosana. *A imagem do Brasil no Turismo: construção, desafios e vantagem competitiva*. São Paulo: Aleph, 2002.

BOITEUX, Beyrard do Coutto; WERNER, Maurício. *Introdução ao estudo do Turismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. A empresa de viagens Transoceânica e a grande imprensa em tempos de Primeira República. In: SEMINÁRIO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 10., 2013, Caxias do Sul. *Turismo: inovação e criatividade*. Organização: Elizabeth Kyoko Wada e Francisco Antonio dos Anjos. São Paulo: Aleph, 2013. v. 1. p. 1-13.

_____. Os grandes hotéis no dia a dia da imprensa carioca na década de 1920: notas de história e turismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., Natal. *Anais eletrônicos...* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. v.1. p. 1-8.

BRESCIANNI, Maria Stella. *História e historiografia das cidades, um percurso*. In: FREITAS, Marcos C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 237-358.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 80-87.

- _____; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.). *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CIDADE Maravilhosa Mutante. *O Globo*, Rio de Janeiro. 23 jan. 2013. Caderno Especial.
- CORREIO da Manhã, Rio de Janeiro, 5 mar. 1917, p. 5.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, Sesc, 1999.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.
- FON-FON, Rio de Janeiro. edições de 1922 e 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GASTAL, Susana. *Alegorias urbanas*. Campinas: Papyrus, 2006.
- MAIA, Camilla. *Entrevista com Júlia O'Donnell*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2013. p. 42-44.
- MORSE, Richard. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 205-225, 1995.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- NICOLÁS, Juan Diez. Urbano. In: SILVA, Benedicto (Coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 1279-1280.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2002.
- REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Prefácio. In: KASSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

SEVENCKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio*. In: _____; NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-619.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002. p. 123-162.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZUNK, O. História urbana. In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 759-765.

Aula 10

BAKHTIN, Mikhail. *Os problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papirus, 1995.

BIGNAMI, Rosana. *A imagem do Brasil no Turismo: construção, desafios e vantagem competitiva*. São Paulo: Aleph, 2002.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. Os grandes hotéis no dia a dia da imprensa carioca na década de 1920: notas de história e turismo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., Natal. In: *Anais eletrônicos...* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. v. 1. p. 1-8.

_____. Os súditos de Momo na República branca: cronistas e Carnaval na imprensa carioca. *História, Ciências, Saúde – Manuais*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 1075-1078, jul./set. 2007.

BUFFA, Giovanni. As metas excitantes do inverno. *Tutto Turismo*, Milão, ano 5, n. 11, p. 86-101, nov. 1981.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

CESIO, Valério. Carnaval carioca. In: SADER, Emir (Coord.). *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 255-256.

COUTINHO, Eduardo. *Os cronistas de Momo: imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. O Carnaval como rito de passagem. In: _____. *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Ao som do samba: uma leitura do Carnaval carioca*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, Unicamp, 2004.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Entretenimento*. São Paulo: Senac, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VALENÇA, Rachel. *Carnaval*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. (Coleção Arenas do Rio).

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. *A mulher no Maracatu Rural*. Recife: Reviva, 2012.

Aula 11

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papirus, 1995.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2008.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Britannica, 1976. v. 1 e 2.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>> Acesso em: 15 nov. 2013.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. *Barão de Itararé: o humorista da democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 289-366.

SEVENCKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: _____; NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-619.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus, 2009. p. 49-67.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002. p. 123-162.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapanças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

THEOBALD, William F. (Org.) *Turismo global*. São Paulo: Senac, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Entretenimento*. São Paulo: Senac, 2003.

_____; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

VÁSQUEZ, Jesús Maria. Sociabilidades. In: SILVA, Benedicto (Coord.) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 1134-1135.

VENTURA, Zuenir. Apresentação. In: LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros 1836-2001*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

Aula 12

ASHTON, Mary Sandra Guerra. Cidades criativas e Turismo Cultural: uma agenda de inovação e criatividade. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 10., 2013, Caxias do Sul. *Turismo: inovação e criatividade*. Organização: Elizabeth Kyoko Wada e Francisco Antonio dos Anjos. São Paulo: Aleph, 2013. Disponível: <http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/%5B139%5Dx_anptur_2013.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2014.

BARRETO, Margarita (Org.). *Turismo, cultura e sociedade*. Caxias do Sul: Edusc, 2006.

_____. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. São Paulo: Papirus, 1995.

BENI, Mário C. *Globalização do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

BOITEUX, Beyrard do Coutto; WERNER, Maurício. *Introdução ao estudo do Turismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

DELGADO-RAMOS, Gian Carlo. Questão ambiental. In: SADER, Emir. (Coord.). *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 74-87.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, Sesc, 1999.

GENTILI, Pablo. Educação. In: SADER, Emir (Coord.). *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 440-449.

GUIA de Turismo Michelin: Rio de Janeiro: cidade e Estado. Rio de Janeiro: CBP Michelin, 1990.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes. *Sociologia do Turismo*. Campinas: Papirus, 1995.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2002.

REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SEVENCKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: _____; NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-619.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. São Paulo: Papirus, 1993.

_____; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.